



Cássia Maria Chaffin Guedes Pereira

A perdição criadora

Tese de Doutorado

Tese apresentada com requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador:

Profa. Monah Winograd

Coorientador:

Profa. Cláudia Maria Castro (*in memoriam*)

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2011



Cássia Maria Chaffin Guedes Pereira

A perdição criadora

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Julgadora abaixo assinada.

Profa. Monah Winograd

Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Flávia Sollero de Campos

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof. José Thomaz Almeida Brum Duarte

CCE – PUC-Rio

Prof. Aristides Ledesma Alonso

Departamento de Línguas e Literatura – UERJ

Prof. Luiz Alberto Rezende de Oliveira

CBPF/MCT

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia e
Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, / /2011.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Cássia Maria Chaffin Guedes Pereira

Graduou-se em Comunicação Social pela PUC-Rio em 1990. Obteve o título de Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo em 1995. Graduou-se em Psicologia Clínica pela PUC-Rio em 2006. Psicanalista com formação pelo Centro de Arte e Psicanálise. Professora do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio e das Faculdades Hélio Alonso (FACHA).

Ficha Catalográfica

Pereira, Cássia Maria Chaffin Guedes

A perdição criadora / Cássia Maria Chaffin Guedes Pereira ; orientadora: Monah Winograd ; co-orientadora: Cláudia Maria Castro (in memoriam). – 2011.

212 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2011.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Pulsão de morte. 3. Perda. 4. Desordem. 5. Trauma. 6. Criação. 7. Perdição. 8. Desejo. 9. Trágico. I. Winograd, Monah. II. Castro, Claudia Maria Castro (in memoriam). III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. IV. Título.

CDD:150

Ao meu mestre e analista,
Evandro Meirelles Santos,
pelo rigor de sua análise interminável,
que franqueou a passagem para minha
perdição criadora.

Agradecimentos

A Monah Winograd e Cláudia Castro (*in memoriam*), pela acolhida e orientação precisa do trabalho;

A Evandro Meirelles Santos, pelo modo singular de ensino da psicanálise, que mantém obrigatória a relação entre teoria e vida;

A PUC-Rio, pela bolsa para a realização do doutorado, sem a qual este trabalho não poderia ter sido realizado;

A Flávia Sollero, pelo apoio imprescindível para a realização do doutorado;

A Lenivaldo Gomes, pela disponibilidade de ler e comentar o trabalho em diversos momentos de sua elaboração;

A José Thomaz Brum, pela leitura generosa da primeira versão da tese;

A Rosana Suarez, pela participação na banca de qualificação e pelos comentários específicos sobre Nietzsche;

A Luiz Alberto de Oliveira, pelas observações sobre a relação entre física e psicanálise proposta neste trabalho;

Aos colegas do Centro de Arte e Psicanálise (Cenapsi) – Cristiane Monteiro, Joana Ferry, Juliana Sobral, Glória Malvestitti, Raquel Braz, pelo estímulo à caminhada, e, em especial, a José Roberto Britto, pelas sempre inspiradoras lembranças de poemas e citações bíblicas;

A Rosa Alba de Oliveira, por aceitar o convite para compor a equipe de avaliação a tese;

A Marise Lira, do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, pela importante ajuda para a finalização do doutorado;

A Marcelina Andrade, pela boa vontade e bom humor presentes no trato com os alunos da pós-graduação do departamento de Psicologia da PUC-Rio; e a Sandra Lara, da DAR, pelo atendimento sempre gentil.

A Maria Cristina Ribas e Ana Lucia Enne, pelas estimulantes conversas em momentos importantes do curso;

Aos meus alunos da PUC, da Facha, e do grupo de estudos, por emprestarem seus ouvidos às minhas besteiras.

Resumo

Pereira, Cássia Maria Chaffin Guedes; Winograd, Monah (orientador); Castro, Cláudia Maria (coorientador). **A perdição criadora**. Rio de Janeiro, 2011. 212p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho apresenta a hipótese de que o processo analítico implica na *perdição criadora*. Com esta expressão busca destacar tanto a experiência da perda como o despertar do desejo, presentes na análise. Ambos provocam sensação de desordem, vivida como experiência traumática. No entanto, constituem condição necessária para a invenção de nova maneira de viver e perceber o mundo. Parte do conceito de pulsão de morte, formulado por Sigmund Freud e reelaborado pelos psicanalistas Jacques Lacan e MD Magno, para pensar o fenômeno da criação, tanto na cultura como na clínica psicanalítica. Ao associar a pulsão de morte ao caráter trágico da existência, o trabalho estabelece diálogo entre a psicanálise e o pensamento de Friedrich Nietzsche.

Palavras-Chave

Pulsão de morte; perda; desordem; trauma; criação; perdição; desejo; trágico.

Abstract

Pereira, Cássia Maria Chaffin; Winograd, Monah (advisor); Castro, Cláudia Maria (co-advisor). **The creative perdition.** Rio de Janeiro, 2011. 212p. Doctorate Thesis – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis presents the hypothesis that psychoanalytic process implicates in *creative perdition*. By this expression it intends to emphasize the loss experience as much as the awakening of desire. Both incite a sensation of disorder, associated to a traumatic experience. Nevertheless, they are necessary to promote the invention of an original way of living. The thesis starts with the study of the *death drive*, formulated by Freud and elaborated anew by the psychoanalysts Jacques Lacan and MD Magno, in order to investigate the creation phenomenon, as related both to culture and psychoanalytic clinic. By associating *death drive* to the tragic character of existence, this thesis establishes a dialogue between psychoanalysis and Friedrich Nietzsche's thought.

Keywords

Death drive; loss; disorder; trauma; creation; perdition; desire; tragic.

Sumário

1. Introdução: Perdição e cultura	10
2. Freud: pulsão e criação	17
2.1. Pulsão de morte e paz	24
2.1.1. A montagem da pulsão	32
2.2. Caos e criação	41
2.3. A economia da tentação	56
2.4. As travas à perdição	70
2.5. Os sistemas mentais	86
2.6. Extravios da moral	100
3. Nietzsche: vontade de poder e criação	111
3.1. Experimento e tentação: o estilo nietzscheano	118
3.2. Trágico, sacrilégio e perdição	126
3.3. <i>Amor fati</i> : a saúde da doença	135
3.4. Genealogia e transmutação de valores	144
4. A clínica da <i>perdição criadora</i>	155
4.1. O trabalho da perda	162
4.1.1. Perda, trauma e morte	170
4.2. Do amor ao <i>agalma</i>	178
5. Conclusão: Repetição e criação	198
6. Referências Bibliográficas	203

Eu estou perdido para o mundo
Com o qual eu desperdicei muito tempo,
E há tanto que ele nada recebe de mim
Que pode bem pensar que estou morto!

Mas não me importo nada
Se ele me crê morto,
Eu também nada posso dizer contra,
Porque na realidade estou morto para o mundo.

Eu estou morto para a sua agitação,
E descanso numa tranquila região!
Eu vivo, só, no meu paraíso,
No meu amor, na minha canção!

Friedrich Rückert¹

¹ O poema – *Estou perdido para o mundo* (Ich Bin der Welt Abhanden Gekommen) – de Friedrich Rückert (1788-1866), inspirou Gustav Mahler (1860-1911) a compor uma de suas mais belas canções.

1

Introdução

Perdição e cultura

A idéia da *perdição criadora* começou a habitar meus pensamentos a partir do encontro com a psicanálise. O estudo e a prática da análise levaram-me à hipótese de que o ato criador pressupõe certa experiência de perdição. Ele exige perder-se em alguma coisa e perder-se de tantas outras. Nessa operação de entrega e abandono, o acaso comparece. Em se tratando de perdição, tudo pode levar-nos a tropeços.

A experiência da *perdição criadora* remete à invenção de nova maneira de viver e perceber o mundo e suas relações. Segundo minha hipótese, aqueles que vivenciaram a *perdição criadora* fascinaram-se com tamanha intensidade por algo que romperam com o padrão existente, perderam-se da trilha coletiva. Moveram-se em direção a alguma coisa considerada absurda ou impossível por seus contemporâneos e, quem sabe, por muitos que os sucederam. Galileu, Colombo, Lutero, Pessoa são alguns deles. Cada um instaurou, a seu modo, forma diferente de vida.

Ao propor novo sintagma para apreender certo aspecto da experiência humana, sigo a orientação de Freud e Lacan, que recorriam à sabedoria da língua para despertar significações dos processos que buscavam apreender. “Mesmo em seus caprichos, o uso da linguagem permanece fiel a uma certa espécie de realidade”, escreve Freud ao abordar os usos da palavra amor.¹

A significação original da palavra perdição transporta-nos ao universo religioso. Considera-se perdido aquele que pecou e caiu em desgraça por cometer atos imorais, em desacordo com os dogmas prescritos. E por isso está condenado a alguma pena. Perdição deriva de *perditio*, em latim, e apresenta-se como

¹ FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego** (1921), p.121.

sinônimo de *tentatio*, tentação. Expressa apelo dos inimigos espirituais, do diabo. O perdido cede às tentações, é seduzido pelo “mal”, incitado a agir de modo censurável, ímpio. Entre a reprovação religiosa e a via do desejo, encontramos a significação *desregramento, devassidão*.²

O uso comum da palavra perdição remete a situações em que somos tomados por desejos incontrolláveis. Tentaçao também apresenta uso coloquial ligado à intensa vontade. Relaciona-se com o deixar-se seduzir, encantar-se por algo. E se simplesmente associamos tentaçao às significações do verbo tentar, a palavra designa esforço por realizar algo, tentativa, ensaio. E ainda: aventurar-se.

O termo criação ressoa o sopro divino. Refere-se ao ato de dar vida, indicativo do bem. Com a expressão *perdição criadora* busco ressaltar a ambiguidade da experiência humana da criação. Ela diz respeito tanto a Deus como ao Diabo. Ambos facetas opostas de uma mesma e única força.

O uso comum de perdição valoriza o desejo. A significação original, religiosa, destaca o desregramento presente na entrega ao desejo. Em diversas situações sentimo-nos tentados, enfeitados por alguma coisa. Classificar *a priori* esse ato como algo nocivo a ser evitado corresponde a paralisar e até mortificar nossa experiência. Nessa situação, quem seria representante do mal, Deus ou o Diabo?

A expressão *perdição criadora* visa enfatizar que a invenção relaciona-se com a capacidade de suportar o desprazer e a angústia, despertados pelo enfrentamento do misterioso e do desconhecido. Ressalta a conexão entre criação, aventura e risco. A expressão decorre, também, da constatação da tendência humana a transformar em dogma qualquer discurso que produz para ordenar e dar sentido à existência.

Não apenas na religião, mas também na filosofia e na ciência, constatamos a propensão ao culto dos modelos instituídos e a rejeição do diferente, muitas vezes classificado como maldito. Mesmo na arte vemos a repetição cega dos discursos e o impedimento de articulações inauditas. Até na psicanálise. Não à toa, Lacan nomeia sua expulsão da Associação Internacional de Psicanálise (IPA) de “excomunhão”. Ele dedica a primeira aula de seu *Seminário 11* (1964) ao tema. Na vida cotidiana tampouco se aceita alguém fora da norma. O dogmatismo,

² **Dicionário Houaiss de língua portuguesa; Dicionário de língua portuguesa contemporânea.** Academia de Ciências de Lisboa, 2001.

portanto, não se restringe ao discurso religioso, revela a inclinação do homem à fixação, à recusa da instabilidade.

Freud aborda a “visão de mundo” característica da religião em sua última conferência – *A questão de uma Weltanschauung*, publicada em dezembro de 1932.³ Nela, identifica grande poder no discurso religioso. Ao oferecer explicações para a origem e existência do universo, tal discurso assegura proteção e felicidade. Sua principal força reside no efeito emocional provocado: acalma o medo diante das vicissitudes da vida. Mas a garantia de conforto e segurança depende do cumprimento de exigências éticas bem estritas. Qualquer deslize gera punições.

Segundo a análise de Freud, a religião não admite qualquer transformação em seus dogmas, com o objetivo de autopreservação. Ela promove uma “inibição religiosa do pensamento”⁴. Seus adeptos mostram-se intolerantes com o diferente. Optam por atacar, mesmo antes de sofrerem qualquer ofensa. Apesar de atribuir tais características ao discurso religioso, Freud admite que em outros campos, inclusive na ciência, à qual ele associa a psicanálise, pode-se observar semelhante modo de proceder. Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), afirma:

Se outro laço grupal tomar o lugar do religioso – e o socialista parece estar obtendo sucesso em conseguir isso –, haverá então a mesma intolerância para com os profanos que ocorre na época das Guerras de Religião, e, se diferenças entre opiniões científicas chegassem um dia a atingir uma significação semelhante para grupos, o mesmo resultado se repetiria mais uma vez com essa nova motivação. (Freud, [1921] 1996, p.111).

A tendência a sacralizar objetos e discursos revela estratégia para não nos depararmos com a falta de um sentido último para vida. Admiti-lo provoca angústia. Somos constituídos pela linguagem e ansiamos por significados para ordenar nosso comportamento, nossas relações com os outros e com o mundo. Esses significados nos ajudam a dominar as coisas e nos dão ilusão de poder sobre a vida. Sem eles, sentimo-nos perdidos e desamparados. Daí Freud identificar o

³ FREUD, S. *A questão de uma Weltanschauung*. In: **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise.**

⁴ FREUD, S. *A questão de uma Weltanschauung*, p.167.

homem religioso ao estado infantil, em que a criança sente-se segura pela proteção do pai.⁵

Podemos reconhecer, no entanto, que a interpretação de Freud sobre a religião restringe-se a modo específico de experimentá-la. Mesmo no âmbito da religião propriamente dita, há aqueles que não se limitam a repetir os dogmas prescritos. Dentre eles, os místicos abordam as doutrinas de maneira particular, em virtude de sua intensa busca em vincular-se com o Absoluto. Seu encantamento pelo divino os engaja em rigoroso deciframento dos mistérios da experiência. Tal exercício resulta em construção de vínculo profundamente singular com a instituição religiosa e com a vida em geral. Ao longo da história, alguns deles foram classificados como heréticos. Destaco o exemplo de Mestre Eckhart (1260-1328), importante frade dominicano e pensador medieval. Eckhart morreu pouco tempo antes da promulgação de sua condenação em processo de heresia. Santa Teresa D'Ávila (1515-1582), fundadora da ordem das Carmelitas Descalças, também foi acusada de heresia pela Inquisição, mas acabou absolvida. Vejo a vida e a obra desses dois místicos expressão contundente do que descrevo como *perdição criadora*.

Aquele que dá vida a nova forma provoca confusão na ordem estabelecida. Comete ato em desacordo com os dogmas prescritos. Representa, assim, certo espírito maligno e, muitas vezes, acaba perseguido e odiado por seus contemporâneos. Mas poderá vir a ser amado e cultuado pelas gerações futuras, pois inventou novas possibilidades de representar a vida. Em certos casos, o modo como foram mortos ou criticados torna-se símbolo de nova era. A história humana constitui-se por essa dinâmica de ordem, desordem, e nova ordem.

Para o religioso, no sentido apresentado por Freud, o demônio representa o extravio, o descaminho. Nisso ele tem razão. O problema está em associá-lo, necessariamente, ao mal. O crente não suporta ver seu fundamento ameaçado. Os gregos, no entanto, designavam *daimon* os seres intermediários entre os deuses e os mortais. Eles revelavam aquilo que estava oculto aos homens.

A ausência de uma única ordem natural e universal caracteriza a espécie humana. Faz dela radicalmente diferente das demais espécies animais. A falta expressa, na verdade, excesso de possibilidades. A enorme variedade das culturas,

⁵ FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), p.81.

surgidas ao longo da história da humanidade, constitui prova da riqueza dessa ausência. Na origem, a força que impele nosso organismo à atividade, denominada por Freud de pulsão, manifesta-se de modo caótico. As construções simbólicas lhe impõem organização.

A dinâmica da criação na natureza inclui o caos. Da tensão entre forças nascem as formas, que lutam para se afirmar. O homem, diferentemente de outras expressões da vida, organiza-se segundo uma ordem moral. E aqueles que, de alguma maneira, se afastam dessa ordem, são considerados perdidos. Por isso, proponho o fenômeno da *perdição criadora* como específico ao mundo humano.

A moral oferece valores e preceitos que orientam os pensamentos e as ações dos indivíduos. A vida, e não apenas a vida coletiva, sustenta-se pela imposição de travas à manifestação caótica da pulsão. Sem elas, chamadas em psicanálise de recalque, a pulsão provocaria tão somente destruição. Em sua clínica, Freud descobre, no entanto, que essas travas também operam como agentes de destruição. Ele constrói, então, método que permite ao homem lidar melhor com o conflito de forças que experimenta, franqueando a possibilidade de criação de vida sempre renovada.

A psicanálise desvela a fragilidade fundamental do homem: nenhuma ideia oferece sentido absoluto para a existência. Tampouco há objeto que nos satisfaça de modo completo. Em nosso processo de desenvolvimento, nos vinculamos a objetos e ideias oferecidos pela cultura à qual pertencemos. Eles apresentam-se como saída coletiva para a angústia do viver. Por isso, são considerados sagrados e devem ser cultuados. Entretanto, o dia-a-dia mostra o descompasso entre o ideal e o real. E pior: o ideal, tido como representação do Bem, mais parece a encarnação do Mal, pois impõe punição aos indivíduos que não conseguem seguir sua cartilha.

O trabalho da análise promove a constante dessacralização desses ideais universais. Em virtude disso, o psicanalista brasileiro MD Magno denomina a psicanálise de *arreligião*.⁶ O processo analítico impele à suspensão do pleno sentido que os ideais parecem ter e nos disponibiliza para outras maneiras de viver. Mas exige, também, a construção de novas fantasias, que alimentem a vontade de despertar a cada dia.

⁶ MAGNO, MD. *Revirão* 2000/2001, p.594.

A psicanálise constitui-se como um saber, e uma prática, que desconstrói a ilusão de possuímos somente uma personalidade, à qual permanecemos fiéis todo tempo. A análise leva-nos a perceber a falsidade dessa imagem ideal unificada. A ideia da consciência, vista como o lugar soberano na produção de nossos discursos e de orientação de nossos atos, desfaz-se diante das descobertas clínicas do mestre da psicanálise. O inconsciente – o não sabido – assume, a partir de Freud, o papel de principal motor da vida. Por meio dos atos falhos, dos sonhos, dos equívocos, somos levados, pela associação livre, a nos perder nas tramas do desconhecido. E então despertamos “razões” antes veladas, escondidas.

Muitas vezes as lógicas inconscientes nos causam horror, por estarem em desacordo com os ideais que nos amarram. Constatamos, assim, que nossa suposta consciência individual configura-se, na verdade, como repetição automática de modelos coletivos. E nos damos conta do sofrimento provocado pela fidelidade a esses modelos. Em lugar da crença na autonomia, surge a percepção de vivermos sob a hipnose da cultura. Diante de tais revelações, somos impulsionados a criar novas possibilidades de vida. Daí minha hipótese: o processo analítico implica a *perdição criadora*. Trata-se de perder-se para achar-se, continuamente.

Se minha referência primeira é a psicanálise, a reflexão sobre a criação levou-me a Friedrich Nietzsche. Sua crítica à filosofia, à ciência e à moral destaca a vontade de poder como produtora do mundo. Ele reconhece a violência e a perene disputa de forças como elementos constituintes da natureza e da cultura.

Para Nietzsche, a dimensão caótica move a criação, tanto no cosmos como no homem. Essa superação da oposição entre mundo natural e mundo humano desperta a consciência do contínuo fluxo que nos move. Nietzsche apontou para isso, resgatando os filósofos pré-socráticos, chamados de físicos. Freud também, ao formular o conceito de pulsão associado ao conceito de energia, da física. Inspirado no conflito perene entre ordem e caos, Nietzsche propõe uma filosofia trágica da existência. Ela tem como centro não a razão e o ideal, mas a arte e sua expressão afirmativa do sofrimento e da dor do viver.

Para desenvolver as ideias apresentadas, dividido o trabalho em três partes. Inicio minhas reflexões com estudo sobre o pensamento de Freud e as interpretações que dele fizeram Jacques Lacan e MD Magno, psicanalista brasileiro discípulo de Lacan. A abordagem que proponho de Freud e Lacan

privilegia suas formulações mais tardias. A partir desta cifra, abordo suas primeiras descobertas.

Em Freud, destaco o conceito de pulsão de morte, enunciado em 1920 no texto *Além do princípio de prazer*. Ele leva à formulação de nova concepção do aparelho psíquico, que afirma o caráter caótico do Isso e ressalta a força destrutiva do ideal, manifestada pelo sistema psíquico nomeado por Freud de Supereu⁷. Lacan deu grande ênfase, nos primeiros anos de seu ensino, às dimensões imaginária e simbólica do aparelho mental. Constituímo-nos a partir de emaranhado de imagens e vozes inscritas em nossa mente, em virtude da relação com o mundo exterior. Seus últimos seminários privilegiam, no entanto, a força do real em nossa experiência. No *Seminário 20 – Mais ainda* (1972-1973), Lacan formula o conceito de *alíngua*. Com ele designa o silêncio originário a partir do qual surge todo e qualquer discurso. De Magno apresento de modo mais aprofundado sua contribuição à reflexão sobre o recalque, considerado por Freud a “pedra angular da psicanálise”. Magno propõe o conceito de *revirão*, para explicar a capacidade humana de transformar, perenemente, a si e ao mundo.

Dedico a segunda parte do trabalho ao pensamento de Nietzsche. Abordo algumas de suas ideias que contribuem para a afirmação da hipótese da *perdição criadora*. Começo por uma análise do estilo de seu texto, ele mesmo uma crítica à característica dos sistemas filosóficos e sua busca por manter visão total e coerente sobre a vida. A concepção de saúde presente na obra de Nietzsche revela a dimensão trágica da existência, que vejo estar presente, também, no pensamento freudiano. Ambos pensadores ressaltam a relação entre vida saudável e afirmação da singularidade, construídas a partir do questionamento dos ideais coletivos.

Na terceira parte investigo aspectos específicos do trabalho clínico e sua relação com a experiência da *perdição criadora*. Examino tanto o trabalho da perda como o despertar do desejo presentes no processo terapêutico. Dedico especial atenção ao tema do amor. A relação especial estabelecida entre paciente e analista permite-nos pensar o campo do amor sob nova luz.

⁷ Optei por usar os pronomes Eu e Isso, e o termo Supereu, para referir-me às instâncias psíquicas *ego*, *id* e *superego*. A latinização dos pronomes deu-se na tradução da obra de Freud para o inglês. Mas ele desejava que a psicanálise fosse acessível a qualquer um e não apenas a eruditos. Daí sua busca em utilizar termos próximos ao cotidiano.

Freud: pulsão e criação

O campo freudiano é um campo que, por sua natureza, se perde. É aqui que a presença do psicanalista é irredutível, como testemunha desta perda.⁸

Jacques Lacan

A origem da psicanálise centra-se na descoberta do inconsciente. Por meio de sua decifração, Freud desvelou importância particular da sexualidade para a vida humana. Ele percebeu que o adoecimento de seus pacientes derivava da inabilidade em lidar com os próprios desejos.⁹ Podemos dizer que tal estado decorria dos entraves e conflitos estabelecidos com aquilo que lhes colocava em perdição. Na busca de amenizar o sofrimento de seus pacientes, o fundador da psicanálise perseguiu como meticoloso detetive os elementos envolvidos nesse processo.

A preocupação clínica levou-o a formular sofisticado sistema teórico, nomeado por ele de metapsicologia, a psicologia profunda. Esta reconhece que o fundamento da vida é o inconsciente, e não a consciência. E o aborda segundo três perspectivas, necessariamente complementares: os investimentos realizados em situações de prazer/desprazer (aspecto econômico); as forças em luta (aspecto dinâmico); e o modo de funcionamento articulado das diferentes regiões mentais, ou instâncias psíquicas (aspecto tópico).¹⁰

Considero necessário ressaltar o caráter clínico da construção teórica de Freud. Ele propõe ideias e conceitos a partir da análise minuciosa de casos

⁸ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.122.

⁹ Nos **Estudos sobre histeria** (1893-1895), escrito com Josef Breuer (1842-1925), Freud destaca a importância da sexualidade no adoecimento psíquico. A descoberta deu-se a partir da clínica de Breuer, então médico renomado em Viena, mais especificamente da paciente que recebeu o nome de *Anna O.* Bertha Pappenheim, seu nome verdadeiro, acabou apaixonando-se por Breuer. Produziu até uma pseudociência (falsa gravidez). Breuer interrompe o tratamento e não aprofunda suas reflexões sobre a influência da sexualidade na própria relação entre médico e paciente. Freud, então um jovem médico, percebe a importância dessa relação. E transforma-a em elemento fundamental da prática psicanalítica. O conceito de *transferência* busca apreender esse fenômeno.

¹⁰ FREUD, S. **O inconsciente** (1915), p.186.

particulares. Tais conceitos constituem ferramentas necessárias para a orientação da práxis analítica. Portanto, seu compromisso primeiro não é a produção de um sistema teórico-abstrato coerente e lógico, mas a compreensão do vivido e a busca de meios de agir sobre a vida. Daí sua aproximação da ciência.¹¹ Mesmo seus textos mais especulativos têm esses objetivos. Importa-lhe, sobretudo, a descrição e a articulação dos múltiplos aspectos da situação sobre a qual ele se debruça, com vistas a entender o sofrimento humano e a poder intervir sobre ele.

A evolução da análise de Freud conduziu-o a várias mudanças: formulou dois modelos do aparelho psíquico; alterou a teoria das pulsões, inicialmente divididas entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais e, posteriormente, em pulsão de vida e pulsão de morte. Renunciou à prática clínica da hipnose e à teoria da sedução, primeira explicação encontrada por ele para o recalque.¹²

No entanto, Freud não se furta em retornar a suas idéias mais antigas quando alguma contingência faz despertar novo sentido sobre o que havia abandonado. Percebemos isso ao longo de toda sua obra, ela própria exemplo vivo do funcionamento saudável e criativo da mente humana. Freud não tem compromisso em fixar-se em um modelo de coerência. Deixa-se perder na idéia que o toma naquele momento; desenvolve e dá consistência ao *insight* (compreensão interna) ou às hipóteses que emergem do inconsciente.

¹¹ Na Conferência XXXV – A questão de uma *Weltanschauung* (1933), Freud afirma: “Em minha opinião, a *Weltanschauung* é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo. Facilmente se compreenderá que a posse de uma *Weltanschauung* desse tipo situa-se entre os desejos ideais dos seres humanos. Acreditando-se nela, pode-se sentir segurança na vida, pode-se saber o que se procura alcançar e como se pode lidar com as emoções e interesses próprios da maneira mais apropriada. (...) Na qualidade de ciência especializada, ramo da psicologia, ela [a psicanálise] é praticamente incapaz de construir por si mesma uma *Weltanschauung*: tem de aceitar uma *Weltanschauung* científica. A *Weltanschauung* da ciência, porém já diverge muito de nossa definição. É verdade que também supõe uniformidade da explicação do universo; mas o faz apenas na qualidade de projeto, cuja realização é relegada ao futuro. Ademais, marcam-na características negativas, como o fato de se limitar àquilo que no momento presente é cognoscível e de rejeitar completamente determinados elementos que lhe são estranhos.” In: **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise** (1932-1933), p.155-156. Os grifos são meus.

¹² Com a “teoria da sedução” Freud buscou explicar inicialmente o recalque da sexualidade presente na neurose. Em virtude dos relatos de sua clínica, supôs que o recalque causador da neurose teria sido provocado por um trauma sofrido pelo indivíduo em sua infância, devido à sedução feita por um adulto ou outro agente externo. Freud abandonou essa teoria ao perceber que tais relatos relacionavam-se, na verdade, com fantasias construídas pelo sujeito. Essas fantasias apontaram para a vida sexual infantil. In: LAPLACHE e PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**, p.610 e seguintes. Os dois modelos do aparelho psíquico são apresentados no capítulo 5 desta primeira parte; a teoria das pulsões já aparece no primeiro capítulo; a hipnose, apenas na terceira parte.

Encontramos bom exemplo disso em *Além do princípio de prazer* (1920), um de seus textos mais importantes e polêmicos. Diz ele: “O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma idéia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará.”¹³

Freud sempre insistiu no caráter clínico, ou científico, da psicanálise para diferenciá-la da filosofia.¹⁴ Para ele, os filósofos partem de princípios abstratos e fabulam sólidos sistemas de pensamento, sem preocupação com a experiência empírica. E ainda os oferecem como manuais de vida, assemelhando-se a uma religião. Jacques Lacan dialogou de modo intenso com a filosofia. Mas quando lhe pediram para definir a psicanálise, o mestre francês afirmou: “Digamos que é uma prática e que ela se ocupa do que não está funcionando”¹⁵. Também MD Magno, que produz hoje a *Novapsicanálise*, ressalta: “A clínica, apesar das más línguas, é só o que interessa. Tudo isto aqui é por causa da clínica. Se não, não prestava para nada.”¹⁶

Freud ressalta que o método científico constrói-se a partir de pesquisa contínua, paciente e perseverante. As conclusões a que chega, portanto, são constantemente transformadas pela observação. Contudo, é inegável que a psicanálise transcende a dimensão clínica propriamente dita. Traz grande contribuição para o pensamento em variados campos. E Freud sempre reivindicou este lugar para a psicanálise. O mesmo podemos dizer do pensamento de Lacan e de Magno. Freud considerava a psicanálise pensamento necessário a qualquer pessoa que se considerasse culta. Ela apresenta nova maneira de abordar o homem e a realidade.

A idéia da *perdição criadora* que proponho resulta da práxis da análise e visa contribuir para a abordagem clínica. A proposição de que o processo analítico requer perder-se me parece rica por desconstruir a suposição de que um Eu sólido e unificado emerge na análise. A famosa frase de Freud *Wo es war, soll ich*

¹³ FREUD, S. *Além do princípio de prazer*, primeiro parágrafo do capítulo IV.

¹⁴ Além da *Conferência XXXV* já citada, Freud aborda o tema nos textos *O interesse científico da psicanálise* (1913); *Um estudo autobiográfico* (1925); *Esboço de psicanálise* ([1938] 1940); *Alguma lições elementares em psicanálise* (1940).

¹⁵ Entrevista a Emilio Granzotto, de 1974. Publicada por Magazine Littéraire, Paris, n.428, fev/2004. E também em SANTOS, E. M. *O sexo de Deus*, p.151.

¹⁶ MAGNO, MD. *A pedagogia freudiana* (1992), p.46.

werden – “Ali onde Isso era, é meu dever que Eu venha a ser”¹⁷ – sugere como objetivo da psicanálise o fortalecimento do Eu. O próprio Freud o afirma. No entanto, esse fortalecimento refere-se à independência do Supereu, à ampliação da capacidade de percepção e à expansão do Eu, de modo a torná-lo capaz de incluir, de alguma maneira, qualquer coisa que se lhe apresente.

A tradução de Lacan à famosa frase de Freud ressalta a dimensão imperativa de bem-dizer as formações inconscientes. Na tradução presente nas obras completas de Freud em português – “Onde estava o id [Isso], ali estará o ego [Eu]” – parece garantido que o Eu promoverá a tradução do Isso. Nada mais longe da realidade. A noção de *resistência* desenvolvida por Freud ressalta que o processo de transformar o Isso em Eu é bastante trabalhoso. E o ceticismo sobre o sucesso da prática analítica, presente em um de seus últimos textos sobre técnica – *Análise terminável e interminável* (1937), denota que esse dever poucas vezes assume o necessário caráter perene. Para Freud, até mesmo seus discípulos mais próximos se abstiveram de tal tarefa.

A análise tem como objetivo capacitar o Eu a lidar de forma saudável com o Isso. Visa a construir disposição capaz de acolher a imprevisibilidade do Haver, entendido como o que quer que haja, interna ou externamente ao indivíduo.¹⁸ A realização desse objetivo implica suportar a instabilidade de viver para além de uma suposta essência que nos constitua. Com certeza o Eu assume papel importante nesse processo. Entretanto, não se pode abdicar da descoberta de Freud: o inconsciente é o fundamento da vida. A “síntese” entre o Eu e o Isso almejada na análise está em eterna mutação. Aprende-se a operar com o Isso, mas isso é interminável.

Lacan denuncia em um de seus primeiros seminários, realizado entre 1954 e 1955, que a contribuição de Freud à idéia do Eu, que provocou ruptura com a tradição filosófica, estava sendo abandonada até no seio da prática psicanalítica. Ao invés de ser manejo libertador, muitos analistas ressaltavam a necessidade de

¹⁷ A frase está na **Conferência XXXI** (1933) – **A dissecação da personalidade psíquica**, pág. 84. Opto aqui pela tradução proposta por Lacan no artigo **A coisa freudiana**, p.418-419.

¹⁸ Magno propõe o termo *Haver* para designar o que quer que haja, incluindo o que se chama Universo, e que se movimenta segundo a força da pulsão, que tende para a morte. O Haver inclui *formações espontâneas* ou *artifícios espontâneos*, usualmente chamadas de natureza, e *formações artificiais* ou *artifícios industriais*, inventadas pelo homem no processo de reversão da tendência à morte. Esta dinâmica é nomeada por Magno de *revirão*. Conferir SANTOS, G.; BARBOSA, J.C. de C. & BIAL, S. **Vocabulário básico da Nova Psicanálise**. Abordarei o conceito de *revirão* no capítulo 4 da primeira parte deste trabalho.

fortalecimento do Eu, chegando até a apontar para certa abordagem adaptativa dos indivíduos. Loucura comum, ironiza Lacan, esta de acreditar em si, de acreditar que nós somos nós.

A clínica da neurose¹⁹ motivou-me à formulação da hipótese da *perdição criadora*. O neurótico fica fixado, paralisado, engessado no molde coletivo, comprometido com a continuidade de uma história sobre si, com a coerência de suas ações e de seu discurso. Em uma palavra: quer manter aquilo que considera sua identidade, seu Eu, e os compromissos sociais estabelecidos em torno dela. Busca manter lugar de autoridade e de poder, ilusório, é bem verdade, mas que se apresenta como campo seguro para as batalhas, internas e externas, vividas cotidianamente. O neurótico tem medo de reconhecer desejos incompatíveis à imagem que tem de si; rejeita perder-se, mesmo que experimente sofrimento mantendo-se fiel a uma mesma imagem. Aparentemente prefere o ganho secundário da doença. Quando esse ganho não mais se apresenta compensador, o neurótico procura tratamento.

Escolhi como eixo fundamental para minha argumentação o conceito de *pulsão de morte*, formulado por Freud em 1920. Cinco anos antes, em *A pulsão e suas vicissitudes*, ele define a pulsão (*Trieb*) como força constante que impele o organismo à atividade. Tal força manifesta-se diferentemente do instinto dos animais, pois não está circunscrita a padrão definido biologicamente. Ela é um estímulo, indeterminado e impessoal, que surge no corpo e se impõe à mente. O aparelho psíquico tem por objetivo administrar essa força constante vinculando-a a representações – imagens e palavras –, que orientam a ação e modulam nossa

¹⁹ Freud constrói a psicanálise a partir da clínica da neurose, que, no pensamento freudiano, assume basicamente as formas da *neurose obsessiva*, *histeria* e *fobia*. Antes da psicanálise, o termo neurose referia-se a doenças relacionadas ao sistema nervoso. Freud aponta o fundamento psíquico dessas afecções. Apesar de sua clínica ter-se centrado nas formas de neurose acima citadas, Freud também abordou em suas reflexões as neuroses narcísicas (a melancolia, que na psiquiatria é denominada depressão), a psicose (que na psiquiatria engloba a paranóia, a parafrenia e a esquizofrenia) e a perversão. Resumidamente, neurose e psicose constituem-se por modos de resposta diferenciadas ao conflito psíquico entre as pulsões (os desejos) e o Eu. Para Freud, esse conflito não estaria presente nos perversos. Nos psicóticos, tal conflito provoca grande afrouxamento dos laços com a realidade. Daí Freud ser cético à possibilidade de tratamento. Os pacientes psicóticos não estariam sujeitos à influência do médico, tão necessária ao restabelecimento. Essa influência assume o nome, na psicanálise, de *transferência*. Os “casos-limite”, que recebem hoje grande atenção dos pesquisadores, indicam lógicas da dinâmica psíquica no limite entre neurose e psicose. In: LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**.

relação com o mundo. Portanto, o conceito de pulsão busca apreender processos que estão entre o somático e o mental, entre corpo e alma.²⁰

Freud reconhece certa imprecisão no conceito proposto, característica presente, na verdade, no fenômeno que quer descrever. Ele chega a designar a teoria das pulsões de sua “mitologia”²¹. Ela apresenta-se, no entanto, ferramenta indispensável para apreensão da metapsicologia.

A ideia da pulsão de morte fundamenta-se na proposição de que todo organismo vivo anseia pela própria morte. Freud cria a psicanálise debruçando-se sobre o campo do amor, da sexualidade. Depara-se, porém, com o velado e onipresente instinto de morte.²² Em carta ao pastor Oskar Pfister, Freud reconhece essa idéia não como anseio de seu coração, mas como hipótese inevitável, construída a partir de investigação rigorosa sobre a enigmática realidade biológica e psicológica.²³ Segundo ele, a vida constitui-se como resistência ao empuxo para a extinção. Tal constatação freudiana não visa a nos empurrar do abismo em direção à morte. Ao contrário. Freud nos aponta o abismo, para nos deixar mais despertos e atentos. E mais do que nunca ligados à vida. Assim sustenta-se a razão da clínica psicanalítica.

A pulsão de morte relaciona-se diretamente com a experiência de *perdição criadora*. Meu desafio será, justamente, apresentar-lhes as variadas facetas dessa conexão. Uma delas refere-se a situações em que nos perdermos de uma identidade imaginada, que considerávamos nossa essência. Algo se revelou contrário à idéia que construíamos de nós mesmos. Experimentamos, então, certo tipo de morte. Nosso organismo não desaparece, mas vivenciamos a dissolução de uma ordem, que organiza e ao mesmo tempo aprisiona. Essa “morte” possibilita-

²⁰ FREUD, S. **A pulsão e suas vicissitudes** (1915), p.127. A tradução inglesa e brasileira adota o termo *instinto*, bastante impróprio para designar os processos que Freud visa descrever. No artigo **A pulsão e as fronteiras da psicanálise**, Monah Winograd procede minucioso estudo sobre o conceito de pulsão em Freud.

²¹ FREUD, S. **Novas conferências introdutórias à psicanálise** (1932/33). **Conferência XXXII – Ansiedade e vida instintual**, p.98.

²² Aqui o termo instinto se aplica, devido ao caráter inexorável da morte. Em entrevista ao jornalista e escritor norte-americano George Sylvester Viereck, concedida em 1927, Freud afirma: “Na sua origem, a psicanálise assumia que o Amor era o mais importante. Atualmente, sabemos que a Morte é igualmente importante. Biologicamente, cada ser vivo, por mais forte que arda nele o fogo da vida, anseia pelo Nirvana, pela cessação da ‘febre chamada viver’, anseia pelo seio de Abraão. O desejo pode ser mascarado por variados rodeios. Mesmo assim, o derradeiro objetivo da vida é sua própria extinção”. In: SANTOS, E. M. **O sexo de Deus**, p.137. A entrevista foi publicada pela primeira vez em 1930, no livro *Glimpses of the*, de Viereck, com o título *Sigmund Freud confronts the sphinx* (*Sigmund Freud decifra a esfinge*).

²³ FREUD, S. **Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939). Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã**, p.176. A carta tem a data de 07/02/1930.

nos estabelecer vínculos mais intensos com a vida. E, desta maneira, resistir com mais vigor à tendência em direção à extinção. Lembro-me do poema *Aspirações à vida eterna*, de Teresa de Ávila (1515/1582), em que ela clama: “Morte, não sejas esquiva/ Mata-me, para eu viver/ Que morro de não morrer”²⁴.

²⁴ ÁVILA, Teresa de. **Obras completas**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p.959.

2.1

Pulsão de morte e paz

Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive morre por razões *internas*, torna-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que o *objetivo de toda vida é a morte*.²⁵

Sigmund Freud

Freud enuncia o conceito de pulsão de morte em 1920, no texto *Além do princípio de prazer*. Essa idéia dá forma a intuições bem antigas, presentes em sua obra desde 1895, quando escreveu o *Projeto para uma psicologia científica*. Naquela ocasião, buscou formular concepção do aparelho psíquico centrada em abordagem quantitativa, uma “economia da força nervosa”²⁶. Considerava-a adequada para descrever os processos psíquicos de forma clara e sem contradições, tal como uma ciência natural deveria ser. Acabou por abandonar o texto inconcluso, conhecido apenas por seu amigo, Wilhelm Fliess (1858-1928), a quem enviou os rascunhos.²⁷

Apesar de publicado apenas em 1950, quase 20 anos após a morte de Freud, várias noções apresentadas no *Projeto* mostraram-se fundamentais na formulação da psicanálise. O aspecto econômico constitui um dos alicerces de sua metapsicologia, modo como Freud nomeia a psicanálise. O estudo do modo como as pessoas realizam seus *investimentos libidinais* ajuda-nos a aclarar os complexos processos psíquicos.

O conceito básico em 1895 é o de excitação e não exatamente o de pulsão. As excitações correspondem a quantidades de energia provindas tanto do mundo externo, os estímulos exógenos, como do mundo interno, os estímulos endógenos.

²⁵ FREUD, S. *Além do princípio de prazer* (1920), p. 49.

²⁶ FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica* (1895), p.335.

²⁷ Fliess, médico otorrinolaringologista, foi amigo íntimo de Freud e o primeiro interlocutor das suas descobertas. A publicação da correspondência mantida entre os dois durante dezessete anos – de 1887 a 1904 – permite-nos acompanhar os processos de pensamento que levaram à criação da psicanálise. O *Projeto* foi enviado a Fliess, que o manteve consigo, mesmo depois da ruptura com Freud, ocorrida em 1902. A correspondência manteve-se até 1904 e foi publicada após a morte de Freud no volume **Correspondência completa de S. Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**, editado por Jeffrey Moussaieff Masson.

Freud procura entender como o organismo se defende dos aumentos de tensão produzidos por esses dois grupos de estímulos. Concebe o sistema nervoso como aparelho cuja função primária é descarregar *todo* excesso de excitação que experimenta. Ele opera, assim, segundo o *princípio de inércia*, buscando restaurar a situação originária de ausência completa de tensão. A paz absoluta, portanto. Isso corresponderia à plena satisfação. E à morte, ao retorno ao inanimado, completa Freud em *Além do princípio de prazer*.²⁸

Nesse texto, o mestre da psicanálise afirma não haver, na entidade viva, qualquer espontaneidade para o desenvolvimento ou para o progresso. Eles ocorrem apenas por perturbações ao estado de equilíbrio original do organismo, provocadas pela ação de alguma força externa. A vida corresponde a contínuo adiamento da morte, a complicados *detours* que a entidade viva realiza até chegar a sua meta final: o retorno ao inorgânico²⁹. As reflexões de Freud não se limitam, aqui, à compreensão do psiquismo humano. Ele toma como enigma a origem da vida em geral. Daí reconhecer o caráter especulativo, e até místico, de suas observações.

A idéia de pulsão de morte causou e ainda causa estranhamento, mesmo entre muitos psicanalistas.³⁰ Em *O mal-estar na civilização* (1930), o próprio

²⁸ FREUD, S. *Além do princípio de prazer*, p.49.

²⁹ “Parece, então, que uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica (...) seremos então compelidos a dizer que ‘o objetivo de toda vida é a morte’”. FREUD, S. *Além do princípio de prazer* (1920), p.47 e 49.

³⁰ Carlos Paes de Barros chega a afirmar que o conceito de pulsão de morte é um “ato falho da construção teórica (...) uma construção errônea de um gênio científico”. Ver PAES DE BARROS, C. *Conceitos termodinâmicos e evolucionistas na estrutura formal da metapsicologia freudiana* (1971), p.30. In: **Cadernos do Tempo Psicanalítico. No. 3.** Rio de Janeiro; SPID, 1998. pp13-51. Mesmo Lacan, em determinado momento de seu ensino – n’**O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, em que sua ênfase recai sobre o campo simbólico como estrutura fundamental do psíquico, afirma: “Quero simplesmente dizer que a articulação da pulsão de morte em Freud não é nem verdadeira nem falsa. Ela é suspeita, não estou dizendo nada além disso, mas basta que tenha sido necessária para Freud, que ela o traga de volta a um ponto de abismo, profundamente problemático, para que ela seja reveladora de uma estrutura do campo”, p.260. Lacan lê a pulsão de morte como tendência à destruição da ordem existente, relacionada à cadeia significante. Como algo que “põe em causa tudo o que existe”. E, portanto, como empuxo à criação. Ela é “vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar”, p.260. “A pulsão, como tal, e uma vez que é então pulsão de destruição, deve estar para além da tendência ao retorno ao inanimado (...). Vontade de destruição. Vontade de recomeçar com novos custos”, p.259. Lacan não deixa de reconhecer, entretanto, que a noção de pulsão de morte como retorno ao inanimado é justificável cientificamente. Ela é inspirada nas descobertas da termodinâmica, que revela a tendência geral de todos os sistemas ao retorno do equilíbrio. Também n’**O seminário 7**, aborda estudo dos psicanalistas Siegfried Bernfeld (1892-1953) e Sergei Feitelberg (1905-1967) sobre as relações entre a termodinâmica e a pulsão de morte. E observa: “a forma de organização material no interior dos organismos vivos, a entrada em função de uma tendência irreversível, e que se exerce no sentido do advento de um equilíbrio

Freud reconhece as resistências à sua proposição. No entanto, afirma que a idéia da pulsão de morte traz tal clareza à descrição dos processos psíquicos que não pode ser abandonada.³¹ Considera a recusa do conceito decorrente de visão idealizada ou moralizante sobre a vida. Olhar mais realista permitiria a percepção da verdade de suas colocações.

Investiguemos melhor a proposição freudiana. Segundo ela, originalmente, a pulsão simplesmente visa extinguir-se. E, portanto, destruir seu próprio organismo. Depara-se, porém, com resistências que obrigam a tendência à destruição dirigir-se para fora, manifestando-se como agressividade em relação ao mundo externo. Não reconhecer a presença da destrutividade em nossa experiência expressa, para Freud, grande despreparo para lidar com a vida. Tal como partir para expedição polar com trajes de verão e mapas dos lagos italianos³², ou escalar uma montanha com sandálias de dedo.

O psicanalista MD Magno(1938-) traduz a idéia da pulsão de morte no teorema *Haver desejo de não-Haver*.³³ Haver corresponde ao acontecimento de estarmos no mundo. Mas desejamos sair dele imediatamente, para atingirmos a paz, a satisfação absoluta, o *não-Haver*. O psicanalista brasileiro busca simplificar o conceito de pulsão de morte traduzindo-o como *Tesão*. “Há o Tesão, esse movimento que vai para alguma coisa. (...) [O Tesão] quer o quê? Simplesmente sumir! Quer morrer de gozar, quer gozar para sempre, quer um gozo absoluto, último e definitivo.”³⁴

Nosso impulso primitivo almeja a ausência completa de tensão no organismo. Mas percebemos que atingi-la inscreve-se na ordem do impossível. Afinal, tão logo descarregamos a tensão provocada por certo estímulo, sentimo-nos perturbados por outra excitação qualquer. Nem bem nos satisfazemos com um

terminal, é, propriamente falando, o que é articulado na energética como entropia (...) O texto de Bernfeld e Feitelberg, da maneira mais pertinente, acrescenta algo ao texto de Freud sobre o que a estrutura viva introduz como diferença. (...) o conflito no nível da estrutura viva”, p.258-259. O psicanalista MD Magno retoma esta leitura da pulsão de morte. Por isso propõe um *retorno de Freud*, diferenciado do *retorno a Freud*, sugerido por Lacan em suas formulações. In: **Pedagogia freudiana**, p.39. Vale ressaltar, todavia, que o último Lacan dá ênfase ao *real*, àquilo que está para além da ordem significante. Esta ordem é, simplesmente, a maneira particular pela qual o animal homem aborda o real. “A estrutura...é próprio o real”, afirma Lacan n’**O seminário 16** (1968-1969) - **de um Outro ao outro**, p.30. **N’O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, propõe a idéia de *alíngua*, sobre a qual trabalhará a linguagem. Investigo a relação entre termodinâmica e psicanálise no capítulo 2 da primeira parte desta tese.

³¹ FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), p.123.

³² FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), p.137.

³³ Conferir explicação do conceito Haver na nota 19.

³⁴ MAGNO, MD. **Psicanálise. Novamente** (1999), p.25-26.

objeto, já desejamos outro. A paz mostra-se inatingível. Então buscamos ao menos manter constante a tensão interna do organismo. Pela mesma razão apresentada antes, isso também se revela impossível! A felicidade plena não está incluída no plano da Criação³⁵. Temos que pensá-la de modo mais restrito, parcial. Há que reconhecer a inevitabilidade de certa dose de sofrimento. E aprender a transformá-lo em prazer.

Parece-me que almejar a estabilidade corresponde, de certa maneira, a ansiar o fim da existência. Viver, ao contrário, implica expor-se a estímulos que perturbam nosso equilíbrio e provocam instabilidade em nosso sistema. Os desejos complicam-nos com a vida, instauram conflitos. Adiam a paz, o descanso absoluto. Ou, para chamá-lo por seu nome: a morte.

Apesar de essas idéias se apresentarem absurdas e demasiadamente complicadas para muitos, exemplos cotidianos demonstram sua veracidade. O desejo por alguma coisa ou alguém, a “ex-citação”, provoca-nos pressão, calor. Sensações que só se dissipam quando conseguimos satisfazer o desejo despertado. Ou seja, quando realizamos ação específica em direção àquele objeto. Só então teremos direito à paz e à tranquilidade. Mas este estado logo se desfaz, pois começamos a querer outras coisas. A satisfação que obtemos sempre traz a marca da imperfeição, da incompletude. Sempre temos algo mais a desejar. “Não há poente tão belo que o não pudesse ser mais, ou brisa leve que não pudesse dar-nos sono mais calmo ainda”, lembra-nos Fernando Pessoa (1888-1935).³⁶

Freud contrapõe a pulsão de morte à pulsão de vida, nomeada por ele de libido. Este termo designa a energia ligada em pessoas, objetos concretos ou mesmo idéias abstratas, com fins de obtenção de prazer.³⁷ A essa ligação Freud dá o nome de Amor, tema central para a psicanálise. Freud mergulha no campo do Amor para problematizá-lo radicalmente. Para a psicanálise, qualquer investimento libidinal inclui-se nesse campo. Mesmo que se expresse de maneira odienta.

A pulsão de morte empurra para a destruição do organismo, a pulsão de vida resiste a esse movimento a partir dos laços que estabelece com coisas, indivíduos e ideias. Um *serial killer*, por exemplo, mantém-se vinculado à vida

³⁵ FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), p.84.

³⁶ PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**, Fr.1, p.46.

³⁷ FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do ego** (1921), p.101.

engajando-se em estratégias para matar suas vítimas. Essa é sua maneira de “amar”. Trata-se de forma extremamente tosca e destrutiva de expressão da pulsão, mas ao investir na morte alheia, a pulsão de morte do matador opera sobre o mundo, e não no próprio organismo. Para ele, representa, portanto, vida.

O exemplo apresentado evidencia a complexidade do universo pulsional. Apesar de postular a existência da pulsão de vida, Freud afirma ver em ação na vida psíquica, e talvez na vida nervosa em geral, uma só tendência, mais ou menos modificada.³⁸ Ou seja, há apenas uma única pulsão. Por que, então, Freud insiste no dualismo pulsional? Penso que para ressaltar o conflito perene entre forças opostas em nossa mente e a impossibilidade da paz. Definir a existência de duas pulsões nos ajuda a melhor descrever a dinâmica dos processos psíquicos. Enquanto a pulsão de morte exige a redução absoluta das tensões, a pulsão de vida opera o estabelecimento de vínculos, impedindo o escoamento imediato de toda energia.

Poderíamos pensar no dualismo como decantação do monismo original.³⁹ Para Magno, os dualismos são funcionais, mas, em última instância, há apenas uma pulsão. Diz ele:

O que Freud apresenta é uma só libido, para além de mal e bem, que se expressa dualisticamente em uma pulsão contrariada pela resistência. Pulsão de vida não é pulsão. A rigor, ela é resistência. [O fenômeno da vida] é um acontecimento raro.(...) Se houvesse pulsão de vida, [a vida] devia ser banal.(Magno, [2006]2008,p.12).

Em termos genéricos, a pulsão de vida corresponde a reviramento da tendência à morte em vínculos com o Haver. O verbo *revirar* indica o caráter reversivo da pulsão, sua capacidade de avessar sua direção, seus movimentos e seus objetos.⁴⁰ Não há, portanto, duas pulsões, a de vida e a de morte. O fenômeno da vida expressa resistência ao empuxo em direção ao inorgânico. E

³⁸ LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**, p.460 (verbo “princípio de constância”).

³⁹ Sobre a idéia de monismo ou dualismo da pulsão, consultar GARCIA-ROZA, L.A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Vol.3, p.162. E ainda os artigos **Freud é monista, dualista ou pluralista?** e **A pulsão e as fronteiras da psicanálise**, ambos de Monah Winograd.

⁴⁰ Como aprofundarei um pouco adiante neste mesmo capítulo, Freud define como vicissitudes da pulsão a “reversão a seu oposto”, bem como a “reversão ao próprio eu”, além do recalque e da sublimação. In **A pulsão e suas vicissitudes** (1915), p.132. O verbo *revirar* também associa-se ao *revirão*, termo cunhado por Magno para nomear particularidade de nossa máquina mental. No capítulo 4 desta tese, aprofundarei o estudo sobre esse conceito.

como resistência, manifesta-se de infinitas maneiras: jogar tênis, tocar piano, rezar, lutar boxe, organizar o tráfico, surfar em onda gigante...

Entendo a *perdição criadora* como modo de resistir à morte que instaura novas possibilidades de viver. Propõe estilo original de lutar contra a *grande Senhora*. Resulta do encantamento profundo por algum objeto e da entrega a ele com tamanha intensidade, com tal insistência, que lhe provoca transformações. Tanto o objeto como a pessoa que o aborda modificam-se nessa aventura.

O termo dualismo enfatiza o conflito presente desde a origem. Possibilita a identificação da hegemonia do empuxo em direção à morte ou das forças resistentes a ele. O modo de funcionamento de certas pessoas expressa intensa recusa da vida e grande aderência ao vetor mortífero da pulsão. Outras estabelecem vínculos mais vigorosos com o Haver, e maneira mais criativa e construtiva de lidar com a existência.

Antes da constatação do embate entre Morte e Vida, Freud propôs outro dualismo: a oposição entre *pulsões do eu* (ou *pulsões de autoconservação*) e *pulsões sexuais*. Em sua clínica, ele percebeu o conflito entre o Eu e a sexualidade. Freud representa esse dualismo como o embate entre Amor, os investimentos libidinais em objetos externos, e a Fome, a busca de preservação do Eu, atendendo a demandas internas ao organismo. Também aqui as características comuns e os aspectos distintos das pulsões permanecem obscuros⁴¹. Ambas tendências pulsionais se misturam e sua separação em duas classes tem função descritiva, permite a melhor apreensão dos movimentos da pulsão.

Desde a origem, o corpo humano opera de modo distinto do dos outros animais. A atividade de sugar o seio materno não se limita à supressão da necessidade de alimento. Ela imprime a marca de uma forma de prazer. É também Amor. Cria trilhas de satisfação em nosso aparelho psíquico, que buscará repeti-las. Tal atividade não se resume à função biológica, orientada por ritmos e ciclos específicos. Inclui-se entre as aventuras que começam a montar os caminhos da pulsão, originalmente indeterminados. A pulsão “não tem dia nem

⁴¹ FREUD, S. **Além do princípio de prazer**, cap. VI, p.61. Freud enuncia explicitamente o primeiro dualismo em 1910, no texto **A concepção psicanalítica à perturbação psicogênica da visão**. No entanto, a noção de conflito psíquico centra-se no reconhecimento da existência de forças recalcantes, opostas ao livre curso da energia sexual. A novidade de 1910 refere-se a associação do ego a um suporte pulsional. In: LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**, p.520 (verbetes “pulsões de autoconservação”).

noite, nem primavera nem outono”.⁴² Difere do instinto dos animais. Eles buscam alimento quando a necessidade se manifesta. Nós *desejamos* comer torta de chocolate, bobó de camarão, comida japonesa. E não precisamos estar com fome para isso.

Pulsão de autoconservação e pulsão sexual não se apresentam, assim, em oposição. Ao contrário, confundem-se. Como afirma Lacan, a “realidade do inconsciente é sexual”.⁴³ Tudo é sexo, qualquer vínculo libidinal expressa amor. Contudo, a identificação desse dualismo tem importância quando abordamos o impedimento exercido pelo Eu a diversas aventuras libidinais. Para conservar a unidade, sua “autopreservação”, o Eu proíbe certa manifestação da pulsão. E esse conflito provoca mal-estar e adoecimento. Em muitos casos, o Eu reduz o campo de investimentos libidinais a ele mesmo. O Eu ama a si e recusa o mundo de objetos que se lhe apresentam; impede a pulsão de seguir outras aventuras. Vemos, então, a pulsão sexual vinculada ao Eu e não em oposição a ele. De novo a visão dualista se turva.

Apesar de considerarmos a existência de apenas uma pulsão, que se manifesta de variadas maneiras, o reconhecimento de vetores opostos nos capacita entender melhor as situações concretas. Em muitas circunstâncias a imposição de limites à pulsão sexual apresenta-se necessária. Lembro-lhes de um clássico da cinematografia erótica: *O Império dos Sentidos* (1976), do japonês Nagisa Oshima (1932-). O casal protagonista fica tão obcecado pelo sexo que sua história acaba em morte e destruição. No início, o vetor mortífero da pulsão manteve-se velado. O descontrole da paixão derivou, no entanto, para a degradação dos corpos. Isso acontece em relação a qualquer objeto, seja ele a música, a filosofia, a literatura etc.

O inconsciente é sexual, entretanto, precisa de algo que imponha delimitações às aventuras libidinais. Caso contrário, perde-se o estribo e o cavalo desembesta. Penso a *perdição criadora* como uma experiência-limite. Consiste em perder-se sem desembestar de vez. Se o Eu recalca o investimento libidinal de modo muito severo, para manter sua unidade e coerência, a entrega ao objeto

⁴² LACAN, J. **O seminário 11**(1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.157-158. Sobre o tema, ver também o já citado **Vocabulário de psicanálise**, de Laplanche e Pontalis, e GARCIA-ROZA, **Metapsicologia freudiana**. Vol.3, pp.99-118.

⁴³ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.165.

mostra-se tênue demais para permitir a emergência do novo. Não resulta em criação de algo efetivamente original, apenas na reprodução do dito.

Ao mesmo tempo, o abandono ao objeto pode atingir tal intensidade que deriva para loucura. A história traz inúmeros exemplos, entre eles Van Gogh (1853-1890), Artaud (1896-1948), Raul Seixas (1945-1989), John Nash (1928-). Mas há, também, muitos outros *perdidos criativos* que não foram tragados pelo desconhecido na aventura de suspensão dos limites existentes. Beethoven (1770-1827), Baudelaire (1821-1867), Picasso (1912-1973), Philippe Petit (1949-) não perderam o leme da sua navegação. E o próprio Freud, por que não? Ele mesmo diz-se bem sucedido onde o paranóico fracassou.⁴⁴

Com a proposição do segundo dualismo – morte/vida – as pulsões do Eu e a pulsões sexuais, antes opostas, integram-se como pulsões de vida. Afinal, em ambos os casos, a pulsão opõe-se ao empuxo de retorno ao inorgânico. Investida na conservação do Eu ou distribuída por outros objetos, a energia não se descarrega por inteiro. Resiste. Contudo, lembro-lhes, Freud insiste no dualismo. Agora entre Eros e Morte, entre Amor e Discórdia.⁴⁵ O amor provoca unidades cada vez maiores, corresponderia à vida, enquanto a discórdia rompe com a harmonia, com a concordância.

Mas cabe perguntar: ao sustentar a unidade, o amor acolhe qualquer coisa? Ama a diferença? Seria mais verdadeiro observar seu movimento pela destruição daquilo que ameaça o um. As singularidades são tolhidas pelo coletivo. O heterogêneo deve submergir no homogêneo. Por necessidade de estar em acordo com os outros, os indivíduos impedem o desenvolvimento de sua distintividade.⁴⁶

⁴⁴ Diz ele em sua análise sobre o Dr. Schreber, um paranóico que construiu sofisticado delírio, que foi publicado sob o nome **Memória de um doente de nervos** (1903): “Compete ao futuro decidir se existe mais delírio em minha teoria do que eu gostaria de admitir, ou se há mais verdade no delírio de Schreber do que outras pessoas estão, por enquanto, preparadas para acreditar”. In: FREUD, S. **Notas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. O caso Schreber** (1911), p.85.

⁴⁵ FREUD, S.: **Mal-estar na civilização** (1930), p.135 e seguintes, e **Análise terminável e interminável** (1937), p.262.

⁴⁶ FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do ego** (1921), p.102. Em **O mal-estar da civilização**, Freud observa: “A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização.(...)O que se faz sentir numa comunidade humana como desejo de liberdade pode ser sua revolta contra alguma injustiça existente, e desse modo esse desejo pode mostrar-se favorável a um maior desenvolvimento da civilização; pode permanecer compatível com a civilização. Entretanto, pode também originar-se dos remanescentes de sua personalidade original, que ainda não se acha domada pela civilização, e assim nela tornar-se a base da hostilidade à civilização. O impulso de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências específicas da civilização ou contra a civilização em geral”, p.102.

Para serem amados, e seguirem na segurança do conhecido, não se permitem afastar-se do modelo. Nas palavras de Freud:

Somos lembrados de quantos desses fenômenos de dependência fazem parte da constituição normal da sociedade humana, de quão pouca originalidade e coragem pessoal podem encontrar-se nela, de quanto cada indivíduo é governado por essas atitudes da mente grupal que se apresentam sob formas tais como características raciais, preconceitos de classe, opinião pública, etc. (Freud, [1921]1996, p.127).

Eros apresenta-se, assim, como morte, pois sufoca a manifestação do heterogêneo. A pulsão destrutiva, por sua vez, ao provocar disjunções, rupturas, exige a invenção de outras unidades, mais amplas talvez. A morte de certa organização permite a emergência do novo. Impele à descoberta de formas inexistentes. Transforma-se, então, em Eros mais uma vez. Apresenta-se, dessa maneira, não como retorno ao inorgânico, mas como empuxo à criação.⁴⁷ Afinal, o não-Haver não há. O caos, a desordem, impulsiona nova organização. Eros e Tânatos, Amor e Discórdia constituem, assim, vetores de uma mesma energia. O fenômeno da vida apresenta-se na sua operação conjunta.

A tarefa perene de transformar destruição em vida cabe a cada um de nós. Para a psicanálise, o meio de salvar-se é particular. Freud ressalta a ineficácia de qualquer solução coletiva.⁴⁸ O nascimento de cada criança reascende o embate entre Eros e Tânatos. Investigar melhor o modo como a pulsão se organiza, sua montagem, como diz Lacan⁴⁹, ajudará a entendermos melhor esse processo.

2.1.1

A montagem da pulsão

A pulsão consiste em tipo particular de estímulo aplicado à mente.⁵⁰ Difere das excitações externas por se caracterizar como força constante (*konstant Kraft*) produzida pelo próprio organismo. Se nos deparamos com qualquer estímulo demasiado agressivo vindo de fora, como um som perturbador, por

⁴⁷ LACAN, J. *O seminário 7* (1959-1960) – *A ética da psicanálise*, p.259.

⁴⁸ FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1930), p.90-91.

⁴⁹ LACAN, J. *O seminário 11* (1964) – *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p.153-164.

⁵⁰ As características da pulsão, bem como suas aventuras, são apresentadas de modo detalhado em *A pulsão e suas vicissitudes* (1915).

exemplo, simplesmente nos afastamos. Das exigências da pulsão, no entanto, não conseguimos fugir. A pulsão apresenta-se, assim, como o motor do aparelho mental. Impele-o à atividade, ao trabalho. Sua finalidade (*Ziel*) é sempre a satisfação. Como vimos, o aparato psíquico tem como função reduzir ao máximo sua tensão interna.

A pulsão manifesta-se como energia livre, não vinculada, ou investida em representações. Entenda-se representações como palavras, imagens de objetos ou emaranhados de sensações que registram na memória nossas aventuras com o mundo.⁵¹ Constituem lembranças que impõem limites à pulsão, originariamente livre, caótica. A pulsão apresenta-se, assim, historicamente determinada. Uma montagem com ares surrealistas, tamanha maluquice que caracteriza cada um de nós. E também por ser capaz de reverter-se em seu oposto, colocando de ponta-cabeça a montagem primeira.⁵²

O aspecto motor da pulsão, a contínua pressão (*Drang*) exercida sobre o psiquismo, não pode ser confundido com necessidades biológicas. As fontes (*Quellen*) da pulsão encontram-se no próprio corpo, o caldeirão emissor de mensagens à mente. Apoiam-se inicialmente nas necessidades, mas distinguem-se delas. Desde o nascimento, as marcas estabelecidas em nós referem-se a experiências de prazer/desprazer, vividas na relação com outro animal falante. Este outro dá significado às nossas manifestações. A satisfação não se reduz, assim, à pura descarga de certa quantidade de energia. Mediada por palavras, ela se transforma em expressão de sentido, direcionado a um outro. A quantidade investe numa qualidade.⁵³ Daí Freud definir a pulsão como conceito entre o somático e o mental.

Os traços registrados em nossa memória indicam as zonas erógenas preferenciais. A princípio, não há hegemonia de qualquer área corporal. Por isso, somos perverso-polimorfos. Queremos simplesmente aliviar a pressão que sentimos. Aos poucos, as preferências se instalam. E elas dizem respeito não

⁵¹ Para aprofundar estudo sobre representação, consultar FREUD, S.(1891) **A interpretação das afasias**, em especial p.67-77. André Green, em **Conferências brasileiras** ([1986]1990), desenvolve uma “teoria das representações” em que diferencia as “representações da coisa” (ou “imagem da coisa”, em Freud) – conjunto aberto de traços mnêmicos de qualidade heterogênea (visual, auditiva, olfativa, cinestésica...), e as “representações da palavra”, conjunto fechado de formas simbólicas que permite, no entanto, articulações ilimitadas.

⁵² LACAN, J. **O seminário 11**(1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.160.

⁵³ ETCHEVERRY, José Luis. **Sobre la versión castellana**, p.49.

apenas a nossas experiências, mas ao efeito que o olhar e a voz de quem nos acolhe exercem sobre nós. Nosso corpo constitui-se como simbólico, território de signos a serem interpretados. No homem, a natureza recobre-se de cultura.⁵⁴ Qualquer atividade realizada integra-se em trama de significações construída nas relações com os outros. Uma doença, portanto, manifesta a erotização de determinado órgão. Não se trata de puro dado natural. Poder-se-ia dizer que, em última instância, expressa a pulsão destrutiva operando em nós. Os sintomas são a fala do corpo. Pressionam o psíquico à produzir sentido.

No homem, o corpo mostra-se apenas como a via de entrada para a sexualidade, entendida de modo mais amplo pela psicanálise. Freud sempre insistiu na necessidade de suspensão dos recalques à sexualidade propriamente dita.⁵⁵ Percebia que as travas à realização dos desejos nesse campo acabavam por paralisar toda a máquina mental. Mas reduzir a sexualidade humana ao corpo corresponde a desconsiderar a particularidade de nossa espécie. Lacan interroga-nos: “Será que não se poderia dar que a linguagem tivesse outros efeitos além de levar as pessoas pela coleira a se reproduzirem em corpo ainda, em corpo a corpo, mais ainda, e em corpo encarnado, ainda?”⁵⁶

A geração de nova vida, no caso do homem, não se resume à produção de outro animal. Diz respeito à reinvenção do simbólico. E mais: quando este ser de linguagem procura o corpo do outro, não visa prioritariamente reproduzir a espécie. Às vezes isso acontece. O que o move é a busca pela satisfação, definida de modo muito particular, a partir da história de cada um. Contudo, algo nos une: a satisfação imaginada não vem, como já nos disse há pouco Fernando Pessoa. Essa insatisfação impulsiona o homem a inventar novas possibilidades de gozo, a construir uma outra satisfação, não mais restrita ao corpo. Incita à exploração de diferentes regiões gozosas de nosso território. Instaura o desejo, pois só se deseja

⁵⁴ Em **Natureza e Expressão: o problema do corpo em Freud**, Monah Winograd aprofunda essa discussão, relacionado-a com o avanço da medicalização.

⁵⁵ Freud define o *recale* como uma das vicissitudes da pulsão. Dedico todo o capítulo 4 desta tese ao recalque. Em breves palavras, podemos entendê-lo como operação inconsciente que proíbe certas representações perturbadoras de chegarem à consciência. A tradução brasileira da *Standard Edition* publicada pela Imago nomeia esta operação de *repressão*. O termo mostra-se inadequado por não dar ênfase ao caráter inconsciente dessa vicissitude pulsional. Tal palavra tampouco destaca o aspecto dinâmico dessa operação, pois o recalque implica na divisão entre dois sistemas psíquicos, o inconsciente e o consciente. *Reprimimos* uma idéia de vir à tona pontualmente, em virtude de certa situação contingente. Esta idéia, no entanto, não está *proibida* de vir à consciência. In: LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**, p.595.

⁵⁶ LACAN, J. **O seminário 20** (1972/1973) – **Mais, ainda**, p.63.

aquilo de que sentimos falta. Daí Lacan designar a falta como a marca fundamental da nossa espécie.⁵⁷ O desejo leva o homem a querer nadar como os peixes, voar como os pássaros, e a um mundo inimaginável de outras coisas ainda por vir.

A história se complica quando confundimos desejo com amor, no sentido cotidiano dado à palavra, que enfatiza a harmonia entre duas pessoas. O amor expressa, na verdade, a ignorância do desejo.⁵⁸ Evoca a imagem da completude da esfera, tão bem defendida pelo comediógrafo Aristófanes, no diálogo platônico *O banquete*.⁵⁹ Lacan destaca que aquilo usualmente chamado de amor corresponde, na verdade, à demanda de amor. Demandamos o amor do outro, supondo que de dois possa se fazer um. Enlaçamo-nos na expectativa de aplacar de vez nossa insatisfação. Nada mais falso e ilusório. Buscamos a paz, a satisfação absoluta. E nos defrontamos com a guerra.⁶⁰

Originalmente, a pulsão não tem qualquer objeto.⁶¹ Simplesmente tende a se esvaír, morrer. Em virtude disso, qualquer objeto que se lhe apresente pode ser tomado como meio de sua satisfação. O momento, o acaso, a contingência lhe oferecerão o conteúdo adequado para sua vinculação. A labilidade da pulsão, sua indeterminação, é sua qualidade fundamental. Dito de outra maneira, sua qualidade originária remete apenas à quantidade, a intensidades.⁶²

⁵⁷ Lacan aborda a outra satisfação, aquela relacionada ao *gozo feminino*, entendido como o gozo não restrito ao falo, em seu **Seminário 20 – Mais, ainda** (1972-1973), caps.V e VI. Abordo o tema na terceira parte deste trabalho.

⁵⁸ LACAN, J. **O seminário 20** (1973-1973) – **Mais, ainda**, p.13.

⁵⁹ PLATÃO. **O banquete**, p.95-99.

⁶⁰ “*Nós dois somos um só*. Todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois que eles sejam só um, mas, enfim, *nós dois somos um só*. É daí que parte a idéia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado.” In: LACAN, J. **O seminário 20**, p.64. Lacan chega a chamar o amor de *amuro*, evocando a assonância permitida pelo francês com *l’amour*. “Quando se olha para lá mais de perto, vêem-se as devastações”. In: LACAN, J. *Op.cit.* p.12..

⁶¹ “[O objeto] É o que há de mais variável num instinto e, originalmente, não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação”. In: FREUD, S. **A pulsão e suas vicissitudes** (1915), p.128.

⁶² Em um de seus últimos textos, **Análise terminável e interminável** (1937), Freud reconhece ter negligenciado o aspecto quantitativo, tanto na formação e perpetuação da doença, como na eventual *cura*. Reproduzo um dos diversos trechos em que ele aborda o tema: “Mais uma vez nos confrontamos com a importância do fator quantitativo e mais uma vez somos lembrados de que a análise só pode valer-se de quantidades de energia definidas e limitadas que têm de ser medidas contra as forças hostis. E aparece como se a vitória, de fato, via de regra esteja do lado dos grandes batalhões”, p.256. Consultar também páginas 242, 243, 245. Já na **Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas** (1916-1917), Freud observa: “Não basta uma análise puramente qualitativa dos determinantes etiológicos. Ou, expressando-o de outra maneira, é insuficiente uma visão simplesmente *dinâmica* desse processos mentais; requer-se também uma linha de abordagem *econômica*. Devemos dizer para nós mesmos que o conflito entre duas

Curioso perceber que justo essa característica – a de poder tomar qualquer objeto para sua satisfação – faz do homem animal eternamente insatisfeito. Aí está um dos paradoxos de nossa espécie: diante do excesso, sente falta. O homem coloca-se sempre em busca d'O objeto que lhe traga A satisfação absoluta. Freud nomeou-o *das Ding*, sempre inatingível.⁶³ Para a psicanálise, esse ideal de completude corresponderia à situação primitiva de suposta simbiose perfeita entre o bebê e seu primeiro objeto, representado pela mãe.

Nossa insatisfação não se resume, portanto, à parcialidade de qualquer descarga, mas à suposição que se tivéssemos outro objeto o prazer obtido teria sido melhor. Trata-se da sensação expressa em antigo ditado popular: “a grama do quintal vizinho está sempre mais verdinha”. Claro que, no lugar do vizinho, diríamos a mesmíssima coisa. Sempre demandamos uma satisfação mais além. Daí Lacan afirmar não haver relação sexual, ou que a relação sexual é impossível.⁶⁴

O começo da sabedoria deveria ser começar a perceber que é nisso que o velho pai Freud rompeu caminhos. Foi daí que parti, pois isto, a mim mesmo, me tocou um pouquinho. Aliás, poderia tocar qualquer um, não é? Ao perceber que o amor, se é verdade que ele tem relação com o Um, não faz ninguém sair de si mesmo. (Lacan [1972-1973]1985b, pp.64-65)

Entretanto, a disponibilidade para vincularmos a pulsão a qualquer objeto manifesta-se apenas na origem. Nosso processo de desenvolvimento opera determinações. A liberdade original fica, muitas vezes, completamente esquecida. A labilidade transforma-se em viscosidade. A energia manifesta-se, então, resistente à mudança, fixada em objetos e modos de satisfação.⁶⁵

Quando dizemos que desejamos um objeto, não temos clareza do complexo fenômeno psíquico que ele representa. Os objetos – coisas materiais,

tendências não irrompe senão quando foram atingidas determinadas intensidades de catexias, ainda que por muito tempo tenham estado presentes os fatores determinantes do conflito e referentes ao seu próprio tema”, p. 376.

⁶³ Freud utiliza este termo no **Projeto para uma psicologia científica** (1895). Com ele, visa designar o primeiro objeto, o seio materno, que supostamente permitiu a vivência de satisfação absoluta e completude. Tal busca por retornar aquela situação primeira de satisfação intensa marcaria toda a aventura pelos objetos. N'O seminário 7 (1959-1960) – **A ética na psicanálise**, Lacan afirma que “Das Ding deve ser identificado com...a tendência a reencontrar, que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto”, p.76.

⁶⁴ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.49.

⁶⁵ Em um fragmento de **Luto e melancolia** (1917[1915]), Freud resume tal estado: “é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo na realidade, que um substituto já lhes acena”, p.250.

peças ou ideais abstratos – tornam-se significantes para nós a partir de experiências concretas. O simples fato de adorar peixe ou odiar frango não tem relação exata com o cardápio. A situação em que eles nos foram apresentados define sua significação simbólica para nós. E ela é determinante nas nossas escolhas. Os desejos dão vestimenta à pulsão, originalmente despida de qualquer qualidade. Por isso, a psicanálise toma o desejo como objeto; o desejo como causa de desejo, como algo que nos enigmatiza e impele à atividade.

Freud vê na pulsão movimento contínuo de reversão a seu oposto. Tal reversão ocorre em virtude da existência de forças contrárias à manifestação daquela pulsão. Ela só consegue afirmar-se se sofrer modificações. Voltemos à tendência originária da pulsão: o desaparecimento, a descarga total da energia existente no organismo. A primeira reversão da pulsão se dá, portanto, na mudança do vetor em direção à vida. Freud demonstra esse movimento reversivo a partir da oposição masoquismo/sadismo, entendidos como expressões de passividade e atividade, respectivamente.⁶⁶

Os primeiros investimentos libidinais manifestam-se de modo puramente destrutivo. A satisfação apresenta-se masquista. E o objeto dessa destruição é o próprio organismo.⁶⁷ A observação dessa tendência permanece obscura, reconhece Freud. Decorre, justamente, da descoberta da pulsão de morte. É mais fácil identificar a reversão a seu oposto, ou seja, sua transformação em sadismo. Nele, a satisfação se dá na eliminação do que nos provocou excitação, na submissão do objeto a nossa vontade. O ato de comer expressaria a primeira manifestação dessa tendência. Destruímos o alimento, incorporando-o a nós.

O desenvolvimento implica a submissão ao outro. Faz-se necessária a reversão, mais uma vez, do sadismo em masoquismo. A “destruição” voltada para

⁶⁶ E também na oposição entre voyeurismo/exibicionismo. Em ambos os casos a reversão ocorre na mudança entre atividade e passividade. No caso, ver e ser visto. In: **A pulsão e suas vicissitudes** (1915), p. 132.

⁶⁷ Em 1915, Freud ainda não havia formulado o conceito de pulsão de morte. Daí ele falar, neste momento, que o primeiro movimento é sádico, destrutivo em relação ao exterior. No entanto, se lemos esse texto a partir das descobertas posteriores, podemos pensar que a reversão a seu oposto aplica-se à transformação de morte em vida. Ele mesmo o sugere no texto **O problema econômico do masoquismo** (1924), onde reconhece como primeiro movimento pulsional o masoquismo – a autodestruição – e não o sadismo – a busca por destruir o exterior – como havia afirmado em **A pulsão e suas vicissitudes** (1915). Afirma Freud em 1924: “Nos organismos, a libido enfrenta o instinto de morte ou destruição neles dominante e procura desintegrar o organismo celular e conduzir cada organismo unicelular separado para um estado de estabilidade inorgânica. A libido tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esse instinto, em grande parte, para fora (...) no sentido de objetos do mundo externo”, p.181. Tal idéia será reafirmada em **O mal-estar na civilização** (1930), **O Ego e o Id** (1923), entre outros textos.

nosso próprio Eu, nesse caso, opera uma transformação.⁶⁸ Tal como um oleiro tem de submeter o barro à sua força para produzir o vaso, temos de impor uma forma a nós. Jamais tocaremos piano sem nos submetermos à linguagem musical, às regras do instrumento. Assim, a pulsão será educada a manifestar-se de maneira ordenada. E criadora, se revertermos, de novo, o masoquismo em sadismo. Nesse movimento, impomos no mundo o produto resultante de um processo de dominação. Colocando-nos de maneira passiva em relação aos objetos, temos a possibilidade de nos tornar ativos por meio deles. Isso nos leva a pensar numa *atividade-passiva* como etapa necessária para a *atividade-ativa* da produção do próprio discurso.

Na *atividade-passiva* observa-se o esforço por abandonar certa configuração de forças com o intuito de construir outra, mais rica e complexa. A *atividade-passiva* corresponde ao que Freud chamou de masoquismo feminino, associado por ele à forma máxima do desenvolvimento sexual. Nessa expressão do masoquismo surgem as “situações de ser copulado e de dar nascimento, que são características da feminilidade”.⁶⁹ Entenda-se feminino, aqui, como metáfora. Refere-se à capacidade de reconhecer o desejo, a falta. E de engajar-se na geração de algo para aplacá-lo.

O masoquismo feminino apresenta-se, portanto, criativo. O movimento de reversão masoquismo/sadismo da pulsão resulta em invenção. O sofrimento experimentado no processo é recompensado por satisfação mais intensa, obtida com o produto criado. A pessoa busca, então, repetir aquela “gostosa dor”. O desprazer reverteu-se em vida nova. Talvez encontre-se aí modo de manifestação da *sublimação*, aventura pulsional jamais abordada longamente por Freud. Para Lacan, ela tem o caráter de criar novos mundos.⁷⁰

⁶⁸ Em **Sobre la versión castellana**, Echeverry compara o objeto da pulsão à causa formal proposta por Aristóteles. Ao comentar a reversão da pulsão do sadismo ao masoquismo, observa: “La vuelta de la agresión hacia la persona propia sería un cambio de forma: mejor dicho, la persona cobraría la forma del objeto”, p.57.

⁶⁹ FREUD, S. **O problema econômico do masoquismo** (1914), p.182.

⁷⁰ “[A pulsão de morte] indica esse ponto que lhes designo alternativamente como sendo o do intransponível ou o da Coisa [*das Ding*]. Freud desenvolve aí sua sublimação referente ao instinto de morte, dado que essa sublimação é fundamentalmente criacionista (...) A produção é um domínio original, um domínio de criação *ex nihilo*, uma vez que nele introduz a organização do signifiante no mundo natural”. In: LACAN, S. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.261-263. No texto **A pulsão e suas vicissitudes**, Freud cita a sublimação como uma das aventuras pulsionais, mas não a aborda. Afirma que dedicará um texto específico sobre tal noção, o que nunca foi feito. Abordarei o tema no capítulo 6 deste trabalho. Em poucas palavras, destaco que a sublimação não pode ser confundida com o recalque. Ela implica no desvio da

Freud também identifica um tipo de masoquismo predominantemente destrutivo, o masoquismo moral.⁷¹ Ele se manifesta muitas vezes como sadismo, pois a pessoa age de modo agressivo com seu entorno. Expressa-se como uma *passividade-ativa*. A agressividade voltada para fora esconde a destrutividade operante dentro do próprio organismo. O indivíduo vive sob a tortura do olhar e da voz de agente interno, a quem demanda amor. O sadismo que direciona para fora deriva de seu tormento íntimo, nomeado por Freud de *sentimento inconsciente de culpa*⁷². A pessoa nada sabe dele, mas o evidencia em seus atos e falas. Há casos extremos de masoquismo moral em que o sadismo não chega sequer a dirigir-se para fora. Provoca tamanho sofrimento à pessoa que ela, literalmente, se mata. O vetor da energia dirige-se para o aniquilamento, não revertido em criação. O masoquismo moral é estéril. Representa vida desgostosa, onde o prazer resume-se a sofrer e infligir dor.

Uma outra vicissitude pulsional refere-se à reversão do conteúdo da pulsão.⁷³ Freud considera conteúdo o tipo de afeto dirigido aos objetos. Identifica, basicamente, três opostos ao conteúdo amor: a indiferença; o ódio; o ser amado. A primeira forma de relação com os objetos é marcada pela indiferença. Afinal, o organismo primitivo não tem qualquer noção sobre o mundo objetal. A partir do momento que passa a tomar conhecimento da realidade, o Eu estabelece relação agressiva com ela. O organismo primitivo quer satisfazer-se e qualquer coisa que impeça seu prazer deve ser destruída. O ódio, portanto, antecede ao amor. Aliás, o ódio caracteriza a relação com qualquer objeto estranho e desconhecido, que atrapalha a satisfação do Eu. A pessoa ama-o odiando. Constrói-se, assim, relação ambivalente, mistura de amor e ódio, característica presente, aliás, em qualquer relação amorosa. Para deixar claro o ódio do enamoramento, Lacan chama-o de *amódio*⁷⁴.

Não se pode excluir nem mãe nem pai, nem irmão ou qualquer outra pessoa desse tipo de descrição. A família constitui o conjunto dos primeiros objetos da criança, que se apresentam, portanto, como alvo do ódio infantil e não

tendência do campo sexual propriamente dito não pela proibição, mas pela afirmação do interesse em outra direção. Relaciona-se com a citada outra satisfação, a qual refere-se Lacan. O recalque estaria relacionado ao masoquismo moral, que desenvolve a seguir.

⁷¹ FREUD, S. **O problema econômico do masoquismo** (1914), p. 183 e seguintes.

⁷² FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), caps. VII e VIII, e, especificamente, p.141.

⁷³ FREUD, S. **A pulsão e suas vicissitudes** (1915), p.138 e seguintes.

⁷⁴ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.122.

exatamente do amor. Mas tais objetos também oferecem satisfação, apresentam-se como veículos de prazer. Daí o desenvolvimento do afeto amoroso, e da relação ambivalente. A partir da descrição de Freud, podemos reconhecer, também, que o ódio é mais frequente que o amor. Tendemos a odiar tudo aquilo que vá de encontro a nossa satisfação. Daí a suposição de Lacan já apresentada: a relação sexual é impossível.

A partir do momento em que o outro passa a oferecer satisfação ao Eu, a vicissitude pulsional afirma o conteúdo “ser amado”. O Eu submete-se, dessa maneira, às determinações do objeto. A atividade, típica do sadismo, reverte-se em passividade, no masoquismo. Tal reversão mostra-se necessária ao desenvolvimento do Eu. No entanto, a fixação nesse modo de amar exige que Eu sempre esteja de acordo com o outro, levando ao masoquismo moral. Como vimos, Eros transforma-se em Morte ao sufocar a manifestação do heterogêneo.

A *perdição criadora* corresponde à aventura pulsional típica do masoquismo feminino. Implica a assunção do desejo. A pessoa reconhece que algo lhe falta, lhe ex-cita, e submete-se ao tal objeto desconhecido. Ela o odeia inicialmente, mas transforma o ódio em amor, a partir do momento que começa a dominá-lo e a obter satisfação com ele. Todavia, o objeto sempre escapa, algo sempre falta em sua dominação. Essa dinâmica *amódio* incita ao perene movimento em direção ao mais além. Nesse processo, a pessoa desenvolve modo de amar narcísico, não mais centrado no amor do outro. Retorna, de certa maneira, à indiferença. Não em relação a todo o mundo objetal, como acontecera no narcisismo primitivo e infantil. A indiferença dirige-se a tudo o que proíba a afirmação de seu desejo.

2.2

Caos e criação

É em torno desta questão que gira a discussão inteira de Freud – energeticamente, o que é o psiquismo?⁷⁵

Jacques Lacan

Freud formula sua hipótese do aparelho psíquico inspirado no modelo energético da física, mais especificamente na termodinâmica, que estuda as leis que regem relações entre trabalho, calor e outras formas de energia. Tal campo da ciência se desenvolve no século XIX, em virtude dos enigmas colocados pela operação da máquina a vapor e outros dispositivos térmicos, usados como geradores de energia para a produção industrial. As descobertas da termodinâmica provocam uma revolução no pensamento científico.

A ciência clássica compreendia a natureza como uma máquina previsível e controlável, passiva ao olhar do observador. Reduzia a complexidade aparente da natureza a leis universais e deterministas. Sua concepção de universo aproximava-se do mundo das idéias de Platão. Em ambos a “ambição era descobrir o que permanece imutável para além da mudança aparente”.⁷⁶ Ao abordar os fenômenos térmicos, os físicos se depararam com processos irreversíveis e com a tendência inevitável dos sistemas à morte térmica.⁷⁷ Contemporânea do darwinismo, a termodinâmica também trata da evolução. Mas suas formulações levaram à descoberta de que o devir resulta do caos, da desordem.

A apropriação por Freud dos conceitos da termodinâmica já foi muito censurada. Chegou-se a nomeá-la de “hipótese fantástica”, ou até delirante.⁷⁸ As

⁷⁵ LACAN, Jacques. **O seminário 2** (1954/1955) – **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**, p.100.

⁷⁶ PRIGOGINE, I. **As leis do caos** (1993), p.14.

⁷⁷ Em física, a palavra *sistema* designa um corpo qualquer (ou um conjunto de corpos) que delimitamos para fins de estudo. Tudo que não pertence ao *sistema* denomina-se *vizinhança*, ou *meio*. Entende-se por *morte térmica* a transformação da energia dos sistemas em sua forma mais degradada, o calor. CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação** (1982), p.66,67.

⁷⁸ GARCIA-ROZA, L. **Metapsicologia freudiana**. Vol.1, p.80. E também Laplanche e Pontalis.

idéias apresentadas em *Além do princípio de prazer* também são consideradas por muitos especulação absurda. Lacan destaca, no entanto, que a inspiração de Freud na física faz da psicanálise uma forma de pensar que não se limita à simples continuação do humanismo.⁷⁹ Trata-se de modo de entendimento da vida que transcende o funcionamento da espécie humana. E mesmo se dermos crédito aos críticos de Freud, restaria a pergunta: quem pode negar certa dose de imaginação em qualquer construção, mesmo científica? Deixo a resposta a Isabelle Stengers (1949-) e Ilya Prigogine (1917-2003), este vencedor do prêmio Nobel de Química de 1977, por sua formulação da teoria das estruturas dissipativas, baseada na termodinâmica:

Qualquer que seja seu conteúdo, uma ‘visão científica do mundo’ é por definição fechada, cheia de certezas, privilegiando as respostas em detrimento das perguntas que as suscitaram. Gostaríamos de fazer compartilhar não uma ‘visão do mundo’, mas uma visão da ciência. Da mesma forma que a arte e a filosofia, a ciência é antes de tudo experimentação criadora de questões e significações. (Stengers & Prigogine, [1988]1992, p.20).

A abordagem de alguns conceitos da termodinâmica nos permitirá melhor apreender a idéia da pulsão de morte e sua relação com a experiência de *perdição criadora*. Pode parecer-lhes que complicarei ainda mais tema tão complexo. Penso, porém, que esses conceitos, extraídos das ciências naturais, nos oferecem boas referências para a investigação de nossa intrincada vida emocional. Não se pode reduzir o homem ao dado natural, mas tampouco me parece possível deixar de reconhecê-lo como um organismo específico, que integra a natureza. Em minha defesa, recorro às palavras do mestre da psicanálise: “Podemos ter dado um golpe de sorte ou haver-mos extraviado vergonhosamente.”⁸⁰

O conceito de pulsão pode ser comparado ao conceito de energia, da física. A definição exata de ambos permanece pouco precisa. Todavia, tanto um como outro conceito apresentam-se fundamentais em seu campo de investigação.⁸¹ Em

⁷⁹ LACAN. J. **O seminário 2** (1954-1955) – **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**, p.96.

⁸⁰ FREUD, S. **Além do princípio de prazer** (1920), p.69.

⁸¹ Sobre tal comparação, afirma Lacan em seu **Seminário 4** (1956-1957) – **As relações de objeto**: “Freud foi levado pela noção energética a forjar uma noção que se deve usar na análise de modo comparável à da energia. É uma noção que, assim como a da energia, é inteiramente abstrata, e que consiste numa simples petição de princípio, destinada a permitir um certo jogo do pensamento. Ela permite unicamente expor uma equivalência, a existência de uma medida comum, entre

1847, o físico inglês James Prescott Joule (1818-1889) propõe uma conexão entre a química, a ciência do calor, a eletricidade, o magnetismo e a biologia. Ele descobre o fenômeno da conversão: em qualquer processo físico-químico observa-se que “alguma coisa” muda de forma, mas se conserva quantitativamente sempre igual.⁸² Essa “alguma coisa” que se mantém constante, apesar de se converter em qualidades diversas, será nomeada posteriormente de energia.

O termo vem do grego *ergon*, que significa trabalho, obra, ação, e de *enérgeia*, força em ação. A definição usual refere-se à energia como “capacidade que um corpo, uma substância ou um sistema físico têm de realizar trabalho”⁸³. Trabalho, aqui, relaciona-se às trocas energéticas entre os sistemas e à sua transformação qualitativa. A constatação de Joule levou à formulação da primeira lei da termodinâmica, o princípio de conservação da energia. A quantidade de energia no universo permanece constante, apesar de ela se apresentar de modos variados: química, mecânica, elétrica, atômica etc. A água de uma cachoeira, por exemplo, produz energia mecânica e, ao movimentar as turbinas de uma usina, gera energia elétrica. A ingestão de alimentos nos garante a geração de energia química, necessária à subsistência de nosso organismo.

Em sua investigação sobre o funcionamento da máquina a vapor, os físicos descobriram que parte da energia envolvida no processo se dissipava sob a forma de calor. Essa parcela de energia tornava-se inútil àquele sistema, não era mais aproveitável. Perdera-se de vez, pois fora convertida na forma degradada da agitação térmica. Os cientistas constataram, também, que tal processo não ocorria apenas nas máquinas térmicas. Todas as formas de energia tendem a se converter integralmente em sua expressão mais desordenada, o calor.

Deriva dessa descoberta a segunda lei da termodinâmica. Segundo ela, qualquer sistema físico isolado avançará espontaneamente na direção de desordem sempre crescente.⁸⁴ Sua energia tende para o caos. Em outras palavras: os sistemas evoluem na direção da própria dissolução. Dirigem-se, portanto, à morte térmica. Curioso perceber que as representações do inferno, na cultura

manifestações que se apresentam como qualitativamente muito distintas. Trata-se da noção de libido”, p.44.

⁸² PRIGOGINE & STENGERS. **A nova aliança** (1978), p.87-89.

⁸³ Conferir **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**.

⁸⁴ Ela foi apontada pela primeira vez pelo engenheiro e matemático francês Sadi Carnot (1796-1832), em 1924, mas enunciada formalmente por Rudolf Clausius (1822-1888). In: CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação** (1982), p.67 e 68 e PRIGOGINE & STENGERS. **A nova aliança**, p.91.

cristã, estão associadas a lugar quente. “Aqueles que caem em perdição”, ameaçam os crentes, “arderão no fogo do inferno”. Os que ali chegam romperam de alguma forma com a ordem cultural, entregaram-se à agitação pulsional.

Os sistemas tendem para a degradação, mas cada um deles chega ao estado último de modo particular. O contato entre os sistemas promove sua complexificação. Tal mistura exige trabalho e retarda sua tendência à dissolução. O homem criou aparatos capazes de acumular e transformar a energia no trabalho necessário à produção de bens, artifícios que reverterem o vetor natural da energia. Mesmo aí, vale lembrar, sempre haverá uma parcela da energia que se dissipa e se torna inútil. As máquinas deterioram-se, os corpos perecem, os sistemas desorganizam-se. Irreversivelmente.

Como vimos no primeiro capítulo, o conceito de pulsão ressalta essa característica. Freud entende a vida como contínuo adiamento da morte. Para isso, também “criamos” um artifício: o aparelho psíquico. Afinal, ao nascermos ele não está lá. Ele se forma aos poucos, a partir do contato com outros sistemas, que nos provocam irritações e nos impelem à ação. Envolvemo-nos com eles e, progressivamente, tornamos nosso próprio sistema mais complexo. O aparelho psíquico constitui nossa usina mental. Ele tem a função de transformar nossa energia em vida.⁸⁵ Há certos aparelhos que garantem isso com maior eficácia. Outros, por alguma razão, operam principalmente para a destruição da própria usina.

A afirmação da segunda lei da termodinâmica levou à formulação do conceito de entropia⁸⁶, que permite medir o grau de desorganização presente em um sistema. O estado de entropia máxima corresponde ao de maior equilíbrio, pois acolhe a confusão entre as forças. Não há resistência que defina qual delas deva imperar. Dependendo do momento, uma assume o poder. Daí o caos.

Curioso notar que a forma mais equilibrada de um sistema corresponde ao caos. Ali não existe qualquer lei que imponha uma ordem. Não há resistências para obrigar determinadas relações aos elementos do sistema. Concordaremos

⁸⁵ N’O seminário 17 (1969/1970) – **O avesso da psicanálise**, Lacan destaca a importância da termodinâmica para o pensamento de Freud e afirma que ela permite reconhecer o reino do significante: “o S1 [o significante-mestre] é o dique. O segundo S1 é, abaixo, o reservatório que o recebe e faz girar uma turbina”, p.75.

⁸⁶ Rudolf Clausius enunciou o conceito de entropia em 1865, no trabalho: “*On Several Convenient Forms of the Fundamental Equations of the Mechanical Theory of Heat*”. O termo foi cunhado pelo próprio Clausius, numa combinação entre as palavras energia e *tropos*, palavra grega que desinga transformação ou evolução. In: CAPRA, F. **O ponto de mutação** (1982), p.68.

com os físicos se lembrarmos que, continuamente, temos que trabalhar para manter nossos sistemas em ordem, sejam eles nossa casa, o carro que possuímos, ou mesmo nosso corpo. Arrumamos uma gaveta e o simples ato de abri-la já desorganiza tudo. Se deixarmos os sistemas operarem livremente, tenderão à desordem.

A ordem é mais instável que a desordem. Corresponde, no mundo físico, às configurações específicas assumidas pelos organismos. Suas formas perduram por certo período. Seu desaparecimento, ou morte, reflete apenas a transformação daquela forma ordenada em outra. A energia total no universo nunca se altera. Tal idéia aproxima-se da famosa frase bíblica, que virou ditado popular: “Do pó viemos e ao pó voltaremos”. O mito secretou verdade científica aparentemente complexa.

O que vive ou morre são ordenações específicas de certa quantidade de energia. A vida corresponde, portanto, ao trabalho, à luta efetuada por determinado sistema para impor sua maneira particular de agenciar a energia. O fim da luta ocorre quando certa ordenação dissolve-se no caos, no indeterminado, no impessoal. A criação envolve o enfrentamento do caos, sem sucumbir nele.⁸⁷

O conceito de entropia foi incorporado a diversos campos, entre eles a psicanálise e a teoria da comunicação. “A entropia é um E maiúsculo, absolutamente indispensável ao nosso pensamento”, afirma Lacan em seu *Seminário 2* (1952/1953).⁸⁸ A descoberta da disposição natural dos sistemas à desordem leva-nos a pensar estratégias para manter nossa usina em funcionamento.

No campo da comunicação, a entropia revela a presença do ruído, da confusão entre emissor e receptor. Precisamos de físicos, matemáticos e engenheiros para nos indicar algo tão corriqueiro: a comunicação com o outro é impossível. Sempre nos deparamos com a incompreensão. Na verdade, os cientistas buscavam meios de neutralizar os ruídos. Em 1949, Claude Shannon (1916/2001) e Warren Weaver (1894/1978), da Bell Telephone Laboratories,

⁸⁷ Na análise que faz do conceito de pulsão de morte de Freud e sua relação com o pensamento de Empédocles, José Luis Etcheverry observa: “El amor quiere aglomerarlo todo (...)pero poco a poco se insinua la discordia, que lo va desagregando todo; en el proceso de desagregación nacen las cosas singulares y sus formas, fruto de la lucha entre ambas fuerzas, hasta que se llega a la dispersión total; y el ciclo recomienza, por la obra del amor, em sentido contrário”. In ETCHEVERRY, J.L. **Sobre la version castellana**, p.54.

⁸⁸ LACAN, J. **O Seminário 2** (1952/1953) – **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**, pp108-109.

enunciam as bases de seu pensamento no livro *A teoria matemática da comunicação*. Seu desafio era criar códigos capazes de garantir a transmissão eficaz das mensagens – traduzidas em quantidades de informação – por meio de cabos telefônicos.⁸⁹

Tal como a termodinâmica, a teoria da informação surgiu a partir de problemas propostos por invenções tecnológicas. Isso nos leva a supor o caráter inconsciente e imprevisível do pensamento. Construimos discursos para dar sentido a problemas impostos pelo real. As próprias tecnologias constituem produções simbólicas que respondem a irritações provocadas pelo real.

Segundo a teoria da informação, qualquer sistema não submetido a um código apresenta-se em entropia, estado em que quaisquer sinais emitidos por ele têm equiprobabilidade de compor uma mensagem. O teclado do computador, por exemplo. Se não o submetemos a um código que organize probabilidades, acabaremos produzindo agrupamentos do tipo *xxctpv* ou *ppoihiuri*. Mensagens caóticas, que nada significam para nós, puro ruído textual. No entanto, altamente “informativas”. Shannon e Weaver definem “informação” como o grau de imprevisibilidade, de surpresa, de uma mensagem. Um sistema que opera livremente se encontra em estado de entropia máxima, de desordem absoluta. Na metáfora que proponho, o sistema encontra-se *perdido*. Não há tensão que imponha uma direção.

O código instaura previsibilidades, limita a liberdade dos sinais utilizados na composição das mensagens. Estabelece hierarquias. Por isso podemos brincar de palavras cruzadas ou do jogo da forca. Na língua portuguesa, na busca por descobrir a palavra escondida nos traços em branco, arriscamos inicialmente as vogais, a começar pelo *a*. Os falantes da língua alemã talvez iniciem o jogo por consoantes... Recorremos às probabilidades previstas pela ordem do código. Contudo, para Shannon e Weaver, uma mensagem exitosa deve provocar a alteração no comportamento do receptor. Conjuntos de signos muito previsíveis não despertam interesse. Eis o desafio do emissor: criar mensagens ao mesmo

⁸⁹ Um ensaio de Weaver, de mesmo título do livro publicado com Shannon, também de 1949, integra a coletânea **Comunicação e indústria cultural**, organizada por Gabriel Cohn (pp.25-37). Vários autores abordam a relação entre a *teoria matemática da comunicação* e estética. Entre eles, Teixeira Coelho, em **Semiótica, informação e comunicação**, pp.119-192, e Umberto Eco, em **A estrutura ausente**, pp.3-19. Sobre o tema, afirma Lacan n' **O Seminário 2** (1954-1955) – **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**: “A teoria da informação: aí é a primeira vez que aparece na qualidade de conceito fundamental a confusão como tal, esta tendência que existe na comunicação a deixar de ser comunicação, isto é, a não comunicar mais nada”, p.109-110.

tempo atraentes e inteligíveis, ou seja, portadoras de um grau relativo de entropia. A desorganização aparente da mensagem apresenta-se como enigma, convidando à decifração.

Na arte, a ênfase não está exatamente na inteligibilidade, mas na invenção de possibilidades expressivas. Persegue-se a transformação do próprio código. Algumas mensagens artísticas, portanto, trazem grau de entropia de tal forma elevado que parecem a muitos puro ruído.⁹⁰ Confusão, entropia máxima, caos. No entanto, há uma ordem ali, só que não apreendida pela maioria das pessoas. Tais mensagens expressam a *perdição criadora*. Aqueles que as produzem experimentam a agitação da imprevisibilidade, mas acabam por impor nova organização. Eles escolheram os elementos de seu discurso em repertório mais amplo do que o usual, e os agruparam de maneira diferente.

Recorramos a uma analogia com o campo da música para melhor entender esse processo. O sistema tonal dominou a música ocidental durante três séculos, desde fins da Renascença até meados do *novecento*. Tal sistema define certas regularidades, determinadas regras para a ordenação do discurso musical. Estabelece um código, uma linguagem. Sua estrutura organiza-se em torno de uma nota fundamental, a tônica. Ou seja, há uma hierarquia no modo de usar os grupos de notas, tomando como referência a primeira nota da escala. A tonalidade, como o sistema ficou conhecido, criou novo ambiente sonoro.⁹¹ Instituiu a tônica como centro de atração, travando a aleatoriedade na escolha dos sons para a composição de uma peça musical.

O sistema tonal acolheu certos arranjos sonoros tão estranhos aos ouvidos da época que eram considerados coisas do diabo durante a Idade Média.⁹² Pareciam ruídos, no sentido da Teoria da Informação. Johann Sebastian Bach (1685-1750) apresenta-se como seu grande formulador, especialmente em sua

⁹⁰ Sobre o ruído, observa Weaver: “Quando há ruído, é certo que o sinal recebido foi selecionado a partir de um conjunto mais variado de sinais do que o originalmente pretendido pelo emissor. (...) A incerteza que decorre da liberdade de escolha da parte do emissor é uma incerteza desejável”. In: COHN, G. **Comunicação e indústria cultural**, p.31. O ruído aumenta o grau de entropia de uma mensagem, que parece mais desorganizada para o receptor.

⁹¹ WISNIK, J.M. **O som e o sentido**, p.113.

⁹² O sistema tonal acolhe dissonâncias que se resolvem, se apóiam numa consonância. “O fato de que a escala diatônica abrigue dentro de si necessariamente a ‘falha’ do trítone, a dissonância incontornável, se tornará na Idade Média um problema não só na música, mas moral e metafísico: o *diabolus in musica* intervém na criação divina (...) devendo ser evitado e contornado por uma série de expedientes composicionais”. In: WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**, p.83. Este mesmo livro serviu-me como referência para os comentários seguintes, bem como o **Dicionário Grove de música**, editado por Stanley Sadie.

obra *Cravo bem temperado*, publicada em 1722. O que chamamos ainda hoje de *escala do dó maior* ou *escala de lá menor*, entre outras, nomeia certa ordenação específica entre os intervalos das notas, que gira em torno da nota dó ou da nota lá. Os músicos criam suas composições a partir das linhas melódicas e relações harmônicas definidas nessas escalas. Acolhem dissonâncias, conflitos e tensões, sempre resolvidas com o retorno ao fundamento da tônica, a primeira nota da escala.

A partir de meados do século XIX, alguns compositores começaram a ousar incluir em suas peças certos arranjos sonoros não mais resolvidos em torno da tônica. Beethoven (1770/1827) já fez seus experimentos. Richard Wagner (1813/1883), Gustav Mahler (1860/1911) e Claude Debussy (1862/1918) estão entre aqueles que exploraram o cromatismo⁹³ em suas composições, escapando da ordem tonal. A música começava a abstrair do fundamento, do chão oferecido pela nota principal. Ela não mais se apresenta como o centro para a construção da hierarquia dos acordes. Surge, por volta de 1920, o atonalismo, o dodecafonismo, o serialismo, que rompem efetivamente com o sistema tonal. Para muitos ouvidos contemporâneos, a música de Arnold Schönberg (1874/1951), e de seus discípulos Anton Webern (1883/1945) e Alban Berg (1885/1935), ainda soa estranha. Parece caótica e desorganizada. Entrópica, portanto. Na verdade, ordena-se segundo código ainda pouco usual aos não iniciados. Magno relaciona essa *atectonia*⁹⁴ musical com a crise dos fundamentos vivenciada desde a virada do século XIX para o século XX. A mesma transformação pode ser observada nas artes plásticas, não mais referidas à representação.

A entropia relaciona-se com desordem e morte. Mas também, como vimos, com a criação. O caos pode gerar vida renovada, pois está para além do código vigente. Para a psicanálise, o caótico remete à expressão da pulsão. Provoca ruptura com a cadeia de representações. Por isso, apresenta-se como traumático.⁹⁵ O trauma corresponde ao choque vivido pelo organismo diante do

⁹³ Uso de notas que não fazem parte da escala. In: SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de música**.

⁹⁴ MAGNO, MD. **Psicanálise**. Novamente, p.19-20.

⁹⁵ A noção de trauma percorre toda a obra de Freud. Já em suas reflexões sobre a histeria, em textos de 1893 – **Sobre os mecanismos dos fenômenos histéricos**, de 1896 – **Etiologia da histeria**, ele destaca que os sintomas neuróticos são efeito de um choque profundo, intolérável, experimentado por alguém. Naquele momento, o trauma referia-se à ruptura da organização do Eu provocada pelo impulso sexual. A partir de **Narcisismo: uma introdução** (1914), no entanto, Freud começa a pensar no trauma como expressão da força pulsional destrutiva. Na mesma época, Freud escreve **Luto e melancolia** (1915) e **Reflexões sobre tempo de guerra e morte** (1915), que

real, aquilo que se mantém para além ou para além da ordem simbólica.⁹⁶ O sistema nervoso é invadido por grande quantidade de energia livre, que demanda escoamento. O ato criador constitui resposta original ao excesso pulsional, resulta da elaboração diante do trauma. Também se reage ao aumento súbito de energia com a produção de sintomas, que contêm a energia liberada em respostas cristalizadas, a partir de então repetidas de modo compulsivo.

Em psicanálise, o ato sempre traz uma marca inaugural. Instaura um corte na lei vigente. Corresponde a acontecimento inesperado, inaudito. “O ato (puro e simples) tem lugar por um dizer, e pelo qual modifica o sujeito”, afirma Lacan. E completa: “Andar só é ato desde que não diga apenas ‘anda-se’, ou mesmo ‘andemos’, mas faça com que ‘cheguei’ se verifique nele.”⁹⁷ E muitas vezes não *chega* apenas para si. Tal “chegada” também se oferece como ponto de partida para outros.

abordam a manifestação da pulsão destrutiva. Debruça-se, alguns anos depois, sobre as neuroses de guerra. Essas reflexões culminam na formulação do conceito de *pulsão de morte*, em **Além do princípio de prazer** (1920). Neste texto, Freud inclui reflexão sobre trauma em ampla análise sobre o funcionamento de nosso psiquismo, que derivará na elaboração de sua segunda tópica três anos depois, em **O Ego e o Id** (1923). Aqui o trauma refere-se à expressão da pulsão desvinculada de representações, ou seja, à energia livre, que tende para a morte. Em **Inibições, sintomas e angústia** (1926), Freud destaca que o trauma refere-se a própria constituição do psíquico, construído como defesa ao excesso pulsional existente na origem. No trabalho de 1920, retoma, atualiza e amplia hipóteses que havia construído já em 1895, no **Projeto para uma psicologia científica**, e em estudos como **Formulação dos dois princípios do funcionamento mental** (1911).

⁹⁶ O conceito de real formulado por Lacan assume diversas enunciações em sua obra. Não procederei uma análise do conceito, utilizo-o aqui para referir-me àquilo que está para além da ordem simbólica, que opera como empuxo constante na produção de novas realidades. N’**O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, encontramos algumas definições do termo: refere-se àquilo que sempre retorna ao mesmo lugar, “a esse lugar onde o sujeito, na medida em que cogita, não o encontra”, p.50; “está para além do *automaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer”, p.56; “O real é o choque, é o fato de que isso não se arranja imediatamente. (...) O real se distingue (...) por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia, em seguida, admite algo de novo, que é justamente o impossível”, p.159.

⁹⁷ LACAN, J. *O ato psicanalítico* (1967-1968). In: _____. **Outros escritos**, p.371. A psicanálise estabelece diferenças entre as modalidades de ação pelas quais o aparelho mental responde às exigências pulsionais: *ato falho*; *acting out*; *passagem ao ato*; e *ato*. Em poucas palavras, poderíamos dizer que as duas primeiras manifestações estão no campo da representação, fazem parte do jogo simbólico. O *ato falho* provoca uma ruptura com a ordem vigente, mas indica outra ordem em ação, inconsciente. O *acting out* corresponde à *atuação de um papel* em uma cena, que esconde desejos inconscientes. As duas últimas modalidades indicam uma ruptura com o campo do discurso. A pessoa é atravessada pela pulsão. Mas enquanto a *passagem ao ato* tem caráter puramente destrutivo, o *ato* engendra novos começos. Freud dedica **Psicopatologia da vida cotidiana** (1901) ao estudo dos atos falhos. Em **Recordar, repetir e elaborar** (1914), entre outros, aborda o *acting out* (p.166-167). Lacan dedica todo seu **Seminário 15** (1967-1968), ainda não publicado, ao tema. O ato também é trabalhado em outros seminários, dentre eles **O seminário 10** (1962-1963) – **A angústia**, cap. IX, **O seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro ao outro**, cap. XXII. Sobre passagem ao ato, ver também GUIMARÃES, Maria Celina Pinheiro. **O estatuto renovado da passagem ao ato**.

O ato criador desperta novas formas. A consistência da criação, sua força para sustentar-se face à tendência à dissolução, indicará seu tempo de vida. O poder de se impor a outras formas fará com que sua duração seja mais longa ou mais curta. Apesar de inúmeras críticas ao longo de mais de dois milênios, ainda hoje lemos Platão e Aristóteles. A luta que realizaram para afirmar seu modo de interpretar a vida, ou a maneira de agenciar sua energia, foi de tal magnitude que encantou outras pessoas e os tornou eternos. Algo despertado por eles ainda ecoa em muitas pessoas.

Filósofos, artistas, líderes religiosos dão forma simbólica aos afetos que experimentam em seu sistema energético. Neste sentido, o conjunto de ideias ou formas expressivas inventados por eles nada mais são do que grandes configurações que ordenam milhões de outros pequenos sistemas, os indivíduos. Estes organizam sua energia segundo determinado padrão estabelecido por outrem, que se expandiu e se tornou referencial coletivo. A maior parte das pessoas toma o padrão criado por aqueles que fundaram nova ordem como trava à própria tendência à dissolução.

Se um sistema não for submetido a artifício que mude o vetor da degradação da energia, se não executar trabalho, tenderá ao caos, para a entropia máxima. Em outras palavras, para o fim de sua forma específica, para sua morte. Nosso estado mais originário, bem como o de qualquer sistema, é o equilíbrio desordenado.

Importante lembrar que trabalho, em física, assume definições diferentes na mecânica clássica e na termodinâmica. Segundo a mecânica, o trabalho corresponde à ação de uma força que causa deslocamento em sua própria direção. Em termodinâmica, no entanto, refere-se à interação estabelecida entre um sistema e seu meio. Trata-se, assim, de um fenômeno de fronteira, que diz respeito ao fluxo de energia trocado entre interior e exterior.⁹⁸

Um sistema executa trabalho quando se abre para o diferente e intervém efetivamente no ambiente. Portanto, trata-se de algo inevitável a qualquer organismo. O conceito de trabalho assume conotações diversas na economia política, na filosofia e até na religião. Considero a definição da física rica por

⁹⁸ SOUZA Jr., Jessé Rebello. *Notas de aula. Trabalho e calor*. Departamento de Engenharia Naval e Oceânica. USP. In: <http://www.poli.usp.br/p/jesse.rebello/termo/index.html>. Tomo as aulas de Rebello como referência para os comentários a seguir.

apresentá-lo como necessidade vital. Não executá-lo significa adesão ao vetor da energia direcionado ao caos, contribuindo, assim, para o fim do organismo.

A termodinâmica define como “positivo” o trabalho realizado pelo sistema sobre o meio, e “negativo” o trabalho realizado pelo meio sobre o sistema. Em ambos os casos, manifesta-se a luta entre sistema e entorno. Os dois tipos de trabalho indicam vínculo com a vida, ou seja, a reversão da tendência à dissolução. No entanto, o trabalho positivo parece expressar maneira de lutar que implica na afirmação da diferença do sistema. Ao passo que o trabalho negativo dá a impressão de que o sistema é oprimido pelo meio, tal como no caso do masoquismo moral, apresentado no capítulo anterior. Na verdade, o sistema é pressionado a sucumbir à homogeneização imposta pela vizinhança. Se levarmos adiante essa analogia, poderíamos pensar que no masoquismo feminino, ou no trabalho positivo, o sistema opera no sentido de insistir na própria distinção. Quando pensamos na dinâmica de nosso aparelho mental, a situação fica mais complexa. Afinal, o meio está dentro de nós. O campo de batalha entre vários sistemas é interno, a tensão se dá entre Isso, Eu e Supereu.

A noção de trabalho na termodinâmica nos ajuda a pensar o conceito de pulsão. Freud identifica na pulsão a força que impele o aparelho mental à atividade. Como vimos, tal ação não se dá de maneira espontânea, mas como defesa contra excitações exógenas e endógenas. Apesar de essa visão ser nomeada de negativa, ou reativa, pois não indica espontaneidade natural para a produção de algo, o resultado dela não leva à visão negativa ou niilista da vida. Simplesmente nos mantém mais alertas quanto ao impulso mais originário, e sempre presente, de nosso sistema: acabar com toda a tensão interna.

Nesse processo, o sistema envolve-se com os estímulos perturbadores e, ao invés de morrer, complica-se com a vida. Este caminho apresenta-se inevitável para a afirmação da existência. Admitir que nossa energia encaminha-se para o caos nos impele a trabalhar, continuamente, a fim de ordená-la; engaja-nos no reviramento perene do vetor que empurra em direção à morte. Ressalta a necessidade de olharmos a vida de modo mais realista.

O senso comum em nossa cultura opõe trabalho a lazer. Supõe-se que o lazer corresponda a momentos de prazer. Muitas pessoas experimentam suas atividades laborais como punição, castigo do qual buscam livrar-se o quanto antes, obrigação que não produz satisfação. Anseiam por férias. Entendem o

trabalho como mero dever, ou como resultado de alguma injustiça social. É bem verdade que essa interpretação construiu-se, em parte, pelo automatismo imposto pela indústria. Mas ela acaba por se estender a qualquer forma de trabalho. E pior: muitos tacham de loucos obsessivos, autoritários, antissociais e até, nos casos mais absurdos, de autistas, aqueles que estabelecem relação rigorosa com sua atividade. E que se dediquem intensa e rigorosamente a ela. A multidão defende com veemência a satisfação obtida nos chamados programas de lazer, como aceleradas e tumultuadas excursões a países estrangeiros. Suspeito que muitos que se engajam nesses programas perguntam-se, naqueles momentos solitários entre o sono e a vigília: mas por que diabos me enlacei com este bando? O lazer não se traduz necessariamente em prazer.

A criação, a invenção de novos discursos ou próteses⁹⁹, deriva do enfrentamento com o desconhecido, com o indeterminado. O trabalho apresenta-se aí como essencial. Caso não se execute trabalho para construir nova ordem, submerge-se no caos. Talvez essa ameaça, a experiência deste estado limite, explique a raridade do ato original. Mas esse trabalho franqueia passagem para uma satisfação outra, mais intensa e rica. Ousaria dizer que mais humana, pois se expressa por aquilo que trazemos de mais característico em nossa espécie, a construção do simbólico. E mais: a satisfação que experimentamos corresponde ao grau de tensão interna que vivenciamos. Se o grau de tensão interna for alto, sua descarga provoca satisfação mais intensa.

As formas usuais de prazer, prescritas pela cultura, exigem mínimo de dispêndio de energia. Simplesmente seguimos os modelos. Já aquelas que são proibidas, ou simplesmente desconhecidas, provocam maior aumento de tensão. Quando realizadas, a sensação de satisfação também é maior.

Admiramos aqueles que deixaram sua marca nos campos em que atuaram. As histórias que deles conhecemos mostram o quanto sua satisfação construía-se por meio de trabalho incansável na realização de algo. Flaubert (1821-1880) era acusado de lentidão por seus críticos. Ele reconhecia sua compulsão na procura

⁹⁹ Entendo por prótese o que quer que o homem invente com o objetivo de aplacar seu sofrimento. Inclui-se aí tanto próteses materiais, como óculos, roda, carro, como próteses imateriais, como religião, arte, sistemas filosóficos. O psicanalista MD Magno as nomeia como *artifícios industriais* ou *formações artificiais*, que compõem o que usualmente chama-se de simbólico. Em **O mal-estar na civilização** (1930), p.98, Freud reduz o termo prótese às produções materiais. No entanto, as reconhece como objetos que visam aplacar alguma deficiência ou ampliar a potência de algum órgão de nosso corpo.

pela palavra exata e dizia-se escravo da linguagem. Ao longo da composição de *Madame Bovary*, escreve à amante: “Minha cabeça roda de aborrecimento, de desencorajamento, de fadiga! Passei quatro horas sem conseguir fazer uma frase... Que trabalho atroz!”¹⁰⁰ Ou ainda: “Quero ver se acho quatro ou cinco frases que procuro já faz um mês”. Sua procura e paciência são recompensadas: “Na última quarta-feira, eu fui obrigado a me levantar para apanhar o meu lenço de bolso; é que me enterneci escrevendo, eu gozava deliciosamente, da emoção de minha idéia, da frase que a revelava e da satisfação de tê-la encontrado”.¹⁰¹

Beethoven também era obcecado pela forma perfeita. Seus cadernos mostram como reescrevia exaustivamente suas composições. O ato de composição, para ele, sempre teve o caráter de luta. A violência desse embate apresenta-se em seu estilo.¹⁰² Tolstói (1828-1910), ao escrever a novela *Khadji-Murát*, publicada com cerca de 140 páginas, gastou mais de duas mil páginas de rascunho.¹⁰³ O esforço necessário ao ato criador fica evidente em texto que o poeta Charles Baudelaire (1821-1867) imagina o processo criativo do gravurista Constantin Guys (1802-1892). Descreve ele que, à hora em que os outros estão dormindo,

Guys está curvado sobre sua mesa, lançando sobre uma folha de papel o mesmo olhar que há pouco dirigia às coisas, lutando com seu lápis, sua pena, seu pincel, lançando água do copo até o teto, limpando a pena na camisa, apressado, violento, ativo, como se temesse que as imagens lhe escapassem, belicoso, mas sozinho, debatendo-se consigo mesmo. (Baudelaire, 1988, p.173).

Quando veneramos a obra de grandes realizadores, esquecemos todo o árduo processo envolvido em sua produção. Sentimo-nos invejosos e diminuídos, mas não reconhecemos a intensidade com que perseguiram o desejo despertado por algum objeto ou alguma idéia. Também não reconhecemos a angústia que experimentaram ao se liberarem das fixações repetidas automaticamente por seus contemporâneos. Insistiram na dominação de algo. E de tanto repetirem o conhecido, sentiram certa insatisfação com o já formulado. Foram constrangidos a inventar novas possibilidades.

¹⁰⁰ FLAUBERT, G. **Cartas exemplares**, p.133.

¹⁰¹ FLAUBERT, G. *Op. Cit.*, p.66.

¹⁰² SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de música**.

¹⁰³ In: SCHNEIDERMAN, Boris. *Uma novela a ferro e fogo*. In: TOLSTÓI, Liev. **Padre Sérgio**.

É justamente esta entrega ao ainda não formulado que nomeio de *perdição criadora*. Resulta ao mesmo tempo da insistência no desejo e da impossibilidade de alimentá-lo com o que existe. O abandono à pulsão acompanha-se do rigor na elaboração de um produto para satisfazê-la, pois o que há não mais satisfaz. A rendição à tentação acompanhada do trabalho permite fazer emergir o divino.

As cartas de Van Gogh a seu irmão Theo parecem-me um dos testemunhos mais contundentes desse processo no campo artístico. Mostram sua aguerrida busca pela expressão original, extraída a partir da observação das luzes, dos objetos, das cores, e das obras de mestres como Millet (1814-1885) e Delacroix (1798-1863). Escreve ele ao irmão: “Conheço duas pessoas agitadas em seu íntimo pela mesma luta: ‘sou pintor’ e ‘não sou pintor’. Rappard e eu mesmo. Uma luta às vezes medonha, uma luta que é justamente a diferença entre nós e alguns outros que levam as coisas menos a sério.”¹⁰⁴

O que descrevo como *perdição criadora* não se restringe à esfera da arte. Inventores de novas próteses, heróis guerreiros, grandes descobridores, também ousaram desejar algo que parecia impossível a seus contemporâneos. O vigor com que se abandonaram a seu querer, a entrega a sua paixão, encantou outros e provocou mudanças na cultura. Afinal, mesmo quando não realizaram exatamente o que almejaram, alguns se tornaram eternos e mudaram a vida de povos. Jesus apresenta-se como exemplo maior. Justo seu martírio – a crucificação – tornou-se a principal imagem do cristianismo. O rei português D. Sebastião (1554-1578), desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, teve sua derrota transformada em nova vida. Não conseguiu restituir a glória a Portugal, mas hipnotizou de tal forma seu povo que, mesmo morto, provocou a fundação de uma religião, o sebastianismo.¹⁰⁵ O padre Antonio Vieira (1608-1697) foi condenado pela inquisição por anunciar a ressurreição de D. Sebastião. Segundo Vieira, ele seria responsável pela instauração do Quinto Império, o império do espírito, entre os homens.¹⁰⁶

Penso que o acaso também assuma importante papel na eternidade que alcançaram, bem como na invenção que realizaram. O trabalho intenso sobre algo

¹⁰⁴ VAN GOGH, V. **Cartas a Théo** (1883), p.12.

¹⁰⁵ HERMANN, Jaqueline. **No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal nos séculos XVI e XVII.**

¹⁰⁶ VIEIRA, Antonio. **História do futuro**; PESSOA, Fernando. Prefácio. In: GOMES, Augusto Ferreira. **Quinto Império**; e ainda PESSOA, Fernando. **Portugal, sebastianismo e Quinto Império.**

me parece condição necessária, mas não suficiente para a emergência do novo. Debruçar-se sobre algo pode permitir-nos maior disponibilidade para o inusitado, maior escuta para novas possibilidades. A criação efetivamente original, no entanto, restará sempre misteriosa.

2.3

A economia da tentação

Se há algo a ser feito na análise é a instituição desse outro campo energético, que necessitaria outras estruturas que não as da física, que é o campo do gozo.”¹⁰⁷

Jacques Lacan

O aparelho mental é responsável pela administração da energia de nosso sistema. A complexidade de sua operação levou Freud e Lacan a buscarem referências em outras ciências, além da física. A economia e a linguística oferecem instrumental importante para a apreensão da constituição e do funcionamento da máquina psíquica. A economia estuda a produção e a distribuição de riquezas nos grupos humanos, aborda o modo como as paixões e os interesses humanos organizam-se na sociedade. A linguagem engendra o mundo de valores nos quais o homem se forma. Por meio dela, o homem produz seus modos de gozo.

A dimensão econômica ocupa um dos eixos centrais do pensamento freudiano. Já no *Projeto para uma psicologia científica*, ele procurou formular uma “economia da força nervosa”. O bem primordial aqui é a pulsão. Tal como o capital, ela é uma quantidade que se vincula a qualquer matéria. Ou, em termos psíquicos, a qualquer representação: imagens, pessoas, objetos e, também, idéias. O lucro almejado corresponde à satisfação. O objetivo do aparelho mental é o gozo. E a psicanálise descobre que o homem constrói surpreendentes caminhos em busca da satisfação.

Freud estabelece, inicialmente, dois princípios como administradores dessa tarefa: o princípio de prazer e o princípio de realidade.¹⁰⁸ Ambos apresentam-se derivações de outro, o princípio de Nirvana. Este corresponde à pulsão de morte, à

¹⁰⁷ LACAN, J. **O seminário 17** (1969-1970) – **O avesso da psicanálise**, p.77.

¹⁰⁸ Freud enuncia formalmente esses conceitos no texto **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**, de 1911, mas, como Lacan observa, a “oposição do princípio de prazer ao princípio de realidade foi rearticulada ao longo de toda obra de Freud” In: LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.39.

tendência para levar a excitação interna do organismo a nível zero.¹⁰⁹ A tão almejada paz absoluta! Diante da impossibilidade de atingi-la, o organismo procura, ao menos, manter a tensão interna sempre constante, sua homeostase. Esta compreende os processos de regulação de diversas funções e composições químicas do corpo pelo qual um organismo mantém constante seu equilíbrio. No caso humano, o aparelho mental assume papel fundamental nesse processo. As diversas manifestações da vida psíquica expressam tentativas para conservar ou restabelecer a constância interna.

Com a formulação dos princípios do funcionamento mental, Freud visa descrever o modo de relação de nosso sistema com a realidade, tanto interna como externa ao organismo. A operação segundo o princípio de prazer tem por objetivo abaixar imediatamente o aumento de tensão provocado por estímulos. E evitar qualquer desprazer, que corresponde a essa elevação da tensão. Trata-se do modo mais antigo, primitivo, do funcionamento do aparelho psíquico. Freud o nomeia de *processo primário*, típico do inconsciente.¹¹⁰

A permanência no princípio de prazer só se sustenta se existe um outro que execute ação específica para aplacar, efetivamente, o aumento de tensão experimentado pelo organismo. Se um bebê sente fome, por exemplo, ele chora e movimentando braços e pernas. Alguém o alimenta e ele acaba por experimentar prazer. Segundo Freud, o bebê alucina a satisfação, pois desconhece por completo a realidade e não age sobre ela. Tem apenas um registro imaginário da situação em seu psiquismo, que inclui, além de imagens, as sensações cinestésicas envolvidas. O processo primário caracteriza o sonho; também ali alucinamos

¹⁰⁹ FREUD toma de empréstimo a expressão *princípio de Nirvana* de Barbara Low. In: FREUD, S. (1920) **Além do princípio de prazer**, p. 66. Como discurremos no primeiro capítulo, Freud só formula o conceito de pulsão de morte em 1920. Mas já em seu texto não publicado de 1895 enuncia a idéia, sob o nome de *princípio de inércia*. Ver também LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. E ainda LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, pp.39-42.

¹¹⁰ Na seção E do capítulo VII de **A interpretação dos sonhos** (1900), Freud diferencia o processo primário, característico do inconsciente, do processo secundário, típico do sistema pré-consciente/consciente. No primeiro, a energia mental opera de modo livre, deslocando-se e condensando-se em variadas representações. O processo secundário aponta para o escoamento da energia de modo mais ordenado, em que ela se vincula de modo estável a representações, impedindo seu movimento, p. 627 e seguintes. Ver também de Laplanche e Pontalis, **Vocabulário de psicanálise**, pp.474-477.

realizações de desejos, sem termos de enfrentar as dificuldades impostas pela realidade.¹¹¹

Operar de acordo com o princípio de prazer implica agir de modo instantâneo para acabar com as perturbações impostas a nós. Como nascemos ignorantes de tudo, a forma mais fácil para atingir o prazer se dá pela fuga do estímulo, ou por meio de sua destruição. E, ainda, pela via da descarga descontrolada de energia, como, por exemplo, acontece na manha de uma criança mimada. O sadismo infantil também se apresenta como uma das expressões do princípio de prazer.

Agindo sempre segundo esse princípio, chegamos ao prazer. Mas qual tipo de prazer atinge-se? Se sempre fugimos ou destruimos os estímulos perturbadores, nossa ignorância sobre eles permanece. Eis o que Freud chama de recalque.¹¹² Fomos excitados por algo, mas não investimos nossa energia, não nos submetemos àquele estímulo. Simplesmente descarregamos o aumento da tensão interna de maneira imediata. Trata-se de uma rejeição da realidade.

Originalmente, a energia mental encontra-se livre, desligada de qualquer representação. Seu escoamento se dá por qualquer via que se lhe apresente. Operar apenas segundo o princípio de prazer corresponde a estabelecer vínculos muito tênues e temporários à energia psíquica. O aparelho não investe de modo consistente na produção de satisfações. O dispêndio de energia reduz-se ao mínimo. O lucro obtido também mostra-se reduzido.

Viver somente de acordo com esse princípio corresponde a colocar em risco a própria sobrevivência. A preservação do organismo fica ameaçada. Afinal, ele depende de um outro para lhe garantir a vida, tal como um bebê. Observa-se esse quadro extremo na psicose. Há uma recusa de interação com outros sistemas. Retomo aqui a referência à termodinâmica: um sistema fechado tende mais rapidamente à degradação, à morte. Deparamo-nos, assim, com um paradoxo: com vistas a manter sempre o prazer, o aparelho impõe a si o sofrimento mais extremo, a própria destruição. Curiosamente, também corresponde à máxima

¹¹¹ Afirma Freud em 1911: “O estado de sono é capaz de restabelecer a semelhança da vida mental, tal como era antes do reconhecimento da realidade, por que um dos pré-requisitos do sono é uma rejeição deliberada da realidade (o desejo de dormir).” In: **Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental**, p.238 (Nota 3). Destaco ainda que, nos sonhos, as imagens produzidas relacionam-se com palavras. Diferentemente do bebê, o sonhador já está inserido no mundo simbólico.

¹¹² FREUD, S. (1911). **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**, p.238. O capítulo 4 é todo dedicado ao recalque.

satisfação, pois ele chega, então, à paz absoluta tão almejada. O princípio de prazer pode vir a se transformar, portanto, no *além* do princípio de prazer.

Ressalto, no entanto, que o princípio de prazer opera em nós ao longo de toda a vida. Se em inúmeras situações interagimos com a realidade e nos submetemos a ela, em muitas outras seguimos ignorantes e agimos segundo a lógica imediata do princípio de prazer. A associação que propus com o *além* do princípio do prazer refere-se a pessoas que mantêm relação constante de recusa da realidade.

Para Freud, a limitação do gozo oferecido pelo funcionamento primitivo força o organismo a considerar o mundo externo.¹¹³ Desenvolve-se, então, o princípio de realidade, que não se opõe ao princípio de prazer, apenas transforma-o. Daí sua designação como *processo secundário*. Se agimos de acordo com esse princípio, experimentamos certa dose de sofrimento, para obtermos satisfação produzindo algo que altere a realidade. Regidos por ele, aprendemos a reconhecer e a aceitar nossa inicial inabilidade e desconhecimento daquilo que nos afetou. E insistimos no investimento, mesmo diante da angústia despertada pela incerteza e pelo despreparo. Acumulamos energia internamente para poder agir sobre a realidade de maneira eficaz. Perseveramos no vínculo com determinadas representações, o que impede que o fluxo de energia se dissipe de maneira acelerada. Auferimos lucro maior desse investimento, tanto pela elaboração interna do estímulo como pelo domínio da realidade permitido por ela. Ambos ampliam nossa capacidade de gozar.

Em muitos casos, a realidade modificada restringe-se à pessoa em questão, a seu modo de viver. Só aprendemos a andar de patins após termos suportado o desprazer de muitos tombos. Assim, transformamo-nos em patinadores. Dessa maneira aprendemos a andar, falar, cozinhar... Mas o indivíduo que se coloca diante do fogão para fazer seu almoço a cada dia não se transforma, necessariamente, em grande cozinheiro. Aqueles a quem chamo de *perdidos criadores* envolvem-se de modo tão intenso com certos objetos que acabam por alterar não apenas a própria realidade, mas também a realidade compartilhada por

¹¹³ “O aparelho psíquico teve de decidir tomar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável. Este estabelecimento do *princípio de realidade* provou ser um passo momentoso”. In: FREUD, S. **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental** (1911), p.238.

maior número de pessoas. Esses indivíduos assumem o papel de criadores de novas próteses, de mundos antes desconhecidos. Concebem outra realidade. O mundo tornou-se outro depois do telescópio. Ou mesmo da agulha, tão pequenina e gigantesca invenção!

Com o princípio de realidade, o homem se enche de vida. Reger-se pelo princípio de realidade não corresponde à exclusão do prazer. Ao contrário: aponta para a renovação continuada desse prazer, por meio da superação dos desprazeres que nosso vínculo com os objetos possa provocar. A satisfação obtida pelo princípio de realidade permite que o jogo da vida dure um pouco mais. Por meio dele fabulamos novos prazeres, após muito trabalho, cheio de tropeços, tombos e acertos.

A pulsão busca extinguir-se. Mas, se enlaçada por algum objeto, move-nos no sentido de dominá-lo. Ao lutarmos para realizar satisfações pontuais, adiamos sua consecução absoluta. Transformamos a tendência à morte em vida. Como vimos no primeiro capítulo, não há duas pulsões, a de vida e a de morte, mas o conflito de vetores de uma única energia, ora vinculada, ora livre.

A entrega àquilo que nos cativa gera prazer, desde que suportemos o incômodo inicial provocado por nossa ignorância em lidar com as coisas. O desconforto decorre do acúmulo da tensão, e da frustração na sua descarga. No entanto, se insistimos, pouco a pouco, tornamo-nos senhores dos objetos e ampliamos as possibilidades de satisfação. E nos acostumamos, também, com certo grau de frustração, presente em qualquer aventura. Esta é a realidade da vida!

Os dois princípios do funcionamento mental apresentados não são excludentes. Por meio deles, administramos nossa economia energética, construímos trilhas para a satisfação. Nosso aparelho de gozo, todavia, é bastante complexo. A operação desses princípios complica-se quando a vemos sob a perspectiva da linguagem, campo fundamental na constituição de nossa máquina mental. Não se trata, portanto, de simples descarga ou retenção de energia. Mas do modo como essa energia se engata no universo de significantes¹¹⁴ no qual nos

¹¹⁴ Lacan recorre à linguística estrutural de Ferdinand de Saussure (1857-1913) para pensar nossa constituição psíquica. No entanto, inverte o algoritmo saussureano ao privilegiar o significante e não o significado. Dá ênfase, assim, ao processo associativo entre significantes presente no inconsciente, que deixa o significado sempre em aberto. Fenômeno este já descrito por Freud em **A**

desenvolvemos. Eles fazem funcionar nossa usina, por meio da articulação do real, do imaginário e do simbólico, que se impõem ao psiquismo.¹¹⁵

Os interesses e as paixões dos indivíduos se constroem pelas marcas da experiência em seu inconsciente. Tais marcas decorrem de sua relação com os objetos, dentre os quais os objetos falantes ocupam lugar privilegiado. Esse outro tagarela nos proporciona satisfações. Estabelecemos, assim, compromissos com ele. As falas alheias inscrevem-se em nossa mente, instauram valores para atos, comportamentos e para todo universo de objetos. Esses significantes constituem o que Lacan nomeia campo do Outro, o inconsciente.¹¹⁶

O termo Outro enfatiza o caráter interno e ao mesmo tempo externo do inconsciente. Ele se forma a partir da sopa de letras na qual somos cozidos. A energia busca satisfação no deslizamento e na articulação desses significantes. E se o caldo cultural é o mesmo para inúmeros indivíduos, o modo de inscrição das referências externas faz-se de maneira particular em cada um. Daí decorre, em parte, a possibilidade da produção de singularidades. E mais: essa cadeia simbólica visa significar e apreender o real. Mas sempre restará algo enigmático, que demanda sentido. A pressão para a manutenção do acordo com a matriz coletiva recalca a desarmonia, provocada tanto pelas leituras particulares da ordem estabelecida, como pela irrupção do real. A descoberta de Freud enfatiza, no entanto, que o recalco retorna.

Lacan observa que, com a entrada no simbólico, expressada pela inserção no sistema significante, nos afastamos de nós. Somos alienados de nosso mundo particular de sensações, prazeres e desprazeres¹¹⁷. Nessas primeiras marcas está nossa singularidade, nosso *ser*, a trilha pulsional que orientará o impulso em

interpretação dos sonhos (1900). Ver LACAN, J. **A instância da letra no inconsciente** (1957). In: **Escritos**, pp-498-506.

¹¹⁵ No capítulo anterior abordei o conceito de *real* proposto por Lacan, que será privilegiado nos últimos anos de seu ensino (a partir do final dos anos 60 e, principalmente, nos anos 70). Afirma ele n' **O seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro ao outro**: “A estrutura (...) é o próprio real. Não se trata de metáfora”, p.30. O simbólico constitui o campo da cultura, da linguagem, e o imaginário o registro da *gestalt* que o mundo exterior imprime em nossa mente. Em um primeiro momento de seu ensino, Lacan debruça-se sobre o campo do imaginário, quando formula a importância do “estádio de espelho” para a constituição do Eu. Aprofunda a discussão sobre o tema em seu primeiro seminário, de 1953-1954: **Os escritos técnicos de Freud**. A função do aparelho mental visa a articular esses três registros: o real, o imaginário e o simbólico.

¹¹⁶ Coloca Lacan n' **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**: “O inconsciente é a soma dos efeitos de fala sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante”, p.122 (capítulo X).

¹¹⁷ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, aulas XVI e XVII.

direção aos objetos. Tal afastamento as coloca no limbo e impõe a submissão à ordem do outro. No entanto, justamente esse limbo, imemorável mas ativo, modula nossas aventuras.

Dentre os significantes que organizam o agenciamento de nossa energia, Lacan destaca um em especial, nomeado de *significante-mestre*, representado pelo símbolo S_1 . Tal traço primeiro inscreve-se em nossa mente, estabelecendo o primitivo dique ao movimento livre da energia. Ele promove o afastamento da vivência puramente corporal, que caracteriza o homem. Lembro-lhes: nosso corpo é simbólico, o biológico mapeia-se pelo campo dos significantes. Apesar de fundamental na constituição do sujeito, o S_1 resta inacessível. A cadeia de significantes que se forma, representada pelo símbolo S_2 , buscará sempre articular aquele motor primeiro, o S_1 . Os diversos S_2 são colhidos no Outro, para dar sentido aquele enigma primitivo. Assim constitui-se a teia de significantes que nos sustenta, numa associação contínua entre significantes.¹¹⁸ O S_1 instaura uma barra, que permitirá a própria constituição do desejo, caracterizado pela sensação de que algo nos falta. Nossas aventuras giram em torno de aplacar essa sensação.

O homem é animal desamparado de nascença. Inicialmente, precisa de outra pessoa para garantir seus prazeres. Em seu desenvolvimento, ele supera aquele estado inicial do princípio de prazer, em que apenas alucinava sua satisfação. Reconhece que um outro propiciou seu prazer. E passa a atender as exigências desse outro, representante da realidade. Assim faz a passagem do princípio de prazer para o princípio de realidade. A submissão à realidade ensina que a suspensão temporária da descarga de energia pode conduzir à produção de um gozo a mais.

Freud ressalta, entretanto, o conflito perene entre o prazer e a realidade¹¹⁹. A psicanálise constrói-se a partir da constatação da insistência do princípio do

¹¹⁸ Sobre o tema, afirma Lacan n' **O seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro ao outro**: “Trata-se agora de fazer referência às formulações fundamentais, em particular à que define o significante como aquilo que representa um sujeito para outro significante.(..) Observem que, quando falo do significante, falo de algo opaco. Quando digo que é preciso definir o significante como aquilo que representa um sujeito para outro significante, isso significa que ninguém saberá nada dele, exceto o outro significante. E o outro significante não tem cabeça, é um significante. O sujeito, aí, é sufocado, apagado, no instante mesmo em que aparece”, p.20-21.

¹¹⁹ Diz Freud em **O mal-estar na civilização**: “O que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio de prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo”, cap. II, p. 84.

prazer. Reconhece a prevalência dos processos primários, do inconsciente, na regência do aparelho mental. O que os indivíduos buscam, na verdade, é reviver aquela satisfação primeira do princípio do prazer. Na origem, ela foi alucinada, proporcionada por algum objeto misterioso, eternamente procurado. Apesar de necessária, a passagem do funcionamento do princípio de prazer para o princípio de realidade revela-se sempre precária. Na verdade, a própria noção de realidade apresenta-se precária. Por se mostrar sempre insuficiente, ela apresenta-se tirânica na sua afirmação.¹²⁰ Dessa maneira, a realidade inventada impõe-se como única possibilidade de vida.

A realidade humana é uma ficção.¹²¹ A variedade de culturas existentes evidencia o caráter fictício de qualquer construção simbólica. A antropologia nos ofereceu essa descoberta. A revelação de Freud vai mais além. Ela demonstra que os indivíduos de um mesmo coletivo humano abordam a realidade compartilhada a partir da própria ficção. Eis o que se entende por realidade psíquica.¹²² A realidade coletiva, no que exige a saída do princípio de prazer para o princípio de realidade, oferece caminhos para satisfação mais duradoura e sofisticada. Mas também constrange a todos a repetir as mesmas formas de satisfação. Daí Freud relacionar o processo secundário ao sistema pré-consciente/consciência, e não ao inconsciente. Neste sistema, a energia desliza por representações não autorizadas pela ordem cultural.

Nesse momento, proponho-lhes uma questão: se Freud valoriza o inconsciente e denuncia a violência da ordem cultural sobre os indivíduos, por que classifica a recusa da realidade como uma patologia? Com Freud descobrimos que, na neurose, o indivíduo aparta-se de fragmentos da realidade que lhe impõem desprazer. Na psicose, esse afastamento do mundo mostra-se mais contundente. Em ambos os casos, não se reconhece a inevitabilidade da transformação do prazer em realidade. O reconhecimento dessa inevitabilidade não faz de Freud

¹²⁰ Em seu **Seminário 7** (1959-1960) – **A ética na psicanálise**, p.43.

¹²¹ Nas palavras de Lacan: “Em Freud a característica do prazer, como dimensão do que encadeia o homem, encontra-se totalmente no lado do fictício. O fictício, efetivamente, não é, por essência o que é enganador, mas, propriamente falando, o que chamamos de simbólico.” In: LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p. 22.

¹²² Sobre o tema, observa Lacan: “o mundo exterior não perde toda a qualidade, mas, esta, vem-se inscrever, como a teoria dos órgãos sensoriais o mostra, de uma maneira descontínua (...) temos aqui a noção de uma profunda subjetivação do mundo exterior – alguma coisa tria, criva de tal maneira que a realidade só é entrevista pelo homem, pelo menos no estado natural, espontâneo, de uma forma profundamente escolhida. O homem lida com peças escolhidas da realidade”. In: LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, pp.62-63.

defensor da adequação dos indivíduos à realidade cultural. Tal interpretação de sua obra mostra-se completamente contrária a sua descoberta. Todo o pensamento de Freud se opõe a isso.¹²³

Eis minha resposta à questão colocada: a psicanálise propõe a busca da construção de meios para que o indivíduo imponha seu prazer, sua fantasia, à realidade. Para isso, aprender a lidar com a realidade existente apresenta-se indispensável. Esse aprendizado permitirá que o indivíduo invente maneiras de transformar o mundo externo, submetendo-o a seus prazeres e criando novas realidades. Assim fazem os *perdidos criadores*. Temos que reconhecer, ainda, que os significantes que constituem nossos desejos foram extraídos da realidade comum, eles instauraram trilhas que ordenaram a pulsão. Neurótico e psicótico simplesmente não se dispõem a realizar nem o investimento nem o trabalho necessários para a submissão da realidade compartilhada a seus desejos. Sobre o tema, afirma Freud em *O mal-estar na civilização*:

A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. (Freud, [1930]1996, p.91)

A realidade humana constrói-se pela linguagem. Ambas, realidade e linguagem, são pressionadas pelo real, que está para além da ordem construída. Outro, portanto, tem apenas aparência de completude. Algo mais sempre lhe falta, tal como a cada ser humano em particular. Alguns indivíduos colocam-se a fabular novas realidades, dando concretude às fantasias subjetivas, que animam seus desejos. Produzem, assim, um *mais-de-gozar*, que resulta da renúncia do

¹²³ Recorro a Lacan: “Freud não pensa nem um instante em identificar a adequação à realidade a um bem qualquer. No *Mal-estar na civilização*, diz-nos – seguramente a civilização, a cultura pede demais ao sujeito.” In: LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética na psicanálise**, p.47.

gozo imediato do princípio de prazer, e também ultrapassa o gozo autorizado pela realidade cultural.¹²⁴

Com o termo *mais-de-gozar* Lacan busca denominar a satisfação alcançada por aquele que, cativado pelo enigma instaurado por algum objeto, coloca-se a inventar meios para apreendê-lo.¹²⁵ Lacan propõe esse termo inspirado no conceito de *mais-valia*, *Mehrwert*. Em alemão a associação fica mais evidente, o *mais-de-gozar* seria o *Mehrlust*.¹²⁶ Marx designa *mais valia* o ganho extra auferido pelo capitalista sobre a produção do trabalhador. Este recebe um salário pelas horas trabalhadas, definido pelo mercado. O capitalista colhe da comercialização do produto algo a mais daquilo que paga ao trabalhador.

Já em Freud vemos a analogia entre o inconsciente e o capitalista. É no inconsciente que temos a energia acumulada para a realização de qualquer empreendimento. Nele estão os registros que nos impulsionam ao desejo.¹²⁷ O *mais-de-gozar* resulta da articulação da energia do capitalista com o trabalho do empreendedor, o Eu, que organiza a produção. Para isso, o trabalhador, o Eu, deve se submeter ao capitalista, o inconsciente, que detém os meios de produção. Ao mesmo tempo, o capitalista depende do trabalhador, que sabe realizar o trabalho necessário à confecção do produto.

Ao Eu cabe dar forma adequada à fantasia presente no inconsciente. Ele deve descobrir os meios de afirmá-la na realidade. Assim, consegue libertar-se, de certa maneira, da compulsão de repetir a realidade externa. No texto em que enuncia os dois princípios do funcionamento mental, Freud reconhece na arte meio de reconciliação entre princípio de prazer e princípio de realidade. O artista considera a realidade insatisfatória, não concorda com a renúncia aos desejos exigida por ela. Tal como qualquer um de nós. No entanto, por meio do domínio

¹²⁴ Lacan formula o conceito n' **O seminário 16** (1968-1960) – **De um Outro ao outro**, e o relaciona às diferentes formas de discurso n' **O seminário 17** (1969-1970) – **O avesso da psicanálise**.

¹²⁵ Este objeto é nomeado por Lacan de “objeto *a*”, que causa enigma e coloca o sujeito em movimento desejante constante, pois sempre resta algo a mais a apreender. Tal objeto caracteriza a incompletude característica do homem. No **Seminário 16** (1968-1960) – **De um Outro ao outro**, afirma: “ é uma função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso. É isso que dá lugar ao objeto *a* (...) ele permite isolar a função do objeto *a*”, p.19.

¹²⁶ LACAN, J. **O seminário 16** (1968-1960) – **De um Outro ao outro**, p.29;41.

¹²⁷ Freud propõe tal analogia em **A interpretação dos sonhos**, capítulo VII, seção C – A realização dos desejos, p.590. Na **Conferência XIV – Realização de desejo** (1916-1917), ele retoma a ideia, p.227.

de determinada técnica, resultado de sua entrega à ela, o artista produz fantasia que altera a realidade.

Em seu estudo sobre os escritores criativos, Freud retorna ao tema¹²⁸. Associa a criação literária ao desejo. As forças motivadoras das fantasias constituem-se por desejos insatisfeitos. Toda fantasia expressa a realização de um desejo, uma forma de correção da realidade insatisfatória. Freud compara a atividade dos escritores criativos ao brincar da criança e ao fantasiar do adulto. Essa aproximação entre os artistas e o homem comum é proposta pelos próprios escritores, que asseguram que todos nós, no íntimo, somos poetas.

O dever de atuar no mundo, seguindo as regras estabelecidas, obriga o encobrimento das fantasias. Mas se as forças motivadoras dessas fantasias são desejos insatisfeitos, elas continuarão operando, mesmo à revelia de nossa consciência. E pior: adoecemos impedidos de reconhecê-los. Nossa energia esvai-se no conflito entre as fantasias e desejos, que fazem pressão, e os ideais coletivos, que insistimos em defender. Muitos procuram, então, tratamento mental para aliviar o mal-estar. O psicanalista acolhe as ilusões mais inusitadas e surpreendentes, que os ideais insistem em sufocar. Freud arrisca-se na descrição da criação poética pois era bom conhecedor do processo de produção das fantasias.

A realidade de determinada cultura constitui-se de fantasias compartilhadas pelos homens que a compõem. O chamado “mundo objetivo” forma-se a partir de projeções de invenções subjetivas que, por algum acaso, tornaram-se hegemônicas naquele coletivo. Passam, então, a ser repetidas por todos, de modo compulsivo. A realidade, portanto, não é real, mas uma representação. O real permanece sempre ativo, emudecido, no entanto, pela ordem simbólica. Vez por outra acontecimentos provocam o aumento da intensidade de sua força, gerando choques, rupturas. E levando à reinvenção do mundo.

A satisfação atingida com a repetição automática das regras culturais se dá de modo imediato, sem a mediação do trabalho. Observa-se, assim, a curiosa transformação do princípio de realidade na afirmação do princípio de prazer. A invenção de novas formas de satisfação aponta, então, para o *além* do princípio do prazer. Aqui, no entanto, este além aponta para a criação de vida renovada, e não

¹²⁸ FREUD, S. **Escritores criativos e devaneio** (1907-1908).

diretamente para a morte. A energia liberta-se da repetição compulsiva das formações culturais, permitindo a construção de novas realidades, desde que a energia se enlace no trabalho de produção, de invenção de outras fantasias. Essa aventura exige suportar o enfrentamento com o real, com a entropia. E a responder a ele com o ato criador.

A pulsão faz pressão constante. Insiste compulsivamente em direção à morte. Responde-se a esse empuxo de duas maneiras: via repetição automática e inconsciente dos modelos pelos quais nos organizamos; ou com a busca de construção de novos caminhos. A primeira opção oferece satisfação segura, o gozo previsto, ainda que a submissão à mesmice estabelecida gere guerra interna entre desejos e proibições. A outra forma implica o risco de lidar com a pressão constante da pulsão, sem saber de antemão como descarregá-la. Aqui, a repetição da tendência para a morte apresenta-se parteira de novas fantasias. E franqueia o acesso ao *mais-de-gozar*.

O simbólico, a realidade construída por uma cultura, constitui-se de emaranhado de ficções transmitidas e alteradas de geração em geração. Suponhamos que a “realidade” a que se refere o segundo princípio do funcionamento mental corresponda tanto a uma realidade material – um instrumento musical, por exemplo - como à realidade psíquica. Explico-me: damos grande passo ao reconhecer que, para extrair prazer de um violino, teremos que aprender seu modo de operação e nos submeter a processo rígido de treinamento. Ou seja, admito que aquele estímulo provocou-me excitação, colocou-me em perdição e invisto minha energia nele. Ao envolver-me com novo objeto, torno meu sistema mais complexo. Obrigo minha energia, que quer morrer, a complicar-se com a vida. A “luta” com o violino expressa busca de viver aventuras diversas, experimentar a instabilidade e prazeres mais intensos. O violino, no caso, faz parte da realidade constituída na cultura em que vivemos. “Tornar-se violinista” compõe um dos ideais oferecidos por ela.

Aproveito o exemplo do violino para problematizar um pouco mais a noção de realidade. O que é um violino senão produto da fantasia de algum músico ou *luthier* que alucinou a possibilidade de certo som? Vislumbrou a produção de nova sonoridade e procurou meios de produzi-la. Depois de experimentar os instrumentos disponíveis, acabou tomado de desejo por aquele som ainda inexistente, buscou dar-lhe materialidade. Criou novo objeto. Este

novo objeto dará origem a diferentes formas musicais e distintos modos de organização entre os músicos. Engendrará, portanto, outro mundo.

Assim, o que designamos *realidade* corresponde, na verdade, à materialização de alguma fantasia, algum devaneio, certo delírio sofrido por alguém. Excitado por determinado estímulo, colocou-se a transformar suas sensações em produto ordenado. Daí minha proposição de que a criação deriva do desejo intenso por algo, em *perder-se* em algo. Para, então, caso execute trabalho, *achar-se*, construindo nova realidade.

Freud atribuiu ao Eu a tarefa do “teste de realidade”, atividade que visa a conferir se uma representação existente na mente pode ser percebida no mundo externo. “O que é irreal, meramente uma representação e subjetivo, é **apenas interno**; o que é real **está também lá fora**”¹²⁹. As palavras acentuadas por mim visam mostrar que a realidade constitui-se pelo compartilhar de uma mesma percepção. Eu diria que se refere ao convencimento da fantasia proposta por alguém a um número maior de pessoas. Copérnico percebeu que a Terra se movia em torno do Sol. Seus contemporâneos duvidaram do que ele via. Só depois de Galileu e Kepler sua percepção foi considerada realidade.

Entrar no regime da *perdição* corresponde à assunção do desejo por algo, e não seu recalque. Exige a coragem de deixar-se perder pelo encantamento. Este é associado muitas vezes a algo ameaçador, pois leva ao desconhecido de modo intenso. Daí sua associação com o diabo. A economia da tentação aponta para a lida com o desconhecido que nos encanta. E exige o trabalho de transformar o que nos seduziu em algo nosso, em nos apropriarmos do estranho, do desconcertante. Transformamo-nos, assim, em deuses, inventores de novas realidades. Ser Deus ou Diabo relaciona-se, assim, ao modo como administramos nossa economia libidinal.

Nomeio *perdição criadora* a situação paradoxal da vivência tanto da liberdade, típica do princípio do prazer, como do vínculo intenso com algum objeto, característico do princípio de realidade. Só criamos algo se nos debruçamos sobre as situações e sobre os objetos. Esta parada não corresponde exatamente a uma fixação, mas a uma morada temporária, resultante de algum

¹²⁹ FREUD, S. (1925). *A negativa*, p.267. Os grifos são meus.

encantamento. Estamos de tal forma seduzidos, siderados por determinado objeto ou ideia, que brincamos com ele de variadas maneiras.

A repetição, o investimento persistente, possibilita a criação. O exercício contínuo, o experimento constante, os ensaios (*repétitions*) perseverantes enlaçam a pulsão à forma particular do objeto. E a entrega intensa, com uma regularidade tal que chega ao limite do tédio, permite que o acaso leve à descoberta de novas trilhas de satisfação, à invenção de diferentes meios de ordenar o real. Aqui, como coloquei no primeiro capítulo, o sadismo transforma-se em masoquismo, em submissão às exigências do objeto. O Eu reconhece suas imperfeições, sua ignorância, sua incompletude. Dessa maneira, o diabólico tem o poder de transmutar-se em divino.

2.4

As travas à perdição

O homem ‘instruído’ é aquele capaz de manejar com elegância a arte de seus reviramentos nos diversos níveis, de preferência sem ficar estúpido nem doido. É arte pura, quer dizer, ciência do Haver.¹³⁰

MD Magno

A compreensão da *perdição criadora* leva-nos à investigação mais aprofundada de um dos destinos da pulsão: o recalque. Freud intitula-o a pedra angular da psicanálise, ou seja, o fundamento sobre o qual ergue seu edifício.¹³¹ O recalque aparece de modo evidente e regular no tratamento, manifesta-se em resistências ao trabalho da análise, à associação livre de idéias. Revela-se em falhas na percepção, tanto de estímulos internos como externos. Trata-se da evitação da lembrança, do contato com algum aspecto penoso, aflitivo da realidade. O recalque é a operação constitutiva do inconsciente. Expressa a clivagem de nosso psiquismo que, regido pelo princípio de prazer, busca afastar-se de tudo que provoque incômodo.

A etimologia latina de recalcar remete ao verbo *calcar*, pisar, andar sobre qualquer coisa, comprimir pisando, apertar. A ação de recalcar subjuga, contém, proíbe a entrada na consciência de idéias incompatíveis com a imagem que a pessoa tem de si e da realidade na qual se constituiu. O Eu censura ativamente aquilo que não condiz com sua unidade. O recalque mostra-se como ato de julgamento: impõe condenação dos representantes pulsionais que provocariam desprazer, caso se tornassem conscientes.

O aspecto intrigante desse processo decorre da constatação de que a pulsão não tem objeto definido. Qualquer via escolhida para seu escoamento apresenta-se-lhe agradável. Como vimos, originalmente a pulsão vincula-se a qualquer coisa. O desprazer revela, portanto, conflito de forças agindo em nós. As forças recalcentes buscam se manter dominantes, desautorizam determinadas satisfações.

¹³⁰ MD Magno. **A pedagogia freudiana**, p. 64.

¹³¹ FREUD, S. **História do movimento psicanalítico** (1914), p.26.

Mas apenas aparentemente o Eu ganha a batalha. Sua vitória é provisória. O recalcado não desaparece. Ao contrário: mantém-se ativo, insiste em vir à tona. E o faz de forma descontrolada.

Ao tentar fugir de um impulso por meio do recalque, o Eu perde a soberania sobre esse impulso, que faz pressão constante e desliza de uma representação a outra, proliferando no escuro.¹³² O recalcado zomba de todas as medidas defensivas e reaparece em derivados. Subitamente, o impulso manifesta-se em atos falhos, ou fazendo acordos com representações menos dolorosas, nos sonhos, nos sintomas e em formações de compromisso. Nessas manifestações, observa-se uma aliança entre proibido e permitido, entre profano e sagrado. Freud as define como *retorno do recalcado*.

O trabalho da análise visa a aproveitar esse retorno e transformá-lo em material consciente. Ao aceitá-lo, aprendemos a lidar com ele. Assim, nos damos conta da argila na qual nos constituímos. Não somos meramente petrificados por ela, mantendo-nos reféns das formações inconscientes. Por meio da análise, colocamos as cartas na mesa, para saber *como* queremos jogar. As forças recalcentes lutam para eliminar certas cartas de nosso baralho. Só que elas escorregam pelas mangas da camisa, pelos bolsos, pelas pernas das calças. Não adianta esconder, o recalcado se mostra. Mas só o vê quem se dispuser a fazê-lo.

Freud constata que o recalque observado em sua clínica era uma operação secundária, presente apenas após a cisão do psiquismo em inconsciente e consciente. Nomeou-o, portanto, de *recalque secundário*, ou *recalque propriamente dito*. Tal operação pressupõe a existência de uma força que atrai em certa direção e outra que proíbe aquela satisfação. No entanto, impõe-se a pergunta: se nossa energia quer fluir livremente, como constitui-se aquela primeira força que opera como atrator? Diante desta questão, Freud formula o conceito de recalque primevo ou originário. Este primeiro nível de recalque compreende as *fixações* da libido. Fixação, aqui, refere-se a fenômeno complexo que inclui tanto o aprisionamento da energia mental em certos modos de satisfação, relacionado com determinadas zonas corporais, como o aprisionamento

¹³²“ O recalcado é agora, por assim dizer, um fora-da-lei; fica excluído da grande organização do ego e está sujeito somente às leis que regem o domínio do inconsciente”. FREUD, S. **Inibições, sintomas e angústia** (1926), p.150.

em certos objetos.¹³³ Essa configuração primeira é atrator do recalque secundário. Um impulso insiste em satisfazer-se, e o Eu recusa sua descarga, tanto da pulsão fixada como de seus derivados, ou seja, qualquer coisa que possa associar-se aos representantes psíquicos daquela pulsão.

Imaginemos a seguinte situação: uma criança dedica-se intensamente à atividade sádica com animais. Experimenta grande prazer em impor-lhes sofrimento e levá-los à morte. Depois que se desenvolve, as imposições morais da educação exigem que ela abandone essa satisfação, fazem uma “pressão posterior” àquela tendência. Se aquela marca primeira operar de modo intenso, insistirá para retornar, configurando a terceira fase do mecanismo recalcante, o *retorno do recalado*. Nesse momento ocorrem os problemas. Instaure-se o conflito entre o agente repressor e o ponto de fixação. A necessidade de um recalque anterior ao recalque secundário decorre de nossa situação originária: não temos objeto determinado, apenas indiferença. E amplas possibilidades de vincular a energia a qualquer coisa.

O psicanalista MD Magno traz importante contribuição para a compreensão do mecanismo do recalque. Dedicou ao tema todo seu seminário de 1992, nomeado *Pedagogia freudiana*¹³⁴. Magno identifica três níveis do recalque, e não apenas dois. Define-o, de modo genérico, como operação que impõe obstáculos ao fluxo da pulsão. Ele subdivide aquilo que Freud chamou de recalque primevo em duas operações distintas: o recalque originário e o recalque primário. A partir deles, instaura-se o recalque secundário.

Magno parte do conceito de pulsão de morte, que traduz por “Haver desejo de não-Haver”, ALEI primeira de nosso aparelho mental.¹³⁵ Escreve-se “ALEI” pois, apesar de se estabelecer como regra que antecede toda e qualquer lei, ela não prescreve conteúdo algum. É neutra. O recalque originário apresenta-se como obstáculo ao fluxo da pulsão em direção ao inorgânico. Simplesmente expressa o

¹³³ FREUD, S. **O recalque** [A repressão] (1915), p.153. Freud abordou o tema da fixação já **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, de 1905, e também em 1911, no texto **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)**, que ficou conhecido como *O caso Schreber* (Cap. III – *Sobre o mecanismo da paranóia*, p.67 e seguintes).

¹³⁴ Esse seminário foi publicado no ano seguinte pela Imago. Para um resumo sobre a tópica do recalque proposta por Magno, ver SANTOS, Giselda *et alli*. **Vocabulário básico da Nova Psicanálise**. Rio de Janeiro: Novamente Ed., 1999.

¹³⁵ ALEI também pode ser escrita A→Ã ou ainda A◊Ã. Consultar MAGNO, MD. **Pedagogia freudiana** (1993), p.11.

paradoxo de nossa existência: o impulso em relação à morte e o eterno adiamento de sua consecução. Trata-se da contínua transformação da pulsão de morte em pulsão de vida. A impossibilidade de atingir o não-Haver nos impele a retornar ao Haver. Magno busca circunscrever, assim, o que Freud propôs como característico de nossa espécie: o caráter filogenético do recalque primevo.

Antes de Magno, Lacan já havia afirmado que o instinto de morte é a lei além de toda lei. Um “ponto de fuga de toda realidade possível de atingir”¹³⁶. Lacan assevera: o desejo é “desejo de impossível”; ele instaura a situação paradoxal de algo que se realiza quando acaba, quando desaparece. Mesmo que esse impossível seja o primeiro objeto, o *das Ding*, ele também não há. O recalque originário corresponde à impossibilidade absoluta de querer a extinção do desejo, a paz. Observamos que, desde o momento que passamos a existir, não morremos de imediato. Não conseguimos instantaneamente atingir a descarga absoluta da energia que portamos. Havemos, mas queremos não-Haver. E mesmo quando morremos, sequer temos consciência dessa morte para podermos usufruir o prazer da paz. Simplesmente apagamos. Esse desejo originário, o Nirvana, apresenta-se como impossível. Aquele objeto que nos completaria e ofereceria satisfação completa e perene não-Há.

Magno faz uma dedução lógica a partir da proposição de Freud da pulsão de morte:

...se Haver quer não-Haver, está pedindo o impossível, já que o não-Haver, como seu nome está dizendo, simplesmente não há, mas enquanto o deseja, enquanto pedinte ou aquele que demanda algo, o Haver requer de qualquer maneira esse impossível. (...) O importante no esquema que apresento é que o movimento libidinal não demanda senão seu próprio desaparecimento. Em linguagem vulgar, ele pede a própria morte. (Magno, 2004, p.84-85)

Os outros animais não experimentam o recalque originário. Eles trazem em seu código genético prescrições bem delimitadas que determinam o escoamento de sua energia. Estão submetidos ao recalque primário que, para Magno, inclui as resistências ao movimento da energia imposto por formações espontâneas do Haver. Magno chama de *formações espontâneas* ou *artifícios espontâneos* tudo o que comumente denomina-se de natureza. Em nós, incluem nossos limites corporais e características físicas, como o sexo, a altura, a cor da pele, dos olhos

¹³⁶ LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.31.

etc. E também certas determinações etológicas que orientam o comportamento da espécie¹³⁷. Elas impõem travas ao movimento pulsional. Da mesma forma, a força da gravidade, as condições climáticas e geográficas estabelecem condições particulares para a descarga da pulsão. Não podemos voar por não termos asas. Mas também porque nossa massa corporal, atraída pela força da gravidade, assume peso que impede a flutuação no ar. Na lua isso não acontece. O recalque primário, portanto, instaura impossibilidades.

No entanto, se vivemos assujeitados ao recalque primário, tal como os outros animais, a existência do recalque originário nos permite promover a suspensão até das determinações naturais. Ou seja, o homem tem a potência de superar imposições inscritas em seu aparato biológico. Afinal, nossa mente deseja sempre o que não há, o impossível.

Magno observa a existência de diferentes níveis de impossibilidade. Passar para o não-Haver, experimentar o paraíso da paz, não conseguiremos jamais. Trata-se do *impossível absoluto*. No entanto, hoje passamos horas debaixo da água como um peixe. Isso, durante muito tempo, caracterizou impossibilidade provocada pelos limites corporais, o *primário*. Tratava-se de uma *impossibilidade modal*. Ela impõe-se pela maneira como abordamos o primário. Do saber que produzimos a partir dele e sobre ele e do investimento que realizamos para alterá-lo. Nossa capacidade de criar próteses – *formações artificiais* ou *artifícios industriais* – que alteram a natureza, permite transpor o impossível modal. Em certos casos leva muito tempo, séculos, milênios até, para conseguirmos essa ultrapassagem. Mas em algum momento, acontecerá. O homem é animal misterioso, que opera milagres.

A cultura em que vivemos caracteriza-se por grande velocidade na transposição das impossibilidades modais. O que há algumas décadas era delírio de autores de ficção científica, como falar e ver alguém localizado a milhares de quilômetros de distância, faz parte de nosso cotidiano. Quanto tempo levará para habitarmos outros planetas? Ou para produzirmos novos órgãos ou membros a partir de nossa própria carne, tal como as minhocas?

As próteses constituem o que Magno chama de *recalque secundário*. Correspondem a tudo o que o homem criou para lidar com as afetações do

¹³⁷ A etologia constitui campo de estudos sobre o comportamento dos animais, identificando os modelos inatos que orientam a manifestação do instinto.

primário, sob a pressão do recalque originário, vivido como a defrontação com o impossível absoluto: o alcance do paraíso da paz. Originariamente, queremos apenas não-Haver, o inconsciente é “puro ser que não tem qualquer acesso à determinação”¹³⁸. O simbólico, a linguagem, a tecnologia compõem o secundário. Por não estarem pressionados pelo originário, os outros animais não produzem secundário. São determinados pela natureza. Nós experimentamos, além das determinações primárias, sobredeterminações secundárias.¹³⁹ A orientação da pulsão se dá por uma multiplicidade de elementos inconscientes, que se interligam e se sobrepõem. O recalque secundário constrói-se sobre o primário, imita-o. Apresenta-se, no entanto, como formação mais leve, passível de ser transformada com maior facilidade.

Os primeiros grupos humanos imaginavam que descendiam de certos animais ou plantas. Criaram vestimentas, rituais, hábitos que se referiam às características de seus totens. O simbólico instaura leis, interdições, que são metáforas do recalque primário. Constituem o que Magno chama de “reino do *faz-de-conta*”¹⁴⁰, pois inventam proibições artificiais, que organizam a pulsão e ordenam os grupos humanos. Nessa operação se dá a passagem da natureza à cultura.

Contudo, a história humana mostra como o caminho inverso fundamenta a vida coletiva: transforma-se a cultura em natureza. O etnocentrismo, o fanatismo, a intolerância com o diferente expressam a naturalização do artificial. Proibições simbólicas inscrevem-se de tal forma nas pessoas que acabam convertidas em impossibilidades. Eis o *recalque propriamente dito*, tão notado por Freud em sua clínica. O neurótico sofre por viver às turras com as imposições do recalque secundário e primário. Toma o proibido como impossível. E alimenta-se do lamento eterno de sua condição. Não reconhece nessas travas apenas referências necessárias à sua ordenação. Elas podem ser suspendidas, desde que se trabalhe para afirmar o desejo proscrito.

¹³⁸ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.124.

¹³⁹ Freud afirma que a pulsão sempre é sobredeterminada. O conceito de *sobredeterminação* foi introduzido por Freud em **Estudos sobre histeria** (1895), p.319,346,347, e destacado também em **A etiologia da histeria** (1896), p.243-244, e em **A interpretação dos sonhos** (1900), p.606. Magno reconhece as determinações e as sobredeterminações, e aponta também para a hiperdeterminação do desejo querer não-Haver, da pulsão dirigir-se para a morte. MAGNO, MD. **Pedagogia freudiana**, p.11-19.

¹⁴⁰ MAGNO, MD. **Pedagogia freudiana**, p.44-45.

Magno inclui entre as sobredeterminações tanto as referências simbólicas como os primeiros trilhamentos da pulsão, que marcaram nosso corpo antes mesmo de entrarmos no mundo da linguagem. Esses traços de memória primitivos também organizam os caminhos de nossa energia. Compõem o recalque primário. Correspondem a registros de prazer e desprazer inscritos em nossa carne, que pressionam para a descarga em certa direção. Essas marcas constituem o registro estético singular de cada pessoa.

Essas primeiras fixações já constituem forças que ordenam o psiquismo. Recalam o caos originário, no qual a pulsão está disponível a vincular-se e a esvair-se de modo aleatório. A este momento primevo Magno dá nome de *hiperdeterminação*. Ela “é a causação do movimento de suspensão, de neutralização, de fazer surgir o vazio [...] neutraliza as fronteiras para o advento de algum acontecimento, para a indiscernibilidade que cerca todas as situações, para o caos que está prometido em todos os movimentos”.¹⁴¹

A hiperdeterminação caracteriza a determinação no nível do recalque originário, em que as forças estão na luta entre Haver e não-Haver. Entre vida e morte. Nesse lugar, os outros níveis de determinação entram em suspensão, perdem a importância. Ficamos indiferentes a eles. Só aí poderíamos dizer que somos um pouco mais livres. Mas, como a energia fica liberada das trilhas costumeiras de escoamento, experimentamos intensa angústia. A liberdade, clamada por tantos, em nada corresponde a conforto. Magno destaca que, na hiperdeterminação, vivenciamos estado de exasperação.

Em muitas situações de grande perigo nos libertamos de imposições que nos aprisionavam, de recalques tanto no nível secundário como primário. Em períodos de guerra, por exemplo, as pessoas são impelidas a fazer coisas que antes consideravam impossíveis. Realizam atos taxados de imorais, nojentos, asquerosos. Também descobrem, muitas vezes, coragem, valentia e criatividade que nunca haviam imaginado possuir. Diante da hiperdeterminação, suspendem impossibilidades modais e proibições morais. E inventam novas formas de viver. É bem verdade que, quando aquela situação traumática passa, grande parte das pessoas acomoda-se de novo às trilhas estabelecidas pelos recalques primários e secundários. Esquece a potência experimentada com a ruptura do automatismo na

¹⁴¹ MAGNO, MD. *Pedagogia freudiana*, p.11.

submissão aos modelos. Em situações traumáticas, portanto, rememoramos o recalque originário.

Para Lacan, o recalque originário corresponde à entrada na linguagem. O significante afasta-nos do nosso ser primeiro, indeterminado. A partir da inscrição da letra, o homem torna-se dividido, alienado ao Outro, ao inconsciente, onde se situa a cadeia dos significantes.¹⁴² Nos primeiros anos de seu ensino, Lacan enfatizou de tal forma a importância do simbólico que a dimensão caótica da pulsão ficou no limbo. Ressaltou a importância de bem-dizer as formações inconscientes que nos organizam. No entanto, sempre destacou a *falta* como característica da mente humana. Progressivamente, Lacan deu mais importância ao real, *aquilo que não para de não se escrever*¹⁴³. O real se revela na hiância da linguagem.

No exercício da decifração do inconsciente, descobrimos os desejos inscritos em nossa mente a partir da história de cada um. No entanto, tal como o sujeito é barrado pelo significante, o Outro também é barrado, algo lhe falta. O homem fabrica-se na linguagem, mas o faz a partir da *alíngua* de sua condição originária.¹⁴⁴ Tanto Freud como Lacan reconhecem na pulsão sem destino, que tende para a morte, a característica mais primitiva e fundamental da nossa espécie.

Para explicar o recalque originário – que opera o reviramento da pulsão de morte em pulsão de vida – Magno busca descobrir alguma propriedade orgânica de nossa espécie. Tal característica permite a reversão do vetor da energia, que tende para o não-Haver. Magno supõe, então, que nossa mente esteja aparelhada com o *revirão*¹⁴⁵, grande espelho capaz de refletir qualquer coisa que se lhe apresente. Esse aparelho tem a capacidade de *revirar* pelo avesso tudo que encontra. A hipótese do *revirão* ganha força com a descoberta recente da neurociência sobre a mente humana: os neurônios-espelho. Eles são responsáveis

¹⁴² LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, aula XVI, p. 93-204.

¹⁴³ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.81.

¹⁴⁴ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.61;p.188.

¹⁴⁵ O termo *revirão* foi cunhado inspirado no neologismo *riverrun* proposto por James Joyce em **Finnegans Wake** (1939): “esse rio que corre, que faz um revirão sobre si mesmo e que acomoda as oposições numa continuidade que nem por ser continuidade permite que haja conjugação”.*Apud* Magno, **Est’Ética da Psicanálise**, p.233.

pela aprendizagem de diversas atividades, entre elas a aquisição da linguagem. Tal aprendizado ocorre por meio da imitação de ações observadas.¹⁴⁶

Magno representa o revirão graficamente pela figura do “oito-interior” da topologia¹⁴⁷, derivado da banda de Moebius. Segue os passos de Lacan, que também buscou na matemática, na teoria dos conjuntos e na topologia referências para pensar nosso funcionamento mental¹⁴⁸. A banda ou cinta de Moebius, chamada de contrabanda por Lacan, consiste numa superfície com apenas um lado, ou seja, unilátera e contínua, produzida pela colagem torcida de suas extremidades.

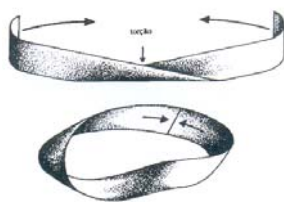
Para melhor compreender a contrabanda, pensemos em um cinto azul cujo avesso tem cor verde. Se o afivelamos de modo usual, ele apresenta-se como uma superfície bilátera, com dois lados separados, o de dentro e o de fora, o avesso e o direito, o azul e o verde. Para estabelecer alguma comunicação entre os dois lados, precisamos fazer um furo, promover uma ruptura. Mas se realizamos uma torção de 180 graus ao fechá-lo, misturamos o avesso com o direito. Ao segurarmos o cinto em determinado ponto, parece-nos que ele tem dois lados opostos. Contudo, se o percorremos com o dedo, não conseguiremos achar o *outro* lado. O cinto virou uma superfície unilátera e contínua. O azul vira verde em determinado ponto, depois vira azul, retorna ao verde, e logo azul, em seguida verde, e de novo

¹⁴⁶ Ver ALONSO, Aristides. *Os neurônios-espelho e a mente-espelho da nova psicanálise*. In: MD MAGNO. **Amazonas. A psicanálise de A a Z**. pp.145-189. Neste artigo, Alonso apresenta as características dos neurônios-espelho, descobertos pelos cientistas Giacomo Rizzolatti (1937-), Vittorio Gallese (1959-), Luciano Fadiga (1961-) e Leonardo Fogassi (1958-), da Universidade de Parma, na Itália. O autor relaciona os neurônios-espelho com os estudos que levaram Lacan a formular o “estádio de espelho”, bem como com a hipótese do *revirão* de MD Magno. Alonso ainda destaca a importância dessa descoberta para o campo de estudos sobre o autismo e a aquisição da linguagem. Para o cientista Vilayanur S. Ramachandran (1951-), da Universidade da Califórnia, nos EUA, “os neurônios-espelho farão pela psicologia o que o DNA fez pela biologia: um sistema de referências unificador capaz de explicar o funcionamento de nossa mente”. In: ALONSO, Aristides. *Op.cit.*.p. 147.

¹⁴⁷ “Topologia – de *topos* e *logos*: discurso a respeito dos lugares ou lógica dos lugares;(…)que não tem a regragem dura, quantitativa, existente no caso da geometria euclidiana”. In: MAGNO, Md. **A psicanálise. Novamente**. p.58. A geometria euclidiana trabalha com superfícies com duas faces, dois lados, ou seja, biláteras. A topologia pensa objetos que não dividem o espaço em duas porções, como por exemplo, o dentro e o fora. Ela aborda as superfícies elásticas e trata os objetos a partir das relações que eles mantêm entre si. Ver também MAGNO, Md. **O pato lógico**. pp.24-48 e, do mesmo autor, **A música**, pp.208-220.

¹⁴⁸ N’O seminário 11 (1964) – **Os quatro conceitos de psicanálise**, Lacan já traz a imagem do oito-interior como representação da topologia do sujeito(p.148), que será aprofundada em outros seminários, principalmente nos seus últimos anos de ensino, **RSI** (22), **O momento de concluir** (25) e **A topologia do tempo** (26), ainda inéditos. Aqui, tomarei como referência a construção proposta por MD Magno.

azul, verde, azul, verde, e mais uma vez azuletc. A imagem da contrabanda assemelha-se ao símbolo do infinito, ou um “oito-exterior”.



A cinta de Möebius ou contrabanda



oito exterior

oito interior



Assim opera o psiquismo humano em sua plenitude originária: “a estrutura de última instância de nosso psiquismo é uma contrabanda”.¹⁴⁹ O inconsciente acolhe tudo, nele não existe negação. Primitivamente, a pulsão pode seguir qualquer trilha, vincular-se a qualquer objeto. Ela é indiferente às qualidades, corresponde à pura quantidade. E justamente por não ter qualquer trava, a pulsão também pode simplesmente descarregar-se de vez, o que corresponderia à morte.

Revivemos esse ponto limite quando suspendemos os recalques secundários e, de certa maneira, os primários. Ficamos indiferentes a essas marcações. E nossa energia, liberada das formações inconscientes que nos oprimiam, tende à descarga de qualquer maneira. Estamos no limite entre vida e morte; os sentidos que ordenavam nosso envolvimento com o Haver mostraram-se puro *faz-de-conta*. Se suportamos a exasperação desse *não lugar*, desse *fora do mundo encarnado* definido por Magno de hiperdeterminação, retornamos ao Haver com maior plasticidade para lidar com ele. Podemos escolher o lado verde ou azul do cinto, o direito ou o avesso. Tanto faz. Nossas preferências serão determinadas pelas contingências de cada situação.

¹⁴⁹ MAGNO. Md. **Psicanálise. Novamente**, p. 69.

Ao vivenciarmos a hiperdeterminação, rememoramos o recalque originário característico de nossa espécie. Magno também chama esse *não lugar* de *Cais Absoluto*, inspirado no poema *Ode Marítima*, de Fernando Pessoa. Nossa loucura ou *perdição originária* apresenta-se aí.

Sim, dum cais, dum cais dalgum modo material,
Real, visível como cais, cais realmente,
O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado
Insensivelmente evocado,
Nós os homens construímos
Os nossos cais de pedra atual sobre água verdadeira,
Que depois de construídos se anunciam de repente
Coisas-Reais, Espíritos-Coisas, Entidades em Pedra-Almas,
A certos momentos nossos de sentimento-raiz
Quando no mundo-exterior como que se abre uma porta
E, sem que nada se altere,
Tudo se revela diverso.¹⁵⁰

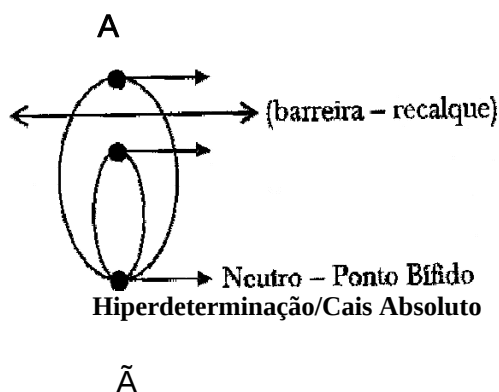
O *Cais Absoluto* é imaterial, indeterminado. Mantém-se encoberto. Os recalques primário e secundário buscam transformá-lo em substância. O Eu corresponde a um cais de pedra do qual partimos para nossas aventuras diárias. Nos fixamos nele; o defendemos de qualquer ameaça que aponte para sua desconstrução. Mas ele é puro emaranhado de miragens concretas que nos afastam do *Cais Absoluto*. O Eu trava o acesso à *perdição originária*. Ela, que permitiria a passagem a mundos diversos. O temor da angústia, resultante da pulsão sem amarras, nos mantém ancorados nas margens dos continentes seguros das formações culturais e dos limites dados ao corpo.

Freud também reconhece no ponto de suspensão das formações que nos organizaram nossa estrutura originária. Em seu único estudo de caso sobre a psicose, a análise do livro de memórias do juiz Daniel Paul Schreber, Freud afirma: “quando Fausto se libertou do mundo pela enunciação de suas maldições, o resultado não foi uma paranóia ou qualquer outra neurose, mas simplesmente uma exata estrutura geral da mente”.¹⁵¹ Da mesma maneira, Lacan vê na loucura a revelação de nossa condição primeira. O psicótico denuncia a falha no Outro e testemunha o real, aquilo que resiste à simbolização. Mas se perde de todo, e vive o que designo *perdição destrutiva*.

¹⁵⁰ PESSOA, Fernando. Fragmento do poema *Ode marítima*. In: _____. **Obra Poética**.

¹⁵¹ FREUD, S. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia**. *O caso Schreber* (1911), p.79.

Na imagem do oito-interior, a contrabanda dobra-se sobre ela mesma. Apesar de continuar como superfície unilátera e contínua, sua representação remete a duas superfícies, que se tocam em um ponto. Magno o toma como representação da máquina lógica que metaforiza os movimentos do psiquismo humano. Essa imagem facilita o entendimento de que desejamos não-Haver ($\tilde{A}$), mas, como ele se apresenta impossível, somos impelidos a Haver (A). Só que, quando voltamos, quando caímos desse lugar terceiro da hiperdeterminação, da exasperação, não mais vivemos o *tanto faz* originário. Somos obrigados a optar entre as possibilidades já oferecidas, já dadas, para vincular nossa pulsão. Essas possibilidades são definidas pelos outros níveis de recalque, ou seja, o primário e o secundário.



Quando nascemos, experimentamos a angústia da inexistência de trilhas determinadas para o escoamento da pulsão. Isso corresponde à loucura. Vivemos apenas a exasperação de estar entre Haver e não-Haver. O homem, portanto, é antes de tudo um animal louco. A racionalidade por ele desenvolvida, e considerada sua característica fundamental, constitui-se como uma resposta a seu caos originário. Não nascemos racionais. E é esse fundamento de loucura que nos faz agarrar com tanta tenacidade a racionalidade na qual nos formamos.

Progressivamente, a experiência do Haver marca nosso corpo, nosso primário. E estabelece caminhos, fixações. Define o que é positivo e negativo a partir do prazer/desprazer. O secundário também impele a satisfações em determinada direção, recalcando as outras possibilidades. Assim, aos poucos constituímos um Ser. As impossibilidades e proibições instauradas pelos recalques primários e secundários travam a disponibilidade radical experimentada

inicialmente. Impedem que o revirão opere em sua plenitude. Aprisionados num Ser, e na segurança que ele oferece, recalcamos a infinitude do Haver.

Voltemos ao exemplo do cinto: no ponto de torção em que avesso torna-se direito, o azul vira verde, há uma indiferenciação, uma neutralização entre os dois lados. Justo neste ponto percebemos o *revirão* entrar em funcionamento pleno. Fora dele, vemos oposições: o verde e o azul, o sim e o não, o autorizado e o proibido.

A forma que lhes apresentei, como Revirão, e que é chamada oito-interior em topologia, desenha justamente o percurso que qualquer ponto faz sobre a continuidade dessa superfície de um lado só. Num certo momento, então, sobre essa face, sobre essa superfície, estou num ponto, percorro e volto para o lado que eu pensaria ser o oposto porque há uma materialidade no meio: penso que há uma *oposição* entre duas faces. (Magno, 1989,p.235)

O *revirão*, como vimos anteriormente, apresenta-se como um espelho que exige simetria de tudo que se lhe apresente. Simetria, em sentido estrito, quer dizer avesso. Só por derivação a palavra remete à semelhança. Se nos colocamos diante de um espelho, ele não oferece nossa imagem de modo idêntico. Ela aparece invertida. A mão esquerda vira direita; tudo fica ao contrário. Mas a semelhança também se apresenta, pois a imagem remete sempre ao mesmo lado. Não há outro lado como a ilusão especular induz. Só Alice supõe em seu sonho que existe o lado de lá.¹⁵² E todos aqueles que acreditam em vida após a morte também. Supõem que exista o não-Haver, o paraíso.

O avesso é o oposto, mas também é o mesmo, dependendo da maneira como o abordamos. Freud demonstra, na análise etimológica da palavra “estranho”¹⁵³, como o contínuo deslizamento das suas significações acaba por remetê-la à palavra “familiar”, corriqueiramente tomada como seu oposto. Quando rememoramos o estado originário, da hiperdeterminação, as oposições se suspendem. Um exemplo cotidiano também nos ajuda a compreender essa situação. O Flamengo se opõe ao Vasco. Torcedores se matam pela fé que depositam em seu time. O pertencimento àquele grupo constitui sua identidade, seu Ser, que sustentam como fonte de prazer e poder. Mas também de sofrimento.

¹⁵² CARROLL, Lewis. **Alice através do espelho** (1871).

¹⁵³ FREUD, S. **O estranho** (1919).

Para quem não está aprisionado a essas diferenças, Flamengo, Vasco, Fluminense, Corinthians são grupos organizados em torno da arte do futebol. Se o *revirão* entra em funcionamento, espelha qualquer coisa, disponibiliza-se para avessar tudo. No entanto, isso seria a loucura total. Seria angustiante demais. Daí a necessidade de recalcar o *revirão*.

Freud e Lacan também recorreram ao espelho em busca da descrição do funcionamento de nossa mente. Em *A interpretação dos sonhos*, Freud compara o aparelho psíquico a uma máquina fotográfica, constituída a partir de um jogo de espelhos que continuamente registra imagens. Já Lacan define o momento de constituição do Eu a partir do espelhamento do semelhante. Ele nomeou-o de “estádio de espelho”.¹⁵⁴ Aqui, a imagem do corpo do outro, com quem a criança se identifica, dá uma primeira forma ao Eu, estabelecendo a diferença entre ele e tudo aquilo que é não-Eu. Assim, mesmo antes de assumirmos o domínio motor sobre o próprio corpo, construímos uma imagem total dele. O domínio imaginário, portanto, antecipa-se ao domínio real que temos sobre nós mesmos em nossas ações sobre o mundo. O Eu se constitui sobre o fundamento da relação imaginária, projetada em um outro. Implica uma alienação de si e em idealização desse outro em que se espelha. Essa experiência estrutura toda a vida. Lacan, dessa maneira, ressalta a dimensão do imaginário.

Ao colocar o espelho como nossa estrutura primeira, Magno destaca a capacidade contínua de espelhar, de exigir o avesso. Privilegia, portanto, a função reflexiva da mente humana e não exatamente a imagem. No que demanda a simetria perenemente, a mente vai se deparar com a quebra da imagem estabelecida, nomeada por Magno de “quebra de simetria”. Parece-me que Magno e Lacan descrevem aspectos distintos de nossa experiência, embora ambos estejam presentes.

Pensemos na seguinte situação: a imagem do casamento direciona as aventuras pulsionais de muitas pessoas. Ao se aproximarem dessa imagem, por que não brincar com a idéia de que “entramos no espelho”? Bem, se entramos no

¹⁵⁴ LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu** (1949). Lacan observa que a *imagos* compõem o primeiro dos referenciais extragenéticos importantes pra a organização do homem. A partir delas, toda a trama simbólica – o universo da linguagem – se constitui. O tema é desenvolvido também em *A agressividade em psicanálise* (1948); *O seminário 1* (1953-1954) – **Os escritos técnicos de Freud** (especialmente a segunda parte, dedicada à *Tópica do Imaginário*); *O seminário 2* (1954-1955) – **O eu na teoria de Freud e na psicanálise**, entre outros.

espelho, percebemos que não era bem aquilo que a imagem havia prometido. Afinal, a pulsão sempre demanda novos caminhos, a mente espelha-se com outros objetos, busca novas aventuras. Deparamo-nos, então, com o “estalo do espelho”¹⁵⁵, com a quebra de simetria, proposta por Magno. Isso exigirá criatividade para inventarmos novas possibilidades de Haver. É por conta da quebra de simetria que há vida, que há invenção. As formações são fixações da pulsão, que quer se esvair.

As significações do verbo “revirar” ajudam-nos a entender melhor o processo que Magno quer descrever. Designa a ação de virar novamente, muitas vezes; virar pelo avesso; revolver; mexer, agitar o conteúdo de algo, promovendo a desordem, retirando as coisas dos lugares; alterar, modificar, mudar; fazer voltar em direção oposta à que se seguia. E ainda: entrar em confronto com, rebelar-se.¹⁵⁶ O *revirão* de nossa espécie entra em funcionamento quando nos deparamos com a impossibilidade do outro lado e retornamos ao Haver, inventando novas possibilidades do lado de cá. A sustentação da imagem aponta para a paralisação do processo contínuo do reviramento.

Parece que a máquina da nossa mente funciona sem parar e indefectivelmente, embora às vezes sob trava, segundo um princípio de polaridade entre opostos. Pode-se excluir um dos opostos, dizer que é o lado do pecado e do proibido, mas pensa-se nele. Tanto é que se inventou o pecado e o proibido. (...) Parece, então, que há um princípio de funcionamento na mente humana e em todo o Haver que (...) regula-se em polaridade opositiva, como se no meio houvesse um espelho. (Magno, 2004, p.30)

Tanto o recalque primário como o secundário direcionam os modos de escoamento de nossa energia. Estabelecem sobredeterminações que enlaçam nossos desejos. Elas nos afastam do desejo primeiro de morrer, ao qual estamos hiperdeterminados. Rememorar o momento primeiro, do recalque originário, representa deparar-se com a potência de vincularmo-nos com qualquer coisa. Não se trata de ir em busca da *Coisa perdida*, como propõe Lacan, inspirado no *Das Ding* freudiano, o primeiro objeto que queremos reencontrar para repetir a grande

¹⁵⁵ ALONSO, Aristides. *Os neurônios-espelho e a mente-espelho da nova psicanálise*. In: MD MAGNO. *Amazonas. A psicanálise de A a Z*, pp.176-179. E também SANTOS, Giselda *et alli*. **Vocabulário básico da Nova Psicanálise**.

¹⁵⁶ **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**.

satisfação que ele nos proporcionou. Trata-se, sim, de reconhecer que não há coisa alguma que satisfaça a pulsão de modo absoluto.

Magno destaca que o homem não se caracteriza pela falta de *Um* objeto que o complete, mas pelo excesso de possibilidades para vincular a pulsão. A hiperdeterminação corresponde ao *cais absoluto*, à neutralização diante de qualquer caminho proposto para a pulsão, quando não há mais a obrigação de seguir nas direções antes determinadas. A esse estado chamo de *perdição originária*. Diante dela, para não morrer, pode-se investir com intensidade na trilha que se apresentar, com a disposição de colocar em suspensão qualquer determinação que impeça aquela via de satisfação. Mas isso é apenas uma possibilidade.

Todo discurso articulado de modo um pouco mais livre das determinações secundárias e primárias apresenta algo de delirante para seus contemporâneos. Transgride a lei coletiva. Por isso proponho a idéia de que aqueles que assim agem parecem “perdidos”. A cantilena do discurso estabelecido muitas vezes trabalha para destruí-los. Imagine a terra não ser o centro do mundo?! O homem vir do macaco?! Pintar sem figura?! Escrever poesia sem métrica?! Chegar à lua?! Gerar filho fora do corpo da mulher?! Produzir vida em laboratório?! Essas, e tantas outras invenções, engendram a cultura. Porém, só se tornam parte da realidade pela intensidade do investimento libidinal que os indivíduos aplicaram no seu desejo. Esse encantamento pelo desejo nomeio *perdição*. Tais pessoas transformaram o impossível em possível. Nesse processo, é bem verdade, recolheram da realidade já instituída aquilo que poderia contribuir para tornar seu próprio delírio realidade. No entanto, reviraram o dado. Serviram-se dele para criar algo diverso.

A *perdição criadora* implica, portanto, o exercício de suspensão dos recalques e a aproximação da situação caótica originária. Ela nos deixa indiferentes aos diversos níveis de determinação. No entanto, corresponde a perder-se no ilimitado, a retornar ao originário. A angústia decorrente disso provoca o afastamento compulsivo desse estado primeiro e a consequente sustentação dos recalques. Mesmo que eles provoquem sofrimento. Pensar a dinâmica entre os sistemas mentais nos permitirá avançar um pouco mais.

1.5

Os sistemas mentais

Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística. É uma porta aberta....

O real, eu diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente.

O inconsciente é um saber, um saber-fazer com alíngua.¹⁵⁷

Jacques Lacan

A complexidade de qualquer fenômeno exige a abordagem sob múltiplas perspectivas. Freud definiu três perspectivas para a análise metapsicológica: a econômica, que aborda a intensidade dos investimentos pulsionais; a dinâmica, que observa o conflito entre forças; e a tópica, que identifica o modo de relação entre os sistemas mentais. A análise leva em conta essas três perspectivas, sempre presentes. O limite da linguagem verbal, no entanto, impõe a apresentação linear. E tudo está tão interligado que, na maioria das vezes, é difícil eleger o ponto inicial para a investigação. As repetições também se tornam inevitáveis.

Conduzi nossa reflexão até aqui pelas trilhas da pulsão e da economia libidinal. Nesse percurso, incluí referências aos sistemas psíquicos que se organizam a partir do movimento pulsional. E que, veremos melhor neste capítulo, acabam por orientá-lo. Abordaremos agora as perspectivas dinâmica e tópica de nossa mente e sua relação com a *perdição criadora*.

Primeiramente, resalto que a construção de Freud visa entender a dinâmica do desejo. Às vezes, sentimo-nos enfeitiçados por objetos, mas não investimos na realização do desejo. Em outras, sequer reconhecemos qualquer feitiço. Em grande parte das situações, não sabemos a razão dessa recusa. Tal quadro configura o conflito de forças presentes no psiquismo. Freud representou esse conflito estabelecendo três regiões mentais. Inicialmente, nomeou-as *sistema perceptivo*, *sistema inconsciente* e *sistema pré-consciente/consciência*. Em um

¹⁵⁷ LACAN, Jacques. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.26;p.178;p.190.

segundo momento, designou-as Eu, Isso e Supereu. A articulação entre elas direciona nossos investimentos pulsionais.

Antes de avançar, convido-os a pensar em alguns aspectos da criação. Considero efetivamente ato criador a invenção de algo nunca antes formulado.¹⁵⁸ O que não quer dizer que os elementos para sua formulação não estivessem à disposição de qualquer um. Pensemos no campo da física: a lei da gravitação universal ou a teoria da relatividade, por exemplo. Antes de Newton e Einstein enunciá-las, a natureza já operava da maneira como eles a descreveram. Simplesmente estavam inconscientes para nós. Nossa percepção não as captava.

O inconsciente corresponde não apenas ao que foi vivido e proibido, mas também àquilo jamais experimentado. Nas palavras do mestre francês da psicanálise: “O inconsciente, primeiro, se manifesta para nós como algo que fica em espera na área, eu diria algo de *não nascido*. Que o recalque derrame ali alguma coisa, isto não é de se estranhar. É a relação da fazedora de anjos com os limbos”.¹⁵⁹ Hoje, alguns aspectos das teorias de Newton e Einstein foram questionados, superados. Outras facetas dos fenômenos se revelaram aos físicos contemporâneos. Em ambos os casos, a percepção captou algo que restava inconsciente, desconhecido. A percepção tomou forma mediante o trabalho da consciência. A criação, portanto, refere-se a uma sideração entre percepção, inconsciente e consciência.

Pensemos como a concepção do aparelho mental nos ajuda a entender melhor esse processo. Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), obra inaugural da psicanálise, Freud propõe uma estrutura do aparelho mental dividida em três sistemas: o perceptivo, o inconsciente e o pré-consciente/consciência. Por meio da análise dos sonhos, Freud chega à formulação do inconsciente como motor de nossa vida. Descobre que esse sistema articula-se por lógica tão consistente

¹⁵⁸Sigo reflexão de MD Magno, que diferencia *criatividade* de *criação*. A *criação* refere-se ao ato de fundação de uma nova lógica, um novo discurso. Corresponde ao despertar de novas formas. A *criatividade* corresponde a articulações decorrentes daquele primeiro ato fundador. “A criatividade (que) é próxima da artesanaria, mas não é o poético”. In: MAGNO, MD. **Amazonas. A psicanálise de A a Z** (2006), p.68 e seguintes. Na capítulo 2 desta tese abordei o ato criativo.

¹⁵⁹LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.28. O **limbo**, na religião cristã, é a morada das almas que, não tendo cometido pecado mortal, estão afastadas da presença de Deus, por não haverem sido remidas do pecado original pelo batismo (como, por exemplo, as almas ditas justas que viveram antes do advento do cristianismo). Na citação, Lacan visa ressaltar que o inconsciente não se resume ao recalado. Mesmo em Freud encontramos essa concepção. Afirma ele na **Conferência XXXI – A dissecação da personalidade psíquica** (1932/1933): “o recalado funde-se ao restante do Isso”,pág.82.

quanto nossa consciência, mas escapa a ela. Nesse texto, Freud não apenas formula sua primeira concepção sobre a estrutura de nosso aparelho psíquico como descreve a metodologia da análise, que não se restringe à análise onírica. Diz respeito à lida com o desconhecido. Tal método implica “trabalhar como uma besta” – “com a persistência de um animal e com idêntica despreocupação com o resultado”¹⁶⁰ – para conseguir trazer à superfície aquilo que está velado, e que, no entanto, orienta, sem o sabermos, nossa vida. Aqui vale uma ressalva: o inconsciente mostra-se todo tempo. Quem o vela é o pré-consciente, que censura qualquer percepção indicadora de algo estranho a uma imagem de Ser.

A novidade trazida por Freud ao termo inconsciente consiste na constatação de que ele opera de modo tão organizado como a consciência. Não se resume, portanto, ao mundo obscuro de vontades primordiais desconhecidas. Tem relação com isso, como fica evidenciado na segunda concepção freudiana sobre as regiões mentais. Mas também consiste em organização de desejos e fantasias segundo a lógica significante. Daí a famosa proposição de Lacan: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”¹⁶¹.

A pulsão, e nosso psiquismo, ordena-se a partir de sua vinculação em representações, registros mnêmicos de palavras, coisas e sensações¹⁶². Esses registros, que incluem inscrições para além da linguagem verbal, correspondem a marcas em nossa carne das *impressões* de nossas experiências. Enfatizo o termo impressões para ressaltar o caráter subjetivo de tais traços mnêmicos. Eles constroem as idiossincrasias de cada um, o estilo particular característico dos indivíduos.

A realidade registrada em nossa memória consiste no modo como articulamos a situação vivida. Não se trata da realidade objetiva. Assim, gostar ou não de bobó de camarão nada tem a ver com o camarão, o aipim e a cenoura. O modo como aquele prato ficou registrado em nossa memória depende de toda a situação em que travamos o contato com ele. As pessoas envolvidas, as palavras ouvidas, as sensações corpóreas experimentadas.

Ferdinand de Saussure (1857-1913), fundador da linguística estrutural que inspirou Lacan na construção da psicanálise, define o signo como a unidade

¹⁶⁰ FREUD, S. **A interpretação dos sonhos** (1900), p. 554.

¹⁶¹ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.25.

¹⁶² As marcas pré-verbais constituem *recalque primário* proposto pelo psicanalista MD Magno e apresentado no capítulo anterior.

mínima do sistema da linguagem. O signo constitui-se pela articulação entre o significante, sua *imagem acústica*, e o significado, o *conceito* atribuído ao tal significante¹⁶³. Entre os dois não há qualquer motivação. Sua união é completamente arbitrária, aleatória. Tampouco há vinculação obrigatória entre o signo e o referente, a coisa que ele representa. E mais: o valor de cada signo, sua identidade, constrói-se na relação estabelecida com os outros elementos do sistema, na oposição entre eles. Lacan privilegia o significante, entendendo-o como marca a ser sempre ressignificada pelo jogo constante de deslizamento e condensação entre significantes executado pelo inconsciente.¹⁶⁴

A linguagem apresenta-se como pura ficção, constituída a partir de oposições entre sons, significantes e significados. Ficção com força de realidade, pois impõe modos de pensar, agir e perceber. Assim organiza-se o inconsciente. E também a consciência. O primeiro, no entanto, corresponde à rede infinita de articulações, passível de contínuas atualizações de acordo com as contingências. A energia opera nessa região mental de forma livre, com grande capacidade de deslocamento entre as representações.

No sistema inconsciente, não há fixações em significados, não há contradição. Impera sempre o presente. Observa-se a significância sempre em aberto¹⁶⁵, fechada apenas de acordo com as exigências do atual. A rigor, regidos pelo inconsciente, poderíamos saborear qualquer iguaria que nos oferecessem. Contudo, a consciência censura a entrega a perdições. Ela obriga a retornar sempre ao mesmo *menu*, tende à repetição das articulações já estabelecidas.

Mesmo assim, o inconsciente insiste. Ele se manifesta de modo evidente na quebra do sentido, na desestruturação da ordem do discurso. Revela-se nos sonhos, nos atos falhos, nos chistes – ou, como prefere chamar Lacan, nas “tiradas espirituosas”. E ainda nos sintomas, que organizam nosso modo de falar e agir. Suas aparições dizem algo que não queremos ver.

¹⁶³“O signo linguístico une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica.”. In: SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**, p.80. Antes de Saussure, Freud chega a formular uma sofisticada “teoria das representações” no ensaio que escreve sobre as afasias (**A interpretação das afasias** – 1891). Monah Winograd discute sobre ela no ensaio **Freud é monista, dualista ou pluralista?**

¹⁶⁴ Lacan aprofunda a análise de Saussure no ensaio **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud** (1957).

¹⁶⁵ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.30.

Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado com esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer se realizar – algo aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se*, se apresenta como um *achado*. (Lacan, [1964]1998, p.30)

O processo analítico aproveita o tropeço para desvelar a série que nos sustenta. Daí a referência de Lacan à frase de Picasso: “Eu não procuro, eu acho”¹⁶⁶. Sem dúvida, o pintor catalão lidava com mestria com as manifestações do inconsciente que se lhe afluíam. A bela e vigorosa variedade de expressões de sua obra indicam constante abertura para o não formulado. A análise também provoca equívocos, para romper com a lógica da consciência. Incita-nos à associação livre, a perder-nos na rede virtual que nos constitui. Pela palavra, podemos deslocar e condensar continuamente os significados das representações que nos ordenam, até chegar à ausência completa de sentido. Ao real, portanto. Ou ao silêncio originário, do qual qualquer discurso provém. Lacan nomeia este estado de mutismo primitivo de *alíngua*.¹⁶⁷

Em uma análise, observa Lacan, “o objetivo é mostrar-lhe [ao paciente] através de sua própria narrativa que o sintoma, a doença digamos, não tem nenhuma relação com nada, que ela é privada de qualquer sentido que seja”¹⁶⁸. E, diante do não sentido, nada lhe resta a não ser a invenção de qualquer sentido. Sempre novo, para atender à particularidade das contingências. Agora, no entanto, vê com a clareza que o sentido é pura ficção, necessária para existirmos.

Inspirado no modelo do arco-reflexo da psicologia, Freud observa que o aparelho mental tem um sentido progressivo: sua atividade parte de estímulos (externos e internos) e termina em inervenções. Ou seja, o vetor do funcionamento psíquico origina-se na extremidade perceptiva e termina na extremidade motora.

¹⁶⁶ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.205.

¹⁶⁷ “Se eu disse que a linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é mesmo porque, a linguagem, desde o começo, ela não existe. A linguagem é o que se tenta saber concernente à função da alíngua”. In: LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.189. Já no **Seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro ao outro**, Lacan destaca o silêncio. Em sua primeira aula, escreve ele no quadro: “A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala”, p.11.

¹⁶⁸ LACAN, J. Entrevista a Emilio Granzotto realizada em 1974 e publicada por Magazine Littéraire, Paris, n.428, fev/2004. No Brasil, está publicada em SANTOS, E. **O sexo de Deus**.

Somos afetados por sensações e agimos para descarregar o acúmulo de tensão. Entre esses dois extremos, há um mundo!

As excitações momentâneas são retidas no sistema mnêmico, transformando-se em traços permanentes que constituem nossa memória. Esses traços não se limitam ao conteúdo das percepções, pois operam em rede. Ligam-se a traços já existentes mediante alguma forma de associação, quer pela simultaneidade temporal – o momento em que ocorrem –, quer por alguma similaridade, alguma semelhança. Assim, um único registro perceptivo transforma-se em um nó de feixes, articula-se com o material já existente na memória. E é traduzido e retraduzido conforme novas associações se realizem.

A rede será tanto maior quanto menos resistência operar no aparelho. E também mais complexa, desde que abrigue e articule os estímulos diferentes e imprevistos ao acervo já existente. Os recalques impedem o deslizamento do fluxo da energia pelo acervo das marcas da experiência. Dessa maneira, a rede na qual a pessoa se sustenta fica limitada. Ela fica mais vulnerável, pois qualquer estímulo estranho lhe parece demasiadamente ameaçador. Provoca a sensação de caos e é rejeitado de maneira veemente.

As lembranças fazem parte do sistema inconsciente, que inclui também o não experimentado. Nesse sistema encontra-se a força propulsora dos desejos. O sistema pré-consciente/consciência age como censor. Ele define quais lembranças acedem à consciência e quais desejos concretizar. Com o objetivo de manter uma unidade, recalca automaticamente qualquer idéia que provoque ruptura com a lógica dominante e, portanto, geradora de desprazer. Restringe, assim, a possibilidade de acolher novas percepções e ampliar a rede consciente.

Convido-os a pensar um pouco no fenômeno da consciência. O tema já foi exaustivamente tratado por filósofos e psicólogos, mas em Freud ele aparece sob novo olhar. “Trata-se de um estado muito transitório, uma idéia que é consciente agora não o é mais um momento depois”, afirma ele.¹⁶⁹ A consciência manifesta-se por bruxuleios, de modo trêmulo e fugaz. Freud confunde-nos um pouco, pois ora associa-a ao sistema pré-consciente ora ao sistema perceptivo. Recorro a um trecho de *Uma nota sobre o Bloco Mágico* (1925) em busca de trazer um pouco de luz:

¹⁶⁹ FREUD, S. *O Ego e o Id* (1923), p. 29.

Minha teoria expunha que inervações da catexia são enviadas e retiradas em rápidos impulsos periódicos, de dentro, para o sistema *Pcpt.-Cs.* completamente permeável. Enquanto catexizado dessa maneira esse sistema recebe percepções (que são acompanhadas por consciência) e transmite a excitação para os sistemas mnêmicos inconscientes; entretanto, assim que a catexia é retirada, a consciência se extingue e o funcionamento do sistema se detém. É como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o veículo do sistema *Pcpt.-Cs.*, orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes. (Freud, [1925] 1996, p.259)

Aqui a consciência relaciona-se à percepção e à sua articulação com o inconsciente. Manifesta-se de modo descontínuo, visto estar na dependência das contingências. O inconsciente, que acolhe qualquer idéia e qualquer estímulo, disponibiliza-se para o aqui-agora captado pelos sensores do organismo. Naquele instante, temos consciência, sentimos algo. O que não garante que possamos articular o novo estímulo em linguagem. O psiquismo intercepta sinais que serão registrados na rede do inconsciente. Se o pré-consciente permitir, aqueles traços mnêmicos associam-se a representações de palavras e são verbalizados. No entanto, se estiverem muito em desacordo com a suposta unidade e coerência aceita pelo pré-consciente, são recalcados. Quando nos deparamos com estímulo muito desagradável, ele é proibido de chegar à consciência. Articulá-lo demanda trabalho ao psiquismo.

O pensamento é uma de nossas atividades mais sofisticadas. Ele se dá originalmente no terreno do inconsciente.¹⁷⁰ Exige tolerar certo aumento de tensão interna, que não é descarregada imediatamente por uma ação motora, e vincular a energia a idéias e representações verbais (ou simbólicas). Essa forma de satisfação não tem a intensidade das descargas corporais, pois implica o deslocamento de pequenas quantidades de energia. Representa o funcionamento secundário da mente. Não se trata simplesmente de repetir significados já elaborados, mas de acordar novas significações. De criação, portanto. O pré-consciente oferece o discurso corrente, o já definido pelo código. Corresponde à *fala vazia*, tão monótona quanto o incansável repetir de um disco gravado¹⁷¹.

¹⁷⁰ FREUD, S. **Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental**, (1911), p.240.

¹⁷¹ No artigo *Função e campo da fala e da linguagem* (1953-1956), Lacan opõe a *fala vazia* – imaginária e estéril, à *fala plena*, expressão do desejo do sujeito. Chegar a esta última é o objetivo da análise. In: LACAN, J. **Escritos**, p.248 e seguintes.

Lembro-me de bela frase do filósofo Emanuel Carneiro Leão: “Pensar é acordar o não-pensado”.¹⁷²

Em minha abordagem sobre o ato criador, destaquei que a criação resulta, justamente, da articulação entre percepção, inconsciente e consciência. O pensamento, para Freud, ocorre nessa sideração. Depende da perturbação provocada por algo desconhecido, do deslizamento do acréscimo de energia pelas tramas inconscientes, e da sua tradução em discurso. Por meio dessa articulação, a nova percepção torna-se consciente.

O discurso produzido nesse processo não se resume a palavras. Outras linguagens, como a musical e a plástica, também permitem tal ordenação. A *alíngua* primitiva assume forma em variadas matérias. Para ressaltar a diferença entre a *alíngua* e a linguagem, Magno propõe nova leitura da famosa frase de Lacan: “l’inconscient est structuré comme on l’engage”¹⁷³ – *o inconsciente é estruturado como o engajamos*. O que importa é o engajamento da energia em algum tipo de discurso. Essa operação é uma “transa”, uma relação prazerosa, entre algo novo que notamos e nosso acervo inconsciente. Recorro uma vez mais ao depoimento de Gustave Flaubert:

...se me acontecem algumas vezes momentos acres que me fazem quase gritar de raiva por conta da impotência e da fraqueza que sinto, há também outros em que mal consigo me conter de alegria. Algo de profundo e de extraluxuoso transborda de mim em jorros precipitados, como uma ejaculação da alma. Sinto-me transportado e embriagado com meu próprio pensamento, como se me acontecesse, por um respiradouro interior, uma baforada de perfumes quentes. (Flaubert, 1993,p.112).

Um *insight* representa o vínculo entre uma percepção e a rede inconsciente. Daí Freud afirmar que o pensamento vem “de fora”¹⁷⁴. É exterior à linguagem¹⁷⁵. A criação relaciona-se com o perder-se do já sabido. Idéias e representações desconhecidas, que permanecem fora do campo autorizado pelo pré-consciente,

¹⁷² ANAXIMANDRO *et alli*. **Os pensadores originários**,p.10. Emanuel Carneiro Leão escreve a introdução do livro.

¹⁷³ MD Magno. **A pedagogia freudiana**, p.107.

¹⁷⁴ FREUD, S.**O Ego e o Id** (1923), p.37.

¹⁷⁵ É provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, na medida em que ultrapassava simples apresentações ideativas e era dirigido para as relações entre impressões de objetos, e que não adquiriu outras qualidades perceptíveis à consciência até haver-se ligado a resíduos verbais”. In; **Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental**. (1911), p.240.

provocam desprazer. Mas só as sensações desprazerosas impelem à mudança.¹⁷⁶ O prazeroso está ao alcance da mão. O desprazeroso exige trabalho, impulsiona à busca de nova forma de prazer.

Apesar de Freud usar as denominações formuladas em *A interpretação dos Sonhos* durante toda a vida, constata um problema: o sistema pré-consciente, associado à idéia de Eu, possui importante parcela inconsciente. O inconsciente, portanto, corresponde a uma “qualidade” do psíquico, que pode ser encontrada nos diferentes sistemas. Não se restringe àquele que acolhe os desejos proibidos e desconhecidos. E mais: a consciência pode ou não estar presente, ela é um estado muito transitório, como vimos. Freud propõe, então, nova concepção do aparelho mental, apresentada no texto *O Eu e o Isso* (1923).

De novo ele define três instâncias: o Eu, o Isso e o Supereu. Embora representem províncias que estruturam o espaço mental, elas não correspondem a regiões cerebrais específicas. Freud procura afastar sua concepção do aparelho mental da anatomia. O que não quer dizer que esse aparelho seja independente dos processos materiais, corpóreos. A nova forma de pensar despertada pela psicanálise descarta a dicotomia entre corpo e psíquico. As imperfeições da linguagem muitas vezes nos obrigam a usar esses termos. O conceito básico da psicanálise – a pulsão – está no limite entre o somático e o mental. Em termos geográficos, sabemos que a fronteira pertence aos dois lados dos territórios que delimita.¹⁷⁷

A representação espacial do aparelho mental visa indicar o modo particular da relação entre as instâncias, definir seus limites e sua dinâmica. Mais uma vez recorreremos à física. A dinâmica faz parte da mecânica, estuda o comportamento dos corpos em movimento e a ação das forças que produzem ou modificam seus movimentos. Temos como desafio pensar quais forças paralisam nosso movimento e quais o impelem. E como se articulam na *perdição criadora*.

Veremos que o caráter da força – impelente ou paralisante - depende do contexto em que ela opera. Em psicanálise, estabelecem-se conceitos, produz-se teoria, mas o sentido sempre está ligado ao caso específico em estudo. Não se pode dizer, de modo universal, se determinado ato ou fala provoca o desenvolvimento de alguém. Em certos casos, pode funcionar. Em outros, não.

¹⁷⁶ FREUD, S. *O Ego e o Id*, p.29.

¹⁷⁷ WINOGRAD, M. *A pulsão e as fronteiras da psicanálise*.

Uma bronca, por exemplo. Ou, em termos mais psicanalíticos, a provocação de um trauma, da ruptura de certa organização. Em algumas situações, o trauma impele à transformação. Em outras, provoca acentuadas regressões.

As regiões mentais constituem estrutura que administra as pulsões. Os lugares ocupados por esses territórios psíquicos variam. Trata-se de uma tópica virtual, em constante transformação a partir das relações estabelecidas entre os diferentes territórios. O Isso corresponde à região mais profunda da mente. Mas essa profundidade só existe para o Eu, que resiste à percepção das tendências libidinais que ali pululam. Apesar de desconhecidas para o Eu, elas se mostram em atos, comportamentos, falas. Ao mesmo tempo, o Supereu paira “sobre” o Eu, observando-lhe e punindo com severidade qualquer deslize do ideal imposto. Porém, essa localização do Supereu “acima” do Eu caracteriza modo específico de interação entre as províncias.

A instância mais originária é o Isso. A escolha do termo remete a Friedrich Nietzsche (1844-1900)¹⁷⁸ e a George Groddeck (1866-1934)¹⁷⁹, que utilizaram o pronome *Es* para nomear a vontade impessoal presente em nós. Nas palavras de Groddeck:

Acredito que o homem é vivido por algo desconhecido. Existe nele um ‘Isso’, uma espécie de fenômeno que comanda tudo que ele faz e tudo que lhe acontece. A frase ‘Eu vivo...’ é verdadeira apenas em parte; ela expressa apenas uma pequena parte dessa verdade fundamental: o ser humano é vivido pelo Isso. (Groddeck, [1923] 1991, p.9).

Em francês – *ça* – e em inglês – *it* – a idéia de impessoalidade e indeterminação fica explícita. Em português, a conotação impessoal diminui, apesar de *isso* vir do latim *ipsum*, pronome neutro que se refere ao mesmo¹⁸⁰. Usualmente emprega-se o pronome *isso* para indicar algo que está espacialmente afastado do falante e próximo do ouvinte. Ou também algo passado, mas ainda

¹⁷⁸ O termo é utilizado por Nietzsche no fragmento 17, de **Além do bem e do mal** (1887): “Quanto à superstição dos lógicos, nunca me cansarei de sublinhar um pequeno fato que esses supersticiosos não admitem de bom grado – a saber, que um pensamento vem quando ‘ele’ quer, e não quando ‘eu’ quero; de modo que é um *falseamento* da realidade efetiva dizer: o sujeito ‘eu’ é a condição do predicado ‘penso’. Isso pensa: mas que este ‘isso’ seja precisamente o velho e decantado ‘eu’ é, dito de maneira suave, apenas uma suposição, uma afirmação, e certamente não uma ‘certeza imediata’”, p. 23

¹⁷⁹ Groddeck publica **O livro d’Isso** em 1923, mas em 1921 o texto já estava pronto, como o atesta uma carta de Groddeck a Freud. Groddeck era médico e discípulo de Freud. O livro assume a forma de uma ficção, e não de um texto acadêmico. Trata-se de um conjunto de divertidas cartas em que o personagem, o médico Patrik Troll, responde a questões feitas por uma amiga.

¹⁸⁰ **Dicionário Houaiss de língua portuguesa.**

recente. Aproveito o uso comum do vocábulo para identificar as características dessa região mental. Distante de quem fala, porém íntimo de quem o escuta. Pretérito e presente. Estranho e familiar.

A energia do aparelho mental provém do Isso, que abriga toda e qualquer pulsão.¹⁸¹ Elas constituem as forças que impulsionam o organismo no sentido de sua satisfação. Só que, ao nascermos, nada sabemos sobre o que fazer com elas. Originariamente não sentimos nosso corpo como uma unidade, mas como algo em pedaços, desarticulado. No Isso, diferentes anseios perseguem suas próprias finalidades. Freud chega a denominá-lo de caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante.¹⁸² Nele não há passagem do tempo, os impulsos e as impressões ali mergulhados são imortais. Acolhe tudo, não conhece negação, impulsos contrários convivem lado a lado. Quando nascemos, as demandas pulsionais expressam-se de modo anárquico sem que consigamos, sozinhos, estabelecer hierarquias. Na origem não há caminho, não há trilha, somos perdidos. Nos constituímos de modo defensivo a esse estado de *perdição originária*. Não há outra saída.

O leitor poderia questionar-me sobre a metáfora que proponho. Afinal, se na origem não existe qualquer caminho, também não há possibilidade de estarmos perdidos. Simplesmente experimentamos a potência de vir a ser qualquer coisa, pletora de energia sem destino. No entanto, esse primeiro momento fica submerso sob os recalques. Sua rememoração exige, portanto, perder-se dos caminhos que nos organizaram, estabelecidos pelos recalques primário e secundário. A anamnese do processo analítico remete até o momento mais originário, a hiperdeterminação.

O Isso é extenso e atemporal. Ele está dentro de nós. Mas também está fora. Trata-se de uma exterioridade íntima.¹⁸³ Magno brinca com a língua e diz que o inconsciente está “dora”, dentro e fora ao mesmo tempo. Só temos acesso ao

¹⁸¹ Como disse anteriormente, mesmo depois da proposição de sua segunda tópica, Freud seguirá utilizando o termo inconsciente para referir-se ao sistema mental que acolhe qualquer pulsão ou idéia, quer ela tenha sido recalcada ou simplesmente nunca vivida ou experimentada. Afirma ele na **Conferência XXXI**: “o recalcado **funde-se ao restante do Isso**”, p.82. Em **Esboço de Psicanálise**, no capítulo sobre *Qualidades Psíquicas*, afirma Freud: “A única qualidade predominante no id é a de ser inconsciente. Id e inconsciente acham-se tão intimamente ligados quanto ego e pré-consciente; na verdade, no primeiro caso, a vinculação é ainda mais exclusiva”, p.176. A novidade na segunda tópica é que também as forças recalcentes, aquilo considerado “mais elevado” no psiquismo, tem grande parcela do inconsciente. Trata-se do Superego.

¹⁸² FREUD, S. **Conferência XXXI. A dissecação da personalidade psíquica**, p.78.

¹⁸³ Lacan propõe o neologismo *êxtimo* para dar conta do caráter externo e íntimo do Isso. In: **O seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro a um outro**, p.219.

inconsciente por meio de uma percepção externa. Ele é extenso e por seu intermédio pensamos. Diferente de Descartes, a psicanálise não vê oposição entre a *res cogitans* e a *res extensa*, entre o corpo, que sente, e a mente, que pensa. São estados diferentes de uma mesma matéria. Originalmente, não conhecemos limites, não há diferenciação entre nosso corpo e a realidade externa; tampouco há qualquer divisão interna. “A psique é extensa, mas ela não sabe disso”¹⁸⁴. Somos apenas Isso, ilimitado. Nosso desenvolvimento exige a diferenciação entre interior e exterior, e a complexificação interna do psiquismo.

O Eu emerge do Isso. Corresponde à superfície do território impessoal originário, que se transforma em virtude do contato com o mundo externo. Por meio do Eu, o Isso executa as ações motoras necessárias à satisfação das pulsões que abriga. Devido à sua localização, entre o reservatório pulsional e as exigências externas, o Eu seleciona quais das múltiplas tendências em luta no caldeirão irá privilegiar. Executa recalques necessários à autopreservação do organismo; estabelece caminhos, facilitações para a descarga da energia. O Eu impõe ordenação ao caos. Sem o recalque, o organismo sucumbiria em meio à guerra interna entre as forças que o constituem. Também pereceria por não conseguir se impor às forças externas que o ameaçam. “Esse pequeno fragmento de substância viva acha-se suspenso no meio de um mundo externo carregado com as mais poderosas energias, e seria morto pela estimulação delas emanadas, se não dispusesse de um escudo protetor contra os estímulos”.¹⁸⁵

O Eu começa a constituir-se a partir de operações que visam a proteger, a defender o organismo do excesso de excitações que o acometem e provocam angústia. A essa confusão de sensações e intensidades chama-se *trauma originário*. A energia está livre, sem destino determinado. Daí a necessidade do recalque. Ele constitui um mecanismo de defesa que visa a reduzir o efeito traumático. O afeto intenso provocou o recalque¹⁸⁶. Vale lembrar que a semente do que será o Eu resulta dessas primeiras inscrições. Nesse estado primitivo, o Eu não é propriamente agente do recalque. Ele sequer existe. O processo simplesmente se dá; não há um sujeito para essa ação. O Eu é passivo. Nesse

¹⁸⁴ Citado por Green em **Conferências brasileiras** (1986), pág.25.

¹⁸⁵ FREUD, S. (1920) **Além do princípio de prazer**, p. 38.

¹⁸⁶ Na **Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual** (1932/1933), Freud observa que o recalque não *causa* a angústia e sim o contrário: a angústia, o excesso de energia livre, provoca o recalque.

momento, segundo a proposição de Magno, o *revirão*, característica particular de nossa espécie, entra em funcionamento. E começam a ser estabelecidos os primeiros diques à pulsão. Os recalques originário e primário estabelecem-se, portanto, de forma passiva. O recalque secundário tem como agente o Eu.

Freud ressalta que “não existe qualquer oposição natural entre o Eu e o Isso; eles se pertencem, e em condições saudáveis não podem na prática ser distinguidos um do outro”.¹⁸⁷ O Isso gera o Eu para se proteger e conseguir sobreviver segundo as limitações impostas pelo mundo. Depois de estabelecido, o Eu tem que ralar como o Isso. Caso contrário, de tanto querer, vai acabar morrendo. No entanto, Eu e Isso são facetas de um mesmo organismo. Se operam de modo saudável, apresentam-se aliados.

Quando observamos um mestre em seu trabalho criativo, esse quadro fica evidente. Um *virtuose* executando uma peça musical, por exemplo. Percebemos que não é o Eu que alimenta o processo. O Isso simplesmente se expressa de maneira organizada. Faz coisas imprevistas, inusitadas. E belas. A repetição da submissão ao objeto educou, ou melhor, educa o Isso. Tal processo é interminável. Não à toa, todo mestre pratica sua arte continuamente.

A experiência de *perdição criadora* implica nesse reconhecimento. No acolhimento e na tradução, por parte do Eu, das demandas do Isso. A insistência da pressão da pulsão exige o novo, o ainda não articulado.¹⁸⁸ O trabalho da análise, e da criação, diz respeito à formação de um “Eu inclusivo” e não meramente recalcante.

Durante muito tempo o homem invejou os pássaros. Quis imitá-los. Sua constituição física, o recalque primário, tornava tal desejo impossível. A insistência nesse desejo permitiu que o homem construísse meios para realizá-lo. Se tivesse permanecido dizendo não, recalcando essa vontade, nunca teria alçado voo. Mas o Eu acolheu a vontade e criou meios de satisfazê-la. Pagou o preço, investiu na transformação do desejo do impossível em possibilidade. Sobre esse processo, observa Freud:

¹⁸⁷ FREUD, S. **A questão da análise leiga** (1926),pág.196.

¹⁸⁸ Afirma Lacan n’**O Seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**: “o que nos desperta é a outra realidade escondida por trás da falta do que tem lugar de representação – é o *Trieb*, nos diz Freud(...) – e se por falta de representação, ele não está lá, qual é esse *Trieb* de que falamos – podemos considerá-lo como sendo apenas *Trieb* por vir”,p.61

É também possível intervir no mundo externo modificando-o, e nele estabelecer intencionalmente as condições que tornam possível a satisfação. Essa atividade então se torna a função mais elevada do ego; decisões quanto a quando é mais conveniente controlar as paixões e curvar-se diante da realidade, e quando é mais apropriado ficar ao lado delas e lutar contra o mundo externo — tais decisões compõem toda a essência da sabedoria mundial. (FREUD, S.: [1926] 1996, p.196).

Sabemos que os limites ao Isso são necessários à continuidade da vida. No entanto, quantos morreram na busca de realizar a aventura de voar? Morreram de seu desejo. Essas mortes constituíram etapas necessárias à efetivação dele. E à transformação da realidade estabelecida. Grande parte das pessoas, para preservar a vida, extingue-se por mortes alheias.

A autopreservação é ponto complexo em nossas aventuras pulsionais. A tentativa de suprimir partes do Isso de maneira inapropriada provoca paralisação e empobrecimento da vida. E mais, como o Isso é mais forte que o Eu, ele se vinga. Pune o Eu, associando-se ao Supereu. Transforma a experiência em um estorvo! Mas o que deve ser preservado para o estabelecimento de vida mais intensa e criativa? Até que ponto preservação corresponde a morte e sufocamento? Por que alguns engajam-se no regime da *perdição criadora* e a maioria permanece paralisada nos moldes coletivos?

Seria demasiado pretensioso de minha parte supor que poderia responder claramente a essas questões. Apenas busco articular algumas idéias sobre as variáveis em jogo nesse campo. Tal exercício não garante que as barreiras inconscientes à *perdição criadora* sejam superadas. Ela exige encarar a própria vida como um experimento, arriscando-se pelas veredas imprevistas do Isso. A consciência apresenta-se como uma pequena lanterna que nos ajuda a investigar os emaranhados de nossa vida emocional. Essas teias nos paralisam e nos impulsionam para as coisas. E mais: muitos vivenciam a *perdição criadora* sem ter qualquer clareza do seu modo de operação. Simplesmente engajam-se, de determinada maneira, nas vias de seu desejo.

1.6

Extravios da moral

‘A consciência faz de todos nós covardes’. Que a educação dos jovens nos dias de hoje lhes oculta o papel que a sexualidade desempenhará em suas vidas, não constitui a única censura que somos obrigados a fazer contra ela. Seu outro pecado é não prepará-los para a agressividade da qual se acham destinados a se tornarem objetos.¹⁸⁹

Sigmund Freud

A formulação da segunda tópica do aparelho psíquico decorreu da revelação do conceito de pulsão de morte. Freud inicia *Além do princípio de prazer* com a seguinte constatação: sua prática clínica contestava a hipótese da dominância do princípio de prazer nos processos mentais. Seus estudos sobre as neuroses de guerra mostraram que os pacientes ficaram fixados nas situações traumáticas, repetidas de modo compulsivo em seus sonhos. Os sonhos de angústia expressavam uma negação ao princípio do prazer, pensa Freud inicialmente. Eles provocavam tensão desagradável ao organismo. Constituíam, dessa maneira, exceção à teoria do sonho, antes identificado com a realização de desejos. Freud conclui, por fim, que aquela estranha “compulsão à repetição” manifestava uma “força demoníaca em ação”. Tal força trabalha para destruir o próprio organismo.

Três anos depois, em 1923, Freud publica *O Eu e o Isso*. Destaca que, entre essas duas instâncias, instaura-se um terceiro território mental: o Supereu¹⁹⁰, a mais difícil de apreender das três. Na verdade, ele corresponde ao núcleo inconsciente do Eu, apesar de muitas vezes se expressar ruidosamente como a voz da consciência. O Supereu forma-se a partir da relação que estabelecemos com

¹⁸⁹ FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, p.137, Nota. A primeira frase do texto é uma citação feita por Freud de **Hamlet**, de Shakespeare, do monólogo do Ato III, cena I.

¹⁹⁰ A primeira referência ao Supereu, também chamado por Freud de Ideal do Eu, aparece já em 1914, no texto **Narcisismo: uma introdução**, cap.III, p.100-103. Em 1921, em **Psicologia de grupo e análise do ego**, faz longa reflexão sobre a formação e a dinâmica do Ideal do Ego. Em **O mal-estar da civilização** (1930), dedica os últimos dois capítulos a aprofundada análise sobre a relação entre o Supereu individual e o Supereu cultural.

outras pessoas. Inclui os ideais do coletivo ao qual pertencemos, bem como a memória de nossos primeiros vínculos objetivos. Representa a ordem moral operante em nós. A experiência clínica de Freud o leva a constatar que aquilo que é considerado como a ordem mais elevada da cultura pode operar, também, como agente de destruição dos indivíduos.

Freud classifica o Supereu como o herdeiro do *complexo de Édipo*, expressão que descreve o conjunto de impulsos e afetos – amorosos e hostis – despertados na criança por seus primeiros objetos, aqueles que ocupam o lugar de mãe e pai.¹⁹¹ O Supereu expressa no interior do indivíduo a complexa relação estabelecida entre a criança e a autoridade externa. A criança ama o outro de maneira interesseira, cede em parte de seus desejos para atender às demandas da autoridade, pois essa autoridade lhe garante alguma satisfação. Mas também odeia esse outro, em virtude dos sacrifícios que ele lhe impõe. Essa relação de ambivalência, que traz forte marca de agressividade, caracteriza a relação do Eu com o outro por toda a vida. Com a instituição do Supereu, o embate de forças se dá no interior dos indivíduos.

O impulso social não corresponde, assim, a impulso inato ao ser humano. O homem não cultua espontaneamente a solidariedade.¹⁹² Trata-se de algo bem diverso. Ela revela, sim, maneira de lidar com o desamparo original característico da espécie humana. O princípio regulador de nosso aparelho mental visa a obtenção de prazer. Portanto, o impulso mais primitivo do homem, e operante durante toda a vida, é narcísico. O indivíduo busca sempre o próprio bem. Seu

¹⁹¹ Em **O ego e o id (1923)**, cap.III, p.48, Freud aponta a conexão entre o complexo de Édipo e o Supereu. A expressão “complexo de Édipo” é utilizada pela primeira vez no texto **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor 1)**, de 1910, p.177. Resumidamente, ela diz respeito à relação triádica entre criança-mãe-pai. Num primeiro momento, criança e mãe vivem forte laço emocional que indica sensação de completude para ambos. O pai rompe com essa situação, instaurando a castração e inserindo a criança no simbólico. Na terceira parte desse trabalho voltarei a esse tema.

¹⁹² Freud nega a existência de um *instinto social* primitivo nos seres humanos. No capítulo XI de **Psicologia de grupo e análise do ego** (1921), assevera: “Durante longo tempo nada na natureza de um instinto gregário ou sentimento de grupo pode ser observado nas crianças. Algo semelhante a ele primeiro se desenvolve, num quarto de crianças com muitas crianças, fora das relações dos filhos com os pais, e assim sucede como uma reação à inveja inicial com que a criança mais velha recebe a mais nova. O filho mais velho certamente gostaria de ciumentamente por de lado seu sucessor, mantê-lo afastado dos pais e despojá-lo de todos os seus privilégios; mas, à vista de essa criança mais nova ser amada pelos pais tanto quanto ele próprio, e em consequência da impossibilidade de manter sua atitude hostil sem prejudicar-se a si próprio, aquele é forçado a identificar-se com as outras crianças.(...) A primeira exigência feita por essa formação reativa é de justiça, de tratamento igual para todos”, pp129-130.

desafio consiste em encontrar meios de sustentar o próprio narcisismo, diante das exigências da civilização.¹⁹³

Desde a antiguidade, filósofos buscaram definir o bem. Elaboraram inúmeros tratados com o objetivo de apreendê-lo. A dimensão Ética, eis seu nome. A visada da psicanálise impõe revolução neste campo. O bem não mais se coloca na esfera do universal, do coletivo, mas do Um. Cada um de nós está condenado a descobrir seu próprio bem, a extraí-lo da moral.¹⁹⁴

A moral estabelece valores coletivos a partir dos quais prescreve deveres e modelos de conduta. E pune aqueles que se extraviam dos caminhos impostos. Por mais que tais exigências apresentem-se em profundo desacordo com os impulsos mais íntimos dos indivíduos, a simples submissão a elas facilita a tarefa de administrar a pulsão. Lacan define essa estratégia de “álibi moral”¹⁹⁵. A sujeição aos interditos estabelecidos pela coletividade desobriga o indivíduo a deparar-se com nossa condição originária: a ausência de caminho natural para o escoamento da pulsão ou de objeto que a satisfaça de modo absoluto.

Ao manter-se ao abrigo das leis humanas, a pessoa protege-se d’ALEI¹⁹⁶ primeira da espécie: a pulsão de morte, o desejo de destruição. Na ética da psicanálise, o juízo construído sobre as ações está referido ao enfrentamento dessa condição primitiva do homem. O mandamento da análise reduz-se a: “*Wo es war, soll ich werden*”- “Ali onde Isso era, é meu dever que Eu venha a ser”. Freud toma como referência o real, não o ideal. O real do Isso, que não segue os mandamentos morais. A ética da análise exige a identificação do juízo presente na ação executada, o que permite o acesso ao desejo motivador dessa ação, e a

¹⁹³ Afirma Freud em **O mal-estar da civilização** (1930): “No processo de desenvolvimento do indivíduo, o programa do princípio do prazer, que consiste em encontrar a satisfação da felicidade, é mantido como objetivo principal. A integração numa comunidade humana, ou a adaptação a ela, aparece como uma condição dificilmente evitável, que tem de ser preenchida antes que esse objetivo de felicidade possa ser alcançado. Talvez fosse preferível que isso pudesse ser feito sem essa condição,”p. 142.

¹⁹⁴ Em seu **Seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, Lacan afirma: “A experiência moral como tal, ou seja, a referência à sanção, coloca o homem numa certa relação com sua própria ação que não é simplesmente a de uma lei articulada, mas sim de uma direção, de uma tendência e, em suma, de um bem que ele clama, engendrando um ideal da conduta. Tudo isso constitui (...) a dimensão ética e situa-se para além do mandamento, isto é, para além do que pode apresentar-se como um sentimento de obrigação”, p.11.

¹⁹⁵ Lacan toma a expressão do psicanalista Ernest Jones. In: LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética na psicanálise**, p.367.

¹⁹⁶ Magno propõe ALEI como a lei originária de nossa espécie, ela expressa a tendência à morte. Abordei o tema no capítulo 4 deste trabalho, *As travas à perda*.

responsabilização por ele. Não se trata então de punir, mas de reconhecer o desejo e, assim, poder decidir sobre ele.

O deciframento do Isso implica a suspensão das impossibilidades estabelecidas pelo recalque secundário, o *faz de conta* no qual nos constituímos. Daí a necessidade de extração da moral. A insistência dessas proibições impede a apreensão do Isso pela consciência. Ressalto, entretanto, que a psicanálise não tem como objetivo a mera liberação de desejos proscritos e a construção de vida confortável, adequada ao serviço de bens oferecido pela cultura. Aqueles que assim procedem, velam o descompasso e a desarmonia constitutiva em qualquer relação de objeto. Lacan denuncia tal condução da análise de trapaça, tapeação moralizante, e exige “um pouco mais de rigor e de firmeza em nossa confrontação com a condição humana”.¹⁹⁷

Freud inventa a psicanálise a partir da descoberta do adoecimento provocado pelo recalque à sexualidade propriamente dita. No entanto, descobre que até a sexualidade é mero veículo para a satisfação do desejo de destruição, onipresente em todas nossas relações. Sem poder assumir o ódio e a agressividade, o homem não tem acesso aos próprios desejos. Migra, assim, daqui para ali, catando migalhas de satisfação oferecidas pelos modelos universais da cultura.

A sustentação dos recalques provoca morbidez e lassidão nos indivíduos. Tais estados derivam do *sentimento inconsciente de culpa* resultante do conflito entre o Isso e a severidade do Supereu. Com essa expressão Freud tem como objetivo descrever a sensação de mal-estar constante observada no neurótico. “A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada.”¹⁹⁸ A felicidade do indivíduo não é apreciada pela civilização, denuncia Freud.

O Supereu exige que os indivíduos abdicuem do próprio bem. O problema é que a ideia de “próprio bem” fica opaca diante da constatação de que o Supereu constitui o Eu. Não se trata de um sistema externo que impõe prescrições ao Eu, mas de agente interno, que vocifera contra o Eu quando este escorrega diante dos ideais. Investigar melhor sua constituição talvez nos ajude a descrever a complexa

¹⁹⁷ LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.364.

¹⁹⁸ FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), p.127.

relação do homem com seu bem. Isso nos leva a pensar o fenômeno do narcisismo.

Uma das descobertas da psicanálise destaca o narcisismo como fenômeno universal. O homem visa sempre a própria satisfação. As vias pelas quais essa tendência se afirma são complexas. E, em muitos casos, permanecem demasiadamente veladas. Esconde-se de forma veemente o ódio a tudo o que provoca desprazer. Mas ocultar não corresponde a exterminar. O recalado insiste, manifesta-se por vias indiretas, descontroladas.

Para a psicanálise, qualquer investimento libidinal inclui-se no campo do amor. Freud identifica, basicamente, dois modos de amar: o tipo narcísico e o tipo anaclítico.¹⁹⁹ No primeiro caso, a pessoa ama o que ela própria é ou foi. E ainda o que almeja ser, ou alguém que representa parte dela mesma. A maneira de amar anaclítica caracteriza-se pela ligação com “a mulher que alimenta e com o homem que protege”.

Apesar da separação proposta por Freud, podemos reconhecer no amor anaclítico também o caráter narcísico. Afinal, a referência continua sendo o próprio bem. O narcisismo oculta-se diante da dependência e da dívida com outrem. Nessa situação, o amor da pessoa por si mesma alimenta-se apenas do amor dos outros por ela. O modo de amar narcísico também contém o vínculo com aqueles que alimentaram e protegeram o indivíduo. No entanto, o amor-próprio da pessoa depende das próprias realizações. A diferença entre os dois modos de amar marca distinção da dinâmica entre o Isso, o Eu e o Supereu.

O Supereu constitui-se do emaranhado de imagens e ecos das vozes dos amores vividos. Relaciona-se tanto ao registro imaginário como ao simbólico. E também ao real. Afinal, tais vozes e imagens ordenam a confusão de afetos e sensações no qual surgimos. Originalmente, não temos qualquer noção de unidade. Não há Eu, muito menos Supereu. Apenas o Isso. A anarquia caracteriza também os estímulos que recebemos do mundo externo. Aliás, neste momento, há uma indistinção entre interno e externo. Nascemos mergulhados no caos. As imagens e as vozes alheias instauram certa organização, dão direção à energia livre presente no organismo.

¹⁹⁹ FREUD, S. **Narcisismo: uma introdução** (1914), cap.2,p.97.

Ao espelhar-se no outro, o Eu ao mesmo tempo se identifica com ele e o idealiza. Por isso essa relação sustenta-se na agressividade. Não precisamos julgar esse fato como mau. Simplesmente podemos reconhecer que, se o outro apresenta-se como meu ideal, ele denuncia o que não sou e, portanto, provoca-me ódio. Tanto do outro como de mim. A idealização e a identificação expressam modos de vínculo com outras pessoas²⁰⁰. Freud descreve cada um separadamente, mas ambos estão sempre presentes, em gradações diferenciadas. E são essas gradações que marcam a diferente dinâmica psíquica operante na mente dos indivíduos.

Freud associa a identificação a tipo de relação que implica na perda do objeto.²⁰¹ A pessoa trabalha para *ser*, ela mesma, o outro antes amado. Inspirado naquele outro, a pessoa investe sua libido no mundo para transformar-se naquele que amou. Nesse processo, descobre os próprios caminhos, desconstruindo a relação imaginária antes estabelecida. Observa-se, então, uma alteração do Eu, que se enriquece com as qualidades dos objetos aos quais se entrega. A libido, antes dirigida para a outra pessoa, retorna para o próprio Eu, que aplica sua energia na dominação do mundo. Há, assim, uma dessexualização, um abandono dos objetivos sexuais relacionados àquela pessoa antes amada. O Eu busca sua satisfação investindo no próprio desenvolvimento. Nas aventuras que realiza, oferece-se ao Isso como objeto de amor e trabalha para se tornar seu próprio ideal.

Freud chega a especular se tal processo não corresponderia ao “caminho universal à *sublimação*. Em suas palavras: “surge a questão de saber (...) se toda a sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a libido objetual sexual em narcísica e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo”.²⁰² Por meio do trabalho da identificação, chega-se ao narcisismo secundário. Nele, o amor da pessoa por si independe do amor dos outros. Agora, o Eu tem no Supereu apenas uma referência, não se submete às suas admoestações. O Eu fica indiferente a elas, permite-se extraviar das trilhas prescritas. A imagem idealizada que tinha do Supereu se quebrou diante do domínio da realidade. O Eu assume, assim, maior soberania em relação ao Supereu.

²⁰⁰ FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**(1921), caps. VII e VIII.

²⁰¹ FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**, p.123-124; e FREUD, **O Ego e o Id** (1923), p.41-42

²⁰² FREUD, S. **O Ego e o Id**, p.43 e 58.

No laço amoroso em que predomina a *idealização*, o Eu quer *ter* os objetos, possuí-los. Não investe sua libido na transformação de si, mantém-se passivamente no culto ao outro, que é cada vez mais engrandecido e supervalorizado, enquanto o Eu é empobrecido e depreciado. Esse outro é representado internamente pelo Supereu, a quem o Eu demanda continuamente amor. Nesse quadro, a pessoa não aplica sua energia nos objetos, a fim de dominá-los. Ela passa a operar dentro do próprio organismo, sob a tutela do Supereu, que mortifica o Eu a cada deslize em relação ao ideal. Ama-se, na idealização, à moda anaclítica. O Eu mantém-se desamparado, infantil, almejando ter alguém para protegê-lo e alimentá-lo.

O amor anaclítico expressa, de certa maneira, a insistência de traços do estado de narcisismo primário ou infantil. Assim Freud designa o momento primitivo do Eu, em que ele se sente onipotente e perfeito, desconhece os próprios limites e as imposições da realidade. Tal situação só se sustenta por existir alguém que garanta segurança e conforto, geralmente os pais, ou qualquer um que ocupe esse lugar. Eles reconhecem e submetem-se às exigências da vida, mas mantêm seus filhos no narcisismo infantil. Projetam no filho o próprio anseio de perfeição e poder ilimitado.²⁰³ Os pais, por um lado, obedecem as demandas da realidade. Por outro, seguem dependentes, também, do amor dos filhos, não lhes impondo a necessária, e inevitável, tarefa de dominar o mundo. As vozes desses amorosos pais constituem o núcleo do Supereu, que se tornará o algoz do Eu.

Freud compara a relação idealizada com os objetos ao estado de servidão presente na hipnose. Nela, o hipnotizado permanece paralisado diante do hipnotizador, considerado alguém com poderes superiores e mágicos. Esse ser superior, no caso, é o Superego, que assume o lugar de imperador na dinâmica psíquica. E quanto mais o Eu mostra-se servil, visando ser amado pelo Supereu, mais o censor age com severidade para com ele. O Eu vive, assim, sob a máscara do imaginário, hipnotizado por miragens de pedra. Sob o império do Supereu, o Eu mortifica-se diante de qualquer outro, que serve de pretexto para denunciar as próprias imperfeições.

²⁰³ Freud afirma que o narcisismo infantil se sustenta pelo desejo dos pais de reviver aquele momento ilusório de onipotência, em que eram, também, “Sua Majestade o Bebê”. Diz ele: “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior”. In: **Narcisismo: uma introdução** (1914), p.97-98.

O Supereu individual confunde-se com o Supereu cultural. A relação de submissão do Eu ao Supereu, que inicialmente correspondia ao medo da perda do amor dos pais, transfere-se, na vida adulta, para o medo da perda do amor da comunidade. A submissão ao coletivo cessa o desenvolvimento de cada um, enfraquece o indivíduo. Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), Freud constata:

Temos assim a impressão de um estado no qual os impulsos emocionais particulares e os atos intelectuais de um indivíduo são fracos demais para chegar a algo por si próprios; para isso dependem inteiramente de serem reforçados por sua igual repetição nos outros membros do grupo. Somos lembrados de quantos desses fenômenos de dependência fazem parte da constituição normal da sociedade humana, de quão pouca originalidade e coragem pessoal podem encontrar-se nela, de quanto cada indivíduo é governado por essas atitudes da mente grupal que se apresentam sob formas tais como características raciais, preconceitos de classe, opinião pública etc. (Freud, [1921]1996, p.127).

Muitos confundem a idealização e suas exigências de perfeição com a sublimação. Tanto Freud como Lacan ressaltam a diferença entre os dois processos. Na idealização, como vimos, há uma supervalorização do objeto. O objeto, já existente, consome o Eu. A sublimação dá vazão à tendência, ao desejo, e relaciona-se, como vimos, à identificação. A idealização reforça o recalque do desejo, em virtude do engrandecimento do objeto. Observa-se, na sublimação, um desligamento da energia libidinal nos objetos existentes. A pessoa não mais está hipnotizada por objetos imaginários. As fantasias que os sustentavam perderam o sentido, a imagem deles se quebrou. O indivíduo deparou-se, assim, com a hiperdeterminação, com ALEI de nossa espécie, vislumbrou nossa *perdição originária*.

O Eu coloca-se, então, em busca do misterioso *das Ding*, do objeto impossível. Ou melhor: reinveste sua libido no mundo e transforma qualquer objeto que o cativa em *das Ding*, produzindo o *mais-de-gozar*. A sublimação enfatiza o querer, a aventura, o perder-se. E a criação de novo objeto, que traz as marcas da aventura particular vivenciada por aquele sujeito específico. O Eu extraviou-se da moral estabelecida e comprometeu-se com a busca do próprio bem, indiferente ao serviço de bens oferecido pela cultura. Assim vejo a experiência da *perdição criadora*.

Sob certo aspecto, observa-se o desprendimento das determinações coletivas no psicótico.²⁰⁴ Ele promove um desligamento radical de sua libido das pessoas e dos objetos e vincula toda sua energia em si mesmo. Esse hiper-recalque²⁰⁵ da realidade deixa-o indiferente ao mundo externo. Todavia, nesse processo, a organização do Eu se dissolve no caldeirão do Isso.

Dentre os diversos quadros clínicos da psicose, um deles, a paranóia, apresenta característica singular: a construção delirante. Nela, a libido liberada dos objetos retorna ao Eu, promovendo seu engrandecimento e gerando a megalomania. Neste estado, o paranóico produz seu delírio. Por meio dele, reordena a si e reinveste sua libido no mundo, agora transformado a partir de sua lógica particular. Tal manifestação, que tem a aparência de ser o centro da doença, expressa, na verdade, sua tentativa de cura, de retorno ao mundo, depois da catástrofe de sua destruição. Essa ruína foi provocada pela retirada da libido das pessoas e dos objetos antes amados. Por isso, tal construção recebe o nome de “delírio de fim de mundo”, constituindo uma projeção externa de sua catástrofe interior.²⁰⁶

A experiência clínica de Freud compreendia predominantemente pacientes neuróticos. Freud não considerava possível proceder a análise de um psicótico. Devido à concentração da libido no Eu, o paciente não estaria suscetível à influência do analista, elemento fundamental para o processo terapêutico. No entanto, um dos famosos casos clínicos de Freud é dedicado ao estudo de um paranóico, o juiz Daniel Paul Schreber. Trata-se do *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)* (1911).

Schreber não foi paciente de Freud. Contudo, escreveu relato sobre a própria doença, intitulado *Memórias de um doente de nervos*, publicado em 1903.

²⁰⁴ Sobre a diferença entre neurose e psicose, consultar nota 19 neste trabalho.

²⁰⁵ MD Magno propõe o conceito de *hiper-recalque* para descrever o processo extremo de recalque estabelecido na psicose. Ele resulta da grande pressão exercida por formações que compõem o recalque secundário – o *faz de conta* cultural – e da inabilidade de o Eu responder a elas com alguma plasticidade, afirmando minimamente sua maneira particular de atender a essas exigências. O que era proibido apresenta-se como uma impossibilidade tão radical que passa a ser experimentado no nível do recalque primário. Daí a formação do quadro psicótico. In: MAGNO, MD. *Pedagogia freudiana* (1993), p.45,61,80-83, 93,98-101,168. Ver também o verbete *hiper-recalque* do *Vocabulário básico da Nova Psicanálise*, de Giselda Santos, José Carlos de Castro Barbosa e Susanne Bial, p.37-39. O Caso Schreber, que abordarei a seguir, mostra-se o exemplo clássico de tal quadro: diante de um impulso homossexual, e da grande proibição cultural de sua época em relação a tal impulso, o Dr. Schreber vê-se obrigado a apartar-se do mundo. A insistência do desejo o leva a produzir o delírio de ser fecundado por Deus, tal como uma mulher.

²⁰⁶ FREUD, S. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. *O caso Schreber* (1911), cap. III, p.76-80.

Seu caso é amplamente discutido até hoje, tamanha a sofisticação da sua construção delirante. Em sua análise, Freud compara a experiência de fim de mundo vivida por Schreber ao momento em que Fausto se liberta do mundo pela enunciação de suas maldições. E afirma: “o resultado não foi uma paranóia ou qualquer outra neurose, mas simplesmente uma exata estrutura geral da mente”.²⁰⁷

A desconstrução do mundo vivida por Fausto e Schreber os levou ao enfrentamento com o vazio originário de nossa espécie. O psicanalista Evandro Meirelles Santos observa que, nesse momento, “o revirão, então, naturalmente se instala e propicia a única soberania que reconheço para o sujeito”. E completa: “É o momento vivido diante do vazio e da impossibilidade do fim. Em vez de desistir de tudo, ao contrário, desistimos de desistir.”²⁰⁸

O psicótico extravia-se da moral, mas não produz soberania. Sucumbe ao Isso e ao Supereu. Schreber produz discurso profundamente singular, que revela a verdade de sua experiência. No entanto, é demasiadamente caótico. Schreber mantém-se alienado do próprio discurso. Freud reconhece que o relato de Schreber expressa impressões endopsíquicas dos processos que ele mesmo tenta descrever em sua teoria. No entanto, foi o gênio de Freud que decifrou a lógica do paranóico, contribuindo para a transformação do simbólico.

O psicótico entrou em perdição. Os sentidos compartilhados pela coletividade de alguma maneira se quebraram. Nele, a desordem, a pulsão, apresenta-se apenas em seu aspecto descontrolado e destrutivo. Não teve força para dar consistência a seu delírio e encantar os outros. Não encontrou ninguém para “ajudá-lo a tornar real o seu delírio”.²⁰⁹ Vivenciou, assim, o que designo *perdição destrutiva*.

Perder-se significa desvincular nossa energia das formações inconscientes que amarram e mortificam o Eu, atrapalhando o envolvimento com a vida. Essa desvinculação da energia impele a construir novos vínculos, que serão sempre articulação daquelas marcas primeiras, pré-históricas, com significantes com os quais nos deparamos aqui/agora. Daí a nova construção assumir caráter original e singular. Se o que há no mundo tornou-se-nos indiferente, há que produzir novos objetos nos quais a energia libidinal possa ser investida.

²⁰⁷ FREUD, S. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)**. *O caso Schreber* (1911), p.79.

²⁰⁸ SANTOS, E. M. *Esperança no fim do mundo*. In: _____. **O sexo de Deus**, p.45.

²⁰⁹ FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, p.89.

Essa aventura exige suportar a angústia, a insegurança e a instabilidade da ausência de um caminho certo. E a solidão de não contar com o amor do outro. Afinal, o amor do outro tem seu preço: estar de acordo com ele. A *perdição criadora* refere-se à fabricação de nova palavra, na qual a pessoa investirá sua fé. Corresponde à invenção do próprio bem, e, também, à instauração de um poder. Não sobre outro, na competição existente na cultura. O poder de assunção do próprio desejo.

A ética da análise, portanto, não diz respeito à mera liberalização aos prazeres ou a um rearranjo ou adequação ao serviço de bens da cultura. Ambos correspondem, de certa maneira, ao mesmo. Nos dois casos, foge-se ao dever de lidar com o caos originário característico da pulsão, com sua agressividade e destrutividade. A análise demanda o ato de legislar sobre si. O neurótico submete-se às leis morais da cultura, mas elas não se apresentam suficientes para a construção de vida comunitária cordial. Afinal, o neurótico vive às turras com essas leis, burlando-as sempre que possível. Vive sob sua tutela, no entanto, extravia-se delas inconscientemente, dando vazão à pulsão. Daí Freud considerar o neurótico homem falsamente civilizado.²¹⁰

A ética da análise implica, como propõe Lacan, a experiência trágica da vida. “É na dimensão trágica que as ações se inscrevem, e que somos solicitados a nos orientar em relação aos valores”.²¹¹ E quem despertou a dimensão trágica para nós foi Friderich Nietzsche.

²¹⁰ FREUD, S. **O mal-estar na cultura** (1930), p. 94. Na entrevista de Freud a Georg Viereck, concedida em 1927, ele afirma: “Os hábitos e idiossincrasias mais desagradáveis do homem, sua falsidade, sua covardia, sua falta de respeito, são produtos de uma adaptação incompleta a uma civilização complexa”. In: MEIRELLES, Evandro. **O sexo de Deus**, p. 141-142.

²¹¹ LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.376.

Nietzsche: vontade de poder e criação

Nietzsche foi um dos primeiros psicanalistas. É surpreendente até que ponto a sua intuição prenuncia nossas descobertas. Ninguém reconheceu tão profundamente o dualismo da conduta humana, a insistência do princípio do prazer em predominar indefinidamente.²¹²

Sigmund Freud

Freud evitou ler Nietzsche. Via tamanha semelhança da obra do filósofo com as ideias que começava a propor que se privou do prazer de lê-lo, para não influenciar suas descobertas²¹³. Preferiu seguir o caminho da ciência. Partiu de observações e registros minuciosos de seus casos clínicos, sempre atento à realidade do sofrimento dos pacientes que tratava. Freud considerava o discurso filosófico demasiadamente maleável, o que poderia amortecer a mensagem analítica e distanciá-la de seu ponto fundamental: a etiologia sexual dos processos psíquicos.

A hipótese da *perdição criadora* surgiu-me a partir da psicanálise. Sustento que o processo de análise orienta-se nessa direção. Encontrei no pensamento de Nietzsche, no entanto, profusão de ideias que corroboram minha hipótese. A dimensão trágica da existência; o reconhecimento da doença como motivador da luta pela saúde; a valorização das paixões; a necessidade de crítica da moral e da verdade. Esses são alguns dos temas desenvolvidos aqui. Acima de tudo, Nietzsche destaca, explícita e insistentemente, o papel criador da vontade de poder, a potência plástica das pulsões. Esse trabalho criador não se reduz à arte, à

²¹² Em Entrevista concedida ao jornalista e escritor norte-americano George Sylvester Viereck, em 1927, e publicada em 1930 no livro *Glimpses of the Great* (1930), sob o título *Sigmund Freud confronts the Sphinx*. A entrevista pode ser encontrada em SANTOS, Evandro M. **O sexo de Deus** (2011), p.144.

²¹³ O próprio Freud o afirma em **A história do movimento psicanalítico** (1914) e em **Estudo autobiográfico** (1925). O tema é abordado por Pierre-Laurent Assoun em **Freud & Nietzsche. Semelhanças e dessemelhanças**, p.24. Assoun propõe, de modo detalhado, inúmeras relações entre Freud e Nietzsche, incluindo as observações de discípulos de Freud, como Alfred Adler e Otto Rank, ambos atentos leitores da obra do filósofo. Destacarei apenas alguns aspectos do pensamento de Nietzsche que contribuem para a sustentação da hipótese deste trabalho.

estética. Apresenta-se como ético. Implica na invenção vigorosa de modo de viver ativo, afirmativo. Assim também vejo o projeto freudiano.

Alguns autores destacam o caráter negativo do conceito de pulsão de morte²¹⁴. Com efeito, Freud identifica na tendência à entropia, ao caos, a força mais primitiva e permanente na vida. O psicanalista não vê qualquer disposição originária para o desenvolvimento. Nenhum movimento espontâneo em direção ao conhecimento ou ao amor. Por meio deles experimentamos a vida, mas ambos provêm da necessidade. Tal constatação de Freud não indica defesa do niilismo ou qualquer negação da vida. Simplesmente ressalta a existência do impulso destrutivo em nós. Coloca-o à mostra para melhor lidarmos com ele. Também Nietzsche reconhece a disposição humana ao niilismo. E aponta a criação como resposta a ela.

O pensamento de Nietzsche e de Freud anima-se pela mesma vontade: afirmar a vida. A afinidade de suas perspectivas manifesta-se na própria linguagem, instrumento fundamental para ambos. Freud apropria-se de algumas expressões de Nietzsche. Já em *A interpretação dos sonhos* (1900), o psicanalista identifica no mecanismo de deslocamento da energia por representações o processo de “transmutação dos valores”.²¹⁵ A aproximação torna-se mais contundente com a adoção, por Freud, do termo *Isso*, para designar região mental sede das pulsões, em *O Eu e o Isso* (1923). O termo foi usado por Nietzsche em *Além do bem e do mal* (1887).

Quanto à superstição dos lógicos, nunca me cansarei de sublinhar um pequeno fato que esses supersticiosos não admitem de bom grado – a saber, que um pensamento vem quando ‘ele’ quer, e não quando ‘eu’ quero; de modo que é um *falseamento* da realidade efetiva dizer: o sujeito ‘eu’ é a condição do predicado ‘penso’. Isso pensa: mas que este ‘isso’ seja precisamente o velho e decantado ‘eu’ é, dito de maneira suave, apenas uma suposição, uma afirmação, e certamente não uma ‘certeza imediata’. E mesmo com ‘isso pensa’ já se foi longe demais; já o ‘isso’ contém uma *interpretação* do processo, não é parte do processo mesmo. (Nietzsche [1887a]1998,p.23).

²¹⁴ Assoun está entre eles. No capítulo *Instinto e pulsão* do livro citado, afirma: “Enquanto o instinto nietzscheano é originalmente criativo, o instinto freudiano se assemelha a uma espécie de secreção energética (...) de natureza fundamentalmente entrópica”, p.116.

²¹⁵“(…) o trabalho do sonho se serve do *deslocamento das intensidades psíquicas* a ponto de chegar a uma transmutação de todos os valores psíquicos”. In: FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Cap VI, seção *Elaboração secundária*, p.538.

Os dois pensadores não reconhecem na consciência o motor do comportamento humano. Ela se configura como o último e derradeiro desenvolvimento do orgânico. Manifesta-se, portanto, como função mais inacabada e menos forte que qualquer outra no mundo vivo. Mas o homem a superestima, orgulha-se da própria consciência. O fascínio por sua aparente completude e poder acaba por atrapalhar seu desenvolvimento. Aqueles que admitem os limites da consciência, suas falhas e erros, promovem seu avanço.²¹⁶

Tanto para Nietzsche como para Freud o pensar é inconsciente. Diz respeito ao movimento entre pulsões, vontades, em constante embate por soberania. O conhecimento produzido expressa apenas o resultado final dessa disputa, transformado em palavras²¹⁷. Daí a necessidade da interpretação, termo caro aos dois autores: quais impulsos moveram tal organismo naquela direção? Quais foram seus opositores? Qual composição de vontades se formou? Qual delas impera?

Ambos pensadores construíram suas obras inspirados em descobertas das ciências da natureza. Nietzsche as toma como referência para sua reflexão sobre os valores morais, característica do terceiro e último período de sua obra.²¹⁸ Justo neste momento formula o conceito de vontade de poder. Nietzsche entende-a como impulso que visa sempre ampliar sua força. Mesmo a vontade de poder *reativa*, negadora da vida, objetiva aumentar a própria potência, dominar. O mártir sacrifica-se para tornar mais veemente o poder de sua imagem. O compassivo, ao fazer o bem, submete o outro ao lugar de devedor ou dependente. Faz sentir, dessa maneira, seu poder. O amor sensual nos satisfaz quando percebemos a conquista do território, manifestada pelos efeitos no amado de certo olhar ou de simples gesto²¹⁹.

Tal como Freud, Nietzsche identifica a dor e o sofrimento como elementos intrínsecos ao processo dominação do mundo. Diz ele em *A gaia ciência* (1882-1887): “E se prazer e desprazer forem de tal modo entrelaçados, que quem desejar o máximo de um tenha de ter igualmente o máximo do outro - que quem quiser

²¹⁶ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência* (1882-1887). Livro 1, aforismo 11.

²¹⁷ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Livro IV, aforismo 333.

²¹⁸ Em *Das forças cósmicas aos valores*, Scarlet Marton afirma: “o que viabiliza a reorganização é a cosmologia, que ele então constrói a partir dos conceitos de vontade de potência e eterno retorno. Pode, enfim, colocar a questão do valor dos valores, pois o critério de avaliação já se achado pela filosofia da natureza”, p.14.

MARTON, S. *Das forças cósmicas aos valores*, p.10.

²¹⁹ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Livro I, aforismo 14.

aprender a ‘rejubilar-se até o céu’ tenha de preparar-se também para ‘estar entristecido de morte’?”²²⁰

Apesar da proximidade do pensamento dos dois autores, é inevitável ressaltar as diferenças entre eles. Nietzsche não se preocupa em produzir um “sistema de pensamento”. Freud, efetivamente, o faz. Cria nova forma de abordagem da vida que tem como objetivo a intervenção na realidade. E constrói uma instituição para afirmá-la, a Sociedade Internacional de Psicanálise.

Freud era médico. Sua obra resulta da experiência direta com seus pacientes. Nietzsche se autointitula médico e psicólogo, mas jamais exerceu a clínica. Não se formou para isso. De fato, era filósofo. Ou melhor, filólogo, se pensarmos em sua formação primeira. No início do século XX, foi considerado sobretudo um literato, visto por muitos como poeta e, no limite, poeta-filósofo²²¹. Nietzsche dialoga com referências em diversas áreas, da física à biologia. Entretanto, seus escritos têm como eixo principal a crítica da filosofia e da cultura.

Para Nietzsche, o psicólogo investiga a origem e as transformações dos valores morais que organizam indivíduos e culturas, especialmente a cultura ocidental. E na proposição de sua transmutação, inspirada na moral aristocrática da Antiguidade Clássica. A essa tarefa ele dedica parte de sua obra. A psicologia profunda criada por Freud não assumirá, também, função semelhante? Reconheço, porém, seu ceticismo diante da possibilidade de transformar a cultura e mesmo outra pessoa qualquer. “Não tenho coragem de me erguer diante de meus semelhantes como um profeta; curvo-me à sua censura de que não lhes posso oferecer consolo algum”, afirma Freud em *O mal-estar na civilização* (1930, p.147).

Freud reconhece em Nietzsche grande acuidade na percepção endopsíquica e a atribui a seu narcisismo. Graças a ele, o filósofo consegue “explorar as camadas do seu ego com grande perspicácia (...) e fazer uma série de esplêndidas descobertas.”²²² A doença levou Nietzsche a concentrar suas atenções nos

²²⁰ Livro I, aforismo 12.

²²¹ MARTON, S. **Das forças cósmicas aos valores**, p.14.

²²² Assoun apresenta informações sobre as reuniões da *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras*, nas quais Freud e colegas médicos reuniam-se para estudar as novas ideias que ele apresentava sobre as aflições da mente humana. Em duas das sessões de 1908, eles debruçaram-se sobre a vida e a obra de Nietzsche. Assoun recorreu ao livro *Os primeiros psicanalistas*. Minutas

próprios processos fisiológicos, nos afetos experimentados em seu corpo, e traduzi-los em discurso. Dessa maneira, projeta para fora o que descobriu em si mesmo criando sofisticada obra, universalizando sua experiência. “É assim que nascem os produtos desconcertantes, mas no fundo corretos, das reflexões nietzscheanas”²²³, observa Freud, atribuindo ao filósofo o título reivindicado por ele, o de primeiro psicólogo²²⁴.

A doença obrigou Nietzsche a investir sua libido em si mesmo. Uma forte miopia o afligiu desde adolescência. Na juventude, graves problemas gástricos e enxaquecas o perturbaram, muitas vezes obrigando-lhe a manter-se na penumbra, sem poder nem mesmo ler. Ao apartar-se do mundo externo, teve possibilidade de investigar melhor seu mundo interno. Tal como Beethoven, sua “surdez” permitiu-lhe auscultar a própria música. Nietzsche descreve esse processo em sua obra: destaca a necessidade da solidão, do afastamento do rebanho, para poder criar. O narcisismo apresenta-se, dessa maneira, elemento necessário ao ato criador. Em Nietzsche ele aparecerá sob o nome de “egoísmo”, classificado como mau pela moral judaico-cristã, valoração colocada em questão em suas reflexões.

Para Freud, a percepção endopsíquica é a base do conhecimento mítico e filosófico. O psicanalista vê a filosofia comprometida com a apresentação de um quadro coerente do universo, sem falhas e submetido à construção lógica do filósofo.²²⁵ Nietzsche também faz a crítica da filosofia, mas inclui a ciência no campo dos saberes produzidos a partir de proposições subjetivas. E, é claro, a arte. Apenas esta última admite a vinculação entre discurso e a experiência do autor. Nietzsche denuncia que qualquer produção do espírito resulta da dor do existir. Não se trata de elaboração neutra e objetiva. A ciência, denuncia Nietzsche, apresenta-se como a oposição mais ilustre à concepção trágica do mundo, por sustentar-se no valor da verdade – universal, neutra e objetiva – protegendo-se da *hybris*, característica do mundo.

Freud associa a psicanálise à ciência. Considera o método científico meio mais eficaz para a apreensão e intervenção na realidade. Sua fé na ciência o leva a

da Sociedade Psicanalítica de Viena. t I:1906-1908,e t.II:1908-1910. ASSOUN. *Op.cit.* p. 20 e seguintes.

²²³ FREUD *apud* ASSOUN, p.22.

²²⁴ Nietzsche nomeia *psicólogo* aquele que procede a investigação da genealogia dos valores morais e, portanto, também chamado de genealogista. Abordarei o tema no capítulo 2.4.

²²⁵ FREUD, S. **A questão da Weltanschauung** (1932/33), p.157. Em **Reflexões sobre tempos de guerra e morte** (1915), Freud afirma: “a filosofia não reconhece que o motor de questionamento não é algo intelectual, mas emocional”, p. 303.

anunciar, em *O futuro de uma ilusão* (1927), que a religião perderia sua importância social diante dos avanços científicos. Freud não deixa de reconhecer, no entanto, o caráter ilusório tanto da psicanálise como da ciência. Ressalta, porém, que, diferentemente de outras ilusões, como a religião, elas são passíveis de aperfeiçoamento.²²⁶ Não à toa nomeia sua última grande obra teórica, que restou inacabada, de *Esboço de psicanálise* (1940 [1938]).

Poder-se-ia dizer que, apesar de seu esforço para afirmar o espírito científico, o material com o que Freud trabalhou não se presta a afirmações lógicas, claras, totalmente coerentes. Percebemos isso em seu texto, não apenas na *mítica teoria das pulsões*, mas também em suas descrições sobre a dinâmica psíquica. Mesmo suas indicações sobre a técnica, em que a importância da neutralidade do analista é defendida, podem ser relativizadas²²⁷.

As colocações de Freud sobre a importância da interpretação, da sugestão e das construções em análise também nos fazem pensar que ele utilizava mais da intuição do que chegava a admitir²²⁸. E ele assume, em *Além do princípio de prazer* (1920), que parte das ideias ali apresentadas tem o caráter especulativo do qual ele tanto procurou se afastar. Permanece certa imprecisão no que ele descreve. Certo mistério, que nos convida a retornar, reinterpretar e descobrir novos caminhos para a investigação. Este resto enigmático, que incomoda tantos cientistas que criticam a psicanálise, é o que faz que uma obra se perenize. Independente das marcas do tempo em que viveu, que exigem atualização, o texto freudiano inspira nosso pensar aqui/agora. Tal como a mitologia e a tragédia gregas, ou ainda as obras da literatura, que tanto inspiraram seu pensamento.

A vontade de poder soberana no discurso freudiano afirma a vida, na sua inconstância e complicada tensão de forças opostas. Apesar da intenção de produzir ciência, e de, em muitos aspectos, a psicanálise ser resultado de esforço científico, Freud inventa forma de pensar que não pode ser resumida àquilo que se entende de modo clássico como ciência²²⁹. Ele admite que o experimento da

²²⁶ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão* (1929), p.60-63.

²²⁷ “As regras técnicas que estou apresentando aqui alcancei-as por minha própria experiência, no decurso de muitos anos, após resultados pouco afortunados me haverem levado a abandonar outros métodos.(...) ...esta técnica é a única apropriada à minha individualidade; não me arrisco a negar que um médico constituído de modo inteiramente diferente possa ver-se levado a adotar atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que se lhe apresenta. In: FREUD, S. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912), p.125.

²²⁸ FREUD, S. *Construções em análise* (1937).

²²⁹ MAGNO, MD. *A Psicanálise. Novamente* (2004).

psicanálise não é transmissível. Sua verdade só pode ser efetivamente identificada por aqueles que se submetem ao processo de análise.

Para Nietzsche, a vontade de poder reativa nega a vida por recusar o devir. Afasta-se do risco e da aventura do enfrentamento com o impensado. Essas ideias contribuem para a afirmação da minha hipótese: a vida saudável exige a *perdição criadora*. O religioso, no sentido que emprego neste trabalho, é aquele que repete mecanicamente uma oração a seu deus, almeja paz, sossego. Profere preces a antepassados, a espíritos transcendentais, a conceitos e ideologias. Reza para qualquer verdade dogmática que afaste as perturbações do pensamento²³⁰.

Vejo mais semelhanças que dessemelhanças na maneira como Freud e Nietzsche abordam o homem e a vida em geral. Na obra dos dois vemos a operação contundente da vontade de potência afirmativa, criadora. Um e outro transmutam os valores, lutam para afirmar nova forma de interpretar a vida. Por terem se *perdido* da trilha do pensamento de sua época, foram ignorados e criticados por seus contemporâneos. Mas tiveram força para impor sua fantasia na realidade. Sua obra exemplifica a experiência de *perdição criadora*.

Para utilizar metáfora musical, tão cara a Nietzsche, diria que a diferença entre os dois está no timbre da voz. A voz de Freud parece-me a de um baixo profundo e a de Nietzsche a de um tenor lírico, quem sabe até um contra-tenor. Trata-se da cor de sua alma. Não há violino, piano, clarineta que produza som igual a outro. O tipo de madeira, a particularidade das teclas, a densidade do verniz, a história do instrumento contribuem para a singularidade do som por eles produzida. Arriscando um pouco mais nas metáforas musicais: Freud estaria mais para Bach e Nietzsche, mais para Händel. Talvez pudéssemos dizer que o tom predominante na melodia nietzscheana é mais eufórico, megalômano. A música composta por Freud teria caráter mais sóbrio, marcado pela melancolia diante das descobertas da bruta realidade que ele testemunhava em sua clínica. Antes que o crítico faça soar suas trombetas contra tal analogia, destaco a existência, em ambos, da variedade de todos os estados anímicos observados no homem.

²³⁰ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro III, aforismo 128. A definição de “religioso” que utilizo aqui foi apresentada no prefácio desta tese.

3.1

Experimento e tentação: o estilo nietzscheano

Está surgindo uma nova espécie de filósofos (...) esses filósofos do futuro bem poderiam, ou mesmo mal poderiam, ser chamados de *tentadores*. Esta denominação mesma é, afinal, apenas uma tentativa e, se quiserem, uma tentação.²³¹

Friederich Nietzsche

Pai nosso que estais nos céus, santificado seja vosso nome, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu....Não nos deixais cair em tentação; mas livrai-nos do mal.

Oração cristã

Nietzsche anuncia, no aforismo 42 de *Além do bem e do mal*, o surgimento dos *filósofos tentadores*. Nomeia sua própria idéia como uma *tentação*. Os termos em alemão são *Versucher* e *Versuch*. Essas palavras são usualmente vertidas para o português como *experimentadores* e *experimento*, mais afeitas, em nossa língua, ao domínio científico. No aforismo citado, no entanto, o tradutor brasileiro Paulo César de Souza optou por destacar campo semântico ausente nos vocábulos normalmente adotados em português. Revelou significação mais complexa dos termos. Eles ressaltam não apenas o caráter de *ensaio* e *tentativa* do pensamento, mas também a implicação subjetiva do pensador na produção de sua teoria. Seu movimento a partir de desejo intenso em direção a algo censurável, diabólico até. E ainda: o caráter provocador de sua criação.

A idéia de experimento/tentação proposta por Nietzsche para os *filósofos do futuro* inspira de modo contundente aquilo que busco descrever como *perdição criadora*. Entendo-a como experiência vivida por indivíduos que, de alguma maneira, depararam-se com o caráter ilusório das formações que nos organizam. Defrontaram-se com o caótico, o pulsional que marca nossa espécie. Diante disso,

²³¹ NIETZSCHE, F. **Alem do bem e do mal**. Aforismo 42.

inventaram alguma ordem, mesmo que temporária, para dar sustento a sua existência.

A multiplicidade de significações a que remete o termo *Versuch*, sua polissemia, nos dá o tom do empreendimento nietzscheano. Uma única palavra já demonstra a tensão de forças presente na linguagem, instrumento sempre impreciso, que jamais pode ser tomado como expressão neutra de um estado de coisas ou fenômeno. Nietzsche não oculta essa tensão. Ao contrário: provoca-a. Utiliza o transbordamento do sentido, as contradições e os paradoxos dele derivados, como meio de incitar o despertar do sonho idealista. Sonho que aprisionou o pensamento ocidental por mais de dois milênios, acredita Nietzsche. A esse modo de proceder ele dá o nome de *arte da nuance*. “Nos anos da juventude, ainda veneramos e desprezamos sem a arte da nuance, que constitui nossa melhor aquisição na vida”, observa Nietzsche no aforismo 31, de *Além do bem e do mal*.²³²

O trabalho do filósofo, em Nietzsche, aproxima-se do labor do artista. Este esmerilha seu discurso visando a afetação sensível, o prazer estético, o embaralhamento da percepção. Não podemos, no entanto, deixar que seu estilo singular nos confunda com relação a seu projeto fundamental: a transformação da filosofia. Apesar de tomar a atividade artística como referência, Nietzsche afirma-se como filósofo. Escreveu poemas, arriscou-se na composição musical. Mas seu trabalho visa a formação dos *filósofos do futuro*, dos *espíritos livres*. Ele mesmo encarna o papel de desbravador da nova função da filosofia: a transmutação dos valores niilistas e decadentes, para ele hegemônicos na cultura ocidental desde Sócrates.

A execução dessa tarefa implica a crítica da moral e dos valores, tal como fizeram outros filósofos. Entretanto, a crítica é apenas a primeira etapa do trabalho. Ela fornece subsídios para o segundo momento: o de intervenção na cultura por meio da instauração de novos valores. Nietzsche difere dos filósofos que o antecederam tanto na primeira como na segunda etapa do trabalho a que se propõe. Seu método crítico é bem distinto daquele seguido pela tradição filosófica. Esteia-se na investigação do conflito entre as pulsões que sustentam qualquer interpretação, e não na busca da verdade e do estabelecimento de leis

²³² Patrick Wotling, em **Nietzsche et le problème de la civilisation**, desenvolve reflexão sobre o pensamento do filósofo a partir da proposição da *arte da nuance*, p.7.

universais, imóveis. Denuncia a própria filosofia como apenas mais uma interpretação, construída a partir de determinado conflito de forças. A linguagem, quer seja usada na religião ou na filosofia, tem como função impor a univocidade àquilo que é múltiplo. Busca fixar e congelar o que se manifesta em processo contínuo. Remete, sempre, à moral, ao ideal. Qualquer texto só pode ser interpretado e avaliado a partir do extra-texto, do corpo, cena do embate das intensidades pulsionais.²³³

A ruptura de Nietzsche com a tradição está encarnada em seu texto, no estilo singular que constrói. A estrutura aforística expressa seu método de análise.²³⁴ Ao escrever em fragmentos, afasta-se da preocupação dos filósofos de apresentar raciocínio linear, sustentado por provas e demonstrações. Nietzsche considera o empenho na construção de um sistema coerente fuga da dimensão trágica que caracteriza a vida, na sua contínua mutação. Dizendo proceder de modo neutro, puramente racional, os filósofos colocam-se acima da vida, mirando sempre na direção do absoluto, do Verdadeiro, que tem conteúdo imóvel, essencial. Para Nietzsche, trata-se de atitude de defesa em relação ao múltiplo e ao imprevisto. Ao acaso, ao afastamento da *tentação*. Razão corresponde aqui a reação, expressa afeto *reativo*, que nega a vida.

O estilo de um texto, alerta ele, está articulado à *vontade* que o alimenta; expressa experiência específica de pensamento. O filósofo vincula-se à morte ao fixar-se em *um* sentido, ao considerar *uma* interpretação como verdadeira. É ao mesmo tempo assassino e suicida, pois aborta o nascimento de outras interpretações, que indicariam novas formas de vida. Tanto para ele como para outrem. Obriga a si e aos outros, que o escutam de modo servil, a pensar em apenas uma direção. Daí o caráter moral da filosofia. Poder-se-ia transpor a tipologia nietzscheana para os homens – *tipo forte, nobre e tipo fraco, escravo* – para o estilo do texto. Ele é sempre resultado de um *tipo de escuta* da dimensão pulsional, subterrânea às formas estabelecidas pela linguagem, mas que as engendra.

²³³ Texto aqui não se resume à palavra escrita ou mesmo a discurso, trata-se de qualquer *corpus* articulado de pulsões em disputa. A cultura é um *texto*. A palavra *corpo* tampouco significa apenas nosso corpo biológico, mas qualquer configuração onde se expressam conflitos de intensidades. Mesmo o cristal é constituído de formas que estão em disputa, que se compõem, que se impõem umas às outras. In: BLONDEL, Eric. **Nietzsche, le corps et la culture**, capítulo *Genéalogie philologique et misologie*, p.195, e capítulo *Le corps et les métaphores*, p.278 e seguintes.

²³⁴ As reflexões aqui apresentadas foram inspiradas, principalmente, no já citado texto de Patrick Wotling.

Que tortura são os livros escritos em alemão para aquele que possui o *terceiro* ouvido! Como se detém contrariado junto ao lento evoluir desse pântano de sons sem harmonia, de ritmos que não dançam, que entre os alemães é chamado de ‘livro’! E o alemão que lê livros! Como lê mal, de má vontade, preguiçosamente! Quantos alemães sabem, e de si mesmos exigem saber, que existe *arte* em cada boa frase – arte que deve ser percebida, se a frase quer ser entendida! Uma má compreensão do seu *tempo*, por exemplo: e a própria frase é mal-entendida! Não ter dúvidas quanto às sílabas ritmicamente decisivas, sentir como intencional e como atraente a quebra de uma simetria muito rigorosa, prestar ouvidos sutis e pacientes a todo *staccato*, todo *rubato*, atinar com o sentido da sequência de vogais e ditongos, e o modo rico e delicado como se podem colorir e variar de cor em sucessão: quem, entre os alemães que leem livros, estaria disposto a reconhecer tais deveres e exigências, e a escutar tamanha arte e intenção na linguagem? Mas afinal não há ‘ouvidos para isso’: e assim não se ouvem os mais intensos contrastes de estilo, e a mais sutil artesanaria é *desperdiçada*, como diante de surdos. (Nietzsche [1887a] 1998, #246)

Nietzsche toma como referência a música para destacar a dimensão afetiva e polifônica de qualquer texto. O discurso musical não comporta conceitos fixos. Sua expressividade constrói-se, necessariamente, pela articulação contingente dos sons, de seus ritmos, intensidades, alturas. E do silêncio. Não há música sem pausas. Elas também indicam intensões, afetos. Momentos de suspensão do som, da palavra. Mas não do pensar. Ao contrário. Talvez esses momentos sejam aqueles em que o pensamento experimenta maior ebulição. “Prefiro meus pensamentos mudos em ponto de suspensão do que aqueles que já redigi”²³⁵, declara Nietzsche. Esses “instantes” – momentos que solicitam com insistência - revelam clamor incessante das forças que nos alimentam, e no entanto permanecem obscuras, misteriosas. São tentações, despertam afetos que nos deixam perdidos. Cultivá-los nos permitirá colocar em suspeição as certezas que nos garantem identidade e poder. E que nos vinculam de modo automático à vida. Ou será à morte? Pensar não é meramente articular categorias estabelecidas, mas acordar o não pensado.

Vida, para Nietzsche, associa-se sempre à ampliação do poder sobre o que há. Implica o reconhecimento daquilo que nos coloca a perder do caminho

²³⁵ NIETZSCHE, F. *FP*§xi, 34[147] *apud* WOTLING, Patrick. *Nietzsche et le problème de la civilisation*, p.19.

normalmente trilhado. Tenta-nos em outra direção. Só acedendo a este chamado poderemos tornar mais vasto o território em que vivemos. Território psíquico e, em muitos casos, até material. A busca da conservação de certo estado corresponde, para Nietzsche, à morte. Trata-se da sufocação de instintos que buscam se afirmar e que nos levariam a novos modos de viver. Apesar de silenciados por alguma ordem que impera, continuam seu trabalho mudo. São sempre múltiplos, imprevisíveis.

A escrita aforística convida à pausa na articulação consciente. O silêncio entre os aforismos permite-nos auscultar as sensações que nos provocam. Podemos nos demorar neles, dialogar com eles. “Se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso,” propõe Heráclito.²³⁶ O texto corrido tende a nos fazer ensurdecer. Para seguirmos inercial e aceleradamente o raciocínio do autor na apresentação de suas hipóteses gerais e secundárias, que serão provadas por demonstrações lógicas.

As hipóteses expostas pelos aforismos nietzscheanos são sempre temporárias, apesar de elaboradas com o rigor de um ourives. Constituem um lance do pensamento. Se um afirma certo olhar sobre determinado tema, outro nos oferece perspectiva diferente. O texto de Nietzsche demonstra que cada instante da vida é marcado pela tensão de forças, pela atividade subterrânea das pulsões e dos afetos. É justamente essa dimensão intensiva, e em constante conflito, que a linguagem busca capturar, dar forma. Expressar. Os aforismos apresentam-se, assim, como exemplo do jogo perene de interpretações que nos acossa em cada experiência da vida.

É bem verdade que o estilo de Nietzsche aproxima-se do discurso dos moralistas, que apresentam seus ensinamentos e máximas por fragmentos. Poder-se-ia dizer, até, que a organização numerada dos aforismos faz referência ao texto bíblico, organizado por versículos. Tal como a Bíblia, que é lida de modo não linear, o texto nietzscheano pode ser consultado pontualmente, de acordo com a necessidade contingente. E mais: essa apresentação facilita a consulta, independente da edição ou da tradução. Permite, dessa maneira, o diálogo entre leitores de diversas nacionalidades, de diferentes momentos históricos. Facilita o entendimento entre seus comentadores. Confere caráter universal à obra. Vejo na

²³⁶ ANAXIMANDRO *et. Alli*, p.63.

forma aforística do texto de Nietzsche mais uma nuance de seu pensamento: crítico da religião e da moral, inspira-se na forma do texto bíblico e dos moralistas para propor sua filosofia. Acreditará ele que seu livro será a grande referência das gerações futuras?

Ironia, complexidade, polifonia de vozes marcam o estilo de Nietzsche. Ele oferece o próprio texto como fonte de enigmas, revelando qual o objeto principal de suas preocupações: a linguagem, instrumento principal das construções simbólicas da cultura. A formação inicial de Nietzsche foi a filologia. A consciência de que a linguagem não é inocente, de que as palavras revelam a chave dos instintos e dos pensamentos que imperam em nós, o impele a mudar o objeto da filosofia²³⁷. Se desde Sócrates a preocupação é a Verdade, o Bem, a Lei universal, agora será a cultura, entendida como conjunto de criações humanas determinadas pela vontade de poder predominante. Em cada cultura, há que identificar se a chave aponta para a vida, para a ampliação da potência. Ou se está direcionada para a morte.

Uma criatura viva quer antes de tudo *dar vazão* a sua força – a própria vida é vontade de poder. (Nietzsche [1887a]1998,#13)

...a vontade não é apenas um *complexo* de sentir e pensar, mas sobretudo um *afeto*: aquele afeto de comando. (...) ...o mais estranho na vontade – nessa coisa tão múltipla, para a qual o povo tem uma só palavra: na medida em que, no caso presente, somos ao mesmo tempo a parte que comanda e a que obedece, e como parte que obedece conhecemos as sensações de coação, sujeição, pressão, resistência, movimento, que normalmente têm início logo após o ato da vontade.(...) O efeito sou eu: ocorre aqui o mesmo que em toda comunidade bem construída e feliz, a classe regente se identifica com os êxitos da comunidade. Em todo querer a questão é simplesmente mandar e obedecer, sobre a base, como disse, de uma estrutura social de muitas ‘almas’.(Nietzsche, [1887a]1998, #19)

A hipótese da vontade de poder traz orientação radicalmente nova às reflexões sobre a vida e a cultura. Qualquer organismo vivo, qualquer pessoa, qualquer coletivo humano constitui-se pelo embate de impulsos que querem se impor. Buscam dominar. Os fenômenos, portanto, são sempre múltiplos,

²³⁷ WOTLING, Patrick, **Nietzsche et le problème de la civilization**, p.23. A chave, em música, é a *chave* que estabelece o modo como os diversos sons serão articulados.

complexos e cambiantes, devido à perpétua disputa entre as vontades. Cabe ao filósofo a descrição do embate dessas forças, ele mesmo assujeitado a essa guerra.

O conceito de vontade de poder nos permitirá entender a história da cultura como a “história da crueldade”²³⁸. Crueldade aqui não se resume aos atos definidos moralmente como maus por certo código coletivo. Refere-se a qualquer ação que vise impor alguma forma de dominação. Se a vontade de poder anima tudo que há, qualquer relação estabelecida entre duas formas erige-se sob a égide da crueldade. Cada uma buscará confranger a outra. Em psicanálise, nomeia-se esse impulso de sadismo. Dentro dessa perspectiva, poderíamos pensar que mesmo aquelas ações que, na cultura cristã, parecem as mais submissas e masoquistas, têm o objetivo de submeter o outro. O problema da *cultura moderna*, para Nietzsche, está no não reconhecimento da necessidade da crueldade. Na valoração negativa e reativa dada ao ato violento. Ou seja, na moralização da crueldade. A dominação de algo implica nosso movimento de submetê-lo aos nossos desejos. Nas palavras de Nietzsche:

Queremos, isto sim, perceber ou intuir como o outro nos *sofre* externamente ou internamente, como perde o controle sobre si mesmo e cede à impressão que lhe produz nossa mão ou simplesmente nosso olhar (...) [aquele que se empenha por distinção só] desfruta esse êxito na medida em que se *imprimiu* na alma alheia, modificou a forma desta e governou-a conforme sua vontade. O empenho por distinção é o empenho pelo domínio do outro. (Nietzsche [1880]1998, #113)

De certa maneira, qualquer afirmação, qualquer determinação é ato de crueldade. Acossado pela imprevisibilidade do mundo que o cerca, o homem impõe-lhe uma interpretação. A angústia e o horror diante do desconhecido impeliram à invenção de determinada ordem, que é apenas artifício diante do caótico e do múltiplo. A crença nos artifícios que inventa garante ao homem certa estabilidade, aumenta sua sensação de poder sobre a vida. Daí a cristalização de certa configuração de forças. O medo da redução desse poder obriga-o a rejeitar qualquer coisa que ameace a ordem estabelecida. Vale lembrar que a defesa da ordem e da estabilidade se dá por meio da crueldade. O que foge ao controle; o estranho, o imprevisto, o acaso são recusados, identificados como maléficos, diabólicos. São *tentação*, provocam *perdição*. Mas foi justamente o deparar-se

²³⁸ WOTLING, P. *Nietzsche et le problème de la civilisation*, pp185-213.

com o caótico que impeliu o homem a tornar-se criador. Buscar o desconhecido, acolher o acaso, suportar o sofrimento que a instabilidade do imprevisto nos provoca nos aproximaria do homem primitivo. Ele se viu obrigado a criar algo que desse sustento a sua existência. De alguma forma era poeta. Viveu, por necessidade, o que descrevo como *perdição criadora*.

Para Nietzsche, os “filósofos tentadores” não se restringem ao deciframento dos sintomas da cultura, assumem a função de médicos da cultura. O juízo sobre os sintomas, a avaliação terá como referência a vida, a saúde. É uma primeira etapa que prepara aquela que é mais importante: a criação de novos valores. Há que agir sobre a cultura, modificar suas condições de existência. O filósofo médico terá que tyrannizar a cultura, para provocar novos nascimentos. Daí seu caráter de tentador. Os espíritos maléficos, diabólicos, expressam aquelas forças que não conseguimos controlar, que nos colocam em tentação.

O estudo da tragédia grega e a investigação sobre a moral e a vontade de poder prevaiente entre os gregos arcaicos são fundamentais para Nietzsche. Por meio dessas referências, ele pensa a dinâmica da criação e a saúde, tanto de culturas como de indivíduos.

3.2

Trágico, sacrilégio e perdição

A mais bem-sucedida, a mais bela, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para o viver, os gregos – como? Precisamente eles tiveram necessidade da tragédia? (...) Será o pessimismo necessariamente o signo do declínio, da ruína, do fracasso, dos instintos cansados e debilitados? (...) Há um pessimismo da fortitude?²³⁹

Friederich Nietzsche

O horror e a violência das pulsões transmutados em graça. Assim Nietzsche vê a tragédia ática. Para o filósofo, ela surge do reconhecimento do terrível, do maligno e do enigmático característicos da existência. E da luta por superá-los, convertendo a vida em experiência digna de ser vivida. No livro dedicado ao estudo dessa forma de arte, *O nascimento da tragédia* (1872), o filósofo não faz apenas interpretação particular sobre a criação grega e o fenômeno estético, mas também anuncia as bases de sua reflexão sobre a ética, que marcará suas obras posteriores²⁴⁰. Nietzsche propõe uma *filosofia trágica da existência*. Ela implica a afirmação de tudo que nos aparece, mesmo o mais amargo sofrimento, a ser encarado sempre com alegria.

A tragédia floresce num período de decadência para os gregos. A ruína do mundo aristocrático impelia à metamorfose e à invenção de nova ordem, a democracia. Surgem, neste momento, o mito trágico e o fenômeno dionisíaco.²⁴¹ E, para Nietzsche, a mais valorosa época grega. O deus dos excessos, da desmedida, criado por ninfas e sátiros nas grutas no monte Nisa, perseguido e condenado a errar por terras distantes, é enfim acolhido pela mitologia e pelos poetas atenienses.

Nos concursos dramáticos estabelecidos em honra a Dioniso, manifesta-se a tensão entre o velho regente da ordem aristocrática, Apolo, e o deus das

²³⁹ NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. Prólogo, p.12.

²⁴⁰ O próprio Nietzsche o afirma em prólogo ao livro escrito em 1886, nomeado **Tentativa de autocrítica**. Consultar também: DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**; e CASTRO, Claudia Maria de. **A inversão da verdade. Notas sobre O nascimento da tragédia**.

²⁴¹ BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega. Volume II**.

profundezas desconhecidas, Baco. Nietzsche identifica nesses dois deuses a expressão de impulsos estéticos e poderes artísticos antagônicos. E entende o fenômeno estético não resumido às criações humanas. Ele diz respeito à vida em geral. Na natureza, cada nova forma que nasce expressa a potência criadora do universo, habitado por uma infinidade de forças em conflito²⁴².

Apolo, deus da luz e da harmonia, corresponde às formas bem definidas manifestas nas artes plásticas. Dioniso, deus do desregramento, é identificado às intensidades pulsionais percebidas na música. A grandeza da tragédia está justo no reconhecimento da tensão permanente entre essas duas forças opostas, da sua tradução em discurso, em beleza. Elas habitam nosso corpo. Por isso, Nietzsche as associa a estados fisiológicos distintos²⁴³.

O impulso apolíneo manifesta-se na criação de sonhos. Nietzsche considera o sonho expressão de um mundo de ilusões, da bela aparência.²⁴⁴ Trata-se de representação necessária ao apaziguamento de nossa relação com a vida, pois oferece imagens idealizadas que dão sentido à existência. O sonho compõe cenas na qual as pessoas atuam; estabelece seres distintos, individuais, com claros limites entre si. Na cena criada, os homens competem, amam-se, agridem-se, confortam-se. Mas estão, sobretudo, pacificados diante da brutalidade do caos característico do conflito entre forças disformes e imprevisíveis. Os personagens do sonho têm identidade fixa.

As emoções experimentadas no sonho não se comparam às intensidades vivenciadas nos estados de êxtase e embriaguez, típicos do impulso dionisíaco. Nestes, o indivíduo “sai de si” e mergulha no ilimitado; submerge no indeterminado. Rompe com as diferenças inventadas pelas imagens apolíneas, com os diques artificiais que as contêm, e integra-se às forças primitivas da natureza. A magia dionisíaca permite estreitar os laços de pessoa a pessoa; “a natureza alheada (...) volta a celebrar a festa de reconciliação com seu filho perdido, o homem”²⁴⁵.

²⁴² CASTRO, Claudia Maria. *A inversão da verdade. Notas sobre O nascimento da tragédia.* e SANTOS, Alessandro de Oliveira dos. *Virtude e tragédia.*

²⁴³ Na obra já citada, Patrick Wotling desenvolve longa reflexão sobre o corpo, e os estados fisiológicos como fio condutor do pensamento de Nietzsche, pp 83-107.

²⁴⁴ Angèle Kremer-Marietti aborda o sonho em Nietzsche e em Freud em *La naissance de la tragédie trace la voie de la vérité radicale*, p. 12 e seguintes. In: NIETZSCHE, F. *La naissance de la tragédie.*

²⁴⁵ NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia.* Cap.1, p.28.

A dinâmica apolíneo/dionisiaca formulada por Nietzsche não se reduz à descrição da tragédia. Com ela, o filósofo enuncia os elementos presentes em todo processo criativo. E inclui-se aí qualquer forma de vida. Em termos freudianos, o estado dionisiaco corresponderia à imersão no Isso, campo indeterminado de pulsões em conflito. Apolo expressa o imaginário que sustenta o Eu, e também as referências ideais, muitas vezes inconscientes, sustentadas pelo Supereu.²⁴⁶

Mesmo presente em qualquer situação, a tensão apolíneo/dionisiaca manifesta-se diferentemente em indivíduos e culturas. Ou melhor: há exemplos, de indivíduos e culturas, em que essa dinâmica fica sufocada pela insistência na manutenção de imagens oníricas. Apolo prevalece e recalca veementemente Dioniso. A criação, neste caso, paralisa-se. Nietzsche exalta os gregos arcaicos por reconhecer em sua cultura o acolhimento das duas forças. Para ele, com Sócrates e a afirmação da filosofia e da abstração, a cultura grega adoece, pois privilegia a moral em detrimento da pulsão.

Da mesma forma que Nietzsche, Freud fundamenta seu pensamento na articulação entre estados fisiológicos, afetos expressos no corpo, e produções mentais. No entanto, a psicanálise reconhece no sonho não apenas manifestação de Apolo. Com Freud, descobrimos que o sonho contém o dionisiaco. O terrível também aparece ali. A cena construída não se resume à bela aparência, pois é invadida por Dioniso.

Freud identifica no sonho a realização de um desejo. Não considera a ilusão uma mentira, mas a expressão de uma vontade.²⁴⁷ No entanto, não desejamos apenas coisas boas e bonitas. O sonho revela qualquer desejo, mesmo aquele que não está de acordo com a bela imagem. A formulação do conceito de pulsão de morte nos impõe a releitura dos primeiros trabalhos de Freud, agora sob a luz sombria do impulso de destruição, sempre em ação²⁴⁸. Parece-me que o conceito de fantasia, proposto pela psicanálise, corresponde de modo mais exato à idéia do sonho proposta por Nietzsche. Vivemos segundo fantasias inconscientes. Nelas nos organizamos, atuamos e sustentamos uma identidade. Por mais que elas

²⁴⁶ Nos capítulos 5, *As regiões mentais*, e 6, *Extravios da moral*, da primeira parte do presente trabalho apresento reflexão sobre dinâmica entre as instâncias psíquicas propostas pela psicanálise. Consultar também KREMER-MARIETTI, Angèle. *La naissance de la tragédie trace la voie de la vérité radicale*. In: NIETZSCHE, F. *La naissance de la tragédie*.

²⁴⁷ FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900) e *O Futuro de uma Ilusão* (1927).

²⁴⁸ Em seu **Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, Lacan analisa um famoso sonho estudado por Freud, em que um pai revê seu filho recém falecido. O pai desperta ao ver a cena de seu filho queimando pelo descuido de quem o velava.

imponham sofrimento, perder-se parece pior; implica romper com nossa individualidade, e isso provoca intensa angústia.

Contudo, a ruptura com os limites individuais traz a sensação de liberdade. Remete ao sentimento místico de unidade com o Todo, o Uno primordial, o originário do qual surgiram todas as formas da natureza. Fonte e destino de qualquer Ser. Nos rituais dionisíacos, os indivíduos são tomados pelo “entusiasmo”²⁴⁹, estão possuídos pelo deus. Mas a comunhão com Dioniso também leva ao descontrole. Daí o horror e a violência dos atos praticados. E o medo de perder-se. Sob o efeito da embriaguez dionisíaca, provocada pelo encantamento dionisíaco estimulado pelo vinho, pelas danças e pela música ditirâmbica, Ágave dilacera o próprio filho, Penteu²⁵⁰.

Nietzsche saúda Dioniso, pois nele está a verdade da vontade e, portanto, o fundamento da vida. Entretanto, reconhece a destrutividade desse impulso quando manifestado em todo seu desregramento. Há que saber lidar com esse deus. Perder-se nele pode implicar em pura destruição. Corresponderia ao que designo de *perdição destrutiva*, em que somos regidos pelo Isso, tornando-nos simples escravos das pulsões.

Consciente desse risco, Nietzsche estabelece diferença entre os bárbaros dionisíacos e os gregos dionisíacos. Os primeiros manifestam-se em orgias febris e alcançam “horrível mistura de volúpia e crueldade”. Os gregos dionisíacos conseguem reconciliar Dioniso com seu oposto, Apolo. Este, sozinho, representaria apenas a mentira da cultura, repetição ilusória e estéril do imaginário estabelecido. A embriaguez dionisíaca, quando domada por Apolo, manifesta-se como criação. Não se trata aqui de um equilíbrio entre os dois, mas de uma entrega desmedida aos desejos e de sua dominação, via articulação em uma forma particular. Entendo a *perdição criadora* como o processo de mergulho nas intensidades pulsionais e da emersão desse caos por meio da invenção de nova aparência.

Do pacto de paz, um armistício tenso entre os dois deuses, nasceu a arte dionisíaca. Na tragédia, percebe-se tanto o sofrimento, a violência pulsional,

²⁴⁹ “O *sair de si* implicava num mergulho em Dioniso e deste no seu adorador pelo processo de *enthusiasmos*, isto é, ‘animado de um transporte divino’, (...) o *entusiasmo* é ter um deus dentro de si, identificar-se com ele, coparticipando da divindade”. BRANDÃO, J. **Mitologia grega. Volume II**, p.136.

²⁵⁰ VERNANT, Jean-Pierre. **Os homens, os deuses, os homens**; e EURÍPIDES. **As bacantes**.

como sua transmutação em beleza. O ditirambo trágico acolhe a dissonância musical. Tal como na música, a dissonância trágica revela desordem prazerosa que impele ao movimento, à metamorfose. A harmonia confortável da consonância, do acordo estável entre os sons, tende ao conformismo pelo sufocamento do conflito. E, de certa maneira, à morte. A tragédia revela o dissenso, a ruptura com as formações individuais, com a continuidade de uma ordem. Por isso, evoca a capacidade criadora. O mito trágico acolhe a crueldade e a violência do homem e da natureza, escondidas sob o nome de Destino, definido pelos deuses. Na tragédia, a desordem, a morte individual, transforma-se em vida.

A dor põe à prova a potência criadora, permite a construção do homem *forte*, do homem *nobre*. Para Nietzsche, nenhum herói exemplifica melhor essa transformação do que Édipo, a figura mais sofrida do palco grego²⁵¹. Édipo comete um sacrilégio: mata o pai e toma a própria mãe como esposa. Teriam sido estas suas faltas primeiras? A fuga de Corinto, na tentativa de negar o oráculo que predissera seu destino, não configuraria pecado maior, um desafio à vontade dos deuses? E sua sagacidade, ao desvendar o enigma da Esfinge, não indicaria grande afronta aos segredos da natureza?

“Misteriosa tríade de ações fatais”, observa Nietzsche. O conjunto de atos de Édipo o alça ao lugar mais alto entre os humanos, eleva-o ao posto de Rei. Mas também o faz cair. Na busca de afirmar sua individualidade, sua força, destrói qualquer obstáculo que se lhe anteponha. Acaba por perder-se. Nas palavras do coro:

Ele atirava flechas mais longe que os outros homens e conquistou incomparável felicidade. Fez mais ainda, pois conseguiu matar a virgem misteriosa de garras curvas e enigmas bárbaros.(...)Desde esse tempo, Édipo heróico, nós te chamamos de nosso rei e nos curvamos diante de ti, senhor supremo da grande Tebas. E existe hoje qualquer mortal cuja desdita seja maior? (Sófocles,1990,p.83).

Édipo move-se por interminável impulso de saber. Esta é sua perdição. Tirésias o afirma literalmente: “Dessa ventura [a habilidade de decifrar enigmas] te há de vir a perdição”²⁵². Sabedoria aqui não corresponde ao conhecimento racional, intelectual, mas à consciência das pulsões que nos impelem à ação e ao

²⁵¹ NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. Cap. 9, p.61.

²⁵² SÓFOCLES. **A trilogia tebana**, p.41.

discurso. Ou melhor: à revelação do conflito de forças presente em cada situação da vida, e esta não se limita ao mundo humano. O saber mora além da representação, da bela aparência das formas da realidade construída, da lógica que as ordena. O saber não é o refletir a demasia das possibilidades, mas o “relance interior da horrenda verdade”²⁵³.

O saber produzido por Édipo advém da consciência de ser atravessado por pulsões inconscientes. O herói deixa-se levar por elas, encanta-se pela vontade de afirmar-se diante do desconhecido, que ousa impedir-lhe a regência da própria vida. Entrega-se a essa tarefa com intenso vigor, perde-se nesse desejo. E obtém sucesso. É bem sucedido tanto na afirmação das ilusões de poder constituintes do mundo humano como na descoberta da falsidade dessas imagens. Édipo jamais se esquiva da busca da revelação do oculto. Reluta quando vê seus sinais, pois é humano, mas não foge diante da manifestação contundente da vontade dos deuses. Ou seria da própria vontade?

Tal como Nietzsche, Freud elege Édipo seu grande herói. Dá seu nome ao complexo estruturante da neurose. Essa atribuição já mereceu críticas dentro e fora da psicanálise²⁵⁴. É bem verdade que associar o herói grego à doença paralisante, que nos enreda a vida, com certeza corresponderia a desmerecer o valor desse corajoso personagem. Mas por que não podemos pensar na escolha de Freud como indicativo da possibilidade de cura da neurose? Édipo curou-se. Rompeu com o *véu de Maia*²⁵⁵ das sólidas imagens organizadoras de nossas relações com os outros e com a vida. Libertou-se da escravidão imposta pela fé na própria individualidade. E, claro, pela fé na individualidade alheia. Só assim pode-se criar nova vida. É justo isso que busco apreender com a expressão *perdição criadora*.

A trágica história de Édipo pode ser interpretada como longo processo de análise. E ela deve ser lida inteira. Ou seja: inclui *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*. Nas duas tragédias percebe-se como o emaranhado das pulsões inconscientes é lentamente desfeito. O Eu orgulhoso de si pelas qualidades de sua *personalidade*

²⁵³ Nietzsche, F. **O nascimento da tragédia**, p.53.

²⁵⁴ Fora da psicanálise, consultar por exemplo: VERNANT, J.P & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Édipo “sem complexo”*. Lacan, n’**O seminário 17** (1968-1969) – **O avesso da psicanálise**, afirma: “O complexo de Édipo é o sonho de Freud. Como todo sonho, precisa ser interpretado,” p.128.

²⁵⁵ Schopenhauer toma tal expressão do hinduísmo, onde ela é utilizada para significar a ilusão.

morre. Esta morte permite sua ampliação, com o acolhimento do Isso, do inconsciente.

Na segunda tragédia escrita por Sófocles sobre o rei de Tebas, Édipo está velho e cego. Condenado ao exílio, erra por terras alheias. Chega a Colono, nas cercanias de Atenas, e aloja-se em lugar interdito aos mortais. Ninguém pode ali demorar-se, pois tal sítio pertence às “deusas pavorosas”, as Eríneas. Divindades da vingança e da disputa, filhas das primevas Sombras. O simples pronunciamento de seu nome provoca tremor. Édipo, indiferente à advertência dos habitantes do local, ali permanece. Diante de sua história, que mal poderia ainda afetá-lo? Não teme as ações das Fúrias ou alguma outra ameaça. Não lhe resta nenhuma ilusão a sustentar. Exatamente aí, à margem da mais poderosa cidade grega, habitará Édipo pela eternidade. E, agora, o sacrílego desafiador dos deuses tornar-se-á sagrado.

Édipo desvendou o segredo da natureza, do homem e dos deuses, igualando-se a eles. Deparou-se com a verdade: o acaso, o imprevisível, a eterna disputa entre forças contrárias, são fundamento de qualquer vida. Essa descoberta deriva de sua trágica experiência, não de conhecimento teórico, alcançado pelo raciocínio abstrato. Amado e odiado pelos tebanos, salvador e algoz de sua pátria; assassino do próprio pai, marido daquela que o gerou; expulso de sua terra pelos que deveriam protegê-lo, seus filhos. Revelação do horror!

Diante dessa *visão*, o cego Édipo absolve-se. “Percebi que a minha ira me levava longe demais punindo-me por velhos erros. (...) Não! Eu não pequei!(...) Sou inocente diante da lei, pois fiz tudo sem premeditação.”²⁵⁶ E conclui: “Apesar das agruras, a minha existência não será triste, se esta for a minha sorte”²⁵⁷. O herói insiste na afirmação da vida. Eis a saúde do espírito grego, tão enaltecida por Nietzsche. Diante da consciência do absurdo da existência, não há outro caminho senão afirmá-la, transformando toda ruptura com certa organização em impulso para fundar novo mundo.

Naquela que será sua última tragédia, Sófocles apresenta textualmente a sabedoria de Sileno, expressão da consciência da miséria a que o homem foi condenado. Canta o coro: “Melhor seria não haver nascido; como segunda escolha bom seria voltar logo depois de ver a luz à mesma região de onde se

²⁵⁶ SÓFOCLES. *Édipo em Colono*.p.126,132,133. In._____. **A trilogia tebana**.

²⁵⁷ SÓFOCLES. **A trilogia tebana**,p.145.

veio”.²⁵⁸ Segundo a verdade anunciada, não restaria aos homens outra coisa senão desejar morrer. Eis o niilismo. Ou, em termos freudianos, a expressão da pulsão de morte. Sófocles evoca a fala do *demônio* Sileno, sátiro preceptor de Dioniso, para demonstrar sua vitória sobre ele, invertendo o *valor* da verdade anunciada.²⁵⁹ A destruição é tomada como um bem, como impulso para ir mais além.

Nietzsche destaca que os gregos respondem a essa condenação com a arte, especificamente com a tragédia. Não recalcam o horror da existência. Ao contrário. Acolhem-no e transfiguram-no em beleza. Daí Nietzsche dizer que a vida só se justifica como fenômeno estético. E também ético. Não só na arte vemos expressar-se o espírito grego que acolhe as pulsões mais terríveis e as transmuta em vida. Sua religião também o evidencia. Os deuses gregos são passionais, competem entre si, afirmam seus desejos, entregam-se a seus afetos. Agem segundo suas paixões. Não são virtuosos e morais. O Olimpo grego expressa a interpretação daquele povo sobre a vida. Predomina neles vontade de poder ativa e afirmativa. Para Nietzsche, tal avaliação da vida dos gregos arcaicos será suplantada pela filosofia socrática. Ele vê imperar nesta filosofia vontade de poder reativa e negadora da vida, pois rejeita as pulsões e entroniza o ideal.

O herói trágico, ao contemplar a verdade, ao ver-se diante da inanidade das imagens que o sustentaram e seguem organizando os outros, sente náusea. Enoja-se do mundo. Como está fora da cena, do imaginário do sonho/fantasia individual e coletivo, percebe que tudo é atuação, que todos desempenham papéis e não veem o real. Por isso, para Nietzsche, ao herói é repulsivo atuar. Ele realiza atos, o que é bem distinto da atuação. Também encontramos a diferença entre ato e atuação na psicanálise e ela aproxima-se da distinção proposta por Nietzsche. Quando atuamos, representamos papéis pré-determinados por cenas imaginárias. O ato rompe com essas fantasias inconscientes e instaura o caos, por desorganizar a trama pulsional na qual o indivíduo estava preso. Por isso, demanda trabalho criativo.

Édipo encarna o herói trágico exemplar. Mas também Sófocles tem a força do herói. Afinal, com sua pena nos apresenta o mundo de tensões em conflito, resolve-o em beleza. O poeta trágico não representa a natureza, mas imita a luta de vontades geradora das formas, expressa o poder criativo na

²⁵⁸ SÓFOCLES. **A trilogia tebana**, p.167.

²⁵⁹ CASTRO, Claudia Maria de. **A inversão da verdade. Notas sobre O nascimento da tragédia**.

*physis*²⁶⁰. A arte “surge neste supremo perigo da vontade, só ela tem o poder de transformar aqueles pensamentos enojados sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver: são elas o *sublime*, enquanto domesticação artística do horrível.”²⁶¹ Talvez esteja aqui a melhor definição para o conceito de *sublimação* de Freud: discurso tecido a partir da angústia da defrontação com as pulsões.

O poder de transmutar o terrível em sublime não se restringe ao herói ou ao poeta trágico. Caracteriza o *homem forte*, nobre, que encara as próprias vilezas e a violência presente na vida como desafios à sua capacidade criadora. Eis a dimensão ética e terapêutica do pensamento de Nietzsche.

²⁶⁰ NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia.** Cap.2,p.30.

²⁶¹ NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia.** Cap.7,p.53

3.3

Amor fati: a saúde da doença

Amor fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser algum dia, apenas alguém que diz Sim!²⁶²

Friederich Nietzsche

O estudo sobre a tragédia grega empreendido por Nietzsche desperta reflexão sobre a dimensão trágica da existência.²⁶³ O homem, qualquer um, depara-se com a ruptura das fantasias, imagens apolíneas, construídas para sustentar vida harmoniosa. A queda delas provoca dor e sofrimento. Sentimo-nos perdidos, sem rumo. O poeta trágico reconhece essa ruptura, graças ao concurso de Apolo e Dioniso. Acolhe a dissonância característica da existência e a transforma em beleza. Tal como o herói trágico, cada homem tem capacidade de amar o próprio destino, por mais terrível que se lhe apresente. E de transmutá-lo em nova vida. Eis o que Nietzsche entende por saúde.

A doença e a saúde são ideias diretrizes no pensamento de Nietzsche²⁶⁴. Talvez seja mais correto dizer que esse conflito marca profundamente toda a vida do filósofo. Desde jovem foi acometido por variedade de males físicos que o impediram de ler, alteraram sua fala, sua digestão. Em luta constante para livrar-se da doença, Nietzsche escreve sua obra, ela mesma expressão do que busco descrever como *perdição criadora*. Em 1888, sofre colapso nervoso e mergulha na loucura. Perdeu-se de vez. Alargou de tal forma as fronteiras da realidade que acabou imergindo no ilimitado. O diagnóstico mais reconhecido atribui esta *perdição destrutiva* à *tabes dorsalis*, lenta degeneração do sistema nervoso provocada por infecção sífilítica. O mesmo mal acometeu outros grandes criadores

²⁶² NIETZSCHE, F. **A gaia ciência** (1887), aforismo 236.

²⁶³ DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**, p.19-21; BRUM, José Thomaz. **O pessimismo e suas vontades**, p.73; CASTRO, Claudia Maria de. **A inversão da verdade. Notas sobre O nascimento da tragédia**.

²⁶⁴ Sigo a hipótese apresentada por Ariane Bilheran em **La maladie, critère des valeurs chez Nietzsche. Premice d'une psychanalyse des affects**.(2005). Na verdade, a autora afirma que a ideia diretriz é a doença, que só pode ser entendida em sua relação dinâmica com a saúde.

do século XIX, como Robert Schumann (1810-1856) e Guy de Maupassant (1850-1893). Em seus delírios, Nietzsche ora encarna Dioniso, ora Cristo, figuras importantes ao longo de toda sua obra. Morreu em 1900, aos 56 anos.

Nietzsche viveu a doença na própria carne. Sua filosofia constrói-se a partir dessa experiência. Ele não teorizou sobre a dinâmica saúde/doença, mas pensou, ou melhor, analisou o próprio sofrimento. Não à toa, Nietzsche relaciona estados do corpo às manifestações do espírito. Entende o pensamento como expressão de condições fisiológicas específicas. Sua doença forçou-lhe a solidão e o silêncio. Assim, pôde dar atenção mais acurada à palavra ouvida, lida ou proferida. A enfermidade permitiu-lhe, ou melhor, obrigou-o a viver apartado do cotidiano acelerado do “homem saudável”, que sempre está pronto a responder automaticamente aos estímulos. Esse “homem saudável” não coloca as próprias ações em questão, não se vê impelido a dar sentido a seu mal-estar. Prefere escondê-lo de si mesmo para seguir o ritmo da roda-viva coletiva.

Nietzsche entende vida e filosofia como um mesmo experimento. Portanto, não surpreende ver o tema saúde/doença no centro de suas reflexões. Para ele, qualquer construção do espírito – filosofia, moral, religião, arte, ciência – expressa embate de afetos que incidem no corpo, campo privilegiado do combate entre pulsões.²⁶⁵ A interpretação sobre a vida proposta por qualquer indivíduo, e por qualquer cultura, resulta do modo como lida com sua patologia. Isto é: com seu *pathos*, com as paixões que o afetam. A capacidade de digestão das situações vivenciadas indica aptidão para a sanidade ou para a morbidez²⁶⁶.

O filósofo propõe nova interpretação sobre saúde e doença. Não há possibilidade de uma existir sem a outra, elas não estão em campos opostos. A doença deve ser entendida como condição da saúde. O sofrimento imposto demanda do doente trabalho para superar o estado mórbido, permitindo com isso a ampliação de seu poder. A doença expressa o caótico, o múltiplo, o imprevisto. Indica a ruptura com certa ordem de funcionamento, impelindo a construção de

²⁶⁵ BLONDEL, Eric. **Nietzsche, le corps et la culture**. Blondel dedica um capítulo deste trabalho a tema – *Le corps et les métaphores*, pp.275-319.

²⁶⁶ Em **Genealogia da moral**, Nietzsche usa a metáfora da digestão diversas vezes. Já no prólogo afirma que o homem moderno não tem habilidade de *ruminar* sobre um problema, um ato, uma situação. E ela é imprescindível à interpretação. Na terceira dissertação, assevera: “Se alguém não dá conta de sua ‘dor da alma’, isto não vem, falando cruamente, de sua ‘alma’; mais provavelmente, de seu ventre (...) Um homem forte e bem logrado digere suas vivências (feitos e malfeitos incluídos) como suas refeições, mesmo quando tem de engolir duros bocados”.p.119.

nova configuração. O indivíduo que não sofre tende a permanecer, a conservar sua condição atual. Vive de maneira empobrecida.

No prólogo de *A gaia ciência* (1882-1887), afirma Nietzsche: “Da enfermidade da grave suspeita voltamos *renascidos*, de pele mudada, mais suscetíveis, mais maldosos, com gosto mais sutil para a alegria, com língua mais delicada para todas as coisas boas, com sentidos mais risonhos.”²⁶⁷ Esse livro evidencia de modo mais claro a concepção de Nietzsche sobre saúde e doença. O filósofo o considera o canto de convalescença de alguém que muito sofreu e que começa a recobrar o vigor. Nietzsche chega a duvidar da possibilidade de o leitor entendê-lo, caso não tenha passado pela mesma vivência: a profunda morbidez e o recuperar da saúde. A ciência jovial, leve, o conhecimento alegre são uma conquista. Resultam da paciente resistência contra a enfermidade. E de sua superação. Ato heróico! Depois de período mergulhado na sombra da moléstia, o indivíduo recupera a força. E mantém-se numa “*gaiata* indiferença frente à norma”.²⁶⁸

Para Nietzsche, a saúde não pode ser entendida como estado permanente, mas como processo dinâmico de ultrapassamento. Corresponde ao triunfo contínuo e cotidiano sobre aquilo que em nós quer morrer. Vejo aí o reviramento da pulsão de morte em pulsão de vida. A doença é a irrupção da violência, do desregramento. Inevitável, portanto. E indispensável, diria Nietzsche. Deveríamos ser gratos a ela, pois, por meio de sua superação, sofisticamos nosso olhar. Desenvolvemos nosso conhecimento sobre nós e sobre o mundo; descobrimos nossas virtudes. E estas não têm aqui qualquer conotação moral, mostram as qualidades despertadas na luta pela afirmação da vida, independente dos desafios imprevistos enfrentados por nós.

A doença desperta o niilismo diante dos horrores de nossas vivências. Expressa o desgosto diante da falência de uma ordem. A vida, antes iluminada por verdade incontestável, que assegurava finalidade à existência, mergulha na escuridão²⁶⁹. Eis a “morte de Deus”. O que está moribundo é qualquer idéia ou axioma alçado ao lugar sagrado de verdade absoluta, incontestável²⁷⁰. O caráter

²⁶⁷ NIETZSCHE, F. (1887) *A gaia ciência*. Prólogo, aforismo 3.

²⁶⁸ SOUZA, Paulo César. *Pós-fácio*. In: NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*, p.335.

²⁶⁹ Corresponderia, em Freud, à melancolia.

²⁷⁰ Nietzsche anuncia a morte de Deus no aforismo 108 de *A gaia ciência*. Os aforismos seguintes abordam a questão da verdade. Na terceira dissertação (aforismos 24, 25 e 27) de *Genealogia da*

geral do mundo é o caos, anuncia Nietzsche. Qualquer ordem constitui-se por um antropomorfismo estético imposto àquilo que nos afeta. A perda desse continente seguro provoca náusea, aversão à antiga âncora. Mas também tédio, fastio. Vontade de nada.

Mas o niilismo, em si, não é mau, constata Nietzsche. O sofrimento daí decorrente pode derivar em reinvenção e ampliação da vida. Mais uma vez vemos nos diante da *perdição criadora*: perder-se da trilha coletiva e construir novos caminhos. Contudo, desse quadro também resulta a recusa do viver. Há, portanto, o *niilismo de vida* e o *niilismo de morte*. Cada um responde de maneira particular à adversidade. “O veneno que faz morrer a natureza frágil é um fortificante para o forte – e ele nem o chama de veneno”²⁷¹.

No *niilismo de vida*, a frustração, a desgraça, abalam a crença naquilo que dava segurança e amparava. O sofrimento impele à descoberta de solução, empurra na busca de outras respostas, novas trilhas, pois as velhas não mais se sustentam. Provoca a suspeita dos valores que constituem o mundo conhecido, a perda de confiança em seu poder organizador. A criação depende dessa decadência. Buscamos o novo quando o estabelecido mostrou-se incapaz de dar sentido aos enigmas com os quais nos deparamos, de alimentar nossa fé na vida.

Nietzsche reconhece o medo presente nesse processo. No entanto, o assume como sentimento fundamental. Ele é útil ao organismo quando se torna provisório, pois impele à metamorfose, nos guarda da tendência conservadora. Assim surgem os espíritos livres²⁷², ou, como os nomeio, os *perdidos criativos*. No niilismo de vida, não se foge dos afetos nem das vontades perturbadores em busca de um suposto equilíbrio. Mergulha-se, perde-se neles. Investiga-se suas causas, reflete-se sobre seus efeitos, sobre as ações que executam. Assim, pode-se retornar à superfície leve, como um dançarino. Aprende-se a curar a alma com novos cantos, novas liras²⁷³.

moral também propõe a relação entre a morte de Deus e a decadência da idéia de verdade universal. Daí propor que a Ciência, alçada ao lugar de opositora da religião, é, na verdade, uma continuação dela, pois sustenta a crença na verdade.

²⁷¹ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro I, aforismo 19.

²⁷² A expressão ‘espírito livre’ designa aqueles que suspeitam de toda metafísica ou religião. Nietzsche o formula em **Humano, demasiado humano** (1878). “É lícito supor que um espírito, em que o tipo ‘espírito livre’ haja de tornar-se, um dia, maduro e doce até à plenitude, tenha tido o seu acontecimento decisivo numa *grande separação* e que, anteriormente, tivesse sido tanto mais um espírito comprometido e parecesse para sempre amarrado ao seu cantinho”, p.12.

²⁷³ NIETZSCHE, N. **Assim falou Zaratustra**. Parte III. O convalescente.

O *niilismo de morte* responde à emergência do caos com o reforço da moral vigente. Considera qualquer manifestação oposta à ordem estabelecida um erro, um pecado. Nega a doença, tenta fugir dos afetos mórbidos, recalca-los. Enfrentá-los impeli-la à transformação. Mas isso requer coragem, fé na própria força de sobrepujar a desordem instaurada. Nietzsche afirma que os espíritos fracos são tomados pela fadiga e pela inibição. Não toleram a angústia, pois não se comprometem com sua superação. Nas palavras do filósofo:

Enfim, permaneceria aberta a grande questão de saber se podemos *prescindir* da doença, até para o desenvolvimento de nossa virtude, e se a nossa avidez de conhecimento e autoconhecimento não necessitaria tanto da alma doente quanto da sã; em suma, se a exclusiva vontade de saúde não seria um preconceito, uma covardia e talvez um quê de refinado barbarismo e retrocesso. (Nietzsche [1882-1887]2002, Livro III, #120).

Mesmo a ciência inclui-se como expressão do niilismo de morte. Ela responde de maneira universal a qualquer processo e se furta à investigação do particular. Assim faz a medicina. Nietzsche recusa o ideal normatizador da ciência médica, que cria categorias universais para avaliar a saúde e a doença. O conhecimento médico apresenta-se, dessa maneira, tão moralizante quanto a religião ou a filosofia idealista, desenvolvidas a partir da busca da estabilidade das essências²⁷⁴. Não reconhece a multiplicidade de estados vividos por cada pessoa, provocados em diferentes situações. Aquilo que parece bom a alguém, não satisfaz outra pessoa. Cada um define de modo particular seu bem. Seus impulsos e seus erros. Seus encontros e desencontros. As fantasias de sua alma decidem sobre a especificidade da cura.

Não há, portanto, uma saúde, mas múltiplas. Elas dependem da maneira como cada um tempera a vida, da dieta que lhe parece mais saborosa. Não há fórmula para a nutrição do espírito. Um indivíduo caracteriza-se por inúmeras particularidades. Sua saúde constrói-se a partir delas. Relaciona-se à maneira específica como ele responde às necessidades e conflitos, aos desejos e desafios. Trata-se de um estado, sempre transitório. Afinal, novos tropeços despertam sentimentos e desordens ainda desconhecidos. A suposição de que haja *uma* saúde, *uma* normalidade, corresponde à crença em *uma* resposta universal e

²⁷⁴ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Terceira dissertação.

verdadeira aos problemas da vida. É a negação da diferença individual, da singularidade. Associa-se ao ideal moderno da “igualdade dos homens”. Corresponde ao “instinto de rebanho”, em que importa mais estar de acordo com o coletivo do que consigo. Jamais perder-se.

A busca da própria saúde requer o afastamento do rebanho. Ela demanda o trabalho de descoberta. Exige tomar a si próprio como enigma, experimentar-se. Pensar nossos horrores, nossa vilezas, nossos prazeres. Perder-se em si, para criar-se outro. Nessa aventura, não há um senhor, um ideal, que defina o bom ou o mau, o sucesso ou o fracasso, o erro ou o acerto. Tudo constitui matéria para variar a palheta dos quadros que pintamos. Qualquer vivência, prazerosa ou desprazerosa, permite-nos aumentar nossa força e chegar à vida mais rica. Aliás, a dor mostra-se mais educativa que o prazer. Ela exige a pausa, o pensamento, o movimento em busca de seu fim. Amar nosso destino: agradecer toda doença, desgraça e imperfeição que nos apareça. Assim escapamos aos hábitos duradouros, às armaduras paralisantes e pesadas, que nos atrapalham andar e dançar.

Podemos ver em Nietzsche a diferenciação entre *doença como meio* e *doença como fim*. Cada uma delas corresponde a um tipo de saúde²⁷⁵. A *doença como meio* acolhe as patologias. E luta por superá-las. Trata-se de postura afirmativa diante da dor e do sofrimento. Eles apresentam-se como inevitáveis. Constituem a matéria própria da vida. São obstáculos a serem confrontados e vencidos. Compõem o dinamismo da existência. Estimulam a ampliação de nossa força. Eis o *eterno retorno*: o caos irrompe em sistema ordenado, provocando sua alteração. Isso pode levar à constituição de nova configuração. Mas os caos retornará, sempre. “Tudo se desfaz, tudo é refeito; eternamente constrói-se a mesma casa do ser”²⁷⁶. O eterno retorno diz respeito tanto à saúde como à doença. Uma não existe sem a outra. O mal conclama potência inaudita em direção à superação do humano, ou, em termos mais nietzscheanos, ao “*além do homem*”²⁷⁷. A doença como meio impulsiona para a *grande saúde*.

Nós, os novos, sem nome, de difícil compreensão, nós, rebentos prematuros de um futuro ainda não provado, nós necessitamos,

²⁷⁵ BILHERAN, Ariane. **La maladie, critère des valeurs chez Nietzsche. Premice d'une psychanalyse des affects.**(2005),p.37,40.

²⁷⁶ NIETZSCHE, N. **Assim falou Zaratustra.** Parte III. O convalescente.

²⁷⁷ BILHERAN, A. **La maladie, critère des valeurs chez Nietzsche. Premice d'une psychanalyse des affects** (2005). “L'éternel retour n'est pas seulement la source de pathologies durables qui affaiblissent et éloignent de la santé. Car, s'agissant du surhumain, il révèle et convoque une puissance inouïe, et manifeste ainsi la grande santé,”p.57.

para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma *nova saúde*, mais forte, alerta, alegre, firme, audaz que todas as saúdes até agora. Aquele cuja alma anseia haver experimentado o inteiro compasso dos valores e desejos até hoje existentes e haver navegado as praias todas desse ‘Mediterrâneo’ ideal, aquele que quer, mediante as aventuras da vivência mais sua, saber como se sente um conquistador e descobridor de um ideal, e também um artista, um santo, um legislador, um sábio, um erudito, um homem devoto, um adivinho, um divino excêntrico como outrora: para isso necessita mais e antes de tudo uma coisa, *a grande saúde* – uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar...(...) nós, argonautas do ideal, mais corajosos talvez do que seria prudente, e com frequência náufragos e sofridos, mas, como disse, mais são do que nos concederiam, perigosamente, sempre novamente são – quer nos parecer como se tivéssemos como paga por isso, uma terra ainda desconhecida à nossa frente, cujos limites ainda ninguém divisou, um além de todos os cantos e quadrantes do ideal. (Nietzsche [1882-1887]2002, Livro V, #382).

A grande saúde caracteriza aquele que padece do sofrimento provocado pelo risco, por aventurar-se para além do conhecido e garantido. Quem faz isso sempre perde e ganha, tropeça e levanta. Com certeza luta. Como proponho, perdeu-se no encantamento por algo e insistiu na sua perdição. E produziu vida nova, mais intensa justamente pelo perigo em jogo. A *grande saúde* é dionisíaca. Não visa abater por completo as zonas de sombra, o que seria impossível. Ao reconhecê-las, as inclui no movimento de alegria por sua superação²⁷⁸.

A *doença como fim* diz respeito à permanência no estado de sofrimento, sob a aparência de tranquilidade. Ela corresponde à ideia de *saúde conforto*, defendida pelo senso comum. Este entende saúde como ausência de perturbações, bem-estar e equilíbrio. Esse estado sustenta-se na conservação de uma única ordem, definida como ideal pela coletividade. Nietzsche não o vê como expressão efetiva da saúde. Ao contrário: nomeia esse impulso pelo autodomínio como “doença moral”²⁷⁹. Considera a fuga do sofrimento bem mais patológica do que a luta corajosa contra o sofrimento.

Na busca pela *saúde conforto*, observa-se constante irritabilidade para com emoções e inclinações naturais, como a agressividade e a violência. Estas são

²⁷⁸ BILHERAN, A. *La maladie, critère des valeurs chez Nietzsche. Premice d’une psychanalyse des affects* (2005), p.47

²⁷⁹ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Livro IV, aforismo 305.

consideradas más pela ordem estabelecida. Os indivíduos que assim vivem recalcam todo afeto ou impulso proscrito. Eles se mantêm em constante atitude de defesa contra si mesmos e contra os outros. Principalmente contra aqueles que não rezam para o mesmo ideal. Esses indivíduos “corretos” fogem do conflito, evitam imprevistos. Afastam-se do medo e do perigo. Consideram-se, por isso, saudáveis. Mas vivem de modo empobrecido, apartados das mais belas “casualidades da alma”. Não têm acesso a nova instrução, “pois é preciso saber ocasionalmente perder-se, quando queremos aprender algo das coisas que nós próprios não somos”²⁸⁰. Na instabilidade descobrimos o estranho que nos habita.

O instinto de rebanho rege aqueles que buscam conservar, nomeados por Nietzsche de *homens fracos*. São previsíveis, sensatos. Sentem-se em dívida constante com os ideais coletivos e agem automaticamente para pagar essa conta. Orientam-se segundo a prescrição moral. São cidadãos úteis. Acabam por negar a vida, pois têm de encolher-se à verdade estabelecida. Só sob seu manto conseguem olhar o mundo. O *homem fraco* culpa-se quando não está de acordo com os demais. Ao mesmo tempo, calcula todas suas ações, cuja finalidade está sempre programada a princípio, já que não encara o risco. Não se deixa desencaminhar. Tampouco se permite deixar levar por impulso intenso em direção desconhecida. No entanto, mesmo cumpridor de seus deveres, segue insatisfeito consigo. Nutre o ressentimento e tenta se vingar dos que se libertaram dessa opressão.

Nietzsche concebe qualquer organismo como complexo de forças, de vontades em luta por se afirmar. O indivíduo, portanto, não é uno, mas experimenta continuamente o conflito de forças. A luta interna transforma-se em criação se reconhecemos essa disputa e a atualizamos sempre de maneira diversa. Assim ampliamos nosso saber e domínio sobre elas. Contudo, o conflito interno torna-se destruição se o sufocamos para continuarmos fiéis a uma imagem. A negação desse conflito se faz ao preço da mortificação da potência do indivíduo, consumido pela disputa interna que não pode reconhecer. Destrói a si e todo aquele que apresenta questionamento à ladainha do rebanho. A *grande saúde* exige o exercício perene de reter o olhar sobre o trabalho secreto dos instintos.²⁸¹

²⁸⁰ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro IV, aforismo 305.

²⁸¹ MARTON, Scarlet. **Das forças cósmicas aos valores**, p.55.

O *homem fraco* jamais se submete a uma paixão. Não se coloca como servo dela, pois acha que isso seria vulgar. Justamente por ser fraco, sente o servir como prática menor. Nada consegue construir, portanto. Já o *homem forte* sujeita-se à lei de seu querer, reconhece que desfrutará sua maior alegria nessa coação. O demorado e cotidiano trabalho lhe permite dominá-lo. Por se colocar como escravo, o *homem forte* amplia sua potência e torna-se senhor. Mas só aos olhos dos outros, pois segue, perenemente, sua luta por dominação, por superar a si mesmo²⁸².

Para Nietzsche, apenas a grande dor libera o espírito. Só ela permite a grande suspeita de todo universal imposto. Impele, desse modo, à criação. Eis a *grande saúde*: resistir a qualquer paz derradeira; querer o eterno retorno da guerra; renunciar à verdade pronta, confortável, estável, que durante séculos correspondeu à imagem de Deus; manter-se em contínua suspeita; buscar, em todas as coisas, o que nelas deve ser superado²⁸³. O *homem fraco* ou *vulgar* foge ao combate. O *homem forte* ou *nobre* é mais insensato. “Em seus melhores momentos a sua razão faz uma pausa”.²⁸⁴ Reconhece suas paixões, aceita-as como desafio para sua superação. Perde-se nelas para achar-se de modo distinto. Experimenta, como proponho, a *perdição criadora*. O próprio Nietzsche apresenta-se como excelente exemplo dessa experiência: “Eu sei mais sobre a vida porque frequentemente estive a ponto de perdê-la; e justamente por isso *obtenho* mais da vida do que todos vocês”²⁸⁵.

²⁸² NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Livro II. Do superar a si mesmo.

²⁸³ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Livro IV, aforismos 283 e 285.

²⁸⁴ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Livro I, aforismo 3.

²⁸⁵ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Livro IV, aforismo 303.

3.4

Genealogia e transmutação dos valores

Há uma honestidade que sempre faltou aos fundadores de religiões e pessoas desse tipo: eles nunca fizeram de suas vivências uma questão de consciência para o conhecimento. (...) Mas nós, sequiosos de razão, queremos examinar nossas vivências do modo rigoroso como se faz uma experiência científica, hora a hora, e dia a dia! Queremos ser nossos experimentos e nossas cobaias.²⁸⁶

[o filósofo] tem hoje o *dever* da desconfiança, do olhar oblíquo e malicioso a partir de abismos de suspeita.²⁸⁷

Friederich Nietzsche

A *grande saúde* implica a capacidade de perder-se. A renúncia aos hábitos duradouros, que tornam a vida pesada, por exigirem fidelidade e fixação, permite a afirmação de vontades desconhecidas. Os hábitos breves apresentam-se mais saudáveis, pois nos levam a conhecer muitas coisas, naquilo que elas trazem de doce e de amargo²⁸⁸. Se somos um complexo de vontades em permanente luta por expressão e dominação, nada mais compreensível do que o surgimento do apetite por diferentes ideias, pessoas, comidas, de acordo com a situação vivida aqui/agora. Isso só não ocorre se devemos lealdade a um único ideal. Este define como erro e falta qualquer aventura distinta daquelas por ele prescritas, julgando-as más.

Contudo, como surgem os conceitos *bom* e *mau*? Esta pergunta move a análise de Nietzsche em *A genealogia da moral* (1887). Tais valores não são naturais. Os homens os criam para atender algum interesse. Expressam, portanto, avaliações sobre a vida, jamais a verdade essencial sobre as coisas. Essas avaliações engendram morais, constituem culturas e ordenam indivíduos.

²⁸⁶ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro IV, aforismo 319.

²⁸⁷ NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. Aforismo 34.

²⁸⁸ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro IV, aforismo 295.

Para Nietzsche, os valores constroem-se a partir do conflito de afetos incidente no corpo²⁸⁹. A suposição de que decorrem de reflexão espiritual ou intelectual esconde sua finalidade primeira: responder às tensões corporais; buscar o prazer e interromper o desprazer; eliminar ou provocar dor. Nossos valores, nossos sins e nãoos, nascem por necessidade afetiva. Estão relacionados entre si, testemunham uma vontade, um terreno, um sol²⁹⁰. Visam pacificar alguma confusão de forças provocada pela experiência.

Freud faz a mesma constatação. No breve texto *A negativa* (1925), ele observa que o *juízo de atribuição* antecede o *juízo de existência*. Antes de identificar a realidade de alguma coisa ou da constatação de um fato, o psiquismo procede a um julgamento. Avalia aquele estímulo como bom ou mau, em virtude do prazer ou desprazer provocado. E a interpretação dele decorrerá das intensidades afetivas vividas. Aquelas representações muito aflitivas são recalçadas, permanecem fora da consciência. E, assim, da realidade. Outras são acolhidas. Dessa maneira o homem constrói sua percepção sobre o mundo.

Nietzsche descreve o homem como o mais doente, inseguro, inconstante e indeterminado animal. Sua doença decorre da necessidade de dar sentido ao sofrimento. A luta contra o desprazer, experimentado em seu corpo, o impele a buscar um causa para sua dor para, assim, tentar diminuí-la.²⁹¹ Os valores emprestam interpretações às sensações fisiológicas, buscam apaziguá-las. E a vida se constrói a partir desses valores, que constituem artigos de fé contra a “depressão fisiológica”. Mas Nietzsche coloca a questão: que vida engendram certos tipos de valores?

Todo o pensamento, toda atividade espiritual, apresenta-se como resposta inconsciente ao embate de forças presente em nosso corpo. Impulsos diferentes lutam entre si e impelem a certas avaliações sobre as situações. Transformadas em palavras por nossa consciência, tais valorações subjetivas acabam por assumir caráter de verdades reveladas. Ou mesmo lógicas sólida e racionalmente construídas. Pura ilusão. Porém, ilusões que fabricam o mundo humano.

Ao privilegiar o corpo, e as sensações que cada indivíduo particular experimenta, Nietzsche opõe-se à filosofia tradicional e à ciência. Para ele, sob o

²⁸⁹ BILHERAN, A. *La maladie, critère des valeurs chez Nietzsche. Premice d'une psychanalyse des affects* (2005) e BLONDEL, Eric. *Nietzsche, le corps et la culture*.

²⁹⁰ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Prólogo, aforismo 2.

²⁹¹ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Terceira dissertação, aforismos 13, 17, 28.

biombo da busca da verdade universal, as duas agem, veladamente, tal como a religião ou a moral, para impedir o pensamento. Ambas não reconhecem a pluralidade de vontades, em guerra constante, que impossibilitam a sustentação de essências e substâncias.

Nietzsche nomeia-se ora como filósofo médico ora como filósofo do futuro. Ou ainda como psicólogo. Este tem como tarefa investigar a origem dos valores a partir dos quais indivíduos e culturas se ordenam. E identificar o tipo de avaliação da vida e de interpretação dos fenômenos que eles instauram. A isso dá o nome de genealogia. Trata-se de descobrir as condições nas quais os valores são gerados para possibilitar sua suspensão. E, então, chegar à *transmutação dos valores*, inspirados em diferente maneira de avaliar a vida.

Já no prólogo de *Genealogia da moral*, Nietzsche denuncia os homens do conhecimento como desconhecidos de si mesmos. Afinal, não se colocaram a pensar em si; estiveram constantemente ausentes das próprias experiências. Seu alvo duradouro sempre foi o universal. Para Nietzsche, a metafísica constitui forma sofisticada de defesa da moral. E, portanto, uma das mais nocivas expressões dela. Torna-se imperioso, então, avaliar os valores que alimentaram as interpretações realizadas pelos filósofos. Qualquer interpretação sobre o mundo é efeito de uma hierarquização. Resulta da escolha das forças que prevalecem em determinada situação e da vontade de poder que impera naquele momento. Essa escolha já denota avaliação sobre a vida.

Desde Platão, a filosofia desprezou o corpo e os sentidos como fonte do conhecimento. Negou impulsos naturais como a força, a agressividade, a sexualidade. Para Nietzsche, tais manifestações assumiam a valoração de bom na moral do *homem nobre*. Este amava a guerra e a disputa, a caça e a dança. Os juízos de valor da moral aristocrático-cavalheiresca enaltecem a coragem individual; o amor a si mesmo e a ação em benefício próprio. O nobre, o forte, estabelece seus próprios atos como bons. Considera o inimigo tão bom quanto ele, caso demonstre igual valentia e intemperividade. O valor mau deriva de seu narcisismo. Constrói-se em contraste à bela imagem que tem de si. E dirige-se, sem rancor, ao fraco e ao covarde.

O *homem nobre* é aquele que age simplesmente para afirmar sua diferença. Impõe-se aos outros com vistas a garantir a realização de sua paixão, e não pelo simples prazer de destruir aquele que lhe é estranho. Sua alegria reside no ato de

afirmação de sua singularidade. O *homem nobre/forte* anuncia: “Eu sou bom!” Ama a si em primeiro lugar. Não acusa ninguém. A luta contra o outro não rege sua ação. Ela resulta da insistência em sua vontade de poder.²⁹²

Depois da moral nobre, surgiu o modo de valoração sacerdotal. Nietzsche ressalta que ela operou radical transmutação dos valores. Bom não mais se referia à ação. Nem à violência ou à guerra. Designava a contemplação, o jejum e a continência sexual. O homem tornou-se mais profundo. Um “animal interessante”, diferente dos outros animais. Desenvolveu o espírito e o intelecto. Valorizou o equilíbrio. Mas também passou a cultivar a maldade e o ressentimento.²⁹³

Impedido de afirmar sua agressividade por meio de ações, o ódio no sacerdote assumiu grandes proporções. Nietzsche denomina a moral do sacerdote de moral escrava, reativa, pois requer sempre um mundo exterior ao qual se opõe. Dizer “não” é sua maior ação, seu ato criador. Esse grande e sonoro “Não!” dirige-se à própria vida, negada em sua multiplicidade e em sua força. O *homem escravo/fraco* acusa: “Tu és mau, portanto eu sou bom”.²⁹⁴ Seus valores derivam da comparação com o outro, não se constroem a partir da própria experiência. O *homem fraco* odeia tudo que difere dele mesmo, qualquer coisa que perturbe a morna estabilidade de seu viver. Seu olhar nunca pousa sobre si. Sempre se dirige para fora, para o outro, considerado mau.

Nietzsche identifica os judeus, “povo de sacerdotes”, como os grandes responsáveis pela afirmação da moral escrava e a consequente decadência dos valores aristocráticos. O cristianismo deu-lhe irresistível poder de sedução e expandiu-a por todo Ocidente. O desprezo de si e o sacrifício individual em proveito da comunidade; a virtude como utilidade pública; a compaixão; o equilíbrio: eis alguns aspectos da definição do bom para a moral do escravo. Esses valores caracterizam, segundo Nietzsche, uma cultura decadente, defendida não apenas pela religião judaico-cristã, mas também por inúmeros filósofos desde Sócrates.

Para Nietzsche, Sócrates alçou o *homem fraco* ao lugar de legislador. E os valores por ele sustentados apresentam-se como inquestionáveis. Na interpretação

²⁹² NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Primeira dissertação, aforismo 10.; e DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**, p.100.

²⁹³ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Primeira dissertação, aforismo 6.

²⁹⁴ DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**, p.100.

de Nietzsche, o filósofo grego considera os sentidos e as sensações fontes de erro no julgamento sobre a vida. Segundo esta perspectiva, só a razão, o raciocínio lógico elaborado pelo filósofo em sua ascese, permitiria ao homem a contemplação da essência das coisas e do mundo. A embriaguez, o ímpeto e a intensidade dionisíacos, estímulos para a mudança, são banidos e taxados de *maus*. Fundamental na cultura trágica, a *hybris* – irrupção da violência, violação soberba das leis divinas, naturais ou comunitárias²⁹⁵ – passa a ser recalcada com veemência.

O *homem nobre* ou o *espírito livre* reconhece a mutabilidade dos valores. Para ele não há erro. Se amou uma verdade outrora e hoje ela não se sustenta, é porque não mais necessita daquela interpretação. Tornou-se outro, mudou de pele. Retirou tela que lhe impedia olhar mais acurado. “Foi sua nova vida que matou para você aquela opinião, não sua razão: *você não precisa mais dela*, e agora ela se despedaça e a irracionalidade surge dentro dela como um verme que vem à luz”.²⁹⁶ O *homem forte* não se ressentiu disso. Reconhece na queda de valores a oportunidade de novas descobertas. Está disponível ao *dever* e não aprisionado ao *ser*. Tal como os sofistas, considera o discurso instrumento para dar conta do conflito de forças presente em situação específica. Outro momento exigirá nova interpretação. A dor experimentada no processo de transformação reverte-se em vida mais rica. Leve e alegre. Afinal, o acolhimento das forças desconhecidas, que querem viver e se afirmar, resolve a batalha interna. Armistício temporário, vale ressaltar. O *homem nobre* busca constantemente o *além do homem*, a superação de si.²⁹⁷

O *homem fraco* ou *escravo* entende bom e mau como valores absolutos e permanentes. Ele não julga a ação de acordo com as variáveis implicadas no momento específico de sua execução. É regido pelo instinto de rebanho, sempre tem que estar de acordo com o grupo. Teme a aventura do caminho solitário, sufoca a manifestação de forças em desacordo com o ideal coletivo, alçadas ao lugar de verdade imutável. Esse tipo de homem difama toda mudança, criação ou transformação. Quer conservar. Severamente contido pelo costume, mantém forte vigilância entre seus pares. Cultiva ódio intenso ao estranho, ao estrangeiro.

²⁹⁵ NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. Terceira dissertação, aforismo 9.

²⁹⁶ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Aforismo 307.

²⁹⁷ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Segunda parte. Do superar a si mesmo.

Eles [os homens fracos] rondam entre nós como censuras vivas, como advertências dirigidas a nós – como se saúde, boa constituição, força, orgulho, sentimento de força fossem em si coisas viciosas, às quais um dia se devesse pagar, e pagar amargamente: oh, como eles mesmos estão no fundo dispostos a *fazer* pagar, como anseiam ser *carrascos*! Entre eles encontra-se em abundância os vingativos mascarados de juízes, que permanentemente levam na boca, como baba venenosa, a palavra *justiça* e andam sempre de lábios em bico, prontos a cuspir em todo aquele que não tenha olhar insatisfeito e siga seu caminho de ânimo tranquilo. Entre eles não falta igualmente a mais nojenta espécie de vaidosos, os monstros de mendacidade que buscam aparecer ‘almas belas’” (Nietzsche (1887b) 1998; 3 #14).

O *homem fraco* agarra-se nessa moral. Recorre a ela para apaziguar sua dor. A partir dela dá significação ao sofrimento e ordena a confusão de vontades presente em seu corpo. Nietzsche reconhece na valoração ascética do sacerdote forma de proteção contra a degeneração da vida. Sem ela o *homem escravo* se destruiria rapidamente, entregue ao niilismo. O sacerdote oferece motivos para o animal de rebanho seguir com “fé na vida”. Reconheço que a expressão é imprópria, pois a vida oferecida apresenta-se empobrecida. Limitada e cinza. A fé do *homem fraco*, destaca Nietzsche, dirige-se à “outra vida”. Enaltece outro mundo, transcendente. Considerado, ele sim, a vida verdadeira.

A moral escrava, ascética, demonstra certa inibição e obstrução fisiológica. Nega a existência de instintos vitais, como a crueldade, a destruição e a vontade de poder. “Instintos artistas”, responsáveis por qualquer criação e descoberta de novos mundos. A negação desses instintos, seu *recalque*, gera a *má consciência*. Trata-se de “falsa consciência”. Germina sobre a culpa e o ressentimento. Afinal, os instintos não direcionados para fora *voltam-se para dentro*, diminuindo a capacidade criadora dos indivíduos e alimentando o rancor e a inveja.²⁹⁸

A vontade de poder também atua no *homem fraco*. Mas “contra” ele, e a favor do ideal. O problema agrava-se quando esse homem coloca seus ideais negativos acima dos demais. Tiraniza, assim, o *homem nobre*, mais saudável que ele. Na realidade, tiraniza a si mesmo, apesar de não reconhecê-lo. No animal de rebanho, a potência destrutiva opera na redução da própria força. Por isso ele é fraco. Essa vontade aniquiladora também se manifesta no ódio ao *homem forte*, que se entrega às próprias paixões.

²⁹⁸ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Segunda dissertação, aforismos 14 e 16.

Uma força, uma vontade, pode ser ativa ou reativa.²⁹⁹ Essas qualidades não são, porém, absolutas. Estabelecem-se nas situações específicas, onde a força entra em contato com outras forças. O modo como a vontade se impõe sobre as outras determina se ela é ativa ou reativa. Ao relacionar sua tipologia de homem à vontade, Nietzsche esclarece as noções de ativo e reativo. O *homem fraco* ou *escravo* expressa vontade reativa. Mesmo quando obedece, quando se submete à força ativa, opera para diminuir e restringir a intensidade dela, para “separar a força daquilo que ela pode”. Ou seja, a vontade reativa trabalha para diminuir, destruir, neutralizar a força ativa. Ela não destrói por consequência de sua afirmação; sua afirmação está no destruir a diferença expressada pela força ativa. A vontade de poder da força reativa é a negação da vida. A moral do escravo diz sempre não, o máximo de seu ato criador.

A vontade de poder da força ativa é afirmativa. Manifesta-se na sua disponibilidade de ser afetada. Está aberta à contingência, ao aqui/agora. Inclua-se nessa suscetibilidade à afetação o submeter-se a outras forças, quando as reconhece como superiores. O homem nobre não vê problema em servir, pois ama a si e tudo aquilo que se apresente para ampliar a própria força. Acolhe a mutabilidade do devir. A força reativa quer exterminar tudo aquilo que perturbe seu estado, trabalha para fixar seu suposto ser.

Para Nietzsche, o papel do psicólogo consiste em colocar os valores morais em questão. Como genealogista, examina as condições e circunstâncias de seu nascimento e de seu desenvolvimento, além de suas modificações. Relaciona os valores com o tipo de avaliação da vida que propõem. Pergunta-se: tais valores afirmam ou negam a vida? A vontade de poder soberana, no indivíduo ou na cultura, é ativa ou reativa?

Nossas ações e nosso gosto estão impregnados de valores morais. O psicólogo tem que trabalhar para percebê-los atuando em si mesmo. Nietzsche exorta-nos à suspeita: “Desconfiemos antes de tudo, senhores, dos nossos primeiros impulsos! *Eles são quase sempre bons.*”³⁰⁰ Nossas ações expressam o resultado do conflito de forças presentes em cada situação. Não há um sujeito no

²⁹⁹ DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. [1962] 1976, pp.35-36. Sigo a interpretação de Deleuze sobre a idéia de força ativa e força reativa.

³⁰⁰ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Terceira dissertação, aforismo 20.

comando.³⁰¹ Por isso, faz-se necessária a atitude de contínua suspeita em relação a nós. Devemos interpretar nossas vivências, porém, só depois de elas ocorrerem. “Raramente nos tornamos conscientes do verdadeiro *pathos* de cada período da vida enquanto nele estamos, mas achamos sempre que ele é o único estado então possível e razoável para nós, um *ethos*, não um *pathos*.”³⁰² Se o trabalho da suspeição não se dá, as interpretações ficam impregnadas de preceitos morais. Mesmo quando se apresentam como verdades objetivas e neutras.

A moral escrava rege a cultura ocidental, fundamentada nos valores judaico-cristãos. Para Nietzsche, trata-se de cultura decadente, pois se afirma sobre idéias como bem-estar, paz e compaixão. A fraqueza e o ressentimento levaram à negação dos valores aristocráticos, presentes na Antiguidade Clássica e no Renascimento.³⁰³ Daí a necessidade de nova transmutação dos valores, da criação de sensibilidade não mais sustentada no ressentimento – que julga, acusa e distribui culpas (judaísmo); na má consciência – que interioriza a culpa e mortifica a força ativa (cristianismo); e no ideal ascético – forma sofisticada de niilismo que engloba o ressentimento e a má consciência. O ideal ascético manifesta-se tanto na religião como na metafísica. E também na ciência e até na arte. O filósofo do futuro, legislador, tem como tarefa despertar uma sensibilidade que acolha o múltiplo, o indeterminado. E que valorize a mudança e a diferença.

No mundo moderno a moral escrava continua no comando. Os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade expressam a secularização dos valores cristãos.³⁰⁴ Um de seus principais fundamentos continua o mesmo: o amor ao próximo. Este ideal vela o motor último das ações humanas, o desejo de impor a própria vontade sobre os outros e sobre o mundo. As Revoluções Francesa e Científica não promoveram grandes transformações na moral, denuncia Nietzsche. Persiste nesse “velho-novo” mundo a recusa do reconhecimento do conflito de vontades que move o homem. Deus não mais inspira a ação ou aplaca o

³⁰¹ NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**, aforismo 19. E também. MARTON, S. **Das forças cósmicas aos valores**, pp.33 e 34.

³⁰² NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro IV, aforismo 317.

³⁰³ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Primeira dissertação, aforismo 16.

³⁰⁴ Em **Além do bem e do mal**, Nietzsche declara: “A Revolução Francesa nada mais é do que uma ‘farsa sinistra e supérflua’”, #38. E ainda em **Crepúsculos dos ídolos, Incursões de um intempestivo**, aforismo 38. Sobre o tema, ver também MARTON, Scarlet. **Nietzsche e a Revolução Francesa**; e MONTEIRO, Américo Enes. **Frederico Nietzsche, o ideal do Homem Superior e a Revolução Francesa**.

sofrimento do homem científico. Ele não precisa dele, pois inventou substituto à altura: a verdade, ainda mais incontestável que a religiosa, pois provada e comprovada por experimentos.

Os juízos bom e mau presentes nas verdades científicas ainda estão referidos ao ideal ascético do sacerdote. Não reconhecem a pluralidade de vontades em contínuo combate como característica da vida. A medicina seria seu melhor exemplo. Responde ao sofrimento dos indivíduos com o universal. Não se propõe a investigar as paixões uma a uma, segundo as contingências. E a crença na objetividade e neutralidade da ciência expandiu-se para os jornais. Sem o rigor próprio dos cientistas, jornalistas escrevem cotidianamente suas impressões sobre os fatos. Interpretações impregnadas de valores morais reativos, ressentidos, que orientam as massas. Decadência.

A ciência é hoje um *esconderijo* para toda espécie de desânimo, descrença, remorso, desprezo de si, má consciência – ela é a *inquietação* da ausência de ideal, o sofrimento pela falta do grande amor, a insatisfação por uma frugalidade involuntária (...) ciência como meio de autoanestesia (...) estamos lidando com sofrendores que não querem confessar a si mesmos o que são, com gente entorpecida e insensata que teme uma só coisa: ganhar consciência”. (Nietzsche [1887b] 1998,3,#23)

Nem a filosofia, nem a ciência escapam ao compromisso com os ideais ascéticos, negadores do corpo. Sequer a arte. Nietzsche denuncia aqueles artistas que não sustentam autonomia em relação à moral do sacerdote.³⁰⁵ Apartam-se da sensualidade e, portanto, do conflito dos afetos provocados pela luta do viver. Esses “criados de quarto de uma religião, de uma filosofia, de uma moral” diferem-se do artista trágico, que mergulha na intensidade das sensações para transformá-las em discurso.

Qualquer discurso, seja filosófico, religioso ou científico, tem o mesmo objetivo: aplacar o sofrimento, revelar avaliações sobre a vida. O problema está em apresentá-los como verdades universais, imutáveis. Constituem apenas interpretações, perspectivas sobre a realidade, que permitem ao homem intervir nela. A formulação de teorias expressa solução dada à dor do existir, apenas não são assumidas enquanto tal. Esse desejo de neutralidade, que aparece no cientista

³⁰⁵ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Terceira dissertação, aforismo 5.

de modo mais explícito, esconde motivações morais, que o engajam em sua pesquisa.

Nietzsche apresenta o filósofo legislador como antagonista do ideal ascético. Ele está empenhado na transmutação dos valores, sem se preocupar com o reconhecimento da comunidade. Contrapõe-se ao filósofo submisso, ocupado com suas preces à tradição. O filósofo legislador exerce seu ofício com o martelo, pois não quer conservar, mas criar.³⁰⁶ Para isso, aventura-se em experimentos do pensamento, ousando olhar segundo múltiplas perspectivas. Trata-se de um *homem nobre*. Aceita a luta e o sofrimento como essenciais à vida; é duro e exigente consigo. Diante do caos empenha-se na construção de distintos valores, que engendram novas maneiras de lidar com a vida.

Aquele que não tem o compromisso em sustentar uma única verdade, coloca-se a ouvir a música executada em seu corpo. Reconhece a necessidade de aprender a ouvir os diferentes instrumentos, as distintas melodias que estão sendo tocadas. A princípio apenas suporta essa música, tamanha sua estranheza. Mas, como bom ouvinte, tem paciência, coloca-se disponível a ela. Aos poucos começa a captar suas qualidades. Por fim aprende a amá-la. Perdeu-se nela, por isso pode criar a partir dela. Nomeio esse processo de *perdição criadora*.

Afinal sempre somos recompensados pela nossa boa vontade, nossa paciência, equidade, ternura para com que é estranho, na medida em que a estranheza tira lentamente o véu e se apresenta como uma nova e indizível beleza: - é a sua *gratidão* por nossa hospitalidade. (Nietzsche [1882-1887] 2002, IV,#334)

Qualquer indivíduo que queira experimentar vida mais saudável, sem “obstruções fisiológicas”, tem que passar por esse processo. A suspensão do ressentimento, da má consciência, do niilismo exige a invenção de nova paixão que alimente nossa fé no existir. Só ela permitirá nos manter apartados do rebanho dos doentes. Estes se aquecem sob o mesmo sol. O *homem forte*, nobre, artista cria seu próprio sol, que o fecunda e o alimenta, independente dos elogios e censuras da comunidade. Só enquanto criadores podemos destruir. Viver, para Nietzsche, é criar, ampliar nossa potência. Se não criamos algo que permita a ampliação do poder sobre nós e sobre a vida, retornamos às soluções oferecidas

³⁰⁶ DELEUZE, G. **Nietzsche. Vida e obra**, p. 19.

pela moral coletiva. Aprisionados nela, caímos na impotência, mas exercitamos pequenos poderes, que nos agarram na vida. Como não existe *verdade*, *substância*, a criação refere-se à invenção de novas interpretações sobre a vida, novos nomes, novas avaliações, novas fantasias. A longo prazo, podem tornar-se novas *coisas*, engendrar novas culturas³⁰⁷.

Genealogia dos valores morais da cultura ocidental. Parece-me que este foi o meio encontrado por Nietzsche para dar conta dos valores morais inconscientes que o moviam. Foi seu exercício de libertação, de construção de sua soberania. Sua transmutação dos valores. Criou seu próprio sol. Ele exorta os outros a fazerem o mesmo: “Que cada um faça isto por si próprio (...)e tire da mente as generalidades e as preocupações com os outros e a sociedade!”³⁰⁸”

Nietzsche foi bem sucedido em sua tarefa. No entanto, ele mesmo tem esperança do surgimento de um “filósofo médico”, que persiga o problema da saúde de um povo, de uma época. E que o tratamento parta da investigação da vontade e da desconstrução da moral, que aprisiona e paralisa. Entendo a psicanálise como essa práxis. Ela contribui para a transformação do *homem fraco*, animal de rebanho, em *homem forte*, capaz de descobrir e sustentar as próprias fantasias para viver. Para isso, há que investigar a particularidade de seu método de cura, centrado na força da palavra, no diálogo entre paciente e psicanalista. Trato deste tema na terceira e última parte deste trabalho.

³⁰⁷ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro II, aforismo 58.

³⁰⁸ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro IV, aforismo 320.

A clínica da perdição criadora

Se não posso dobrar os poderes supremos,
moverei as regiões infernais.³⁰⁹

Virgílio

O estudo do pensamento de Nietzsche visou enriquecer as referências para sustentar a idéia de que o ato criativo pressupõe certa experiência de perdição. Lembro-lhes que considero ato criativo não apenas a proposição de novas formas no campo da arte e da ciência, mas também a invenção de nova maneira de viver e perceber o mundo e suas relações. E, neste caso, relaciona-se diretamente com o trabalho clínico da psicanálise.

Escolhi a expressão *perdição criadora* para nomear a práxis analítica por considerá-la capaz de ressaltar importantes aspectos do trabalho terapêutico. O uso comum da palavra perdição remete a situações nas quais somos tomados por desejos incontrolláveis. O objeto capaz de suscitar tão forte impulso varia de acordo com a pessoa e com o momento. Inclui desde formosos corpos e saborosas comidas até livros ou um singular par de sapatos. Sentimos a ameaça de perder as estribeiras diante da intensa vontade despertada. Curioso notar que, em muitos casos, empregamos o termo perdição apenas para indicar o grande apetite. Acabamos por resistir ao desejo despertado.

Essa primeira significação enfatiza a força do desejo e, ao mesmo tempo, a resistência a ele. Algo bem familiar ao neurótico. Também chama atenção para o poder do desejo na desorganização de uma ordem. Na dinâmica psíquica, essa ordem corresponde ao Eu. Lacan denunciou a popularização de certa leitura da

³⁰⁹ Freud escolheu estes versos - *Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo* - , da obra **Eneida**, de Virgílio, para a epígrafe de **A interpretação dos sonhos** (1900), obra inaugural da psicanálise. Eles reaparecem na seção E, do capítulo VII da mesma obra, sobre a *Psicologia dos processos oníricos*. A tradução literal dada por Paulo Rónai no livro **Não perca o seu latim** é: “Se não puder dobrar os deuses de cima, comoverei o Aqueronte”. O Aqueronte, um dos rios do inferno, segundo a mitologia antiga, simboliza os deuses infernais. *Apud* FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**, vol. IV, p.15.

psicanálise que valorizava o predomínio da função do Eu, associando-a à busca de felicidade, bem ao estilo do *american way of life*.³¹⁰ Classificou tal leitura de obscurantista, tamanha deturpação que promovia da descoberta freudiana. O termo perdição insiste na prevalência do inconsciente na dinâmica do tratamento e reafirma o objetivo da práxis analítica: “Ali onde Isso era, é meu dever que Eu venha a ser” – *Wo es war, soll ich werden*³¹¹.

Justo no contexto descrito acima, Lacan faz a seguinte afirmação: “o campo freudiano é um campo que, por sua natureza, se perde. É aqui que a presença do psicanalista é irreduzível, como testemunha desta perda.”³¹² Parece-me que a perda à qual Lacan se refere é a dissolução do campo freudiano. A energia tende para o caos; os sistemas para a desordem. Essa tendência natural da pulsão à morte demanda o trabalho de recriação perene. E a psicanálise, caso não seja infinitamente reinventada, também destina-se à deterioração. Daí minha proposição da *perdição criadora*.

A significação original da palavra perdição nos remete ao universo religioso. Neste campo, designa-se perdido aquele que infringiu a moral, cometendo atos em desacordo com os dogmas prescritos. A noção de *queda*, *pecado* e *culpa* decorrentes de qualquer desvio da norma está bastante presente na neurose. O recalque sustenta-se em argumentos morais, incorporados como verdades incontestáveis. A assunção dos desejos e a fabricação de meios adequados para realizá-los visam a neutralizar a força desses imperativos morais.

Quando Lacan denuncia a propagação de certo obscurantismo no campo freudiano, busca enfatizar a especificidade da práxis analítica. Ela jamais pode ser confundida com práticas adaptativas, cujo objetivo seja recuperar o equilíbrio perdido pelo indivíduo por meio do tamponamento do inconsciente. A demanda inicial do paciente decorre, justamente, do mal-estar experimentado pelas pressões do Outro, do inconsciente. O analista apresenta-se como alguém que incita o Outro a falar. E de tanta falação chega-se ao silêncio, à falta de qualquer sentido das fantasias imaginárias. As crenças se desfazem, caem por terra diante da

³¹⁰ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.123.

³¹¹ FREUD, S. **Conferência XXXI. A dissecação da personalidade psíquica**. p.84. Adotei a tradução feita por Jacques Lacan no artigo **A coisa freudiana**. Na introdução da primeira parte deste trabalho fiz análise das duas traduções e indiquei as razões por ter preferido a versão de Lacan.

³¹² LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p. 123.

insistência da pulsão. Levanta-se o véu das imagens luminosas sustentadas pelos ideais e percebe-se o horror presente na relação entre os homens. E o descompasso na abordagem de qualquer objeto. Nesse lugar, não há outra saída senão criar novos meios de dar graça à vida. Esta é a dimensão trágica da análise. Ou melhor, a dimensão trágica da espécie humana.³¹³

O homem nasce louco. E torna-se racional a partir da ordem artificial concebida pela linguagem. Ela é puro artifício, lógica arbitrária que contém o caos originário. A primeira palavra proferida pelo *homo sapiens* foi ato criativo que expressa a tentativa de dominação da pletora de imagens a que estava submetido. Articulada a outras, funda uma ordem, uma trava.

A experiência clínica da psicanálise centra-se na força da palavra, no diálogo entre paciente e analista, como principal instrumento para combater as angústias humanas. O homem constitui-se na linguagem, estrutura articulada de sons e conceitos que organiza a vida individual e coletiva. Quando nascemos, a linguagem já está lá. Somos pouco a pouco integrados nela. Grande parte das pessoas entende a linguagem apenas como instrumento de comunicação. Não percebe o quanto ela interfere nos comportamentos, nas formas de percepção. E até em inúmeras doenças físicas. Ao fundar um método de tratamento pela palavra, Freud valorizou o que há de mais particular no ser humano: sua capacidade, ou melhor, sua necessidade de simbolização.

A psicanálise aposta no simbólico. De certa maneira, ela impele cada paciente a reviver o ato poético dos homens primitivos, que forjaram palavras para lidar com o que lhes provocava perturbações.³¹⁴ Tais palavras engendraram mundos variados.

³¹³ Sobre a relação entre trágico e psicanálise, observa Clément Rosset : “Situar a fonte do horror, não alhures, mas em si mesmo, é um programa comum a Sófocles e a Freud (...) Nada mais trágico, nada mais terrificante para o homem do que aquilo que provém de sua própria profundidade. Nada mais estranho, mais desconhecido: aqui, nesse horror primeiro ante si mesmo, se origina aquilo que Freud descreveu sob o nome de ‘recalcamento’. A idéia de que o que está mais próximo é também o que está mais longe, o mais conhecido é o mais desconhecido, o mais familiar o mais estranho, é um tema que alimenta ao mesmo tempo a tragédia grega, a técnica do enigma policial e o pensamento psicanalítico.” In: **Lógica do pior** (1971), p.68. Rosset afirma que Freud e os trágicos gregos abordam a *proximidade do silêncio* pois remetem ao campo de forças para além da linguagem. Já Lacan, observa Rosset, ao afirmar que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, privilegia o simbólico e não a pulsão. Mas Lacan também foi além. Rosset escreve em 1971. N’**O seminário 20 – Mais, ainda**, proferido entre 1972 e 1973, Lacan formula o conceito de *alíngua*, para enfatizar a dimensão não estruturada, silenciosa da mente humana. Silêncio de onde nasce todo e qualquer som.

³¹⁴ A origem da linguagem permanece misteriosa ainda hoje. Sigo aqui os passos de Freud, que inúmeras vezes relacionou a ontogenia com a filogenia.

Diferentemente do homem primitivo, o paciente já está preso numa teia de palavras e imagens, que opera de modo inconsciente. Seu trabalho, então, será duplo: desvendar a trama na qual foi tecido e costurar novas indumentárias.³¹⁵ Ao procurar ajuda, o paciente reconhece que seu guarda-roupa não lhe satisfaz. Algo não funciona, mas ele não sabe bem o quê.

Mesmo em mal-estar, o paciente não larga as roupas antigas. Sequer tem consciência de seu vestuário usual. Quando começa a percebê-lo, muitas vezes se desinteressa da análise e vai buscar ajuda em outro lugar. Se insiste, coloca um grande casaco para ir à sessão, na esperança de esconder do analista a fidelidade ao hábito antigo. Nessa auto-enganação, o processo analítico paralisa-se. O paciente não quer perder objetos antigos, nem ter o trabalho de criar novos vínculos para a pulsão. Freud nomeia esse fenômeno de *resistência*.

As resistências são inconscientes. O paciente simplesmente não consegue percebê-las. Propus a analogia com o vestuário para indicar que os sintomas ficam à mostra, e constituem modos de nos relacionarmos com os outros. Contudo, as analogias apresentam-se sempre imperfeitas. Limitam-se a aspectos muito específicos do que buscamos descrever. Freud prefere relacionar nosso aparelho mental à arquitetura, comparação que se mostra mais apropriada em alguns aspectos. Afinal, os sintomas estruturam as pessoas tal como as fundações de uma construção sustentam um prédio. Abandonar vínculos antigos não corresponde, dessa maneira, a simples troca de um traje. Assemelha-se mais à demolição de um prédio já em ruínas. Provoca certa vertigem, sensação de desordem, angústia. Chamo este processo de *trabalho da perda*.

A demanda por análise decorre, de alguma maneira, da irrupção do real. Alguma coisa provocou desequilíbrio na organização do indivíduo. O inconsciente expressou-se de modo mais intenso, o recalcado veio à tona. No entanto, a pessoa pede ajuda para consertar a ordem antiga e não para mudar a vida. Ela quer fazer o rejuntamento das fissuras de sua casa. As práticas que valorizam o Eu atendem a essa demanda. Buscam readaptar a pessoa à realidade, garantir seu sucesso em meio aos valores estabelecidos. Tamponam, assim, o inconsciente. Tentam recalcar, de novo, o que veio à tona. Nada mais diverso do

³¹⁵ Em **A dinâmica da transferência** (1912) Freud afirma: “O tratamento analítico então passa a segui-la [a libido], torná-la acessível à consciência e, enfim, útil à realidade”, p.114. Em **Construções em análise** (1937), Freud faz uma analogia entre o trabalho do analista e do arqueólogo. Ambos escavam, descobrem as fundações, e depois constroem novas edificações.

trabalho analítico. A análise aponta para a diferença radical de cada um, a ser descoberta e elaborada no tratamento.³¹⁶

A irrupção da crise oferece a chance de transformação do animal de rebanho em *homem forte*. Tal processo implica grande investimento. Não apenas do capital financeiro, mas da libido, o capital psíquico. A produção do *homem forte* exige desconstrução e reinvenção de si. Demanda tempo e paciência. Mas leva, também, ao *mais-de-gozar*. A uma Outra satisfação, além do gozo repetitivo do modelo cultural. Hoje, no entanto, há uma enormidade de terapias que visam administrar de maneira instantânea as descompensações provocadas pelo viver. Elas estimulam a proliferação do instinto de rebanho. Não comprometem os indivíduos na produção de maior soberania sobre si.

As resistências à análise decorrem do gozo oferecido pela doença. As pessoas denegam a percepção do estranho para sustentar o funcionamento, mesmo que precário, de seu sistema. E hostilizam aquele que denuncia sua trapaça. Freud chama tal quadro de “ganho secundário da doença”. Mesmo em sofrimento, as pessoas insistem em permanecer na segurança de seus sintomas. Preferem um inferno conhecido à angústia de não estar de acordo com a *opinião pública*, representante mais populoso do Supereu. Optam pela lassidão, sob abrigo da cultura.

Os sintomas são cristalizações de certos acordos de forças inconscientes, repetidos de maneira compulsiva. Eles resultam de frustrações das aventuras libidinais do indivíduo. Diante de dificuldades do investimento libidinal em determinada direção, o impulso encontra uma satisfação substitutiva. Esta, muitas vezes, sequer é sentida como satisfatória pelo Eu. No entanto, os outros sistemas que compõem nosso aparelho psíquico – o Supereu e o Isso – se satisfazem. A descoberta de Freud destaca que nossa máquina, de uma maneira ou de outra, sempre goza. A qualidade do gozo auferido é que se altera. Há que saber qual sistema impera – se o Eu, o Isso, ou o Supereu, e como é a dinâmica entre eles.

A tenacidade com que os pacientes defendem suas mais antigas formas de satisfação levou Freud a ser cético quanto à eficácia da análise. Ele chega a classificar como impossível a tarefa de realizar a análise de alguém. Compara esse

³¹⁶ “O processo analítico reconduz o sujeito à pulsão e não mais à demanda, levando o sujeito a saber que não deve esperar a ajuda de mais ninguém”. In: TOLEDO, Marília Reitmann. **A fantasia e suas implicações na clínica psicanalítica** (2003), p.88.

processo a outras duas tarefas, também consideradas por ele impossíveis: educar e governar. Mas como o homem se move pelo desejo do impossível, Freud inventou a psicanálise. E muitos outros cometem o ato insano de seguir os passos trilhados pelo mestre. Para isso, recorrem à *metapiscologia da feiticeira*³¹⁷.

Parece-me que Freud utiliza tal expressão para descrever o caráter intransmissível da práxis analítica. Ele reconhece que manuais que indiquem o modo de funcionamento do tratamento pouco contribuem para a formação do analista. Não se trata de transmissão de um conhecimento consciente, mas do domínio da dinâmica inconsciente. Só se chega aí pelo exercício da própria análise. É neste experimento que se descobre até onde cada um pode interrogar o próprio ser.

Qualquer análise tem como objetivo a formação de um analista.³¹⁸ Com essa assertiva, Lacan aponta a direção do tratamento. Ele implica a desconstrução das referências imaginárias e o enfrentamento da condição originária do ser humano: o silêncio e a solidão. Diante do real, vive-se o imperativo da pulsão, em sua constante pressão. Somos impelidos à descoberta de um *significante-mestre*, que assume lugar fundamental em nossa usina energética. Ele transforma morte em vida. Alimenta novas fantasias, agora consideradas apenas meros artifícios, necessários para dar graça à vida.

Comparo o processo de análise com a experiência daqueles que inventaram novas realidades. O trabalho em ambos os casos se assemelha. O gozo fácil e instantâneo do princípio de prazer transmuta-se em *mais-de-gozar*. As duas situações exigem o funcionamento segundo o princípio de realidade, em que a energia está vinculada a algo na busca de dominá-lo. O acúmulo de tensão no processo pode levar à satisfação mais intensa e sofisticada: a Outra satisfação. E quando alguém domina a realidade que o cativou, sua energia libera-se de novo. Depara-se, assim, com o *além* do princípio de prazer. Apresenta-se, dessa

³¹⁷ Freud forja esta expressão inspirado no personagem Fausto, de Goethe, que apela de má vontade à feiticeira em busca do segredo da juventude. Destaca, assim, o caráter mágico e misterioso da psicanálise, e portanto, não restrito à lógica científica. In: **Análise terminável e interminável**, p. 241. Aliás, esse aspecto de *feitiço*, de *milagre* do trabalho do médico em geral, e não apenas do psicanalista, é abordado por Freud em um de seus primeiros textos sobre técnica – **Tratamento psíquico (ou anímico)** (1905).

³¹⁸ “Não há senão uma psicanálise, a psicanálise didática – o que quer dizer uma psicanálise que tenha fechado esse cerco até seu termo. O cerco deve ser percorrido várias vezes. Não há com efeito nenhuma maneira de dar conta do termo *durcharbeiten*, da necessidade de elaboração, se não é para conceber como o cerco deve ser percorrido mais uma vez.” In: LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos da psicanálise**, p.258.

maneira, a necessidade de inventar, continuamente, nova realidade, de criar novas estalagens para a pulsão. Viver no regime da *perdição criadora* implica estar em perene movimento, em experimentar a instabilidade. Requer coragem e disposição para trabalho contínuo, interminável.

4.1

O trabalho da perda

Freud nos diz que o que vai encontrar, no término, quem segue este caminho não é outra coisa, essencialmente, além de uma falta. Quer chamem a essa falta de *castração* ou *Penisneid* [inveja do pênis], isso é signo, metáfora.³¹⁹

Jacques Lacan

Pari meu ser infinito, mas tirei-me a ferros de mim mesmo.³²⁰

Fernando Pessoa

Em suas primeiras experiências clínicas, Freud utilizou o método hipnótico em busca de aliviar o sofrimento de seus pacientes. A prática era usual na época. O médico induzia a pessoa ao adormecimento e fazia-lhe uma *sugestão*, com vistas a neutralizar uma idéia penosa ou angustiante, fonte do mal-estar. Neste contexto, sugestão não corresponde simplesmente a informações ou orientações oferecidas a alguém, que escolhe acatá-las ou não. Refere-se, sim, a ordens implantadas na mente de uma pessoa que se encontra em estado inconsciente. Ao despertar, ela segue essas ordens, que supõe terem surgido em sua cabeça de modo espontâneo.³²¹ Em meus devaneios sobre a experiência da análise, penso que, se tivéssemos efetivamente o poder de inserir uma idéia fundamental na mente do paciente, esta idéia seria a da aceitação da *castração*.

A psicanálise denomina castração a condição originária do ser humano, independente do órgão sexual do indivíduo.³²² Não há um único objeto nem um único sentido que nos satisfaça ou organize a existência de modo absoluto. *Falta-*

³¹⁹ LACAN, Jacques. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p. 46.

³²⁰ PESSOA, Fernando.(SOARES, Bernardo). **O livro do desassossego**. Fr.15.

³²¹ No primeiro volume da *Edição Standard* das obras completas de Sigmund Freud, publicado pela Imago, encontram-se vários artigos de Freud sobre a hipnose como método terapêutico. Entre eles estão os breves e esclarecedores textos **Resenha de Hipnotismo, de August Forel**, de 1889, e **Prefácio à tradução de De la suggestion, de Bernheim**, também de 1889.

³²² “Tudo o que ela [a lógica freudiana] introduziu como lógica do sexo decorre de um único termo, que é realmente seu termo original, que é a conotação de uma falta, e que se chama castração. Esse *menos* essencial é de ordem lógica, e sem ele nada pode funcionar. Tanto no homem quanto na mulher, toda a normatividade se organiza em torno da transmissão de uma falta”. In: LACAN,J. **O seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro ao outro**, p.218.

*a-ser*³²³, eis a marca fundamental do homem. Esta falta corresponde, na verdade, à inexistência originária de caminhos determinados para o escoamento da pulsão. Diz respeito ao excesso de possibilidades, à *perdição originária* de nossa espécie. E nos compromete com a obrigação de inventar trilhas para que a pulsão não se dirija imediatamente ao inorgânico.

Não importa a paixão que o alimento, o homem sempre se depara com o impossível. O palavra-valise *falesser* – tradução de MD Magno para o termo *parlêtre*³²⁴ de Lacan – captura a condição humana em suas múltiplas facetas. Ser de fala, condenado à morte dos sentidos e das fantasias diante do real. A falência do ser o engaja no movimento de eterna suplência. Qualquer objeto apresenta-se mero suplente, substituto inventado para uma suposta completude jamais atingida. O choque da experiência provoca a suspensão dos significados, *falos* simbólicos ou imaginários. Impele à constante significância.³²⁵

Freud abandonou a hipnose, por considerá-la ineficaz como método terapêutico. Daí a psicanálise. Ele constatou que não adiantava o médico descobrir a causa inicial do adoecimento e combatê-la diretamente. Muitos pacientes se *contrassugestionavam*³²⁶. Não se deixavam influenciar pelas idéias apresentadas ao longo do tratamento. Freud percebeu que, apesar de as pessoas queixarem-se de seus sintomas, elas estruturam-se em torno deles. Nosso organismo opera segundo a lógica prazer/desprazer. Se determinado acontecimento provocou uma trilha de escoamento para o aumento de tensão experimentado pelo organismo, ela se afirma como via preferencial para a satisfação. E, a partir dela, criam-se diversas outras trilhas, ligadas a diferentes situações. Assim se forma a trama que caracteriza cada indivíduo em particular. Por isso, atacar apenas a causa primeira do problema não resulta em grande benefício. Corresponderia a retirar o lampião causador de um incêndio, sem se preocupar em apagar as chamas por ele provocadas.³²⁷

³²³ Lacan utiliza este termo para definir o cerne da experiência analítica pela primeira vez em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958). In: _____. *Escritos*, p.619;629;633.

³²⁴ LACAN, J. *O triunfo da religião* (1974), p.72.

³²⁵ LACAN, J. *O seminário 20* (1972-1973) – *Mais, ainda*, p.30.

³²⁶ Breve referência a esta constatação pode ser encontrada em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), capítulo IV, *Sugestão e libido*.

³²⁷ O exemplo é dado por Freud em *Análise terminável e interminável* (1937) e não se refere a uma crítica à hipnose, mas à proposta de Otto Rank de preocupar-se apenas com o trauma fundamental do homem: o nascimento.

Diante disso, inserir a idéia da aceitação da castração na mente do paciente, por si só, em nada adiantaria. No entanto, é nesta direção que aponta a análise. Não se trata, evidentemente, de uma autorização da mutilação do próprio corpo, mas do reconhecimento da inadequação perene do animal falante na sua relação com a vida. Trata-se de admitir, como denuncia Lacan, a relação sexual como impossível.³²⁸

Freud constrói a metáfora da castração por identificar o corpo como nosso primeiro grande enigma. E por que não reconhecê-lo como fonte perene de mistérios? Território de sensações e referência imaginária primeira, o corpo constitui motivo para as mais primitivas simbolizações humanas. Tanto para os indivíduos como para a espécie. A própria origem da psicanálise relaciona-se com patologia especialmente relacionada ao corpo, a histeria. As perturbações somáticas nos obrigam à produção de sentido. Nietzsche também vê o corpo como fonte primeira de qualquer simbolização.

A imagem do órgão sexual masculino provoca, em especial, profundos efeitos no psiquismo. Para os gregos, simbolizava o poder gerador da natureza. A pujança e a evidência do gozo do pênis promovem o falo ao posto de significante da felicidade, representante imaginário de força, completude e poder ilimitado. Ao colocar o falo e a diferença anatômica no centro de sua teoria, Freud simplesmente reconhece a importância simbólica desse órgão para a espécie humana. Destaca a relevância do imaginário em nossa constituição mental, descrita em detalhe por Lacan.

A metáfora da castração relaciona-se também com a construção do complexo de Édipo. Freud fabrica esse complexo para representar a dinâmica das relações experimentadas pela criança em sua inserção na ordem simbólica. Simplificadamente, a criança abdica do gozo experimentado na relação com a mãe e com a masturbação diante da ameaça de ter seu órgão sexual extirpado.³²⁹ Esta ameaça partiria do pai ou seria atribuída a ele. O pai encarnaria, assim, o lugar de

³²⁸ **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.17. No mesmo seminário, observa Lacan: “o de que se trata é de o amor ser impossível, e a relação sexual se abismar no não-senso, o que não diminui em nada o interesse que devemos ter pelo Outro”, p.118.

³²⁹ Em Freud, o tema pode ser aprofundado em **O Ego e o Id** (1923), cap. III; **A organização enital infantil** (1923), **A dissolução do complexo de Édipo** (1923), entre outros textos.

basta desse gozo ilimitado – extraído do próprio corpo e do vínculo com o objeto primeiro –, necessário para que o desejo pelo mundo se instaure.³³⁰

Com a menina, o processo é mais complexo. Ao constatar que ela não porta, efetivamente, o pênis, se afasta da mãe, seu primeiro objeto. E só então estabelece o vínculo edípico com o pai. Porém, fica eternamente na expectativa de conseguir um substituto para sua falta anatômica. A menina alimenta, então, o que Freud chamou de *inveja do pênis*. Muitas mulheres revoltam-se com essa expressão.³³¹ Contudo, como não identificar a ira tão intensa e inexplicável das mulheres em tantas situações cotidianas? Sempre que me deparo, eu mesma, nessas situações, apelo para a oração da psicanálise: “aceitai a castração, a relação sexual é impossível”. Cabe ainda observar que, ao identificar a castração com condição originária da espécie humana, Freud reconhece no feminino aquilo que impulsiona o ser humano à criação, a qualidade fundamental do animal homem.

Considero a metáfora da castração bastante fecunda. Ela ressalta a importância do imaginário na dinâmica psíquica. Homens e mulheres aprisionam-se na fantasia do gozo fálico como garantia de felicidade. Mantêm-se na contínua competição por provar sua potência. Nessa embate, tornam-se impotentes. Congelam sua capacidade criativa ao concentrarem toda sua energia na defesa de sua imagem de completude. Denegam, assim, a falta que caracteriza o humano. Justo ela nos faz animais tão inventivos. E Lacan nos lembra: “o que a teoria freudiana mais acentua é que só o falo pode ser feliz – não o portador do dito

³³⁰ Lacan abstrai a figura do pai substituindo-a pelo *significante do Nome-do-Pai*, e depois pelo *significante-mestre*. Em ambos os casos, e também em Freud, representam a imposição de uma lei ao caos originário no qual nasce o ser humano. No **Seminário 17** (1969-1970) – **O avesso da psicanálise**, Lacan faz uma crítica à construção freudiana do complexo de Édipo (cap.VI, VII, VIII). Na época de Freud, o pai corresponde àquele que trabalhava e garantia o sustento da família. Lacan prefere a figura do mestre que, castrado, precisa do escravo para produzir. Nos matemas de Lacan – o significante-mestre – S1, significante primeiro, faz nossa usina mental funcionar. Na verdade, ele mesmo resta inapreensível, corresponde a um *traço unário*. Capturado por um objeto *a*, causa de enigma, o sujeito *produzirá* um significante-mestre. Este terá alguma referência àquele primeiro traço e o representará diante dos outros significantes. Ver também **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p. 31.

³³¹ Em seu **Dicionário de Psicanálise**, Elisabeth Roudinesco e Michel Plon registram as restrições do movimento feminista ao que chamam de *falocentrismo* da teoria freudiana. Também citam a crítica de Jacques Derrida ao que ele nomeia de *logofalocentrismo* da psicanálise. Da mesma maneira, MD Magno propõe o abandono da referência à diferença anatômica. Em sua *Novamente*, prefere chamar a experiência de castração de *quebra de simetria*. Essa expressão destaca que, em nossas aventuras, inevitavelmente “quebramos a cara”, isto é, a imagem inicial que construímos em nossas relações com os objetos se esfacela. In: MAGNO, MD. **Pedagogia Freudiana**, p.88. Mesmo Lacan, no **Seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, afirma: “No psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea”, p.194. No entanto, no **Seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, Lacan propõe uma lógica mental, existente em todos nós, que articula feminino e masculino.

cujo”.³³² As mulheres não se conformam com sua *falta* anatômica. Lutam, incansavelmente, para se sobrepujar os homens. E parecem, muitas vezes, mais masculinas do que eles, mesmo vestidas com ousados decotes e de salto alto. Ou ao lado de berços com enfeites cor-de-rosa. Os homens, por sua vez, têm que provar a cada instante que são machos, muito machos!

Fixados na afirmação do gozo fálico, homens e mulheres não conseguem descobrir gozo mais além. Freud denomina essa situação como *repúdio à feminilidade* ou *complexo de castração*³³³. Eis o núcleo da neurose. Por isso, Lacan assevera: “É na proporção de uma certa renúncia ao falo que o sujeito entra na posse da pluralidade dos objetos que caracterizam o mundo humano”.³³⁴ O trabalho da análise visa a suspender a fixação na satisfação fálica, provocadora de tantas angústias, e a ampliar as possibilidades de amar.³³⁵ Entrar em perdição exige o trabalho de se perder da fantasia do gozo fálico como garantia de felicidade.

A sustentação compulsiva de um falo corresponde ao aprisionamento em uma ordem imaginária. Vive-se em mal-estar, pois a imagem inevitavelmente se quebra. A sensação de que falta algo a satisfazer sempre desperta. Inconscientemente sabemos da falha, da hiância característica de nossas relações com as coisas. Todavia, o compromisso com determinada identidade exige o afastamento de qualquer ameaça de ruptura.

A dinâmica psíquica presente neste processo congela o Eu em determinado ideal, ditado pelo Supereu. Temos de *ser* alguém com delimitações muito precisas. Precisamos *ter* um órgão infalível. Essas obrigações provocam a angústia. Quando ela se apresenta muito intensa, as pessoas buscam tratamento. Tal afeto expressa o aprofundamento do conflito entre o Isso e o Supereu. Revela o descompasso entre a pulsão e os ideais coletivos. O imaginário começa a esfacelar-se diante da insistência do real.

A perdição manifestou-se e a pessoa viveu certa desorganização em seu sistema. Deparou-se com algum grau de entropia. Tal quadro, como descrevi na

³³² LACAN, J. **O seminário 17** (1969-1970) – **O avesso da psicanálise**, p.69.

³³³ FREUD, S. **Análise terminável e interminável** (1937), p.268.

³³⁴ LACAN, Jacques. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p.231.

³³⁵ Não abordarei de modo aprofundado as diversas fases do desenvolvimento da libido, a saber: *fase oral, fase anal, fase fálica e fase genital*. Há excessivas leituras sobre o tema. Remeto o leitor às **Conferências introdutórias** de Freud no. XXI - **O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais** (1917); e no. XXII - **Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão – Etiologia** (1917).

primeira parte deste trabalho, não corresponde a um mal. Ao contrário, impele à invenção de nova vida, desde que se assuma a falência das fantasias coletivas repetidas automaticamente por nós. E que se insista tanto no trabalho de desconstrução do imaginário como no da afirmação da fantasia particular de cada um.

Nessa aventura, há que assumir o risco do próprio desejo. Perseverar nele. E abdicar da garantia do conforto oferecido pelo grupo. Só assim se vive com um mínimo de soberania. A imagem construída por Nietzsche do *homem nobre* oferece boa referência para pensarmos tal lugar. O *homem nobre* busca afirmar a própria vontade, não se submete ao instinto de rebanho. Reconhece na coragem e na valentia valores imprescindíveis à existência. Ele aceita as tribulações da vida e vê nelas oportunidade para ampliar a própria força. Em termos psicanalíticos, diríamos que o *homem nobre* aproveita o real, a crise, para tornar-se outro. Não está fixado em uma identidade. E reconhece que a transformação exige submeter-se ao objeto, colocar-se como escravo dele.

O *homem nobre* suporta a angústia de construir caminhos singulares para a pulsão. E este preço, a grande maioria não quer pagar. Prefere ficar sob o abrigo do rebanho. Muitas pessoas que procuram a análise, tão logo veem seu equilíbrio retornar, voltam correndo para o seio das formações coletivas, reforçando os recalques. Até a próxima crise. Perderam-se, mas logo voltaram para o trilho. Não aproveitaram a perdição para inventar novas estradas.

A crise provoca angústia, estado afetivo mais primitivo e fundamental para o homem. “Enigma cuja solução deverá inundar de luz toda nossa existência mental”³³⁶, assevera Freud. Trata-se do afeto diante de situações que nos ameaçam com o perigo de morte. Mas há diferentes tipos de morte, aos quais correspondem formas distintas de angústia: a *realística* ou a *neurótica, moral*.

A angústia realística manifesta-se em situações em que o perigo é externo ao Eu e impele à luta, ao enfrentamento. Com vistas à autopreservação de si, a pessoa supera seus limites e amplia suas possibilidades de satisfação. O Eu, neste caso, trabalhou para dominar a desorganização provocada em seu organismo por certo estímulo desconhecido. Deparou-se com a castração. Suportou o aumento de

³³⁶ In: FREUD, S. *Conferência introdutória XXV – A ansiedade* (1917), p.394. Ver também da série *Novas conferências introdutórias* a de número XXXII – *Ansiedade e vida instintual* (1933).

tensão e reorganizou seu modo de lidar com a realidade. De certa maneira, viveu uma morte. E renasceu outro. A autopreservação de si foi possível graças à transformação do Eu. Essa pequena morte lhe franqueou novas possibilidades de vida. Seu sistema passou por estado de entropia relativa e se reordenou.

O neurótico não se submete a pequenas mortes. Por isso não vive, resiste. Como não quer perder, jamais ganha. Ele não se arrisca. Afasta-se de situações que possam revelar sua castração. Prefere manter-se fiel aos modelos já estabelecidos, que lhe garantem algum poder. Em seu íntimo, porém, sente-se impotente. O neurótico odeia a si e ao mundo, pois nunca consegue atingir a satisfação ideal. Não lhe ocorre que as coisas são assim. A *falta-a-ser* está em mim e também no outro que desejo ou invejo. O neurótico acusa o outro quando lhe captura a falta. E investe todas suas forças para esconder as próprias falhas.

A busca de autopreservação do neurótico não inclui a dominação de novas realidades. Limita-se a garantir fidelidade à ordem estabelecida. O perigo por ele experimentado não provém do mundo externo, vem de dentro, tanto do Isso como do Supereu. E para onde quer que vá, carrega-os consigo. Daí sua queixa constante e difusa. Não sabe muito bem o que quer, mas sofre. O neurótico gasta toda sua energia no conflito inconsciente entre desejos proibidos, que fazem pressão para se expressar na consciência, e o respeito às imposições ideais do Supereu. A angústia moral corresponde ao medo das punições do Supereu.³³⁷ Assim, o neurótico nunca descobre o que quer. Sua energia está aprisionada na repetição automática do sintoma, satisfação substitutiva dos desejos não realizados.

O complexo de Édipo, ao impor a interdição ao gozo fálico, franqueia a passagem para outras satisfações. Na verdade, é a saída do Édipo que impele a elas. Para isso, precisamos admitir a castração, tal como fez o herói da tragédia de Sófocles. Quando rei, *sua majestade* realizou a fantasia infantil dos meninos: eliminou o pai e dormiu com a mãe. Em Colono, vemos Édipo *castrado*: cego e errante, não mais sustentado por ilusões. É recebido como emissário dos deuses.

³³⁷ No capítulo V de **O Ego e o Id** (1923), afirma Freud: “Creio que o medo da morte é algo que ocorre entre o ego e o superego”, p. 70. Três anos depois, em **Inibições, sintomas e angústia** (1926), observa: “Expressando-o de modo mais geral, o que o ego considera como sendo o perigo e ao qual reage como um sinal de ansiedade [angústia] consiste em o superego dever estar com raiva dele ou puni-lo ou deixar de amá-lo. A transformação final pela qual passa o medo do superego é, segundo me parece, o medo da morte (ou medo pela vida), que é um medo do superego projetado nos poderes do destino”, p.138.

Romper com a estrutura do Édipo implica a aceitação da perda daqueles primeiros objetos, a partir dos quais foram inscritas as trilhas primitivas de satisfação em nosso psiquismo. Daí a intensidade com que nos agarramos a eles e a seus representantes e derivados. Em certo momento de nossa história, esses objetos eram os únicos existentes. Aplacavam a angústia, ofereciam apoio e proteção. A eles dirigíamos tanto impulsos amorosos como impulsos destrutivos. Na vida adulta, não precisamos mais desses objetos. Já investimos nossa energia em outras direções, em novos modos de satisfação.

O neurótico, no entanto, está demasiado preso às *imagos* infantis. Não consegue fazer o luto delas. No fundo, ainda é, de certa maneira, *sua majestade o bebê*. Preserva o narcisismo infantil e mantém-se apartado de grande parcela da realidade. Não, certamente, de modo tão radical como o psicótico. Imerso nessa teia, projeta as imagens infantis na sua vida aqui e agora. Transfere para as situações cotidianas a intensidade das emoções que marcaram as relações da infância. A realidade atual, recortada pela realidade psíquica do indivíduo, transforma-se em cena adequada para a *atuação* do drama infantil, que é repetido compulsivamente.³³⁸

A análise visa inserir o neurótico na vida adulta e capacitá-lo a realizar a função sexual da maneira mais plena possível. Ou seja: afirmar seu modo particular de vida. As pequenas mortes contribuem para a inscrição do indivíduo no simbólico de maneira singular. As situações inesperadas enfrentadas cotidianamente evocam a capacidade de invenção. Provocam traumas pontuais, pois aumentam a quantidade de energia livre no organismo. Trato-as como *pequenas perdições*, que educam em direção à *perdição criadora*. Progressivamente, o Eu percebe-se forte o bastante para afirmar seu desejo em circunstâncias mais complexas.

Porém, o medo de não suportar a angústia despertada leva o neurótico à repetição automática de modelos. Estes oferecem caminho seguro para a descarga da tensão. E, dessa maneira, garantem algum tipo de satisfação. Contudo, o caráter compulsivo da resposta reduz a satisfação a um grau tão pequeno que, muitas vezes, sequer é percebido como tal. O Eu sente-se, nesse processo,

³³⁸ A idéia de *atuação* refere-se ao desempenho de um papel construído dentro de uma fantasia. FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar** (1914), p.165.

impotente. A potência criadora, tão característica de nossa espécie, permanece adormecida. O *revirão* não entra em funcionamento.

Qualquer pessoa traz marcas particulares que possibilitam articular respostas singulares às exigências do mundo externo e de seus impulsos internos. No entanto, fixado na busca de provar sua potência fálica, o neurótico limita-se a repetir as determinações do imaginário coletivo. Ao optar por isso, mantém velados os próprios desejos. A aceitação da castração permitiria o acesso a eles. Mas o desejo corresponde à *falta-a-ser*³³⁹. E é justamente a dificuldade de assunção dessa falta que paralisa o neurótico. Ele prefere o sofrimento conhecido da doença à angústia vivida diante do não sabido.

4.1.1

Perda, trauma e morte

O trabalho da perda relaciona-se, como vimos, a certa experiência da morte. Morte da imagem, das vozes que ecoam em nós com exigências tirânicas. Freud reflete sobre a atitude do homem para com a morte em belo texto escrito seis meses após o início da Primeira Guerra.³⁴⁰ A erupção de tamanha violência em meio à considerada “humanidade civilizada” deixou a população aflita e atônita. Tal evento tornou premente a produção de relatos que pudessem trazer um pouco de alento.

Em sua elaboração sobre aquele trauma vivido pelos europeus, Freud faz crítica à hipocrisia sobre a qual se constrói a cultura, que nega a constituição pulsional humana. Tal negação persiste ainda hoje, por mais que nosso cotidiano a revele de modo contundente. Segundo Freud, o desapontamento diante da violência da guerra decorre da sustentação de ilusões, de perspectiva idealizada sobre a vida. E da recusa em olhar a realidade de modo mais verdadeiro e honesto. Segundo a perspectiva nietzscheana, corresponde à moral do *homem fraco*. Já neste momento, o mestre da psicanálise desperta a necessidade de pensarmos a

³³⁹ Mas Lacan destaca, já no **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**: “o inconsciente – ele não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado”, p.34. A *falta-a-ser* é *perene*, pois o ser, em si, jamais se apresenta. A psicanálise não é uma ontologia, destaca Lacan na página 33 do seminário citado.

³⁴⁰ FREUD, S. **Reflexões sobre tempos de guerra e morte** (1915).

tendência de nosso psiquismo à destruição. O conceito de *pulsão de morte* será formulado anos depois.

Lembro-lhes que a pulsão, originalmente, não está ligada a qualquer representação psíquica. Reduz-se a uma *quantidade* de energia, embora não mensurável.³⁴¹ Ao longo de nosso desenvolvimento, vinculamos essa energia livre a representações, imagens e palavras, que constituem registros de sensações corporais com os objetos. Nos organizamos a partir desses vínculos. Ao determinar certas trilhas de satisfação, tais vínculos recalcam outros caminhos para a descarga pulsional. Na construção de Magno, o recalque primário – registro em nossa carne das sensações de prazer/desprazer, e o recalque secundário – marcas em nossa mente das falas alheias, dão direção à pulsão. Construimos, assim, nossa realidade psíquica, amparada na realidade compartilhada na qual fomos criados.

Essas duas realidades desmoronam-se diante do real, algo inassimilável que irrompe ao acaso e rasga a teia que as sustenta. O real revela a falha no sistema, resiste à significação. Portanto, é sempre traumático. Ao furar a trama na qual estamos tecidos, o real provoca angústia. Tal afeto caracteriza situações em que a energia mental opera livre em nosso psiquismo. Como vimos, a angústia denuncia a dissonância entre pulsão e representação.

Freud designa a angústia como um sinal de perigo de vida e nos convida a pensar nas situações que provocariam, efetivamente, tal risco.³⁴² Apesar de nossa energia tender para a destruição, nosso psiquismo não tem qualquer registro da própria morte. Para o inconsciente, a morte não há. Tampouco para a consciência. Experimentamos a morte do outro, e somos incitados a elaborar sua perda. Mas nossa própria morte... Jamais saberemos o que é. Um desmaio poderia assemelhar-se à morte. No entanto, nem mesmo ele deixa vestígios em nosso psiquismo. Simplesmente apagamos.

Na verdade, o que chamamos de medo da morte corresponde ao medo da castração.³⁴³ O Eu vê no Supereu o agente da castração. A angústia sentida pelo

³⁴¹ FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**, cap. IV, p. 101.

³⁴² Em **Inibições, sintomas e angústia** (1926), Freud observa: “A ansiedade [angústia] surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete (...)Mas o que é um ‘perigo?’”, p. 133; (...) “Não podemos achar que a ansiedade tenha qualquer outra função, afora a de ser um sinal para a evitação de uma situação de perigo”, p.137.

³⁴³ FREUD, S. **O Ego e o Id** (1923), p.70 e seguintes.

Eu alude ao medo da hostilidade do Supereu, à ameaça da perda de seu amor. Freud observa: “Até aqui consideramo-la [a angústia] como um sinal afetivo de perigo; mas agora, visto que o perigo é tão amiúde o de castração, ele nos parece uma reação a uma perda, uma separação”.³⁴⁴ O neurótico paralisou-se no modo de amar anaclítico. Centrou suas satisfações no atendimento à demanda do Supereu, representante interno daqueles que o alimentaram e o protegeram.

Em suas reflexões sobre a Primeira Guerra, Freud qualifica o herói como aquele que não teme a morte. Ele zomba do perigo, age movido por seu desejo. O herói executa atos impulsivos, desprezando juízos abstratos e gerais. Arrisca-se. Na dinâmica psíquica do herói, o Eu mostra-se disponível às exigências do Isso, trabalha para atendê-las. E “nosso inconsciente não crê na própria morte; comporta-se como imortal (...) desconhece tudo que é negativo e toda e qualquer negação; nele as contradições coincidem.”³⁴⁵ E Freud conclui: sob o biombo do “medo da morte” esconde-se o *sentimento inconsciente de culpa*, que decorre da insistência dos desejos e da continuidade dos recalques para impedir sua satisfação. O herói persegue a própria fantasia, indiferente às limitações impostas pelos recalques secundários e, até, primários. Dessa maneira, opera milagres.

O herói é um *homem forte*, que tem a coragem de pagar o preço de afirmar suas fantasias. Para a psicanálise, o *homem forte* nietzscheano não corresponde ao homem ideal. Representa justamente aquele que reconhece suas fraquezas. E aprende a encará-las com coragem. Descobre, assim, meios para superá-las. Sansão precisou perder os cabelos para se dar conta que sua força estava na própria fé, e não em um dom natural, oferecido por Deus.

O temor da morte expressa, para Freud, o medo da separação dos representantes das forças recalcentes que nos constituíram. E que nos paralisam, tamanho empenho empregado por nós em obedecer a suas ordens e atender a suas demandas. Precisamente esta separação dará acesso aos próprios desejos. E à vida mais intensa e criativa. Por meio da separação, a pessoa coloca-se em movimento. Fica disponível para articular novas possibilidades de satisfação. Passa a interrogar o próprio inconsciente, de acordo com as afetações provocadas pelas situações contingentes. Não visa simplesmente a sustentação de uma identidade, a exibição de *falo* mais potente que os demais.

³⁴⁴ FREUD, S. *Inibições, sintomas e angústia* (1926), p.138

³⁴⁵ FREUD, S. *Reflexões sobre tempos de guerra e morte* (1915), p.306.

Lacan identifica a *separação* como operação necessária à produção de uma *diferença absoluta*. Propõe associação significativa com *se parer*, em francês – vestir-se, defender-se, munir-se do necessário para pôr-se em guarda – e ainda ao *se parere*, em latim, cujo significado remete a *engendrar-se*³⁴⁶. Em continuação à série associativa de Lacan, proponho *se parir* em português. Ao nos separarmos das determinações inconscientes que nos constituíram, parimos novo ser. Ou melhor, engendramos ente, disponível a se perder continuamente em novos objetos. Vem à luz a *falta-a-ser*. Afirma-se, com essa operação, o *desejo de analista*.³⁴⁷

Separar-se, se parir, se perder. Deparar-se com o silêncio de *alíngua*, de onde se origina todo discurso. As vozes alheias demonstraram seu *nonsense*. E então, diante do mutismo original, é necessário empenhar-se na produção da própria fala, que trará a marca da singularidade do vivido. Dessa maneira, experimenta-se o *niilismo de vida*. Faz-se o luto dos objetos antigos, cujos traços foram incorporados por nós e organizaram nosso Eu. Por isso, vive-se também uma forma de morte.³⁴⁸ A dificuldade de tal operação decorre da grande angústia despertada. Magno chega a chamá-la de *estado de exasperação*³⁴⁹. O psiquismo rememora, de certa forma, o estado de castração originário: a solidão e a inexistência de caminhos determinados para o escoamento pulsional. E, então, não me parece haver outra saída: trabalha-se para inventar novas fantasias ou submerge-se no caos.

O reconhecimento da falsidade dos ideais, do ódio presente nas relações humanas, da inadequação do homem em relação aos objetos, fez Freud ser identificado ao pessimismo. Em resposta direta a esta pergunta, ele afirma: “Não, não sou. Não permito que nenhuma reflexão filosófica estrague minha fruição das coisas simples da vida”. E completa: “A psicanálise simplifica a vida. Conseguimos nova síntese depois da análise. A psicanálise reordena um emaranhado de impulsos dispersos e tenta enrolá-los em torno do carretel a que

³⁴⁶ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.202.

³⁴⁷ MD Magno descreve este processo em **Ad Sorores Quatuor** (1978), p.65 e seguintes.

³⁴⁸ Lembro-lhes que Freud aponta como necessária a *dessexualização* dos objetos edípicos para a sublimação. In: **O Ego e o Id** (1923). Ver capítulo 6 da primeira parte desta tese.

³⁴⁹ Ver capítulo 4 desta tese.

pertencem. Ou, para mudar de metáfora, ela fornece o fio que permite o homem sair do labirinto de seu próprio inconsciente”.³⁵⁰

Freud simplesmente experimentou a dimensão trágica da existência. E diante do encontro com o real, tornou-se inevitável o desprendimento das antigas fantasias imaginárias. “Quando o trabalho de luto se conclui”, observa Freud, “o ego fica outra vez livre e desinibido.”³⁵¹ Diante da terra arrasada, a pessoa se reconstrói, retorna à vida, com mais vigor e mais soberania. A consciência dos movimentos pulsionais presentes em si e nos outros lhe capacita melhor manejo de suas relações. A relação sexual é impossível, afirmou Lacan. Diante disso, somos impelidos a reconstruir sempre renovadas possibilidades.

A insistência no vínculo com as fantasias imaginárias provoca a mortificação do Eu, que passa a ser punido tiranicamente pelo Supereu. Assim vive o melancólico, que se vê diante da verdade, mas não quer se separar dos objetos antigos. Sente culpa por odiá-los e se pune por isso. Foge ao trabalho de luto e de reconstrução. Sobre ele, observa Freud:

[o paciente] dispõe de uma visão mais penetrante da verdade do que outras pessoas que não são melancólicas. Quando, em sua exacerbada auto-crítica, ele se descreve como mesquinho, egoísta, desonesto, carente de independência, alguém cujo único objeto tem sido ocultar as fraquezas de sua própria natureza, pode ser, até onde sabemos, que tenha chegado bem perto de se compreender a si mesmo; ficamos imaginando, tão-somente, por que um homem precisa adoecer para ter acesso a uma verdade dessa espécie. (Freud, 1917-1915]1996, p.252)

A separação apresenta-se como uma operação jurídica e social³⁵². Por meio dela, o indivíduo impõe-se no mundo segundo sua lei particular, extraída da própria história. Intervém no simbólico, transmuta os valores. Trata-se de uma operação secundária, evidentemente. Separa-se o que antes esteve unido. Curioso notar, no entanto, que a operação primeira também indica uma divisão. A suposição cristã de que *O que Deus uniu o homem não separa* peca por petição de princípio. Para onde quer que fixemos o olhar nas coisas humanas, é exatamente o contrário que se mostra a todo instante: o descompasso em nossas

³⁵⁰ Em entrevista a jornalista e escritor George Viereck, concedida em 1927, e publicada em 1930 em *Glimpses of the Great*, com o título *Freud confronts the Sphinx*. No Brasil, pode-se encontrá-la em SANTOS, E.M. **O sexo de Deus**, pp. 135 e 147.

³⁵¹ FREUD, S. **Luto e melancolia**, p.251.

³⁵² LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.203.

relações. Lutamos para juntar os pedaços com todo tipo de cola: adesivo, cimento, chiclete. No entanto, a rachadura sempre insiste em aparecer. Daí a máxima de Lacan: não há relação sexual.³⁵³

A operação primária, que antecede a separação, designa-se *alienação*.³⁵⁴ Nela vivemos nossa primeira perda. O corpo pulsional, originariamente indeterminado, é marcado por um traço, uma letra primeira. A partir deste momento, o acesso direto ao real se perde. Com a inscrição do *traço unário*, estamos condenados a tomar o corpo mediado pela lógica do significante. Este traço unário corresponde ao que Lacan chama de *significante-mestre*.

Lacan identifica na alienação à letra o recalque originário³⁵⁵. Por meio dele, nos constituímos como seres divididos, entre corpo e linguagem, natureza e cultura. Lembro-lhes que o Eu forma-se a partir de referências imaginárias – resultado do espelhamento em relação a outras pessoas e ao mundo externo em geral –, e simbólicas – efeito do universo de significantes no qual somos imersos, chamado de Outro. Ambos se entrelaçam e buscam recobrir o real, que sempre escapa. Por isso, sentencia Lacan: o inconsciente é estruturado como uma linguagem³⁵⁶.

Aplacamos a castração característica de nossa espécie – a *falta* fundamental – com as referências oferecidas por aqueles que nos acolhem. Eles leem nossas manifestações corporais e nossas demandas. Traduzem-nas em palavras. As suas palavras. Essas palavras alheias acabam por determinar o modo como lidamos com o mundo. As vozes dos outros acolhem e acalantam. Mas também mortificam e açoitam. Afinal, passamos a viver para atender suas demandas, em busca de sermos amados por seus representantes, cujas vozes ecoam em nossas cabeças. Eis o que caracteriza de modo completo a operação da alienação. Vivemos segundo o discurso corrente, repetindo palavras vazias, que têm aparência de pleno sentido. Elas não nos engajam na trilha de nosso desejo.

³⁵³ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.49.

³⁵⁴ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, caps. XVI e XVII.

³⁵⁵ Diz Lacan em **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**: “Este significante vem constituir o ponto central da *Urvergrängung* [o recalque primário] – (...) o ponto de atração por onde serão possíveis todos os outros recalques, todas as outras passagens similares ao lugar do *Unterdrückt* [repressão], do que é passado por baixo como significante”, p.207.

³⁵⁶ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.193.

O impulso em direção à separação surge do mal-estar que provém dessa submissão constante. Buscamos atender as demandas alheias. No entanto, jamais conseguimos decifrá-las. Os outros também nos leem a partir de sua própria cifra. Colocamos etiquetas uns nos outros que não colam. As imagens que fazemos de nós tampouco se sustentam. Esse mal-estar leva à análise. E o objetivo da análise é promover a separação.

O trabalho da análise visa a desvelar que o suposto pleno sentido das falas coletivas esconde o sem sentido. Percebemos que o Outro, no qual ancoramos nossas escolhas, é tão falho quanto nós. O Supereu, representante daqueles que aplacaram nosso desamparo, cai do seu trono. A dificuldade do processo decorre do fato de que as falas alheias instauraram recalques à pulsão. Aplacaram a angústia originária quando éramos completamente desamparados. Nosso inconsciente goza com elas, apesar de o Eu experimentá-las como sofrimento. Não repeti-las implica suportar alto grau de angústia.³⁵⁷ Corresponderia à viver situações de entropia, de desordem, a defrontar-se com o traumático. Reforço, porém, que o caos leva à produção de novas ordens.

Em um de seus últimos textos sobre a técnica analítica, Freud faz uma auto-crítica por ter negligenciado o fator econômico na causação e perpetuação da neurose.³⁵⁸ O trabalho da análise impõe o desinvestimento de certos caminhos de satisfação para construção de outros. Nesse processo, a experiência de traumas apresenta-se necessária e inevitável. A resistência a mudar de investimentos remeteu Freud à questão da quantidade de energia aplicada em certas formações. Por isso considero rica a idéia de “perder-se”. A inércia mental tende a nos viciar a pegar sempre os mesmos caminhos para o prazer. Se em determinado momento eles corresponderam a grande satisfação, pois organizaram uma via para a descarga da pulsão, sua repetição compulsiva dissipa a intensidade de prazer inicial. Por fim, tornam-se apenas um sintoma, ao qual se fica preso, tal qual um condenado. Ele sequer é experimentado como prazer, tamanho grau de previsibilidade que apresenta. Todavia, com o sintoma, a energia sexual tem seus

³⁵⁷ Esta sensação leva à repetição automática dos sintomas. É justamente essa enigmática “compulsão à repetição”, observada de modo tão ruidoso nas neuroses traumáticas, mas também presente nos outros tipos de neurose, que motiva Freud a formular um *mais além* para o princípio de prazer. O que ele conclui por fim é que essa compulsão à repetição é expressão de uma “força demoníaca em ação”, que trabalha para destruir o próprio organismo, fazendo assim que ele chegue a seu objetivo sonhado: a paz absoluta, a ausência completa de tensão, a morte.

³⁵⁸ FREUD, F. **Análise terminável e interminável** (1937), p. 242.

meios de escoamentos garantidos, o que oferece alguma satisfação. Trata-se do ganho secundário da doença.

O trabalho de análise é lento. Constitui-se de progressões e regressões. Aos poucos, desfazem-se os laços imaginários. Gradualmente afirma-se a percepção das soluções ilusórias oferecidas pelos ideais. Vislumbra-se o horror, a destruição presente nos outros e em si mesmo. E passa-se a aceitar a incompletude característica de nossa espécie. A análise educa a aceitar o caráter trágico da existência. Ela capacita-nos a lidar melhor com as angústias que a irrupção do real possa provocar. Os traumas apresentam-se, assim, como estímulos para a reorganização de nosso sistema.

No experimento da análise descobrimos nossa capacidade de revirar, de colocar em funcionamento o *revirão*. Nesse processo, o papel do psicanalista é fundamental. Ao desfazermos os vínculos com o outro – que “protege e alimenta” – direcionamos a energia libidinal para o analista. Estabelece-se a *transferência*. Tal etapa é necessária para que a pessoa construa o vínculo absoluto consigo mesmo, com o próprio inconsciente, objetivo final da análise. Lacan recorre a Sócrates para pensar neste aspecto tão particular e fundamental ao processo de análise: a relação entre analisando e analista. É o que veremos a seguir.

4.2

Do amor ao *agalma*

O Gozo do Outro, do corpo do Outro que o simboliza, não é signo do amor.

Esse indeterminado de puro ser que não tem qualquer acesso à determinação, essa posição primária do inconsciente que se articula como constituído pela indeterminação do sujeito – é a isto que a transferência nos dá acesso, de maneira enigmática.³⁵⁹

Jacques Lacan

Em análise, descobrimos nossos amores. No duplo sentido: tiramos o véu dos vínculos amorosos que nos mantêm e encontramos novos amores. Admitimos a hiância presente em qualquer relação sexual. O trabalho da análise visa o reconhecimento da castração.³⁶⁰ Por meio dele, perde-se a visão imaginária de si e dos outros. Revelação libertadora. Não precisamos mais investir a energia sexual na defesa de um *ser* ou na afirmação de um falo. Assumimos nossa *falta-a-ser*³⁶¹ e nos vemos mais livres para empenhar nossa energia, de modo lúdico e rigoroso, na produção de algo que simplesmente faça suplência à castração.

A análise apresenta-se como uma pedagogia na lida com as próprias paixões.³⁶² Trata-se de método de ensino bastante peculiar. O mestre não fala, escuta. É o discípulo que toma a palavra. Ele recorre ao mestre por supor nele um saber. Mas a mestria do inconsciente difere das outras. O analista tornou-se mestre justamente por reconhecer os limites de seu conhecimento, por admitir *não saber*. Só assim pode estar disponível para a apreensão do jogo combinatório inconsciente. O analista não prescreve comportamentos e ações com vistas à

³⁵⁹ A primeira citação encontra-se em LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.12, a segunda em LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.124.

³⁶⁰ LACAN, J. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p. 23; p.46.

³⁶¹ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.33. “...a função do desejo como falta-a-ser...O inconsciente não é nem ser nem não-ser”.

³⁶² Em **A pedagogia freudiana**, Magno afirma: “o que é da ordem da pedagogia (...) está visando a singularidade”, p.9. E ainda: “Uma pedagogia trata, uma por uma, as possibilidades de sítio eventual na vida das pessoas”, p.8.

produção de algo. Aparta-se dos significados estabelecidos de modo a motivar o analisando a deparar-se com o *não saber*. Tal verdade foi anunciada há milênios por um filósofo que entrou para história, curiosamente, como o defensor do seu oposto: o mundo ideal. *Só sei que nada sei*, declara Sócrates. Ele admite saber apenas um pouquinho sobre o amor³⁶³, mas sua descrição de Eros está muito distante da visão ideal do amor.

Seguirei a trilha empreendida por Lacan em seu seminário 8 – *A transferência* (1960-1961) – para investigar melhor a complexa situação da análise. Lacan engaja-se na leitura de Sócrates, personagem a quem atribui a mais longa transferência da história ocidental.³⁶⁴ No diálogo de Platão sobre o amor, *O banquete*, Alcibíades destaca o poder hipnotizador exercido pelas palavras do mestre ateniense. Ele nada escreveu, mas seu discurso, sob a pena de Platão, provocou efeitos profundos na filosofia, na religião, na moral, na política, e até na arte. A apropriação de sua fala nesses campos específicos mostra-se ambígua. Cada um destaca-lhe certa faceta.

Sócrates foi condenado à morte por seus contemporâneos, sob a acusação de corromper a juventude. Em sua defesa diante do tribunal composto por cidadãos atenienses, desqualifica a denúncia. Diz que jamais se considerara sábio, apesar de o oráculo de Delfos tê-lo indicado como o mais sábio dos homens. Simplesmente dedicara a vida a interrogar a si e aos outros. Os jovens apenas tinham prazer de ouvi-lo em seus exames com os homens. Com o objetivo de rebater o oráculo, Sócrates procurou aqueles que eram considerados senhores de algum saber: políticos, poetas, artífices. Viu neles profundo desconhecimento. E concluiu, após longa e incansável investigação, que a sabedoria humana tem pouco ou nenhum valor. Esta era sua diferença em relação àqueles identificados como os mais sábios.³⁶⁵

Os cidadãos atenienses não suportaram a altivez da defesa de Sócrates. Insistiram em sua condenação. E ele, mesmo diante da morte, segue, digno, em seu exercício de interrogação da alma humana. Nos textos platônicos, principal fonte de acesso a esse personagem, Sócrates busca sempre a verdade, em oposição ao discurso oportuno dos sofistas. Não se furta a recorrer ao mito quando os

³⁶³ LACAN, J. *O seminário 8* (1960-1961) – *A transferência*, p. 36.

³⁶⁴ LACAN, J. *O seminário 8* (1960-1961) – *A transferência*, p.14; p. 86; p.108.

³⁶⁵ PLATÃO. *Defesa de Sócrates*.

limites da razão dialética encobrem o verdadeiro. Afirmar seguir os sinais dos demônios.³⁶⁶ O comediógrafo Aristófanes, por sua vez, o retrata como um sofista. A tradição ocidental reconhece em Sócrates o ponto fundador da filosofia da consciência, que despreza os sentidos e o devir. Ela valoriza o mundo ideal, das essências imutáveis.³⁶⁷

Lacan distingue em Sócrates algo bem diverso do defensor do mundo ideal. Chega a sugerir que a invenção platônica desse universo de essências tem caráter irônico. Em *O banquete*, Platão coloca na boca de Aristófanes a concepção mais idealizada do amor: a busca da completude da esfera. “Trata-se da derrisão radical que a simples abordagem dos problemas do amor traz a essa ordem incorruptível, material, superessencial, puramente ideal, participatória, eterna e incriada, que é aquela que toda a sua obra descobre para nós – ironicamente, talvez”.³⁶⁸

De fato, os diálogos iniciais de Platão, chamados de *socráticos*, terminam sempre em aporias, questões não resolvidas. Não fecham um significado absoluto sobre o tema debate. Mesmo quando o assunto é a ciência. Para Lacan, o que Sócrates chama de *ciência* remete ao funcionamento do significante.³⁶⁹ O próprio Sócrates jamais se coloca como o detentor da verdade. Ele a busca, a partir de sucessivas interrogações, que partem de situações simples e cotidianas. E é no discurso, constituído pela articulação do jogo de significantes que ordena o homem inconscientemente, que se apreende a verdade em questão. Como disse, não raro cria um mito quando se depara com o fim do sentido.

O mistério em torno de Sócrates demonstra sua atopia, o *não lugar* habitado por este mestre que afirma nada saber. Ele reconhece sua castração. No método socrático para a produção do conhecimento – a maiêutica –, o mestre apresenta-se como um grande curioso. Ele não exhibe seu saber para seduzir discípulos e arrebanhar seguidores. Ao contrário: formula seguidas perguntas, que induzem seu interlocutor a descobrir as próprias verdades. Convoca seu companheiro de conversa a se virar pelo avesso, a se perder das trilhas usuais do pensamento.

³⁶⁶ *Daimon*, para os gregos, eram intermediários entre deuses e homens. PLATÃO. **Defesa de Sócrates**, p.38.

³⁶⁷ Até mesmo Nietzsche coloca Sócrates em tal lugar.

³⁶⁸ LACAN, J. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p.82.

³⁶⁹ LACAN, J. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p. 86.

Sócrates não se satisfaz com os significados estabelecidos. Ele os põe em causa. Busca novo sentido, construído progressivamente, em um trabalho conjunto com o outro. Propõe questões ligadas ao cotidiano e ajuda o aluno a despertar o saber presente nele mesmo. Daí seu método nomear-se *ciência da parteira*: traz à luz idéias já em gestação naquele que o procura, que apenas jazem inconscientes. Assim é a análise. Platão nomeia esse processo de *anamnese* e a entende como a rememoração gradativa das verdades essenciais.

Tal como o método socrático, a análise também propõe uma anamnese³⁷⁰. É bem verdade que o método analítico não procede como um interrogatório sistemático com vistas a esclarecer uma questão específica. Por meio da associação livre do paciente, começam a emergir à consciência significantes indicativos das forças que o estruturam. Perdendo-se da meta de comunicar algo objetivo e claro, o paciente acaba por achar-se. Aquilo que aparecia disjunto vai, aos poucos, articulando-se em sentido. É bem verdade que o paciente encontra sua multiplicidade, e não um único e coerente ser.

Correntes de pensamento variadas apropriaram-se da palavra de Sócrates para afirmar as próprias verdades. A atopia do mestre ateniense o permitiu. Por isso, Lacan o designa como atrator da maior transferência da história ocidental. Freud nomeia *transferência* a relação específica estabelecida entre analisando e analista. Ao longo do tratamento, o paciente *transfere* para o analista os afetos, amorosos ou hostis, dirigidos, na verdade, a personagens de suas fantasias inconscientes. O analista é capturado nas séries psíquicas do analisando.

Freud utilizou o termo transferência pela primeira vez em *A interpretação dos sonhos*, para se referir ao deslocamento do desejo inconsciente de representações proibidas para representações autorizadas pelo pré-consciente.³⁷¹ Trata-se, já aí, de mecanismo de defesa contra a revelação de impulsos proscritos por certo agente crítico. O uso posterior não se afasta muito dessa idéia inicial. Diz respeito ao deslocamento de afetos dirigidos a objetos da vida infantil do paciente, mantidos recalçados, para situações de seu cotidiano. O fenômeno da transferência não se resume, portanto, à situação analítica. Ele caracteriza a neurose. O neurótico sofre de *infantilismo*, pois se mantém fixado em formas de

³⁷⁰ Na medicina, a anamnese refere-se ao histórico de uma doença, que vai desde os sintomas iniciais até o momento da observação clínica, realizado com base nas lembranças do paciente.

³⁷¹ LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise.**

satisfação típicas de sua infância. Aborda o aqui/agora segundo suas fantasias infantis. Apesar de se inserir na realidade, o neurótico se queixa dela tempo todo. Seus sintomas expressam o conflito presente entre impulsos proibidos e forças recalcanes. Qualquer pessoa se vê em meio a conflitos entre desejos e os limites impostos pela realidade às suas satisfações. O indivíduo maduro aprende a lidar conscientemente com esses conflitos. Ao reconhecê-los, cria meios adequados para superar os limites da realidade e impor a realização de seus desejos. Administra sua economia libidinal de modo a articular realidade e prazer. Isso o neurótico não aprendeu. Recalca seu desejo e coloca-se como vítima de todo universo, de pessoas e coisas.

O neurótico é, ao mesmo tempo, uma criança irracional, que quer sua satisfação a todo o custo, e um censor ultramoral, que proíbe e pune qualquer impulso em desacordo com o ideal. Em termos metapsicológicos, o Eu permanece em um fogo cruzado entre as exigências do Isso e as cobranças do Supereu. E ainda tem que atender às demandas da realidade. Toda energia do neurótico se esgota na administração desses conflitos inconscientes. A criança irracional que habita o neurótico não aprendeu a lidar com as frustrações inevitáveis em qualquer relação amorosa. Insiste, com intensidade, na manutenção de seu narcisismo infantil, no qual vivia alheia às exigências do mundo. Por isso, não tem coragem de investir com tenacidade na dominação de objetos que lhe despertam desejo. Ela não se educou, efetivamente, a obter prazer segundo o princípio de realidade. Quer manter-se, de certa maneira, no princípio de prazer, mesmo que tenha se adequadado minimamente à realidade coletiva. Por isso Freud nomeia o neurótico de falsamente civilizado.³⁷²

Essa criança irracional vive de mãos dadas com o censor ultramoral. Quer ser amada por ele. Aparentemente cede em seu narcisismo infantil, pois não se aparta de todo da realidade compartilhada, como faz o psicótico. De certa forma, deixa de lado seus interesses em troca do amor do outro. Contudo, os afetos e desejos recalçados nesse processo não desaparecem. Eles insistem em se expressar. E como se mantêm inconscientes, manifestam-se do modo mais intenso e descontrolado.

³⁷² FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, cap.III, p.94. Afirma Freud: “Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou a redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade”.

O neurótico mantém um contrato com o censor, mas no fundo o odeia, em virtude da mortificação que ele lhe impõe por exigir o contínuo recalque de impulsos “inadequados”. Eis o que Freud nomeia de *sentimento inconsciente de culpa*. Resumidamente, nem a criança irracional nem o censor ultramoral suportam reconhecer a castração característica de nossa espécie. Não assumem a agressividade inerente ao homem, tampouco a intensidade dos impulsos sexuais, presentes desde o início da vida. Nessa confusão vive o neurótico. Daí Freud afirmar que a psicanálise simplifica a vida, pois ela visa à trazer todos esses conflitos para o mesmo campo: a consciência.³⁷³ Ao permanecerem inconscientes, afetos, desejos e proibições obrigam a pessoa ao comportamento compulsivo e repetitivo do sintoma.

A análise cria situação especial para a *atuação* do drama infantil. Misto de vida real e laboratório, trata-se de um experimento. E a convicção do benefício do experimento da análise só é atingida quando se vai até o fim. No campo protegido do tratamento, o paciente repete seus sintomas, que o paralisam na vida real e lhe provocam mal-estar. Ao repeti-los ali, permite a intervenção do analista. “Não se pode vencer um inimigo ausente ou fora de alcance”, observa Freud.³⁷⁴ A transferência para o analista apresenta-se, portanto, como condição para o processo terapêutico. Quando isso se dá, a neurose transforma-se em *neurose de transferência*. O paciente identifica no analista traços de *imagos* que constituem a realidade psíquica na qual se organiza. Projeta para ele sentimentos eróticos, amorosos e hostis.

As pessoas procuram o analista porque algo em sua vida não funciona. Falta-lhes certo equilíbrio. E supõem no analista um saber sobre suas questões mais íntimas. Mas como poderia o analista saber da vida íntima de todo aquele que lhe pede ajuda? Atender a essa demanda corresponderia a ocupar o lugar da onisciência divina, brincar de Deus. Tentação nefasta. Lacan sempre adverte: compreendam menos!

³⁷³ FREUD, S. Entrevista a Georg Viereck concedida em 1927, publicada em 1930 em *Glimpses of the Great*, de Viereck. No Brasil, encontra-se a entrevista em SANTOS, E. **O sexo de Deus**. Afirma Freud: “A psicanálise simplifica a vida. Conseguimos nova síntese depois da análise. A psicanálise reordena um emaranhado de impulsos dispersos e tenta enrolá-los em torno do carretel a que pertencem. Ou, para mudar de metáfora, ela fornece o fio que permite o homem sair do labirinto de seu próprio inconsciente”. In: SANTOS, E, *Op. Cit.*, p.142.

³⁷⁴ FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar** (1914), p. 168.

Diferentemente de Descartes, cuja certeza afirma-se pela consciência, a única certeza do analista é o inconsciente. Não importa a imagem particular que o paciente insista em apresentar. Tampouco a sinceridade ou não de suas enunciações. Em análise, o inconsciente apresenta-se. É preciso saber manejá-lo. Em seu próprio processo de análise, o analista aprendeu a lidar com as estranhas forças que regem sua vida. Impôs-se o exercício cotidiano de afastar os significados correntes para desvendar as mensagens particulares de seus atos e discursos. O analista assumiu sua castração, seu *não saber*. Por isso, toma a tudo como enigma. Reconhece mistério tanto em si mesmo como no outro que o procura. Aprendeu a colocar a si e ao mundo sempre sob suspeita. E trabalha para parir novo sentido, não universal, mas contingente, válido para o caso específico. A análise instiga a colocar em discurso os desejos inconscientes que movem ou paralisam.

O analista não é um “sabe-tudo”, mas sua prática o permite perceber as manifestações inconscientes. Ele não as recalca com vistas a manter fantasias imaginárias. Ao contrário: provoca equívocos com vistas a quebrar as cristalizações do imaginário. Assim, induz o paciente a acolher o inconsciente. O analista oferece-lhe *interpretações* objetivando interromper o automatismo da repetição do discurso pré-consciente. Elas contribuem para desvelar os desejos em jogo. No entanto, qual o momento certo, o tom exato, a maneira correta de oferecer essas interpretações? *Não se sabe*. Se o analista as oferece cedo demais, o paciente resiste à revelação. E projeta para o analista toda hostilidade decorrente da quebra da imagem unitária que tinha de si. Às vezes chega até a abandonar a análise.³⁷⁵

Mesmo se o analista não intervém de modo ativo, a simples continuidade das sessões alimenta as forças proscritas a buscar caminhos de acesso à consciência. Em virtude disso, as forças recalcantes também entram em ação com maior intensidade. Freud nomeia essa batalha interna de *resistência*. O paciente opõe-se à revelação do inconsciente, que está projetado na relação com o analista.

Ao longo do tratamento, a transferência manifesta-se, paradoxalmente, como resistência.³⁷⁶ Esta expressa as forças recalcantes em ação e visa a

³⁷⁵ Freud descreve esse processo em detalhe no pós-escrito ao caso Dora. In: FREUD, S. **Fragmento da análise de um caso de histeria** (1901/1905).

³⁷⁶ FREUD, S. **A dinâmica da transferência**. Vol. XII.

manutenção da doença. Tais forças atuam dentro do próprio indivíduo, impedindo o acesso à consciência de determinadas idéias, afetos e desejos. Ao longo de sua história, o paciente construiu arsenal de armas para se defender contra indesejáveis forças internas. Resistiu a elas. Fez isso para ser amado, para manter uma ordem³⁷⁷. Os pais e os educadores exigiram o abandono de certas trilhas de satisfação. Em troca, ofereceram-lhe seu amor, como satisfação substitutiva. A neurose demonstra a falência desse contrato.

No tratamento, o paciente começa a trazer à consciência as forças proscritas. Espera a contraparte do analista, ou seja, que este o ame. Contudo, atender a demanda de amor do paciente corresponderia a perpetuar a neurose, justo o contrário do objetivo da análise. A hostilidade no tratamento apresenta-se, assim, inevitável. E mais: é pela boca do analista que o paciente tem acesso à fera por trás dos postigos.³⁷⁸ Por isso, ingrediente fundamental para o processo é o *desejo de analista*, presente no próprio paciente. Caso ele não seja intenso o bastante, abandona-se o processo. Se o paciente insiste, descobre que beijando a fera chega-se à bela. Superando as resistências, o indivíduo chega à transformação da própria vida.

Freud observa ser inevitável uma piora no estado geral do paciente ao longo do tratamento. Intensificam-se os conflitos. Certos sintomas, vagos até o início da análise, colocam-se em evidência. E a agressividade decorrente desse quadro dirige-se ao analista. Compreensível. Uma analogia permite-nos entender isso com clareza. Se levamos um carro velho, funcionando por meio de “gatilhos”, ao mecânico, provavelmente iremos encontrar inúmeros outros problemas. Demandamos ajuda para resolver uma questão pontual. Todavia, quando o profissional mexe no ponto específico de nossa reclamação, provoca uma reação em cadeia. Desorganiza aquele sistema, que funcionava de maneira precária. Nossa primeira reação é atribuir os diversos problemas imprevistos à esperteza do mecânico. Porém, avaliação mais racional nos permitirá reconhecer a necessidade de uma reforma geral no automóvel. O retorno à racionalidade apresenta-se muito mais fácil no caso do carro do que na análise. Com certeza.

³⁷⁷ FREUD, S. *Conferência introdutória. A transferência*. Vol. XVI.

³⁷⁸ LACAN, J. *O seminário 11* (1964) – *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p.129.

Por mais paradoxal que possa parecer, o agravamento dos sintomas é necessário. O desafio do analista será encontrar táticas para suspender a compulsão à repetição e evocar o despertar das lembranças do paciente. Assim, este pode pensar nas motivações que o levaram a construir aquelas vias de satisfação. Só dessa maneira poderá elaborá-las, interrompendo a atuação automática, conseguindo, então, superá-las. Mas isso demanda tempo. E incansável paciência de ambas as partes. É como se um ator começasse a perceber, aos poucos, o personagem que encarna. “Ah, então sou isso!”, constata, a princípio com horror. Até ali, repetia mecanicamente o papel, de modo inconsciente para si. Vivia sob os efeitos da compulsão à repetição. Não percebia, no entanto, como contribuía para construir as mesmas situações, indefinidamente.

A resistência expressa-se de modo variado. Vai do profundo enamoramento à franca hostilidade em relação ao analista. À medida que o tratamento progride, manifesta-se com mais vigor. Observa-se a situação aparentemente improvável e absurda: o paciente empenha-se em permanecer doente. Em casos muito frequentes, a paixão pelo analista interrompe o processo de análise. Mesmo que permaneça velado, todo interesse do paciente concentra-se na busca da consecução de seu amor pelo analista ou nas queixas decorrentes da dificuldade em realizá-lo, muitas vezes projetadas inconscientemente em situações diversas. Em outras situações, o paciente assume postura negativa em relação ao analista. Não aceita suas interpretações, deprecia a psicanálise e até adoece fisicamente. Freud chama esse fenômeno de *transferência negativa*. Ela expressa o *sentimento inconsciente de culpa*. Ao analista resta suportar os disparos e fingir-se de morto. Afinal, aqueles tiros, ou aquelas flores, não estão direcionados à sua própria pessoa, mas às identificações projetadas nele.

A resistência manifesta a soberania do Supereu – onde ecoam, inconscientes, as vozes dos pais e dos educadores – sobre o Eu. O trabalho da análise implica, justamente, que o paciente retire o investimento libidinal dessas vozes e o aplique em outro lugar. Trata-se de uma reorganização de sua economia mental. Para isso, terá de se perder desses objetos primitivos.

O paciente chega na análise em busca de melhorar sua vida amorosa. Não quer, entretanto, abandonar antigos amores. Tem medo de largar o vínculo com aquelas imagens primitivas, do narcisismo infantil. Afinal, elas instauraram recalques, que organizaram o caos pulsional e permitiram a satisfação. Suspender

esses recalques leva à vivência de alto grau de entropia e, segundo minha hipótese, à aproximação da *perdição originária*. O retorno do recalcado já provocou pequenas perdições e desordenou o sistema. Por isso procura-se a análise. Todavia, a memória inconsciente das angústias primitivas leva a pessoa a insistir no culto aos deuses antigos. Vive-se a tirania da memória.

A estratégia no campo do amor aplica-se perfeitamente ao tema em questão. A sabedoria popular ensina que nada melhor para esquecer um antigo amor do que um novo amor. Encontrar outros alvos para o investimento libidinal apresenta-se necessário ao processo de perda. A análise implica estimular, de alguma maneira, novas aventuras libidinais. Isso não se resume à suspensão de recalques à sexualidade propriamente dita. Este foi o ponto de partida de Freud. Em sua época, as proibições morais relativas a esse campo eram de tal ordem que geravam o adoecimento psíquico. No entanto, Freud foi mais além, revelou-nos a pulsão de morte. E definiu como tarefa de cada um a transformação de morte em vida. Reduzir tal empresa a aventuras de alcova demonstra completo desconhecimento da condição humana.

E mais, hoje vivemos mundo bastante diverso. Aquilo que provocava mal-estar no alvorecer da psicanálise – o desejo sexual – tornou-se objeto de consumo. Ideal cultural, até. E, como todo ideal, apresenta-se opressor. O imperativo contemporâneo não é: “reprima-se!”, mas “liberte-se!” Todos são obrigados a experimentar extenso repertório de experiências sexuais: *ménage a trois*; *swing*; relações como o mesmo sexo; transa no elevador e nas mais bizarras localidades etc. Se essas fantasias fazem pressão, melhor colocá-las em prática. Tais experiências são importantes para a flexibilização do império do Supereu. No entanto, no quadro atual, elas tornaram-se quase um dever moral. Mostram-se, assim, expressão de mero modismo, que não contribui para aplacar as angústias humanas. Apresentam-se até como motor de mal-estar.³⁷⁹ Tais fantasias contribuem para a sustentação de um imaginário de felicidade que não

³⁷⁹Em entrevista a Emilio Granzotto em 1974, publicada na revista *Panorama*, observa Lacan: “Que o sexo seja colocado na ordem do dia e exposto na esquina das ruas, tratado como um detergente qualquer nos carroséis televisivos, não comporta nenhuma promessa de algum benefício. Não digo que isso seja ruim. Não é suficiente certamente para tratar as angústias e os problemas particulares. Faz parte da moda, dessa fingida liberalização que nos é fornecida, como um bem dado de cima, pela dita sociedade permissiva. Mas não serve ao nível da psicanálise”. In: SANTOS, E. **O sexo de Deus**, p.161.

corresponde à realidade. E pior: os *play-grounds* midiáticos reduzem a psicanálise a mera terapia de liberalização sexual.

Freud associa a arte da análise ao trabalho do escultor, descrito por Leonardo da Vinci.³⁸⁰ Segundo Leonardo, o escultor opera pela *via di levare*. Pouco a pouco, retira o excesso da pedra de mármore para chegar à figura. É como se ela já estivesse lá, pronta, e o trabalho do artista se resumisse a eliminar o que sobra. Essa analogia ressalta a tarefa da descoberta da singularidade do paciente, submersa por camadas e camadas de determinações alheias. Freud lembra do trabalho do escultor por vê-lo oposto ao exercício do pintor. Este pratica sua arte pela *via di porre*. Deposita sobre a tela incolor tintas que jamais estiveram ali. Tal procedimento assemelha-se à prática da hipnose, que insere idéias na mente do paciente, de modo a aplacar seu sofrimento. E Freud abandonou a hipnose, por considerá-la método ineficaz.

Contudo, depois de vinte anos sem abordar a hipnose, Freud a toma como referência para investigar o fenômeno do amor e das formações grupais, em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921). Neste texto, Freud afirma: “A hipnose não constitui um bom objeto para a comparação com uma formação de grupo, porque é mais verdadeiro dizer que ela é idêntica a essa última.”³⁸¹ A diferença nos dois casos refere-se apenas ao número de pessoas envolvidas na situação. Da mesma maneira, observa Freud, uma pessoa enamorada está hipnotizada por seu objeto de amor. E se na análise encontramos o amor, como os textos de Freud sobre a técnica o atestam³⁸², também encontramos a hipnose, parece-me inevitável admitir. Não se trata da adoção da hipnose como método de trabalho, mas do reconhecimento do fascínio inevitável exercido pelo analista no paciente. Tal encantamento apresenta-se como veículo para a instauração de novas vias para o investimento da libido.

O fenômeno da transferência remete, mais do que Freud admitira inicialmente, à hipnose. Acusaram a terapia hipnótica de sufocar o livre arbítrio do paciente. As críticas feitas ao método hipnótico foram, posteriormente, dirigidas à própria psicanálise, à dependência do paciente em relação ao analista,

³⁸⁰ FREUD, S. *Sobre a psicoterapia* (1905), p.247.

³⁸¹ FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego*, p.125.

³⁸² FREUD, S. *A dinâmica da transferência* (1912); *Observações sobre o amor transferencial* (1915[1914]). A própria origem da psicanálise remete ao “poder hipnótico do amor”. Anna O. apaixonou-se por Breuer, chegando a produzir uma pseudocieira.

Conclusão

Repetição e Criação

Criar é tão difícil ou tão fácil como viver.
E é do mesmo modo necessário.³⁰⁹

Fayga Ostrower

O trabalho da perda empreendido no processo analítico incita à criação. O abandono de antigas vias de satisfação pulsional exige a invenção de novos caminhos para o investimento da energia. Assim revira-se a pulsão de morte em vida. A criação observada na análise não corresponde, necessariamente, à produção de obra artística singular ou à invenção de nova teoria ou religião. Diz respeito à construção de modo de viver mais soberano, não mais determinado por modelos cristalizados pela coletividade. O indivíduo sente-se forte o bastante para afirmar sua heterogeneidade. Sua particular perdição, como proponho.

É possível que o processo de análise contribua para o nascimento de poetas e cientistas originais. Contudo, talvez seja mais frequente a formação de derivações do *professor Pardal*, o divertido personagem das histórias em quadrinhos. Suas invenções não mudam o mundo coletivo de forma ampla e contundente, mas alteram o próprio cotidiano e o das pessoas próximas a ele. Dão mais graça à existência. Com a análise, vive-se com mais leveza, tal como um dançarino, para lembrar a imagem proposta por Nietzsche.

Leveza, aqui, não corresponde à ausência de dor ou de qualquer expressão do afeto. Isso seria impossível! Significaria negar nossa condição de castrados e o caráter trágico da existência. No entanto, despidos dos ideais, podemos olhar a vida com mais serenidade e humor. Lacan alude à proximidade entre o trágico e o

³⁰⁹ OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*, p.9.

cômico.³¹⁰ Observa que na comédia os personagens sempre se saem mal na realização de seus desejos. O riso surge diante da constatação do malogro, da inadequação da relação do homem com os objetos. E o herói cômico insiste, passa a perna no destino, pois sempre consegue sair ileso. Não é seu sucesso, mas o modo como ele lida com o próprio fracasso que nos cativa. Apreciamos a habilidade do herói cômico de extrair satisfação diante da castração. O neurótico prefere o drama, ou melhor, o melodrama. Aborrece-se continuamente com a narração de sua novela cotidiana, em que assume o papel de eterna vítima.

Despido da fantasia imaginária, o herói enfrenta o real, vestindo-o com a roupa que lhe parece oportuna. O neurótico conserva sempre a mesma armadura, pois acredita que com ela mantém-se abrigado do real. O herói e o neurótico expressam maneiras distintas de responder à insistência contínua, repetitiva, da tendência para a morte.

No primeiro caso, o “modelo heróico”, o indivíduo sente-se obrigado a dar forma aos desconhecidos estímulos que lhe acoissam. Eles levaram seu sistema a experimentar certo grau de entropia. A desorganização diminui quando o sistema acolhe aquela ignorada causa de perturbação, integrando-a ao organismo. Assim, o estranho transmuta-se em particular. A pulsão transformou-se em vida renovada. O sistema não morreu, complexificou-se. Tornou-se mais forte para lidar com outros imprevistos, pois a rede na qual se sustenta se ampliou. O indivíduo que assim reage organiza-se em uma ordem que tem grande grau de plasticidade. Isso lhe permite inventar respostas inusitadas diante do inesperado, ao qual não precisa temer.

No segundo caso, o “modelo neurótico”, a pessoa repele aquilo que ignora. Recusa o diferente, que lhe provoca horror e desestabiliza seu sistema. Em busca de preservar sua organização, afasta-se dos estímulos perturbadores. O neurótico se acha protegido em sua couraça. Mas essa estratégia de recusa torna seu sistema mais vulnerável, pois não há meios de conter o real.

O neurótico teme o inconsciente. Não desliza pela rede de significantes em que está imerso. Afasta as representações dos afetos em desacordo com sua organização, que irrompem em seu psiquismo. Não joga com eles, com medo de se perder. Recalca. E mesmo quando toma certos objetos para sua satisfação, não

³¹⁰ LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.376.

se entrega a eles. Ou simplesmente não ousa lidar com os objetos de maneira incomum. Repete, automaticamente, o modelo. Não se arrisca. Afinal, tem que manter imagem de coerência, que lhe garante algum poder.

Dessa maneira, o neurótico não cria, mas coleciona conhecimento.³¹¹ Vive aprisionado no gozo mortífero promovido pelo Outro, que em sua faceta superegóica condena à repetição e paralisa a invenção. O Outro oferece um tesouro de significantes a serem articulados. Ao lidarmos com ele de maneira mais livre, despertamos inusitadas formas. Todavia, essa maior liberdade provoca insegurança. E demanda trabalho dobrado. O neurótico prefere sustentar sua estabilidade na segurança. Suas produções não cativam. São corretas, seguem o padrão. No entanto, carregam certo ar de monotonia. O discurso do neurótico reproduz significados, que não traduz *sentidos*, mantém-se distante do vivido. Nos mais variados campos, percebe-se a diferença entre aqueles que cumprem com correção seu dever e aqueles outros que, mesmo imperfeitos, afetam de modo particular. Mas imperfeito é tudo....Mesmo a brisa, ao cair da tarde, poderia ser mais fresquinha...

A vida saudável é, necessariamente, criativa. Esta parece ser uma das verdades anunciadas pela psicanálise. Na aventura da análise, opera-se contínua destruição criadora. Inspirada em Nietzsche, afirmei: só enquanto criadores podemos destruir. Caso contrário, a pulsão morre de vez, destrói o Eu. Não há fim no processo de bem-dizer o inconsciente. A análise é interminável. Ou, como Nietzsche propôs, a saúde não corresponde a um estado permanente. Ela diz respeito a processo dinâmico de superação sobre impulsos reativos à vida. A cada instante somos atravessados pelo inconsciente, com seus mandos e desmandos. A análise educa a percebê-lo, ensina a trabalhar sobre as vozes mudas que nos acoissam do Outro mundo.

Há pessoas que, por alguma misteriosa razão, se engajam no próprio processo interminável de análise, não passam pelo consultório de um analista. Alguns talvez tenham se encantado de modo tão intenso por algo que os fez se desprender dos mandamentos da coletividade. E dedicaram-se a afirmar a própria ficção. Outros podem ter se deparado de modo contundente com o descompasso entre os ideais e o real. O acaso lhes fez encontrar a verdade da condição humana.

³¹¹ MOLINA, Rubens. **A mestria da angústia.** <http://rubensmolina.sites.uol.com.br/home.html>

Experimentaram o *niilismo de vida*, como demonstra a história de Édipo. Essas pessoas colocaram-se, então, a inventar novos sentidos.

Freud simplesmente criou método terapêutico para conduzir a esse lugar de descrença radical, de arreligião. E, mesmo assim, mostrou-se cético, no fim da vida, quanto à capacidade de alterar a dinâmica psíquica de outra pessoa. Freud constatou ser mais frequente uma transformação parcial da organização psíquica do que uma alteração radical no agenciamento do inconsciente. Falta profundidade na convicção do paciente, diz. Ele percebeu isso em seus próprios discípulos.³¹²

Em outras palavras, a grande maioria não *põe fé* na descoberta essencial da análise: somos seres em falta, castrados. Ao longo do trabalho terapêutico, superam-se várias inibições, suspendem-se inúmeros recalques. Constrói-se, assim, certo bem-estar. Pela análise, a pessoa garante algum lugar de poder, ao qual não quer abdicar. Com isso, talvez tenha conseguido o que desejava da análise. Mas tal quadro não caracteriza o *desejo do analista*. Nem para Freud nem para Lacan. O analista vive alteração mais profunda na sua economia libidinal. Não fica encantado com o próprio Eu, reconhece-o como unidade ilusória. Permanece atento ao Isso. Talvez a sua maior saúde seja o reconhecimento da sua doença. Coloca-se sempre em suspeição, destrona o Eu. Ao admitir seu lugar de ignorância, capacita-se a ouvir, e a produzir, qualquer discurso. Por isso, engaja-se na sua *perdição criadora*, na composição da própria música.

A psicanálise originou-se como uma *talking cure*, tratamento pelo qual o paciente utiliza a palavra para trazer à consciência as fantasias que o organizam. Dessa maneira, pode promover rearranjos em sua trama. No entanto, o trabalho da análise não se restringe à fala. Demanda o *ato*, transformador efetivo do indivíduo e do social. O neurótico prefere ficar na mera articulação de suas representações desejosas. A cura, no entanto, exige algo mais. O indivíduo saudável impõe seu desejo no mundo, alterando o ambiente ao seu redor. A análise inclui, assim, tanto uma dimensão estética, criadora, como ética. E também política. Afinal, a afirmação da própria fantasia na realidade exige a administração do conflito de forças, presente tanto interna como externamente.

³¹² FREUD, S. *Análise terminável e interminável*, p.245.

O processo de análise começa pela atuação do paciente, mas o leva à produção do ato. Ambos expressam maneiras distintas de responder à pressão constante da pulsão. Na atuação, a pessoa mantém-se hipnotizada por fantasias imaginárias. Repete o mesmo. Projeta para o aqui/agora modos de relação com os objetos construídos na infância. O ato tem a característica de instaurar novas possibilidades de expressão da pulsão. Engajada nesse processo, a pessoa repete também, mas comprometida com a afirmação da própria diferença.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor & HORHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALONSO, Aristides. *Os neurônios-espelho e a mente-espelho da nova psicanálise*. In: MAGNO, MD. **Amazonas. A psicanálise de A a Z**. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2008. pp145-189.

ARAÚJO, Rosane Azevedo de. **A cidade sou eu? O urbanismo do século XXI**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Tese de doutorado, orientadora Denise Pinheiro Machado, 2007.

ÁVILA, Teresa de. **Obras completas**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BAUDELAIRE, Charles. **A modernidade em Baudelaire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BARTHES, Roland. (1978) **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1989.

BEETHOVEN, Ludwig. **Cartas, diários, cadernos de conversação e reminiscências de contemporâneos**. São Paulo: Editora Veredas, 2006.

BEN-DOV, Yoav. **Convite à física**. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1996.

BILHERAN, Ariane. **La maladie, critère des valeurs chez Nietzsche. Premice d'une psychanalyse des affects**. Paris: L'Harmattan, 2005.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega. Volume II**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2ª. edição, 1988.

BRUM, José Thomaz. **O pessimismo e suas vontades**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

BLONDEL, Eric. **Nietzsche, le corps et la culture**. Paris : PUF, 1986.

CARNEIRO LEÃO, Emanuel. **Os pensadores originários**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

CARROLL, Lewis. (1871) **Alice através do espelho**. In: _____. **Alice: edição comentada**. RJ: Jorge Zahar Editor, 2001.

CASTRO, Claudia Maria de. *A inversão da verdade. Notas sobre O nascimento da tragédia*. In: **Kriterion. Revista de Filosofia**. vol.49, no.117. Belo Horizonte, 2008.

CESAROTTO, Oscar & LEITE, Márcio Peter de Souza. **Jacques Lacan. Uma biografia intelectual**. 2 ed.[rev.e ampl.]. São Paulo: Iluminuras, 2010.

CHATELARD, Daniela Scheinkman. *Algumas considerações sobre o termo afânise a partir de Ernest Jones e Jacques Lacan*. In: **Ágora: Estudos em teoria psicanalítica**. vol.4 no.2; July/Dec. 2001. Rio de Janeiro, UFRJ. 2001.

ETCHEVERRY, José Luis. *Sobre la versión castellana*. In : FREUD, Sigmund. **Obras completas Sigmund Freud**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1978/1992 (segunda reimpressão da segunda edição).

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DUMOULIÉ, Camille. **Nietzsche et Artaud. Pour une éthique de la cruauté**. Presses Universitaires de France.

ERÍPIDES. *As bacantes*. In:_____. **Ifigênia em Aulis. As Fenícias Bacantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FLAUBERT, Gustave. **Cartas exemplares**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

FREUD, Sigmund. (1891) **A interpretação das afasias**. Lisboa, Edições 70, s/d.

_____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. [os títulos relacionados abaixo se referem a esta edição].

FREUD, Sigmund. (1889a) **Resenha de Hipnotismo, de August Forel**. Volume I.

_____. (1889b) **Prefácio à tradução de De la suggestion de Bernheim**. Volume I.

_____. (1893) **Sobre os mecanismos dos fenômenos histéricos** Vol.III.

_____. (1896) **Etiologia da histeria**. Vol.III.

_____. (1895) **Projeto para uma psicologia científica**. Volume I.

_____. (1898) **A sexualidade na etiologia das neuroses**. Volume III.

_____. (1900) **A interpretação dos sonhos**. Volume V.

_____. (1901/1905) **Fragmento da análise de um caso de histeria**. Volume VII.

_____. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Volume VII.

_____. (1907-1908). **Escritores criativos e devaneio**. Volume IX.

_____. (1911) **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. O caso Schreber.** Volume XII.

_____. (1910) **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância.** Volume XI.

_____. (1910b) **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor 1).** Vol. XI.

_____. (1911) **Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental.** Vol. XII.

_____. (1912a) **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise.** Vol. XII.

_____. (1912b) **A dinâmica da transferência.** Vol. XII.

_____. (1912-1913) **Totem e tabu.** Volume XIII.

_____. (1914a) **História do movimento psicanalítico.** Volume XIV.

_____. (1914b) **Recordar, repetir e elaborar.** Volume XII.

_____. (1914c) **Narcisismo: uma introdução.** Volume XIV.

_____. (1915) **Observações sobre o amor transferencial.** Vol. XII.

_____. (1915a) **A pulsão e suas vicissitudes.** Volume XIV.

_____. (1915b). **A repressão.** Volume XIV.

_____. (1915c) **O inconsciente.** Volume XIV.

_____. (1915d) **Reflexões sobre tempos de guerra e morte.** Volume XIV.

_____. (1917 [1915]) **Luto e melancolia.** Volume XIV.

_____. (1916-1917) **Conferências introdutórias sobre psicanálise.** Vol. XVI.

_____. (1919a) **Linhas de progresso na terapia psicanalítica.** Vol. XVII.

_____. (1919b) **Introdução à psicanálise e às neuroses de guerra.** Vol. XVII.

_____. (1919c) **O estranho.** Vol. XVII.

_____. (1920) **Além do princípio de prazer.** Volume XVIII.

_____. (1921) **Psicologia de grupo e análise do ego.** Volume XVIII.

_____. (1923) **O ego e o id.** Volume XIX.

- _____. (1923b) **A organização genital infantil**. Volume XIX.
- _____. (1924a) **O problema econômico do masoquismo**. Volume XIX
- _____. (1924b) **A perda da realidade na psicose e na neurose**. Vol. XIX.
- _____. (1925) **A negativa**. Volume XIX.
- _____. (1925b) **Uma nota sobre o bloco mágico**. Vol. XIX.
- _____. (1926a) **Inibições, sintomas e angústia**. Vol. XX.
- _____. (1926b) **A questão da análise leiga**. Vol. XX.
- _____. (1929) **O futuro de uma ilusão**. Vol. XXI.
- _____. (1930) **O mal-estar na civilização**. Vol. XXI.
- _____. (1932-1933) **Novas conferências introdutórias à psicanálise**. Volume XXII.
- _____. (1937a) **Análise terminável e interminável**. Volume XXIII.
- _____. (1937b) **Construções em análise**. Volume XXIII.
- _____ & PFISTER, Oscar. **Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939)**. Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Viçosa: Ultimato, 1998.
- GARCIA-ROZA, L.A. **Acaso e repetição em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- _____. **O mal radical em Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- _____. **Metapsicologia freudiana. Vol. 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- _____. **Metapsicologia freudiana. Vol. 3**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- _____. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1984.
- GREEN, André. (1986) **Conferências brasileiras**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.
- GRODDECK, G. (1923) **O livro d'Isso**. São Paulo: Perspectiva, 1991, 3ª.ed.
- GUIMARÃES, Maria Celina Pinheiro. *O estatuto renovado da passagem* e
In: **Revista Agora: Estudos em teoria psicanalítica**. vol.12, n.2. Rio de Janeiro: Imago Editora, Julho/dezembro de 2009.
- HERMANN, Jaqueline. **No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HERRIGEL, Eugen. (1975) **A arte cavalheiresca do arqueiro zen**. São Paulo. Editora Pensamento, 9ª.edição.

JONES, Ernst. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.

KAUFFMAN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

KLOSSOWSKI, Pierre. **Nietzsche e o círculo vicioso**. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

KERFERD, G.B. **The sophistic movement**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

KREMER-MARIETTI, Angèle. *La naissance de la tragédie trace la voie de la vérité radicale*. In : **La naissance de la tragédie**. Paris: Librairie Générale Française, Le Livre de Poche, 1994.

LACAN, Jacques. (1938) *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2003.

_____. (1948) *A agressividade em psicanálise*. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.1998.

_____. (1949) *O estádio de espelho como formador da função do eu*. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.1998.

_____ (1954/55). **O seminário 2. O eu na teoria de Freud e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. (1957-1958) **O seminário 5. As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. (1958) *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. (1959/60) **O seminário 7. A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. (1960-1961) **O seminário 8. A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1962-1963) **O seminário 10. A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. (1964) **O seminário 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. (1968-1969) **O seminário 16. De um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

_____. (1969) *O ato psicanalítico*. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. pp.371-379.

_____. (1969-1970) **O seminário 17. O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1972-1973) **O seminário 20. Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985b.

LAPLANCHE, J & PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. Santos: Livraria Martins Fontes Ed., 1979, 5ª. edição.

MAGNO, MD. **Senso e contra censo da obra de arte etc**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro & Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1977.

_____. (1979) **O pato lógico**. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1983.

_____. (1982) **A música**. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1983.

_____. (1989) **Est'Ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. (1992) **Pedagogia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

_____. (1994) **Velut luna**. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2000.

_____. (1996) **Psycophthia sexualis**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

_____. (1997) **Comunicação e cultura na era global**. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2005.

_____. (1999) **Psicanálise. Novamente**. Um pensamento para o século II da era freudiana. Rio de Janeiro: Novamente, 2004.

_____. (2000/2001) **Revirão**. Rio de Janeiro: Novamente, 2003.

_____. (2002) **Psicanálise: arreligião**. Rio de Janeiro: Novamente, 2005.

_____. (2006) **Amazonas. A psicanálise de A a Z**. Rio de Janeiro: Novamente, 2008.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTON, Scarlet. **Das forças cósmicas aos valores**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Nietzsche e a Revolução Francesa*. In: **Discurso. Revista do departamento de filosofia da USP**, São Paulo, pp.86-95, 1990.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding media: Os meios de comunicação como extensões humanas**. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. **A galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Cultrix, 1978.

MOLINA, Rubens. **Cadernos de aula. Volume 1.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988.

_____. **Cadernos de aula. Volume 2.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.

MONTEIRO, Américo Enes. *Frederico Nietzsche, o ideal do Homem Superior e a Revolução Francesa.* In: **Runa. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos. No.11-12.** Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 1989. pp.147-153.

NIETZSCHE, F. (1871) **O nascimento da tragédia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Coleção Companhia de Bolso.

NIETZSCHE, Friedrich. (1878) **Humano, demasiado humano.** Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1987.

_____. (1880) **Aurora.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. (1882-1887) **A gaia ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. (1883-1885) **Assim falou Zaratustra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. (1887a) **Além do bem e do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. (1887b) **A genealogia da moral.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NUSSENZVEIG, H. Moyses. **Curso de física básica.** São Paulo: Ed. Blücher, 1981.

PAES de BARROS, Carlos. (1971) *Conceitos termodinâmicos e evolucionistas na estrutura formal da metapsicologia de Freud.* In: **Cadernos do Tempo Psicanalítico. No. 3.** Rio de Janeiro; SPID, 1998, pp13-51. Publicado originalmente em **The World Biennial of Psychiatry and Psychoterapy. Vol.1.** Ed. Arietti, S., New York, Londo, Basic Books, 1971, pp.72-111.

_____. (1975) *Contribuição à controvérsia sobre o “Ponto de Vista Econômico”.* In: **Cadernos do Tempo Psicanalítico. No. 3.** Rio de Janeiro; SPID, 1998, pp53-89. Publicado originalmente em **Conscientia no.2.** Petrópolis, Editora Vozes, 1975, pp.41-78.

PEIXOTO Jr., Carlos Augusto Peixoto. **O conceito de transferência em Freud e Lacan.** Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Orientador: Luiz Alfredo Garcia-Roza. Instituto de Psicologia, UFRJ.

PESSOA, Fernando. Prefácio. In: GOMES. Augusto Ferreira. **Quinto Império.** Lisboa: 1935.

_____. **Portugal, Sebastianismo e Quinto Império.** Lisboa, Europa-América. Coleção Livros de Bolso.

_____. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2003, 18ª.reimpressão da 3ª.edição.

_____. **O Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 4ª.reimp.

PLATÃO. **Defesa de Sócrates**. São Paulo: Editora Nova Cultural/Círculo do Livro, 1996.

_____. **O banquete**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. 21ª. edição.

POE, Edgar Allan. *O homem da multidão*. In: **Ficção completa. Poesias e ensaios**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1997.

PRIGOGINE, Ilya. (1993) **As leis do caos**. São Paulo: Editora UNESP, 200

_____. & STENGERS, Isabelle. (1988) **Entre o tempo e a eternidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. & STENGERS, Isabelle. (1978) **A nova aliança**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1984.

ROSSET, Clément. *Trágico e silêncio*. In: _____. (1971) **Lógica do pior**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

_____. *A inobservância do real*. In: _____. (1988) **O princípio da crueldade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, 2ª. edição revista.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

RUDGE, Ana Maria. **Pulsão: linguagem e ato**. Tese de Doutorado. Orientadora: Circe Navarro Vital Brazil. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 1994.

SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos. *Virtude e Tragédia*. In: **Boletim clínico**. Número 4. Publicação da Clínica Psicológica Ana Maria Popoovic. PUC-São Paulo. São Paulo, agosto 1998.

SANTOS, Evandro Meirelles *et alli*. **O sexo de Deus**. Rio de Janeiro: Centro de Arte e Psicanálise (Cenapsi), 2011.

SANTOS, Giselda; BARBOSA, José Carlos de C. & BIAL, Susanne. **Vocabulário básico da Nova Psicanálise**. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 1999.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SOLOMON, Maynard. **Beethoven**. Vida e obra. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

SCHNEIDERMAN, Boris. *Uma novela a ferro e fogo*. In: TOLSTÓI, Liev. **Padre Sérgio**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.pp.107-111.

WEAVER, Warren. (1949) *A teoria matemática da comunicação*. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, 5ª.edição.pp.25-37.

TEIXEIRA, Aloísio. *Marx e a economia política: a crítica como conceito*. In: **Revista Econômica**. Volume 2, no.4. Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2000. pp.85-109.

TEIXEIRA COELHO. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1983, 2ª ed.

TOLEDO, Marília Reitmann. **A fantasia e suas implicações na clínica psicanalítica**. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Ana Maria Rudge. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2003.

VAN GOGH, Vincent. (1883) **Cartas a Théo**. São Paulo: LPM, 2003.

VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VERNANT, J.P & VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo : Brasiliense, 1991.

VIEIRA, Antonio. **História do futuro**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992.

WEAVER, W e SHANNON, C. A teoria matemática da comunicação. In: COHN, Gabriel(org). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1993, 5ª ed.

WINOGRAD, Monah. *Natureza e Expressão: o problema do corpo em Freud*. In: **Cadernos de subjetividade**, v. 5. São Paulo, 1997.

_____. *Freud é monista, dualista ou pluralista?* In: **Revista Ágora. Estudos em teoria psicanalítica**. Volume 7, no.2. Rio de Janeiro. Julho/dezembro de 2004.

_____. *A pulsão e as fronteiras da psicanálise*. In: **Revista Trieb**. Volume 5, nº 1. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, junho/dezembro 2006.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras.

WOTLING, Patrick. **Nietzsche et le problème de la civilisation**. Presse Universitaires de France, 1995.

*** Referências de sítios na internet:**

MOLINA, Rubens. *A mestria da angústia*.

In: <http://rubensmolina.sites.uol.com.br/home.html>

SOUZA Jr., Jessé Rebello. *Notas de aula. Trabalho e calor*. Departame
Engenharia Naval e Oceânica. USP.

In: <http://www.poli.usp.br/p/jesse.rebello/termo/index.html>